

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Rua São Bento: Um fragmento da cidade de São Paulo que registra
as transformações e persistências na paisagem urbana.

REGINA HELENA VIEIRA SANTOS

SÃO PAULO – 2008

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Rua São Bento: Um fragmento da cidade de São Paulo que registra
as transformações e persistências na paisagem urbana.

Dissertação de Mestrado
Área de concentração: História e Fundamentos da
Arquitetura e do Urbanismo.

Aluna
REGINA HELENA VIEIRA SANTOS

Orientador:
JOSÉ EDUARDO DE ASSIS LEFÈVRE

SÃO PAULO – 2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: rehvieira@uol.com.br ou rhvs@usp.br

Santos, Regina Helena Vieira

S237r Rua São Bento: um fragmento da cidade de São Paulo que registra as transformações e persistências na paisagem urbana / Regina Helena Vieira Santos. --São Paulo, 2008. 463 p. : il.

Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - FAUUSP.

Orientador: José Eduardo de Assis Lefèvre

1.Áreas centrais - São Paulo(SP) 2.Urbanização - História - São Paulo (SP) 3.Legislação urbana 4.Paisagem urbana 5.Ruas e Avenidas - São Paulo (SP) I.Título

CDU 711.523(816.11)

Dedicatória

Aos meus antepassados, em especial a memória do meu pai e avós que vivenciaram as transformações e persistências da cidade de São Paulo, que estudo nesse trabalho.

Resumo

No estudo da história da urbanização de São Paulo foram constatadas grandes transformações nos lotes urbanos.

Tomando como referência as plantas da cidade, a iconografia paulistana, além das legislações urbanas – recuos, altura, Taxa de Ocupação e Coeficiente de Aproveitamento do lote – foi feita uma organização cronológica.

Observou-se a paisagem urbana, a volumetria e a implantação dos edifícios no lote, para finalmente fazer a biografia do fragmento analisado: a rua São Bento.

Abstract

When studying the history of the urbanization of São Paulo great transformations in the urban lots had been evidenced.

Taking as reference the urban plants of the city, paulistana iconography, beyond urban laws – recoils, height, Tax of Occupation and Coefficient of Exploitation of the lot – has been chronological organized.

It has been observed the urban landscape, the volumetria and the implantation of the buildings in the lot, finally to produce the biography of a fragment analyzed: the street of São Bento.

Sumário

Agradecimentos	13
Introdução	15
Parte I	
1. Conceitos	19
2. Periodização	25
3. Cartografia	
3.1 A cartografia levantada	35
3.2 Reflexões sobre a cartografia	70
3.3 Registro em planta da situação atual – 2007	
a. Uso do Solo	83
b. Ano dos Edifícios	85
c. Altura, Gabarito, Número de pavimentos dos edifícios	87
4. Legislação Urbana	89
5. Iconografia Urbana	121
Parte II	
6. O fragmento dessa pesquisa – a rua São Bento	171
6.1 Quadra 09: Largo São Francisco – rua José Bonifácio	173
6.1.1 Largo do Ouvidor	173
6.2 Quadra 10: rua Benjamin Constant – rua José Bonifácio	175
6.2.1 Praça Paulo Duarte	175
6.3 Quadra 03: rua José Bonifácio – Praça do Patriarca	177
6.3.1 N ^o . 250 (rua José Bonifácio) Edifício Ouvidor	178
6.3.2 N ^o . 21, 23, 31	181
6.3.3 N ^o . 41, 43	183
6.3.4 N ^o . 45 Prédio Azevedo Soares	185
6.3.5 N ^o . 59,63 Edifício Kosmos	188
6.3.6 N ^o .67	191
6.3.7 N ^o . 73, 75	193
6.3.8 N ^o . 81, 83	195
6.3.9 N ^o . 87, 93, 95, 101, 103	197
6.3.10 N ^o . 9 da Praça do Patriarca	199

6.4 Quadra 04: rua José Bonifácio – rua Direita	201
6.4.1 N ^o . 16, 28, 34	202
6.4.2 N ^o . 44 Edifício Luzia Monteiro	205
6.4.3 N ^o . 50, 56, 62	207
6.4.4 N ^o . 86 Edifício Vautier Franco	209
6.4.5 N ^o . 225, da rua Direita – Lojas Marisa	212
6.5 Quadra 83: Praça do Patriarca	214
6.5.1 Praça do Patriarca – Igreja de Santo Antônio	215
6.6 Quadra 84: rua da Quitanda – Largo do Café	217
6.6.1 N ^o . 205, da rua Direita – Edifício Barão de Iguape	218
6.7 Quadra 80: Praça do Patriarca – rua Miguel Couto	221
6.7.1 N ^o . 177, 181, 185 Condomínio Edifício Patriarca	222
6.7.2 N ^o . 189, 195, 197 Residência Elias Chaves	225
6.7.3 N ^o . 201, 207	228
6.7.4 N ^o . 231 Edifício Campos de Piratininga	231
6.7.5 N ^o . 241, 243, 245 Cine São Bento	234
6.7.6 N ^o . 259	237
6.7.7 N ^o . 267, 275	239
6.7.8 N ^o . 279, 283 Edifício LAMÍA	241
6.7.9 N ^o . 293, 299	245
6.7.10 N ^o . 315 Galeria Prefeito Firminiano Pinto	247
6.8 Quadra 81: rua da Quitanda – Largo do Café	249
6.8.1 N ^o . 176 Casa Fretin (até 1990's)	250
6.8.2 N ^o . 188, 192, 198	252
6.8.3 N ^o . 200, 208 Edifício São Bento	254
6.8.4 N ^o . 216, 220 Edifício Ana Maria Nogueira	257
6.8.5 N ^o . 230 , 234	259
6.8.6 N ^o . 238, 244	261
6.8.7 N ^o . 250	263
6.8.8 N ^o . 256	265
6.8.9 N ^o . 260, 264, 272, 276	267
6.8.10 N ^o . 300 Edifício York / Palacete Crespi	269
6.8.11 N ^o . 308 Edifício INDUSEG	272

6.9 Quadra 72: rua Miguel Couto – Av. São João	275
6.9.1 N°. 333 Prédio Álvares Penteado	276
6.9.2 N°. 341	278
6.9.3 N°. 351, 355	280
6.9.4 N°. 357, 359	282
6.9.5 N°. 365 Edifício GERBUR	284
6.9.6 N°. 389 Condomínio Edifício Sant´Ana	287
6.9.7 N°. 405 Prédio Martinelli	290
6.10 Quadra 73: Largo do Café – Praça Antônio Prado	293
6.10.1 N°. 344 – antigo anexo do Grande Hotel	294
6.10.2 N°. 356 –	297
6.10.3 N°. 360	299
6.10.4 N°. 366, 370 – Condomínio Edifício GIESTA	301
6.10.5 N°. 398 Antigo Banco de São Paulo	304
6.10.6 N°. 406 Edifício H. LARA	308
6.11 Quadra 62: Av. São João – Largo São Bento	311
6.11.1 N°. 465 Edifício Banco do Brasil	312
6.11.2 N°. 483 anexo do Banco do Brasil	315
6.11.3 N°. 487, 493	318
6.11.4 N°. 503	321
6.11.5 N°. 515	324
6.11.6 N°. 525	326
6.11.7 N°. 545 Condomínio Edifício de Galerias São Bento	328
6.12 Quadra 63: Praça Antônio Prado – rua Boa Vista	331
6.12.1 N°. 470 Edifício DILAN	332
6.12.2 N°. 480 Banco Bradesco	335
6.12.3 N°. 500 Edifício Joaquim Gonçalves Nogueira	337
6.12.4 N°. 514, 518	340
6.12.5 N°. 520	343
6.12.6 N°. 534 – Estação do metrô - São Bento	345
6.13 Quadra 63: Largo São Bento	347
6.13.1 N°. 10-40	348
6.13.2 N°. 48, 54	351
6.13.3 N°. 58	354

6.14 Quadras das referências	357
6.14.1 Igrejas e Convento de São Francisco	357
6.14.2 Igreja e Mosteiro de São Bento	360
7. Promenade pela rua São Bento.	363
7.1 São Francisco à rua Direita	366
7.2 Rua Direita à Avenida São João	387
7.3 Avenida São João à São Bento	416
Conclusões	431
Bibliografia	435
Índice das imagens	440
Anexo	455

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma com um comentário, uma lembrança ou um fato no decorrer desse trabalho.

Ao professor José Eduardo de Assis Lefèvre pelas conversas e orientações, além da paciência e atenção no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Lúcio Gomes Machado e Heloisa Barbuy pela contribuição na qualificação. Aos professores Paulo Bruna, Hugo Segawa, Mônica Junqueira de Camargo, Julio Katinsky, Mario Henrique D'Agostinho, Luiz Munari, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Nestor Goulart Reis Filho, Carlos Lemos, Benedito Lima de Toledo, pelas conversas que sempre me ensinaram muito.

Aos funcionários do Arquivo Municipal de Processos, à rua da Balsa, em especial a diretora técnica Cleide de Andrade.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal Washington Luis, na Praça Fernando Prestes e fotográfico no Solar da Marquesa de Santos.

Aos colegas do Departamento do Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal da Cultura, pela paciência e atenção nas consultas realizadas.

Ao Ademar de Castro do acervo técnico da EMURB, e os demais funcionários da Biblioteca da EMURB.

Ao Ivan que me auxiliou na biblioteca da sede do Jockey Club de São Paulo.

As pacientes bibliotecárias da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária e da Pós Graduação na rua Maranhão.

Ao senhor Sebastião Martins Vieira, comerciante da Ravi Canetas e Lapiseiras Ltda. desde 1954, no Prédio Martinelli, e o senhor Edgard Helbic, químico da Botica Ao Veado D'Ouro desde 1959, por disponibilizarem informações e fotos do seu acervo, além das memórias.

Aos zeladores dos edifícios ao longo da rua São Bento por sua atenção.

Aos estagiários Tatiana Miti Isikawa, Giorgia Magnani Gatti, Fabrizio Rastelli e Daniela Taniguchi Martinez que me ajudaram nos desenhos. E todos os estagiários que trabalharam comigo no trabalho da Zeladoria Urbana no centro de São Paulo pela vivência e aprendizado que tivemos.

Ao ex-prefeito e atual governador do Estado de São Paulo, José Serra, e ao Subprefeito da Sé e Secretário Municipal de Coordenação das Subprefeituras Andrea Matarazzo, pela oportunidade de estar trabalhando na área da pesquisa.

E por fim, agradeço ao meu padrinho Marcos Paulo de Almeida Salles pela atenção e revisão no texto.

Introdução

São Paulo, cidade da transformação. Conhecer mais sobre as transformações e persistências que acontecem no uso do solo tornou-se fundamental para a configuração atual. Soam como ecos haussmanianos, arrasadores das vielas medievais para a abertura das avenidas. Mudanças nos lotes: muitos pequenos foram unificados para constituição de um maior, e com isso poder adensar mais.

Esta pesquisa se volta para a história da urbanização da cidade de São Paulo. O objetivo é fazer a leitura da paisagem urbana de um fragmento: a rua São Bento. Por esta ter sido possivelmente um caminho da trilha Peabirú dos índios antes do europeu chegar e ainda por ser um trajeto muito utilizado pelos cidadãos em todos os séculos de vida da cidade.

O presente trabalho está apoiado em três pilares: a cartografia, a legislação urbana e a iconografia, e está organizado na periodização escolhida.

Para o estudo da formação urbana o levantamento cartográfico é essencial, pois com base nas plantas cartográficas cadastrais eleitas foram analisados os lotes, seus desmembramentos e unificações.

Inicialmente, foi utilizado o repertório composto pela coleção de Plantas da Cidade de São Paulo Antigo, organizada e publicada pela Comissão do IV Centenário, em 1954. Fazem parte desta coleção onze plantas de diferentes décadas do século XIX. Sobre estas plantas foi verificada a expansão urbana nesse período, além de constatado o adensamento e delimitação do leito da rua São Bento.

Na planta *Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios*, feita pelo engenheiro C.A. Bresser, sem data, mas que se imagina ser aproximadamente 1841/7, nota-se ocupada toda a extensão da rua São Bento. Na planta realizada em 1881, *Planta da Cidade de São Paulo*, pela Companhia Cantareira e Esgotos, observa-se a expansão da cidade. Essas duas foram eleitas para serem pormenorizadas, as demais foram apenas apresentadas.

Posteriormente, foram incluídas as plantas cadastrais do século XX. A primeira é atribuída a 1893/1911 e foi editada por Thomas & Cia.; a segunda de 1930, realizada pela SARA Brasil; a planta de 1954, feita pela VASP; e a base

cartográfica feita em 1972, pelo GEGRAN. Nessas plantas são identificadas as divisas de lotes, e as construções existentes permitindo acompanhar as persistências e transformações do espaço físico da cidade. A escala está determinada claramente nessas plantas do século XX e ambas foram pormenorizadas na área de estudo.

Finalizando esta etapa foi utilizada a carta do levantamento do GEOLOG, a planta cadastral – SQL (setor/quadra/lote) utilizada atualmente na Prefeitura Municipal, feita com base no levantamento aerofotogramétrico de 2003. Sobre esta planta foram levantados:

1. Imóveis tombados e numeração atual;
2. Uso do solo;
3. Ano dos imóveis;
4. Altura dos edifícios (gabarito).

Para conhecer mais sobre os imóveis e a situação atual foi necessário fazer um levantamento do ano desses imóveis. Como critério foi adotado o ano da expedição do habite-se como ano do imóvel. Sendo esse um documento expedido pela prefeitura que permite, depois de concluída a obra e dentro dos parâmetros legais, a utilização do mesmo para os fins a que foi submetido o projeto à aprovação.

O acervo de documentos do Município de São Paulo está arquivado em dois endereços. Um pertencendo a Secretaria Municipal de Cultura, o Arquivo Washington Luis do Departamento do Patrimônio Histórico – D.P.H., situado na Praça Fernando Prestes, conservando os processos de até 1921, que estão catalogados por logradouro. O outro endereço é do Arquivo Geral de Processos da Prefeitura, à rua da Balsa. Os processos que aí se encontram são de 1936 até hoje, e estão arquivados pela data do início do Processo. Os processos de 1922 a 1935 estão aguardando espaço para serem removidos para o Arquivo Washington Luis, que se encontra em obras, e permanecem no Arquivo Geral.

Para o uso do solo foi feito um levantamento *in loco*, sobre a planta de 2006, registrando o uso atual. Outras pesquisas sobre o uso do solo em épocas diferentes foram consultadas para a realização desta etapa. A pesquisa da professora Heloísa Barbuy, relacionada ao triângulo histórico, mas sobre o uso comercial na virada do século XIX para o XX, sobre a planta c. 1911. E a pesquisa da professora Beatriz Bueno realizada sobre a “décima” de 1809, especializada na planta aferida a 1941-7,

também em relação ao triângulo. Com isso observou-se como a transformação do uso do solo interferiu no programa das edificações ao longo da rua São Bento.

Os itens da legislação urbana estudados são: as posturas municipais do século XIX, o código de obras e sanitário; o Código Arthur Saboya, fundamental para a constituição do espaço urbano da rua São Bento, Código de Edificações, a legislação de uso e ocupação do solo – Taxa de Ocupação e Coeficiente de Aproveitamento do lote; lei de zoneamento e o Plano Diretor. Essa legislação foi consultada para entender as diferenças dos gabaritos e recuos nos diferentes edifícios implantados nos lotes.

A iconografia urbana registra a paisagem urbana apontando suas persistências e transformações. Para a realização desta etapa, foram consultadas algumas bibliografias com imagens de São Paulo em momentos passados. Como o trabalho do Militão de Azevedo, que registra o ambiente urbano de São Paulo em dois momentos do século XIX. O livro com postais, *Lembranças de São Paulo* de João Emílio Gerodetti e Carlos Cornejo. A obra *A cidade da Light 1899/1930*, da Eletropaulo/Light. Os livros *Anhangabaú, São Paulo três cidade em um século*, e *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo*, ambos de autoria de Benedito Lima de Toledo; o livro do Nestor Goulart Reis Filho, *São Paulo Vila Cidade Metrópole* dentre outros. E consulta no Arquivo de negativos do DPH – PMSP, (Departamento do Patrimônio Histórico – Prefeitura Municipal de São Paulo), no Arquivo da Fundação do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento, e no acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Fotos atuais, tomadas durante a realização desta, focando o mesmo local de fotos antigas do objeto de estudo foram tiradas como material da pesquisa pela autora. Essas imagens foram comparadas, destacando as permanências e transformações.

Alguns conceitos foram apresentados para melhor entendimento da espacialização da pesquisa no primeiro capítulo. No capítulo dois foi feita a periodização, apoiado na bibliografia de referência, elencando fatos relevantes. A cartografia, a legislação urbana e a iconografia levantada estão presentes nos capítulos três, quatro e cinco. No capítulo seis foi feito um inventário dos lotes ao longo da rua no início do século XXI.

O inventário dos imóveis ao longo da rua São Bento foi feito como registro da situação urbana em 2007. As fotos feitas para esse documento são de dezembro de

2007, após a implementação da lei municipal n. 14.223 de 26 de setembro de 2006, que ficou conhecida como lei da “Cidade Limpa”.

Por fim, para realizar a leitura da paisagem, como uma biografia da rua São Bento, foi feito um passeio, contando as transformações nos lotes ao longo desta senda.

1. Conceitos:

PAISAGEM URBANA, IMAGEM DA CIDADE, PATRIMÔNIO.

Ao pensar em paisagem logo vem a imagem da praia, sentar na areia e observar o oceano. A linha do horizonte no infinito onde se encontra o céu e o mar. Ou talvez no campo observando as montanhas, uma linha do horizonte não linear (plana), onde o céu encontra a natureza. Mas e na cidade onde se encontra a linha do horizonte?

Definir cidade e sua imagem não é o tema desta pesquisa, porém será abordado de maneira singela para se entender o conceito de paisagem urbana. E por fim esse capítulo pretende esclarecer o que é monumento e patrimônio histórico, e a importância do tombamento para a sociedade.

A imagem de uma cidade é a resposta de uma relação bilateral: o observador e o ambiente. O observador com os seus cinco sentidos: visão, audição, olfato, palato e tato, e o ambiente é o espaço em que o observador se insere e realiza a leitura paisagem.

O trabalho de Gordon Cullen¹ discorre sobre três caminhos para esclarecer se o ambiente produz uma reação emocional, voluntária ou não, nos seres humanos e como isto acontece. São eles: movimento, posição e conteúdo. As traduções foram retiradas da pesquisa realizada pelo professor arquiteto Lúcio Gomes Machado².

- Movimento: "Quanto à ótica, proporcionando a visão seqüencial pelo registro de cenas sucessivas decorrentes de um passeio na cidade, mostra a sucessão de acontecimentos fortuitos, que, pelo seu encadeamento possibilitam formas de emocionar o espectador".

- Posição: "Quanto ao lugar, relativamente à posição que nosso corpo ocupa em relação ao meio que o cerca. Este relacionamento que

¹ CULLEN, Gordon. *Townscape*. p. 11, 12, 13, 14

² MACHADO, Lúcio Gomes. *Comunicação Visual Emergente*. p. 129 e 131

ocorre tanto na escala do edifício quanto na escala do urbano, é que proporciona emoções no uso dos espaços”.

- Conteúdo: “Quanto ao conteúdo, categoria que inclui a construção em si da cidade: cor, escala, estilo, caráter, personalidade e unidade. Dependendo das peculiaridades de cada cidade poderemos eventualmente observar a história de sua constituição e de seus edifícios, relacionada com os vários grupos de trabalhadores que a construíram”.

Em outras obras como *A imagem da cidade*, o autor Kevin Lynch³, define alguns elementos fundamentais para a compreensão do espaço urbano e a formação da imagem. São eles: vias ou sendas, limites, bairros, cruzamentos ou nós e elementos marcantes ou simplesmente marcos.

- Vias ou sendas: são os trajetos ou canais ao longo dos quais o observador se move. Podem ser canais, linhas férreas, eixos de trânsito, passeios, vielas, ruas ou avenidas. De maneira geral é o elemento principal, se considerar que os cidadãos observam a cidade ao se deslocar nessas sendas e os elementos se organizam e relacionam com o observador durante esse percurso.

- Limites: são os elementos lineares, fronteiras entre duas partes tais como a orla marítima, rios, montanhas, incidências topográficas ou um muro. São referências secundárias, barreiras consideradas penetráveis, mas não com muita facilidade.

- Bairros: são regiões urbanas reconhecíveis por alguma característica mental comum e identificável para o observador, esteja ele dentro ou fora. A maior parte das cidades se estrutura por bairros.

- Cruzamentos ou Nós: são locais estratégicos de uma cidade, nos quais o observador pode entrar e se deslocar. Podem ser esquinas, largos, ou pequenas

³ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. p. 58, 59.

praças, mas são momentos de mudança de uma estrutura para outra no percurso. Pontos focais caracterizam a imagem desses núcleos.

- Pontos marcantes ou marcos: são as referências onde o observador não entra, pois são externos. São representados por um objeto físico, tais como um grande edifício, uma torre, uma cúpula ou uma montanha. O movimento solar também pode ser considerado um marco. Em escala menor como numa rua as fachadas dos imóveis, árvores ou o mobiliário urbano completam a imagem para o observador.

Dependendo do ângulo em que se encontra o observador no espaço, a sua relação com os elementos acima muda completamente, ou seja, muda o ponto focal da imagem. A paisagem urbana é a composição dos elementos com o ponto de vista do observador num certo momento.

Esclarecidos esses elementos, e complementando com a observação feita pelo professor José Eduardo de Assis Lefèvre⁴ sobre a extensão da Rua São Bento: “com 725 metros de distância entre as fachadas das igrejas São Bento e São Francisco” fica claramente definido o fragmento objeto desta pesquisa.

Sendo o elemento de estudo a rua São Bento cabe-nos complementar com os demais elementos presentes. Os limites nesse caso são as incidências topográficas, concentradas na colina da fundação da cidade. O bairro é caracterizado mentalmente como o centro de uma cidade. Os cruzamentos ou nós são vários: Largo São Francisco, Largo do Ouvidor, Praça Paulo Duarte, o antigo “Quatro Cantos”, a Praça do Patriarca, o Largo do Café, o antigo Largo do Rosário, a Praça Antônio Prado e o Largo São Bento. Os marcos mais importantes são a Igreja de ordem primeira e a de ordem terceira de São Francisco e a Igreja e Mosteiro de São Bento. Um marco, nesse trabalho, secundário é a Igreja de Santo Antônio.

Observe no croqui (IMAGEM 1), em amarelo a via, ou senda: rua São Bento, em verde os limites, em azul os nós ou cruzamentos, e os pontos marcantes ou marcos estão assinalados em vermelho.

⁴ LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. *Entre o discurso e a Realidade. A Quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução.* p. 22.

⁵ LYNCH, Kevin. Op cit. p.13

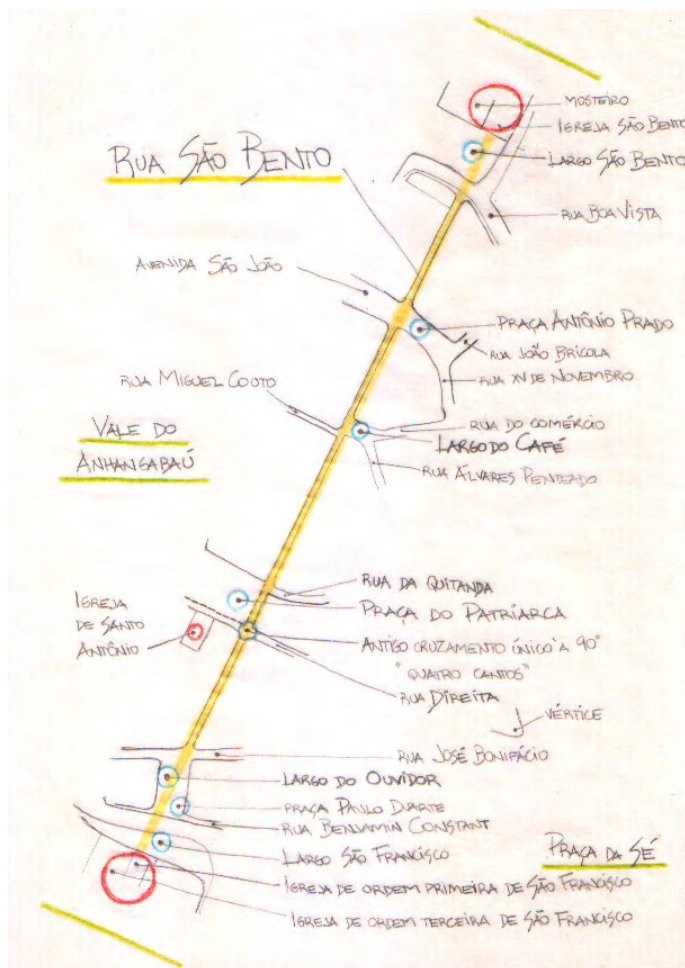


IMAGEM 1: CROQUI elaborado para essa pesquisa pela autora.

Lynch⁵ define legibilidade como a “imagem mental que os cidadãos têm da cidade. Uma cidade legível é aquela cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais”. Esse conceito confunde-se com o de imaginabilidade ou de visibilidade. O objetivo desse estudo é a compreensão da identidade, da estrutura e do significado do ambiente urbano.

Cidades italianas como Florença, situada no meio de colinas na margem o rio Arno, tem uma forte imagem registrada na paisagem urbana, a cúpula da Catedral e o campanário (torre dos sinos de Giotto), compondo um conjunto que independentemente de onde o observador estiver, este pode adotá-la como referência. Veneza, entre seus caminhos de becos, vielas e canais possui um nó marcante e diferenciado, ligado à principal estrutura de acesso: o Grande Canal, a

Praça de São Marcos, um espaço aberto e limitado em contraste perpétuo com o resto da cidade. São exemplos de elementos que estruturam as cidades no decorrer dos séculos, e tornam-se suas identidades.

Esses exemplos de elementos podem ser entendidos como monumentos e fazem parte de um patrimônio histórico. Conforme Françoise Choay⁶ escreveu: “Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos”. E “Monumento, do termo original em latim: *monumentum*, deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz a lembrança alguma coisa”.

A primeira Comissão dos Monumentos Históricos foi criada em 1837, na França, e havia três categorias de monumentos históricos: os castelos, edifícios religiosos da Idade Média e os remanescentes da Antigüidade. A expressão *monumento histórico* entrou nos dicionários franceses somente na segunda metade do século XIX. Após a segunda Guerra Mundial, apesar de manterem as mesmas características o número de bens inventariados dobrou. Posteriormente novas categorias como “as formas da arte de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais, todas as categorias de edifícios, públicos e privados, santuários e utilitários” foram incorporadas. “O domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana”⁷.

Documentos como a Carta de Veneza, 1964, reforçam o conceito ampliado de patrimônio. Esse conceito salvaguarda e preserva certas paisagens e sítios, aborda além das obras monumentais as construções modestas. O valor do conjunto arquitetônico é definitivamente consagrado, a partir de 1975, com a Declaração de Amsterdã.

Dos exemplos de conjunto arquitetônico, aglomerado de edificações e malha urbana, preservados no Brasil, podemos citar alguns: São Luis e Alcântara, no

⁶ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. p. 11, 14, 15 e 17.

⁷ Idem, p. 14 e 15.

Maranhão; Salvador na Bahia, Ouro Preto em Minas Gerais, e a cidade moderna, Brasília.

As paisagens, os patrimônios urbanos, assim como muitas edificações, e monumentos, pelo seu caráter arquitetônico histórico e cultural, são registrados nos livros de tombo. Na atualidade, o tombamento é o modo de resguardá-los para as gerações futuras. E ao contrário do que muitos pensam não é um edifício morto, é um bem cultural que pode e deve ser utilizado, com as adequações necessárias desde que com muito respeito à situação original.

2. Periodização

O período adotado nesse trabalho é bastante extenso, por essa razão delimitou-se uma periodização, etapas para visualizar os períodos relevantes da história da cidade.

Para iniciar a periodização desta pesquisa foi primeiro tomado como referência o livro de Benedito Lima de Toledo⁸, *“São Paulo: três cidades em um século”*, onde as três cidades são: a cidade de taipa, que sobreviveu até o final do século XIX, a cidade de tijolos, construída no mesmo local da cidade taipa, substituindo-a no começo do século XX, e a cidade de concreto a partir da década de 20 do século XX, reconstruindo-a novamente. Sobre a cidade de concreto, o autor escreveu: *“um a um, os belos edifícios da metrópole do café foram demolidos para dar lugar a edifícios onde houvesse maior aproveitamento do solo. Em São Paulo, construía-se “em cima” em vez de construir “ao lado”*. Era a terceira cidade que surgia em um século”. Ainda hoje esse processo continua, e dessa forma não haverá exemplares para contar a evolução urbana da cidade, como o professor Benedito coloca: *“São Paulo corre o risco de se tornar uma “cidade sem história”*”.

Criando um conflito de periodizações foi consultado também o livro de Ernani Silva Bruno⁹, *“História e Tradições da Cidade de São Paulo”*, vols:I, II e III. Este possui a seguinte divisão:

de 1554 – 1828 – Arraial de Sertanistas;

de 1828 – 1872 – Burgo de Estudantes;

de 1872 – 1918 – Metrópole do Café; e

de 1918 – 1953 – São Paulo de agora, visto que esse livro foi editado em 1954, ano do IV Centenário da cidade.

⁸ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*.

⁹ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*.

Complementando esse conflito consultou-se também “*São Paulo Vila Cidade Metrópole*” de Nestor Goulart Reis Filho¹⁰. Este elenca sete períodos:

1554 – 1600, Construção da vila;

1600 – 1711, De vila a cidade crescendo quase sem crescer;

1711 – 1822, Cidade colonial urbanismo em uma capitânia da coroa;

1822 – 1889, A cidade no Império;

1889 – 1930, Metrópole do Café;

1930 – 1960, Metrópole Industrial;

1960 – 2004, Da região metropolitana ao sistema metropolitano integrado.

Esse livro foi publicado na ocasião dos 450 anos da cidade.

O documento “Os Planos Urbanísticos elaborados desde 1880 a 1980. Inclusive diagnósticos setoriais e globalizantes”, realizado pelo Grupo INTRAURBE¹¹, coordenado pelo professor Candido Malta Campos Filho, e as pesquisadoras Marta Dora Grostein, Rebeca Scherer e Cibele Riva Rummel, em 1983/5 adotou uma periodização relacionada com as gestões políticas. Esta consta de cinco períodos:

1889 – 1898 – Primórdios da República;

1898 – 1930 – República Velha;

(1890, 65.000 hab; e em 1930, 900.000 hab = 14 X em 40 anos)

1930 – 1945 – Período Vargas;

1945 – 1964 – Período de Redemocratização;

1964 – 1980 – Período Pós 64.

Esse documento contribuiu nessa pesquisa com a objetividade das informações referentes aos períodos das administrações públicas.

Das leituras realizadas, vários autores destacam a explosão demográfica que São Paulo teve da segunda metade do século XIX para a primeira metade do século XX.

¹⁰ REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo Vila Cidade Metrópole*.

¹¹ INTRAURBE, Grupo. “*Os Planos Urbanísticos elaborados desde 1880 a 1980. Inclusive diagnósticos setoriais e globalizantes*”.

São Paulo, capital de província, como Luis Saia¹² apresentou:

ANO	População (Hab.)
Meados séc. XVIII	4.000
1810	20.000
1880	40.000
1900	240.000
1920	500.000
1929	900.000
1933	1.000.000

Para este trabalho foi definida a seguinte periodização, apontando sete períodos que focam as transformações na rua São Bento:

• **1554 – 1822**, A Vila e Cidade Colonial.

1765/1774 ca. – *Planta da Restauração da Capitânia*.

• **Séc. XIX – 1822 – 1859**, A cidade imperial, o burgo de estudantes.

1844-7 – *“Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios”*,

• **Séc. XIX – XX : 1860 – 1920**, Os trilhos passando pela capital, a metrópole do Café.

1881 – *“Planta da Cidade de São Paulo”*,

1911 – *“Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo”*,

Código de Posturas 1875.

• **Séc. XX : 1920 – 1945**, A expansão urbana e o período entre guerras.

1930 – *“Planta da cidade”*,

Código Arthur Saboya

¹² SAIA, Luis. *Notas para teorização de São Paulo*. São Paulo: Revista acrópole, 295/6, p.213. 1963.

- **Séc. XX: 1945 – 1970**, A metrópole industrial, pós-guerra.

1954 – Planta realizada pela VASP - Cruzeiro do Sul

- **Séc. XX: 1970 – 1999**, O processo de conurbação e a região metropolitana.

1972 – “Planta do GEGRAN”

- **Século XXI...**, A região metropolitana de agora, e o sistema metropolitano integrado.

2006 – Planta Cadastral SQL – PMSP, baseada no aerofotogramétrico de 2003.

As plantas citadas acima são as selecionadas para representação de cada período adotado. Em cada período foram elencados acontecimentos relevantes e balizadores, de forma a organizar e complementar a pesquisa.

• **1554 – 1822**

A Vila e Cidade Colonial. Nesse período a dimensão da cidade não mudou muito.

1594 – Carmelitas

1598 – Beneditinos

1624 – Franciscanos

Esses foram os anos de estabelecimento das Ordens religiosas na Vila de Piratininga.

1628 – Mapa feito por D. Luís de Céspedes Xeria, Governador do Paraguai.

1717 ou 1725 – construção da igreja do Rosário, no local onde é hoje a praça Antônio Prado, segundo Afonso de Freitas e Nuto Santana respectivamente.

1740 – Igreja de São Pedro, no largo da Sé, mais ou menos onde hoje é o edifício da Caixa Econômica Federal.

1765/1774 ca. – *Planta da Restauração da Capitânia.*

1784/88 – Construção da Casa de Câmara e Cadeia, no Largo de São Gonçalo.

1784 – foi remodelada e aumentada a Igreja de ordem Terceira de São Francisco.

1786-88 – Ponte do Acu ou do Marechal, governo Gama Lobo

1787 – foi aberta a Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), pela qual se descia ao Piques pelo Caminho do Anhangabaú de Cima (atual Ladeira Dr. Falcão).

1788-97 – Ponte do Lorena, no Piques; e reconstrução da Ponte do Açu, governo Lorena

1788 – concluiu-se a edificação do Convento da Luz

1792 – “Um Plano para Guiar a Cidade e seu Crescimento”, mandado executar pelo governador Bernardo de Lorena.

1794 – Primeira construção da Igreja de Santa Ifigênia, demolida em 1911 e reconstruída em 1912.

1795 – é terminada a primitiva igreja de Santa Ifigênia.

Data de fins deste século o palacete da rua do Carmo, que no século seguinte foi habitado pela Marquesa de Santos.

1809 – “Décima Urbana”, o primeiro imposto predial estabelecido para as cidades brasileiras.

1810 – “*Planta da Imperial Cidade de São Paulo*”, levantada em 1810 e copiada em 1841 por Rufino José Felizardo e Costa.

1810 – “*Planta da Cidade*”, feita por Rufino José Felizardo e Costa.

1816 – Viajantes ilustres e cientistas (Saint-Hilaire) chegam a São Paulo, como em todo o Brasil, e foram feitos novos registros; por exemplo, os artistas, como Debret, Thomas Ender, Pallière, Landseer e Burchell, que fizeram desenhos de São Paulo.

TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Taipa de Pilão

• Séc. XIX – 1822 – 1859

A cidade imperial, o burgo de estudantes.

1827 – Faculdade de Direito no Largo São Francisco (11 de Agosto)

1834 – Ato Adicional, que organizou a província em termos de Brasil independente, a população era 330.000 habitantes. (Saia, 1963)

1841 – *“Planta da Cidade de São Paulo”*, realizada pelo engenheiro C.A.Bresser.

1842 – *“Carta da Capital de São Paulo”*, feita por José Jacques da Costa Ourique.

1844-7 – *“Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios”*, realizada pelo engenheiro C.A.Bresser, é atribuída esta data, para a organização desta pesquisa será adotada neste período.

1855 – abertura da rua Formosa, seccionando de lado a lado a chácara do Barão de Itapetininga, violando o sossego do Senhor Comendador.

1855 – *“Mapa da Imperial Cidade de São Paulo”*, registrada por Carlos Rath.

• Séc. XIX – XX : 1860 – 1920

Os trilhos passando pela capital, a metrópole do Café.

1860 a 1867 – Construção da linha férrea de Santos para Jundiaí e Campinas – São Paulo Railway.

1868 – *“Planta da Cidade de São Paulo”*, atribuída a Carlos Rath.

1868 – inaugurada a Estação da Luz

1875 – “Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial Cidade de São Paulo”

1877 – “*Mapa da Capital da Província de São Paulo*”, elaborada por Francisco de Albuquerque e Jules Martin, indica a ferrovia para Sorocaba e Ipanema – Estrada de Ferro Sorocabana.

1880 – Jules Martin apresentou solicitação à Assembléia Provincial para abertura da ponte, o primeiro Viaduto do Chá. E seu projeto foi deferido.

1881 – “*Planta da Cidade de São Paulo*”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos.

1886 – sistema de numeração seqüencial para os imóveis

1887 – Aparecem os trilhos dos bondes de tração animal nas fotos de Militão de Azevedo.

1890 – “*Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes*”, elaborada pelo litógrafo Jules Martin.

1890 – Mercado na rua São João

1891 – 1894 – Escola Normal Caetano de Campos

1892 – a 6 de novembro, foi inaugurado o Viaduto do Chá, com a presença de Bernardino de Campos, Presidente do Estado, em meio a ruidosas comemorações.

1894 – Escola Politécnica

1896 – Primeiro Plano Urbano para São Paulo, do engenheiro Adolfo Augusto Pinto, respondendo o intento de Campos Salles de promover uma exposição nacional em São Paulo.

1897 – 1ª. Circular do Intendente de Obras Gomes Cardim

1897 – “*Planta Geral da Capital de São Paulo*”, feita por Gomes Cardim, em escala: 1: 20.000.

1898 – 1910 – Prefeito Antônio Prado (PRP – Partido Republicano Paulista)

1900 – Estabelecimento da *Light*, companhia de eletricidade na cidade

1901 – Bondes Elétricos da *Light*

1901 – o antigo Largo dos Curros conheceu vários projetos de ajardinamento, de autoria de Carlos Serico, do paisagista belga Arsênio Puttemans e de Antonio Etzel. O ajardinamento ocorreu entre 1902 e 1904.

1903 – aquisição do terreno onde foi erigido o teatro municipal, pelo prefeito Antônio Prado

1903 – Publicado o clássico *História da Viação Pública* do engenheiro Adolfo Augusto Pinto.

1906/1908 – Plano de Melhoramentos para o Parque do Anhangabaú, do vereador Augusto Silva Telles.

1902 – 1907 – ajardinamento da Praça da República

1907-1909 – Obras do teatro São José

1909 – Mercado de Pinheiros – Feiras Livres (Prefeito Antônio Prado)

1909 – Automóvel Clube

1910 – nova numeração seqüencial

1910 – Construção das barragens da Billings

1911 – “*Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*”, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estabelecimento Graphico Weissflog Irmãos.

1911 – a 12 de setembro é inaugurado o Teatro Municipal, na administração do Barão Raymundo Duprat

1911 – Perimetral da diretoria de obras.

1911 – Plano “ As Três Avenidas de São Paulo” – de Alexandre Albuquerque.

1911 – Projeto Freire – Guilhem – dos engenheiros Silva Freire e Eugenio Guilhem

1911 – Projeto Samuel das Neves – do engenheiro Samuel das Neves

1911 – Plano Bouvard – do arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard

1911 - 1917 – Vale do Anhangabaú, projeto e construção

1911-1914 – Alargamento da rua Formosa, dentre várias outras ruas da área central.

1913 – Faculdade de Medicina de São Paulo

1913 – inauguração do Viaduto Santa Ifigênia, proposta apresentada em 1904, e obra iniciada em 1910.

1913 – alargamento da rua São João, início das obras, administração Raymundo Duprat e vão até 1920.

1919 – Projeto novo para o Largo da Memória, autoria do Arquiteto Victor Dubugras, na administração de Washington Luis.

TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Alvenaria de Tijolos

• Séc. XX : 1920 – 1945

A expansão urbana e o período entre guerras.

1924 – Perímetro de Irradiação – Uihôa Cintra

1924 – inauguração da Praça do Patriarca.

1927 – Plano de Transporte Metropolitano Leve da Light

1928 – novo sistema seqüencial de numeração

1928 – represa de Santo Amaro, Guarapiranga

1929 – inauguração do Prédio Martinelli, “pai dos arranha-céus”.

1929 – Código Arthur Sabóia

1930 – “*Planta da cidade*”, elaborada pela Sara Brasil

1930 – Projeto de Avenidas elaborado pelo Prestes Maia.

1933 – Mercado Central, no tempo do prefeito Pires do Rio

1936 – novo sistema métrico de numeração, Ato n. 1.013/36

1936 – Aeroporto de Congonhas

1938 – novo Viaduto do Chá,

TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Concreto

• Séc. XX: 1945 – 1970

A metrópole industrial, pós guerra.

1945 – 2a. Guerra Mundial, surto imigratório, crescimento populacional.

1938 – 1945 – Revisão do Plano de Avenidas – Gestão Prefeito Francisco Prestes Maia

1945 – Plano para o Metropolitano – Mário Leão

1948 – Projeto para o Metropolitano – Cia Geral de Engenharia

1954 – *Planta realizada pela VASP - Cruzeiro do Sul*

1955 – Relatório Prestes Maia para introdução gradativa do Metropolitano.

1955 – inauguração do Edifício do Banco do Brasil, na Praça Antônio Prado.

• Séc. XX: 1970 – 1999

O processo de conurbação e a região metropolitana.

1961 – Relatório Carlos Lodi da Administração Ademar de Barros – 1957 / 1961.
Diretrizes Globais para o Planejamento da Cidade de São Paulo.

1965 – O período de 1961 – 1965 – 2º. Relatório da Administração do Prefeito Prestes Maia

1968 – O Plano Metropolitano da H. M. D. (Hochtief – Montreal – Deconsult).

1971 – Plano Diretor Viário; Sistema de Vias Expressas – GEP (Grupo de Estudos de Transporte)

1972 – Lei de Zoneamento;

1972 – *Planta do GEGRAN*

1981 – EMPLASA

1989, 1997, 2002 – Vãos Aerofotogramétricos;

1995 – EMPLASA

• Século XXI

A região metropolitana de agora, e o sistema metropolitano integrado.

2001 – Plano Diretor e suas perspectivas.

2006 – *Planta Cadastral SQL – PMSP*, baseada no aerofotogramétrico de 2003.

3. Cartografia

3.1. A cartografia levantada

Foram levantadas as bases cartográficas referentes à cidade de São Paulo, especialmente as que abordam a área conhecida como centro velho, e que possam ser consideradas como plantas cadastrais. No decorrer deste trabalho os lotes situados na rua São Bento serão analisados. As plantas consultadas estão apresentadas com comentários pertinentes.

O trabalho realizado pelo professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Dr. Nestor Goulart Reis Filho, *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, na ocasião dos 450 anos da cidade apresentou um levantamento cartográfico muito completo. Assim como o trabalho realizado pelos professores Irineu Idoeta, Ivan Valeije Idoeta e Jorge Pimentel Cintra, *São Paulo vista do alto, 75 anos de aerofotogrametria*, porém com outro foco.

Foram destacadas para esta pesquisa as plantas com caráter cadastral, pois essas apresentam os lotes desenhados com a ocupa o do edifício. Por essa razão foram pormenorizadas algumas plantas: sendo uma do século XVIII, duas do século XIX, quatro do XX e uma deste século. Apenas a foto aérea de 2003, aparece nesta pesquisa por ser a base da planta georeferenciada utilizada pela Prefeitura Municipal de São Paulo, conhecida como planta cadastral GEOLOG de 2006. As fotos de vistas aéreas foram tratadas como imagens e utilizadas em outro capítulo dessa pesquisa.

Algumas plantas aparecem para registrar o século XVII, mas sem muita importância para a realiza o deste trabalho. Assinalada em amarelo, nas plantas, encontra-se a Rua São Bento.



IMAGEM 2

A imagem 2 é de autoria de João Texeira Albernás, “*Villa de S. Paulo, nove léguas da barra*”, atribuída a 1631 ou a 1575/1610, o original é *Detalhe da Carta Capitania de S. Vicente*.

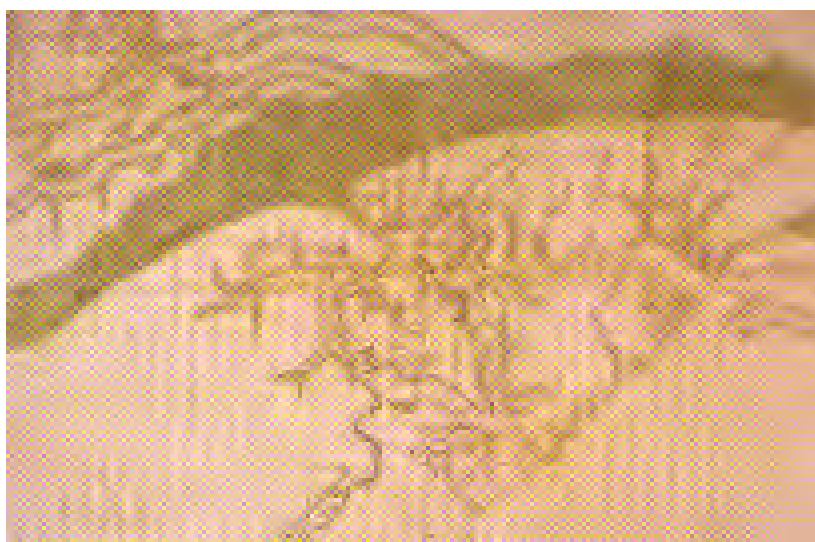


IMAGEM 3



IMAGEM 4

As imagens 3 e 4 foram realizadas por Alessandro Massai, “A *Villa de Spaulo*”, e “*V.S. Paullo*”, respectivamente, são atribuídas a 1608,1616 ca. Os originais pertencem ao Departamento de Cartografia y Bellas Artes de la Real Academia de la História, em Madri.

Foi feito um mapa por D. Luís de Céspedes Xeria, Governador do Paraguai, em 1628, encomendado pelo governador Bernardo José de Lorena, sendo muito simples no que se refere ao traçado urbano da cidade. Não foi encontrada uma imagem com qualidade, para inserir neste trabalho.



IMAGEM 5

De autoria desconhecida, a imagem 5, é o “*Dezenho por ideia da Cidade de São Pavlo*” (sic), atribuído a 1765/1775. O original pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

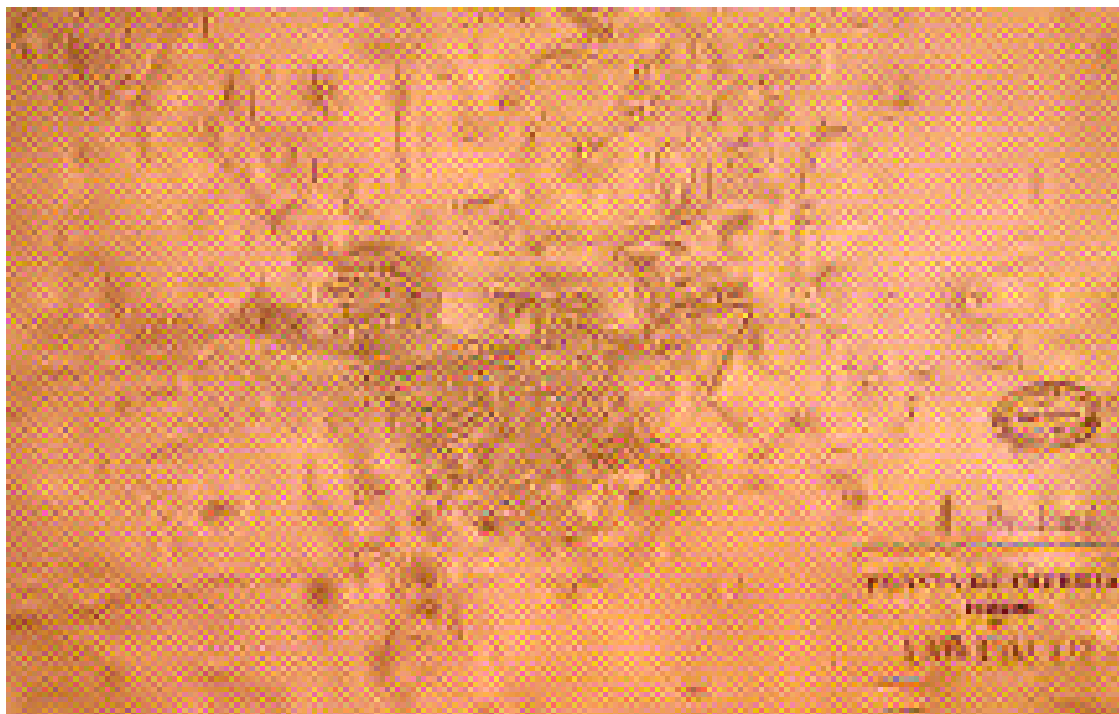


IMAGEM 6

Portugal teve sua Restauração em 1640, após o domínio espanhol; Pernambuco teve a sua em 1654/55, quando terminou o domínio holandês, e os paulistas tiveram sua Restauração em 1765, quando a capitânia voltou a ter administração independente, separada do Rio de Janeiro. O governante, nessa ocasião era Luís Antônio da Souza Botelho de Mourão, o Morgado de Mateus.

As imagens 6 e 7, são da “*Planta da Restauração da Capitania*” ou “*Planta da Imperial Cidade de São Paulo*”, de autoria desconhecida, a planta é atribuída à 1765/1774. O original pertencente ao Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Nesta planta observa-se o sítio urbano mais antigo, contido entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú. Na imagem 7, foi pormenorizada a área do sítio urbano e aparece o traçado das ruas e a ocupação das quadras existentes nesse período.



IMAGEM 7: Planta da Restauração. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. In *São Paulo Vila Cidade Metrópole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p.66 e 67.

A imagem 8, atribuída a 1800, “*Parte da cidade de S Paulo*”, o autor é desconhecido. O original pertence à Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores (Itamarati), Rio de Janeiro.

Pouco se observa nesta imagem.

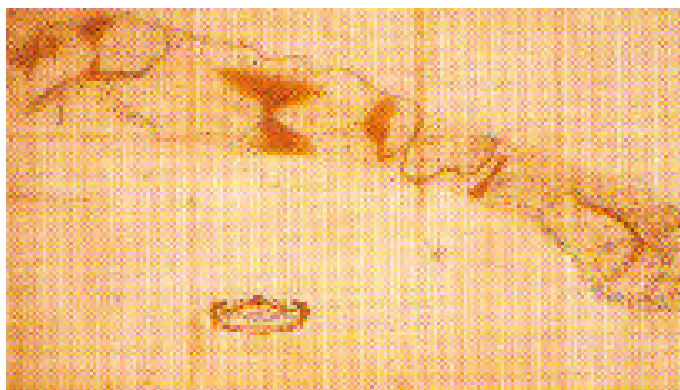


IMAGEM 8

Estas sete imagens são reproduções do livro *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, do Nestor Goulart Reis Filho¹³.

Por ocasião das comemora es dos 400 anos da cidade de São Paulo, foi criada a Comissão do IV Centenário. Esta foi responsável pelas festividades e organizou uma publica o contendo onze plantas do século XIX, que registram o crescimento urbano. Esta edi o, publicada em 1954, foi baseada em cópias elaboradas pelos desenhistas J. Domingues dos Santos Filho e Francisco Sansoni, em 1918.

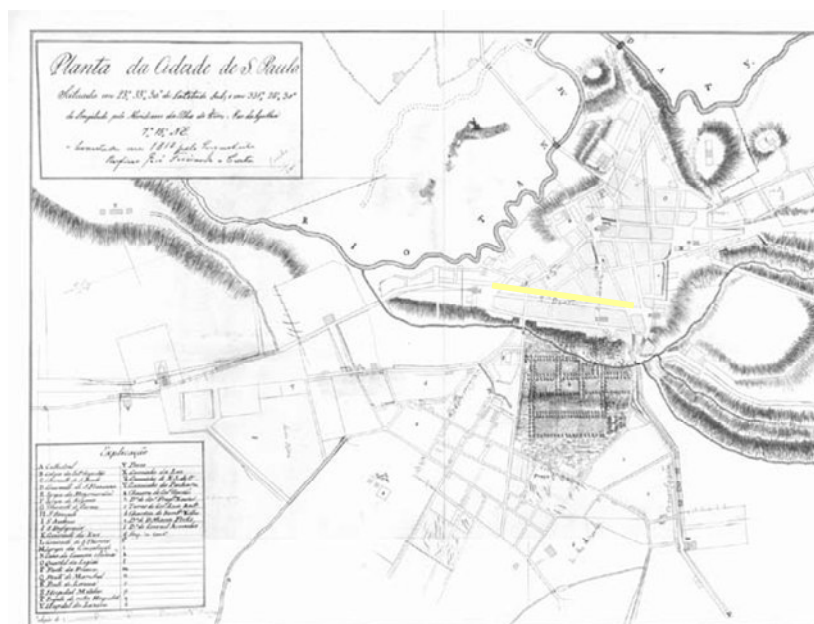


IMAGEM 9

A primeira planta é de 1810, imagem 9, conhecida como "*Planta da Cidade de S. Paulo*", de autoria do engenheiro-militar Rufino José Felizardo e Costa.

Podemos observar o sítio urbano mais antigo contido entre os rios Tamandateí e Anhangabaú, este com seus afluentes, o Bexiga, o Itororó e o Saracura. À margem esquerda do Anhangabaú, aparece o Morro do Chá com destaque para a Chácara do Barão de Itapetininga,  rea conhecida posteriormente como centro novo.

¹³ REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo Vila Cidade Metr pole*. p. 228   240.

Na legenda principal aparecem as seguintes anotações: Situada em 23° 33' 30" de Latitude Sul, e entre 331° 24' 30" de Longitude pelo Meridiano da Ilha do Ferro; Variação da Agulha 7° 15', NE (declinação magnética).

Segundo análise do professor Irineu Idoeta, esta foi provavelmente a mais antiga medida de posição da cidade. Há uma pequena discrepância no valor da latitude de 15", para a Latitude Austral: 23° 33' 15".

A seta do Norte está colocada com precisão, mas as informações relativas à escala confundem, pois a escala gráfica indica 200 braças referente a 104 mm, levando à escala de 1: 4.200. Quando por medições chegou-se à escala 1: 5.000.

Nota-se nesta planta que a futura região conhecida como centro novo da cidade é um projeto de arruamento em implantação, pois se encontram tracejadas algumas ruas que só vieram a ser abertas posteriormente.

Nesta planta a rua objeto desta pesquisa, está grafada com letra de mão apenas como *S. Bento*, parecendo ser uma observação posterior à sua elaboração.

A segunda planta, imagem 10, também de 1810 é a *Planta da Imperial Cidade de São Paulo*, baseada no mesmo levantamento de 1810, feito por Rufino José Felizardo e Costa e copiada em 1841, atribuída a Carlos A. Bresser. Há um exemplar pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesta cópia, ao redor da planta foram incluídas ilustrações a bico de pena, mostrando os principais logradouros e edifícios da cidade de São Paulo.

Na legenda com letra "h" aparece a rua em estudo escrita como *Rua de S. Bento*.

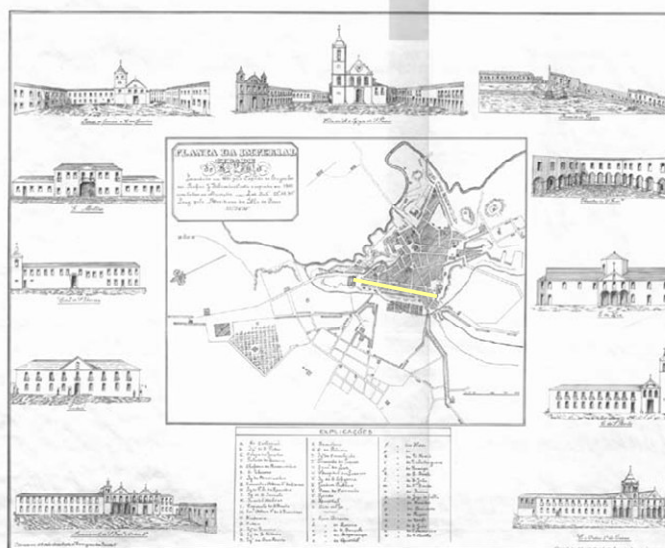


IMAGEM 10

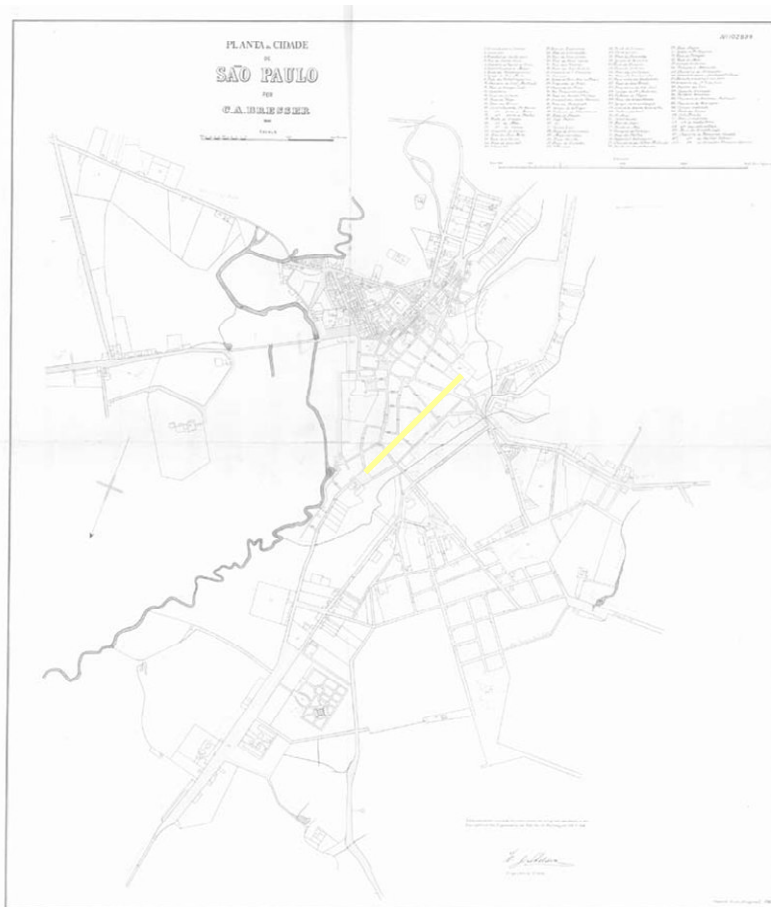


IMAGEM 11

A “*Planta da Cidade de São Paulo*”, imagem 11, datada de 1841 é a terceira do conjunto publicado para o IV centenário da cidade. Foi realizada pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser. Existe uma cópia no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Museu do Ipiranga), o original não se sabe onde está. Mas nota-se nesta cópia de 1918, um escrito no canto inferior direito: “*Esta planta foi copiada do original do Archivo do Escritorio da Engenharia da São Paulo Railway em 29.5.1918*”, com assinatura de W. J. Sheldon, Engenheiro Chefe. E junto à margem, à direita em inglês “Copied from Original 1861”, a partir do original de 1841.

A escala gráfica na planta é de 2.000 palmos, conforme observou Irineu Idoeta, após realizarem cálculos com medições chegaram a escala 1: 5.000.

A rua em estudo está na legenda sob o número 62 como *Rua de São Bento*.

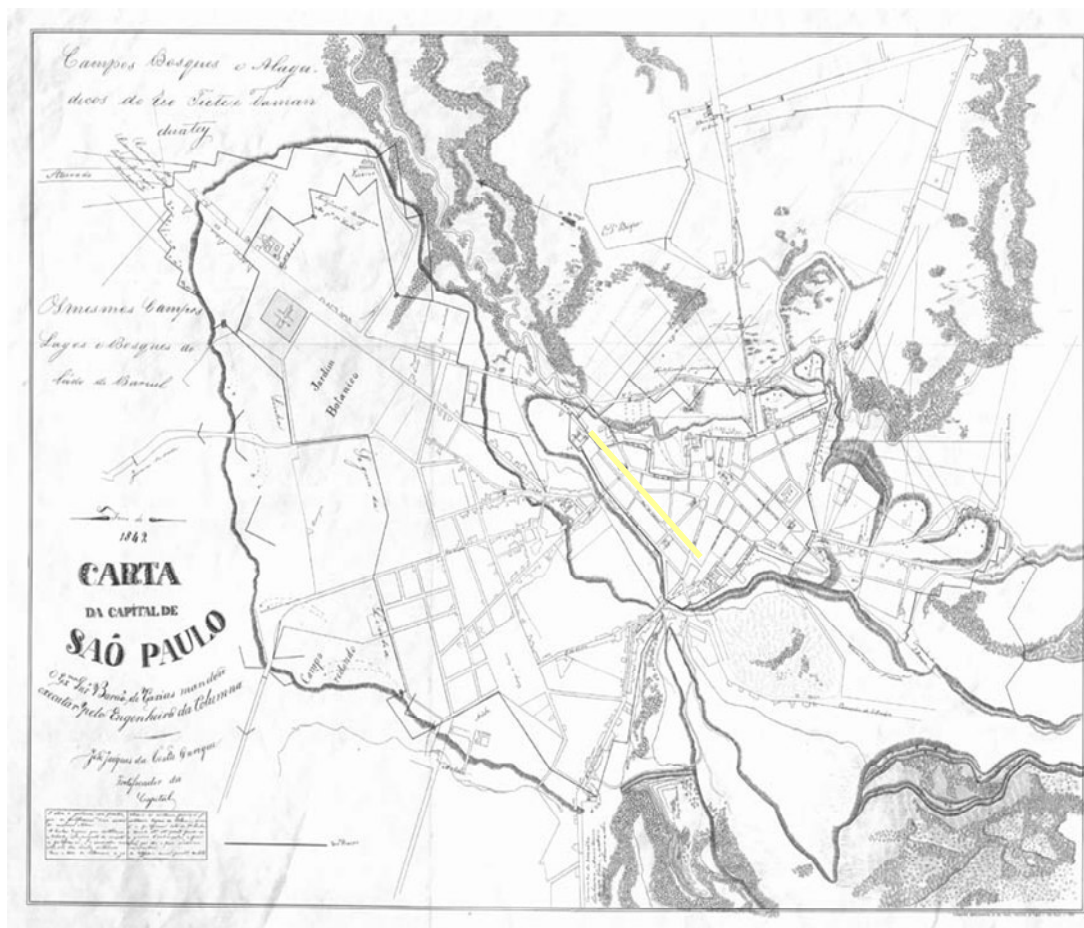


IMAGEM 12

A quarta planta, imagem 12, datada de 1841, recebeu o título de “*Carta da Capital de São Paulo*”. O original manuscrito pertencente ao Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

Por ocasião da Revolução Liberal, em 1842, foi elaborada a planta da cidade de São Paulo pelo engenheiro-militar, José Jacques da Costa Ourique, por ordem do general Lima e Silva, posterior Barão de Caxias.

Esta planta apresenta escala gráfica de 200 braças, para um traço de 87 mm, levando a escala de 1: 5.000, confirmada por medições precisas de distâncias conhecidas.

O fragmento em estudo aparece como *Rua de S. Bento*.

A quinta planta, imagens 13 e 14, *MAPPA oferecido A SUA Magestade, O IMPERADOR* (sic) pelo Presidente da Província Manoel da Fonseca Lima e Silva.

É atribuída a 1841-7, titulada como “Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios”, realizada pelo engenheiro civil Carl Abraham Bresser. O original pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Essa planta da cidade de São Paulo, como observou Nestor Goulart Reis Filho, corresponde ao levantamento de 1841. Nela aparece o cadastramento dos lotes ocupados nas diferentes quadras, tanto no centro velho como nos bairros em formação. Nesses lotes são assinaladas as áreas ocupadas pelas edificações, sendo importante referência para o desenvolvimento desta pesquisa. É provável que esta seja a primeira planta cadastral da cidade de São Paulo, e corresponde à sua situação em 1841 / 1847.

Segundo Irineu Idoeta, os levantamentos para medir os ângulos na época eram feitos por teodolitos e correntes de agrimensor ou fitas para as distâncias. Deste modo o engenheiro Bresser deve ter levantado os eixos das ruas que, somados à largura das mesmas, permitiu desenhar as quadras. E completou o desenho do interior da quadra, pelas distâncias tiradas com as fitas.

Na cópia de 1954, a escala reconhecida por medições chega a 1: 5.800, pouco usual, e Irineu acredita que esta escala foi reduzida em relação ao original, supondo na escala 1: 5.000. Aparece escala gráfica de 3.000 palmos para um traço de 112,5 mm (1 palmo = 0,22 m), levando a aproximadamente a mesma escala. Somente tendo acesso ao original poderá ser dirimida esta questão.

O Norte dessa planta apresenta 90º de diferença conforme as demais, por essa razão a planta foi rotacionada antes de recortar a área da rua de São Bento pormenorizada. Isto foi feito em cima da cópia editada na coleção da Comissão do IV Centenário, que teve como base uma cópia elaborada por J. D. Santos, em 1919, no Rio de Janeiro.

Pela primeira vez observa-se na grafia do fragmento em estudo: *Rua São Bento*.

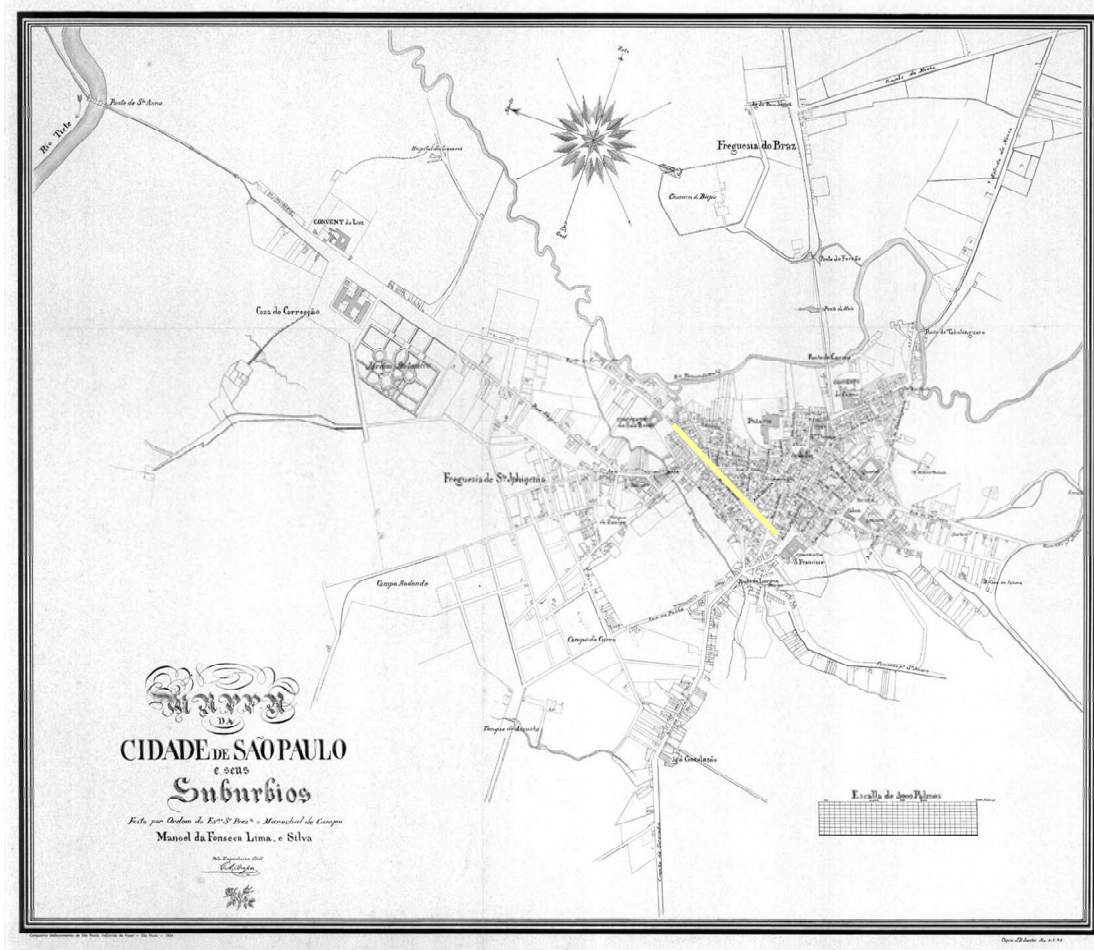


IMAGEM 13 “Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios”, realizada pelo engenheiro civil Carl Abraham Bresser , ca. 1841-7.

Esta planta pelo seu caráter cadastral também foi utilizada para espacialização do estudo sobre a Décima Urbana de 1809, realizado pela historiadora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, que falaremos mais em outro capítulo.



IMAGEM 14: Pormenor do “Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios”, realizada pelo engenheiro civil Carl Abraham Bresser, ca. 1841-7.

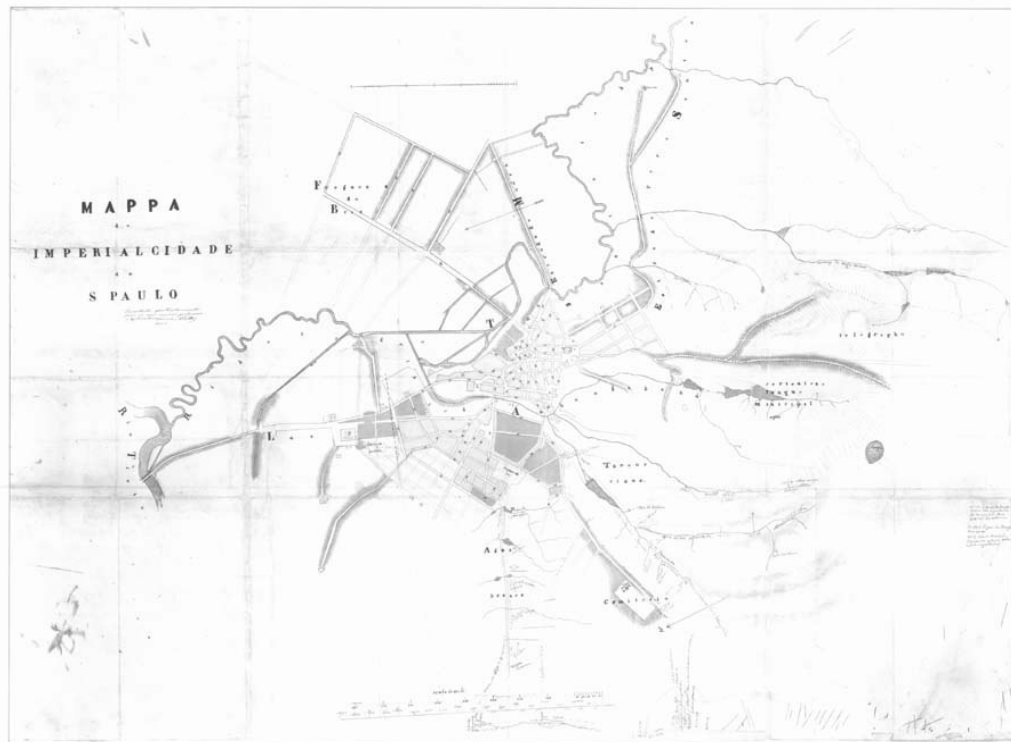


IMAGEM 15

A sexta planta do conjunto é de 1855, imagem 15, denominada: “*Mapa da Imperial Cidade de São Paulo*”, levantada particularmente para as meus servisas (sic) geodésicos e hidráulicas. A autoria de Carlos Rath. Fonte original pertencente ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Esta planta antecede à construção da linha férrea, realizada entre 1860 e 1867. Como o nome indica, foi feita para estudar o abastecimento de água na cidade, deixando registrado todos os cursos d’água e as cotas.

A partir de distâncias conhecidas deduziu-se que a escala é 1: 10.000. A unidade de medida no traço passa a ser o metro e não mais os palmos ou braços.

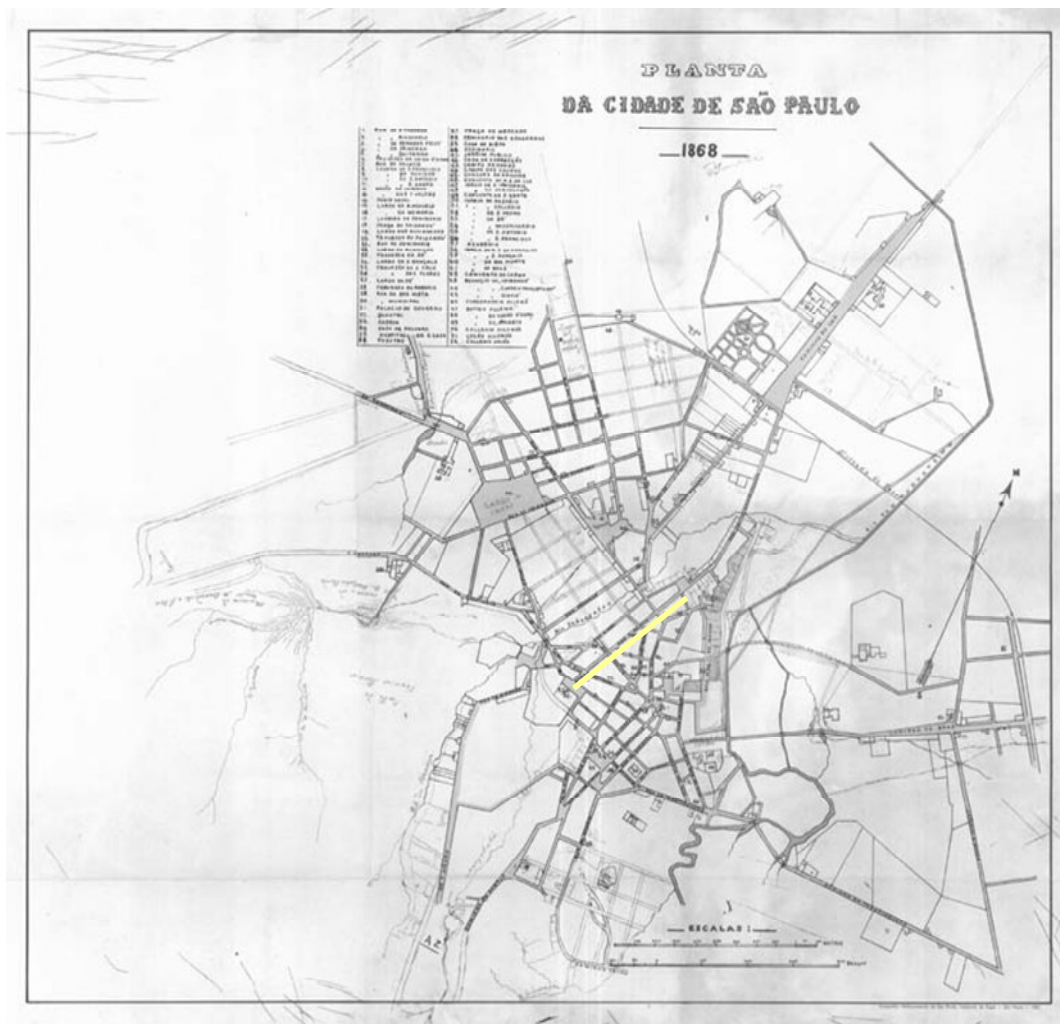


IMAGEM 16

Datada de 1868, é a sétima planta, imagem 16, a “Planta da Cidade de São Paulo”, atribuída a Carlos Rath. Uma cópia pertence ao acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Esta é a primeira planta que registra a linha férrea da São Paulo Railway. (De Santos para Jundiaí e Campinas)

Nesta planta, ao longo da grafada *rua S. Bento*, constam dois números 63 (na esquina da rua do Ouvidor, atual José Bonifácio com a São Bento) e 68 (entre as ruas atuais da Quitanda e o Comércio), que na legenda indicam Redacção do Ypiranga e Botica Veado D’Ouro respectivamente.

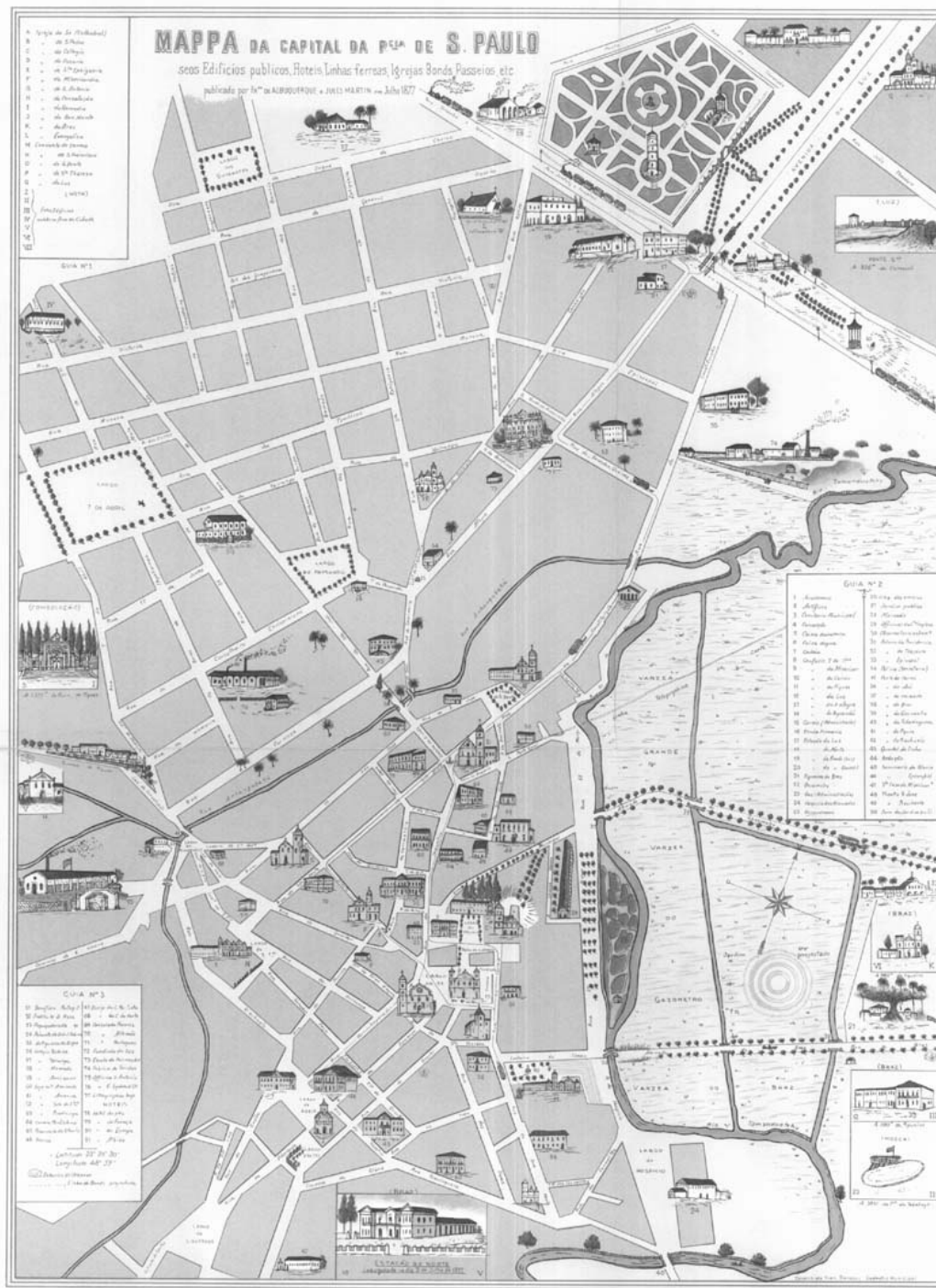


IMAGEM 17

Elaborada por Francisco de Albuquerque e Jules Martin, em 1877, a oitava planta do conjunto, imagem 17, “*Mapa da Capital da Província de São Paulo*”. O original pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Esta é considerada uma planta “turística”, mostra a área urbanizada de São Paulo com seus principais edifícios e instituições. Registra as ferrovias: a São Paulo Railway e a Estrada de Ferro Sorocabana (para Sorocaba e Ipanema). Inclui indicações sobre a primeira linha de bondes de tração animal, que ligava o centro da cidade às estações. Apresenta também uma indicação sobre o início da arborização na cidade.

Nessa planta, em que as ruas têm largura suficiente para que fossem inseridos os seus nomes, nota-se na grafia novamente *rua de São Bento*.

Na legenda com os principais edifícios e instituições, com o número 70, esquina da rua São Bento com a rua do Ouvidor, aparece o Consulado Alemão. O número 79, na quadra entre a rua do Ouvidor, já quase esquina, com a rua Direita, indica o Hotel da França. Seguindo em direção ao Largo de São Bento, na esquina com o Beco da Lapa (depois travessa do Grande Hotel e atual rua Miguel Couto), o número 78 da legenda indica o Hotel da Paz. Com a letra D tem-se a Igreja do Rosário e à sua frente um desenho em turquesa que parece ser um pequeno obelisco, ou talvez fosse o chafariz – ponto de água que abastecia a cidade nessa época, repetindo-se somente em frente à Igreja da Misericórdia. Observa-se o Largo de São Bento desenhado com arborização.

Está indicada a latitude 23° 23' 30" e longitude 48° 59'. Segundo observado por Irineu Idoeta, a longitude está referida ao meridiano de Paris e a latitude inverteu os dígitos nos minutos, deveria ser 32'. Subtraindo 2° 20' para a referência ser o meridiano de Greenwich e alterando a latitude concluiu-se que houve um progresso nas técnicas de medição de coordenadas.

A escala dessa planta é 1: 3.500, não muito utilizada, mas atendeu à sua finalidade, informações turísticas.

A nona planta, imagens 18 e 19, de 1881, “*Planta da Cidade de São Paulo*”, foi levantada pela Companhia Cantareira de Águas e Esgotos (sic), tendo como engenheiro chefe Henry P. Joyner. Há um exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Esse levantamento foi realizado com o interesse de projetar a rede de abastecimento de água para os edifícios.

Em função do interesse desta planta, foram levantados os limites dos lotes e suas edificações, preenchidas com cinza no caso de particulares, e preto os edifícios

públicos, igrejas e hospitais, que estão listados na legenda. O edifício do Grande Hotel aparece pela primeira vez, na esquina da rua São Bento com a travessa que recebeu este nome, atual rua Miguel Couto.

O sistema de abastecimento projetado tornou-se logo insuficiente, pois a população de 30.000 habitantes em 1881 dobrou para 60.000 habitantes já em 1890, chegando a 240.000 habitantes em 1900.

A escala métrica e medições permitem concluir que esse mapa está na escala 1: 5.000.

Esta pode ser considerada a segunda planta cadastral da cidade de São Paulo, são assinaladas as quadras, os lotes e a implantação das edificações. Foi pormenorizada na área de estudo para análise das transformações e persistências ao longo da rua de São Bento.

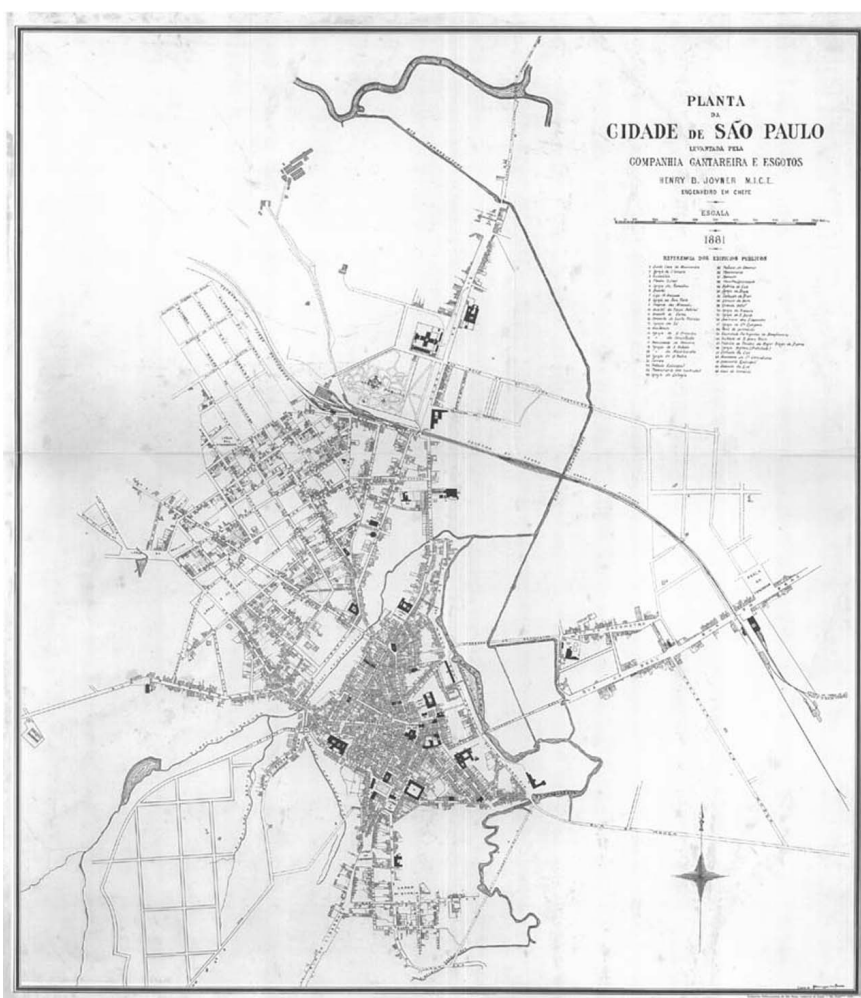


IMAGEM 18: “*Planta da Cidade de São Paulo*”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos (sic), 1881.



IMAGEM 19: Pormenor da “Planta da Cidade de São Paulo”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos (sic), 1881.

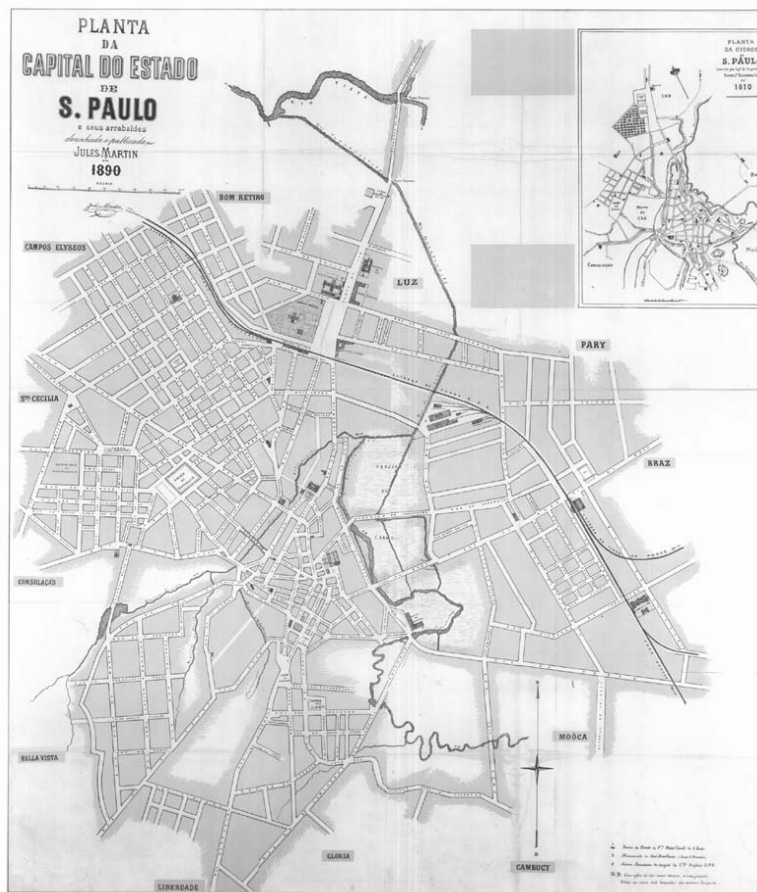


IMAGEM 20

A décima planta desse conjunto, imagem 20, foi desenhada e publicada por Jules Martin em 1890, é a “*Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes*”. O original pertence ao Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo.

Esta é a terceira planta realizada por Jules Martin, e não diferencia as áreas urbanizadas já edificadas daquelas a serem edificadas. Foi descartada de análise nesta pesquisa.

É a primeira planta realizada após a Proclamação da República. O nome de algumas ruas como: do Imperador, da Imperatriz, do Príncipe, da Princesa e do Conde D’Eu; foram renomeadas respectivamente Marechal Deodoro, Quinze de Novembro, Quintino Bocaiúva, Benjamim Constant e Francisco Glicério. E a praça dos Curros ou Sete de Abril recebeu o nome de Praça da República.

A escala é 1: 6.000, confirmada por medições de distâncias sobre a planta cópia de 1954 e a escala gráfica abaixo do título, segundo Irineu Idoeta.

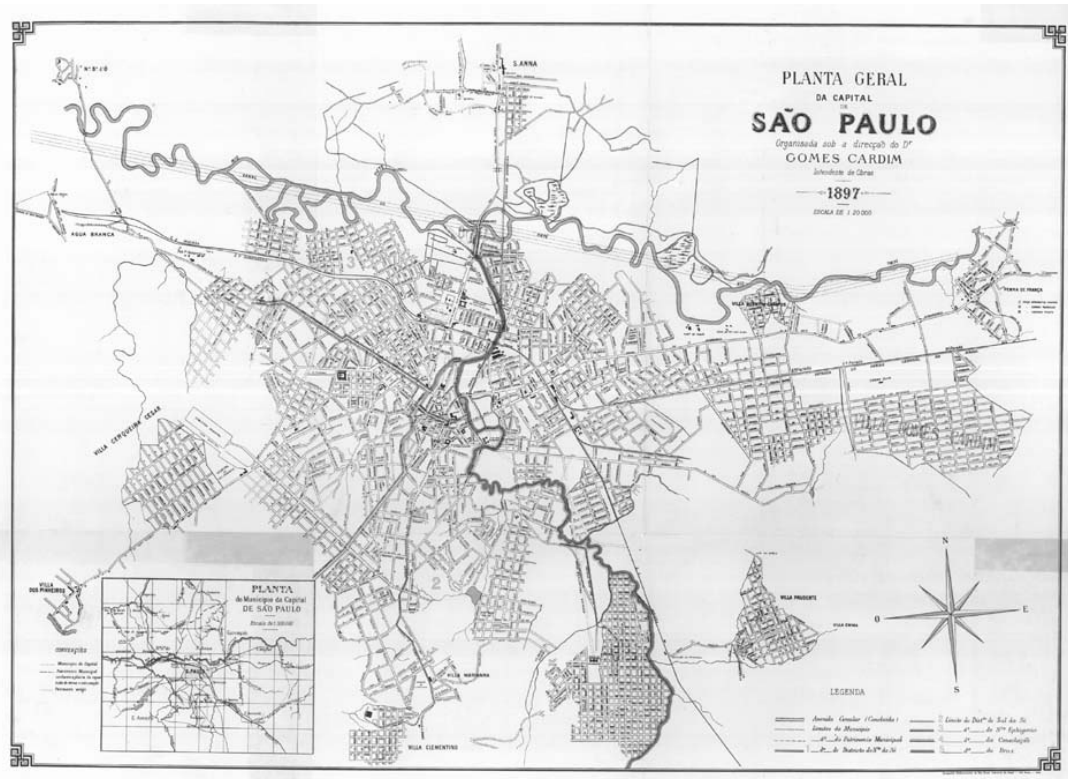


IMAGEM 21

A décima primeira e última desse conjunto elaborado por ocasião do IV Centenário da cidade de São Paulo, está datado 1897, “*Planta Geral da Capital de São Paulo*”, imagem 21, foi feita pelo engenheiro diretor Gomes Cardim, Intendente de Obras na ocasião. O original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

É a última e mais completa planta do século XIX e reflete claramente a explosão demográfica e a ocupação urbana. Registra uma área bastante extensa, numa escala reduzida, 1: 20.000. O Norte encontra-se na vertical da folha, mas não se tem nenhuma referência de coordenadas geográficas. No canto inferior esquerdo aparece um quadro que mostra o contexto da cidade em relação às cidades vizinhas. Porém a escala não permite o detalhe do cadastramento dos lotes, sendo descartada sua pormenorização.

Do século XX apresentamos várias plantas, elencadas a seguir. Para esta pesquisa utilizamos as plantas cadastradas lote a lote, que foram pormenorizadas na área da rua de São Bento para sua análise minuciosa. Outras serão descartadas. Existe uma grande quantidade de registros aerofotogramétricos do século XX bastante preciosos, porém não utilizaremos na nossa análise.

O Aerofotogramétrico que aparece aqui foi realizado em 2003 e foi utilizado para fazer a base cadastral da Prefeitura Municipal de São Paulo, que apresentamos como Planta Cadastral de 2005.

Da primeira década do século XX, há a *Planta cadastral e commercial da cidade de São Paulo*, atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Pertence ao Acervo do Museu Paulista/USP, coleção Aguirra. Esta planta foi localizada no Museu Paulista, ver imagem 22.



IMAGEM 22

Entretanto para esta pesquisa foi utilizada a planta cadastral publicada na pesquisa de Heloísa Barbuy¹⁴, e anteriormente no livro *“Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo”*, do professor Benedito Lima de Toledo¹⁵, cujo qual possui em sua coleção particular o original. Essa planta cadastral é uma referência nesta pesquisa, onde contribui com as informações sobre o uso do solo do começo do século XX.

A planta de 1911, citada acima, foi publicada com o uso comercial da virada do século, para esse trabalho ela foi pormenorizada e rotacionada para o norte ficar na vertical, ver imagem 26. Nessa planta municipal pode se observar que as obras de impacto urbano no centro ainda não haviam sido documentadas.



IMAGEM 23: Cópia da *Planta da Cidade de São Paulo*, 1893, população 130.775 habitantes. Escala 1: 2000. Folha da Sé ¼. Assinada pelo Engenheiro Civil Antonio Manuel Bueno de Andrade em 17 de maio de 1893, e copiada pelo Engenheiro V. Huet de Bacellar. O original pertence à coleção particular de Benedito Lima de Toledo, fornecida pela pesquisadora Heloisa Barbuy.

¹⁴BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. ANEXO 1, p. 256 e 257.

¹⁵TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. p. 68 e 69.

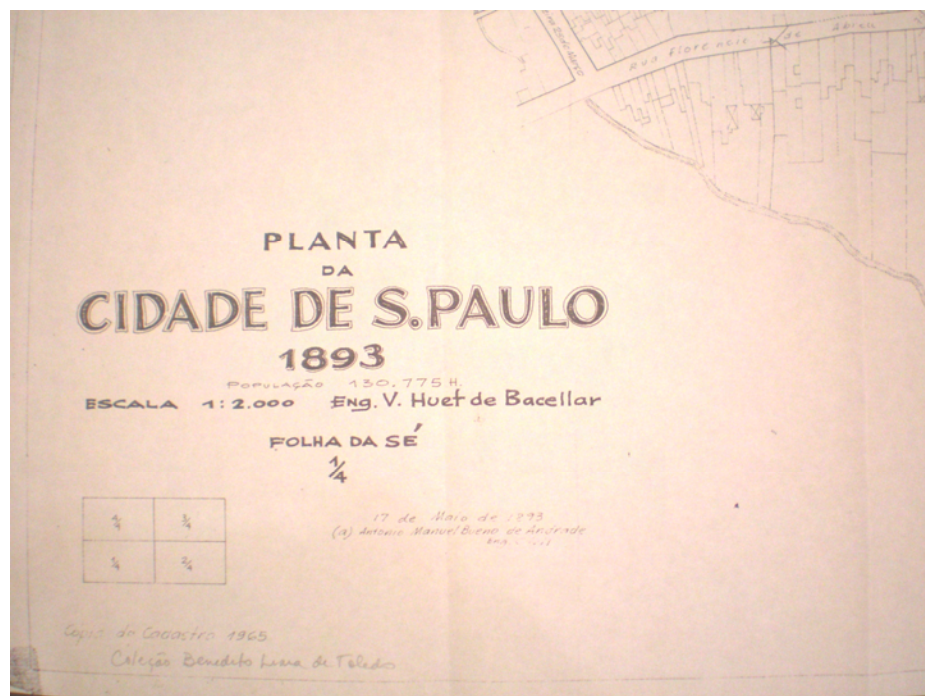


IMAGEM 24: Pormenor do carimbo à esquerda da planta citada na imagem 23.



IMAGEM 25: Desenho feito, em autoCAD, sobre o arquivo da imagem 23.

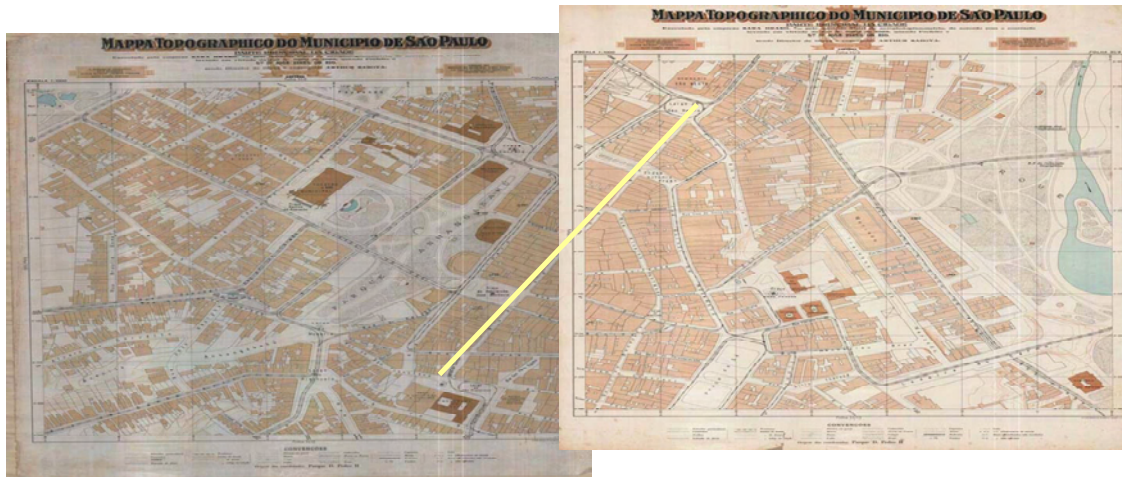
Dando seqüência às plantas do século passado, utilizaremos as plantas realizada pela Sara Brasil S.A., em 1930 (IMAGENS: 27, 28, 29 e 30). As plantas feitas em 1954 pela VASP - Cruzeiro do Sul (IMAGENS: 31, 32, 33 e 34). E a realizada pelo Grupo Executivo da Grande São Paulo – GEGRAN, em 1972 (IMAGENS: 35, 36, 37 e 38).

Nessas plantas, de 1930, 1954, e 1972, foi necessário utilizar duas bases ao fazer a montagem para unificar a rua São Bento para posteriormente recortar o pormenor e fazer a análise. Nessas plantas a escala está claramente determinada, onde são identificadas as divisas de lotes, e as construções existentes permitindo acompanhar as persistências e transformações do espaço físico da cidade.

A Empresa Metropolitana da Grande São Paulo – EMPLASA, realizou dois conjuntos de plantas, um em 1981 e outro em 1995, todavia estas duas foram descartadas por não apresentarem o cadastro dos lotes (IMAGENS 39 e 40).

A Planta Cadastral – SQL (Setor/Quadra/Lote), da Prefeitura Municipal de São Paulo, baseada no aerofotogramétrico de 2003, também foi pormenorizada na área desta pesquisa (IMAGENS: 41, 42 e 43).

A Sara Brasil S/A, em 1930, realizou um levantamento cadastral desenhado nas escalas de 1:5000. Nessas plantas aparecem todas as linhas de bonde elétrico. Os edifícios públicos, institucionais e religiosos encontram-se numa tonalidade mais escura. O desenho das praças e parques aparece detalhado e com tom azul nas fontes, nos lagos e rios. Para este trabalho foram selecionadas as folhas 7 e 8 para compor a rua São Bento, elas foram emendadas, recortadas, e unificadas. Devido a uma diferença de tonalidade nos arquivos digitais foi feito um trabalho de texturização para minimizar esta diferença de cor das folhas. Resultando na imagem que utilizamos nesta pesquisa.



IMAGENS 27 e 28: Montagem e pormenor das folhas: 07 e 08 / 51, das plantas publicadas pela SARA Brasil S.A., em 1930.

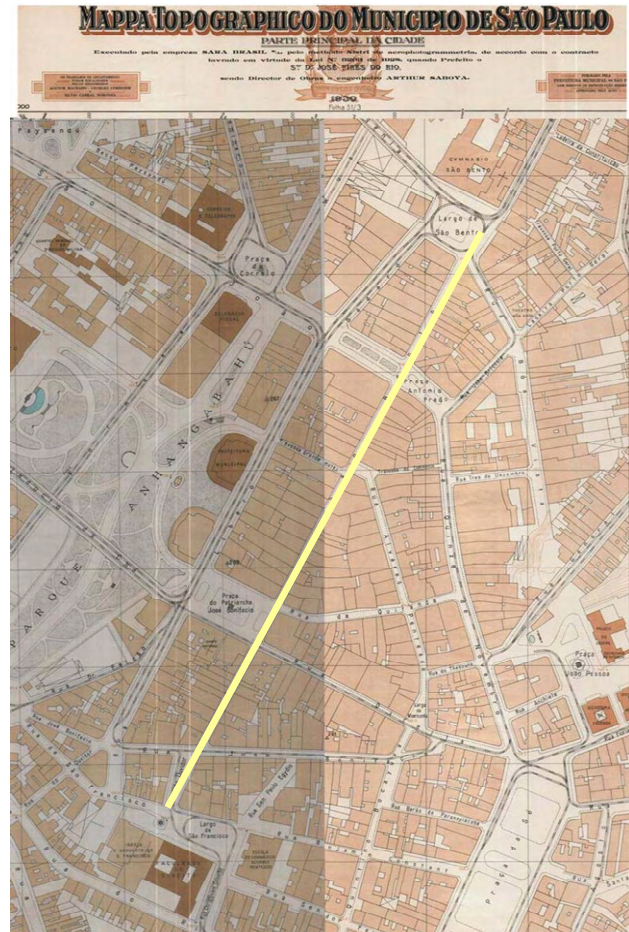


IMAGEM 29: Pormenor da Planta publicada, em 1930, pela SARA Brasil S. A.

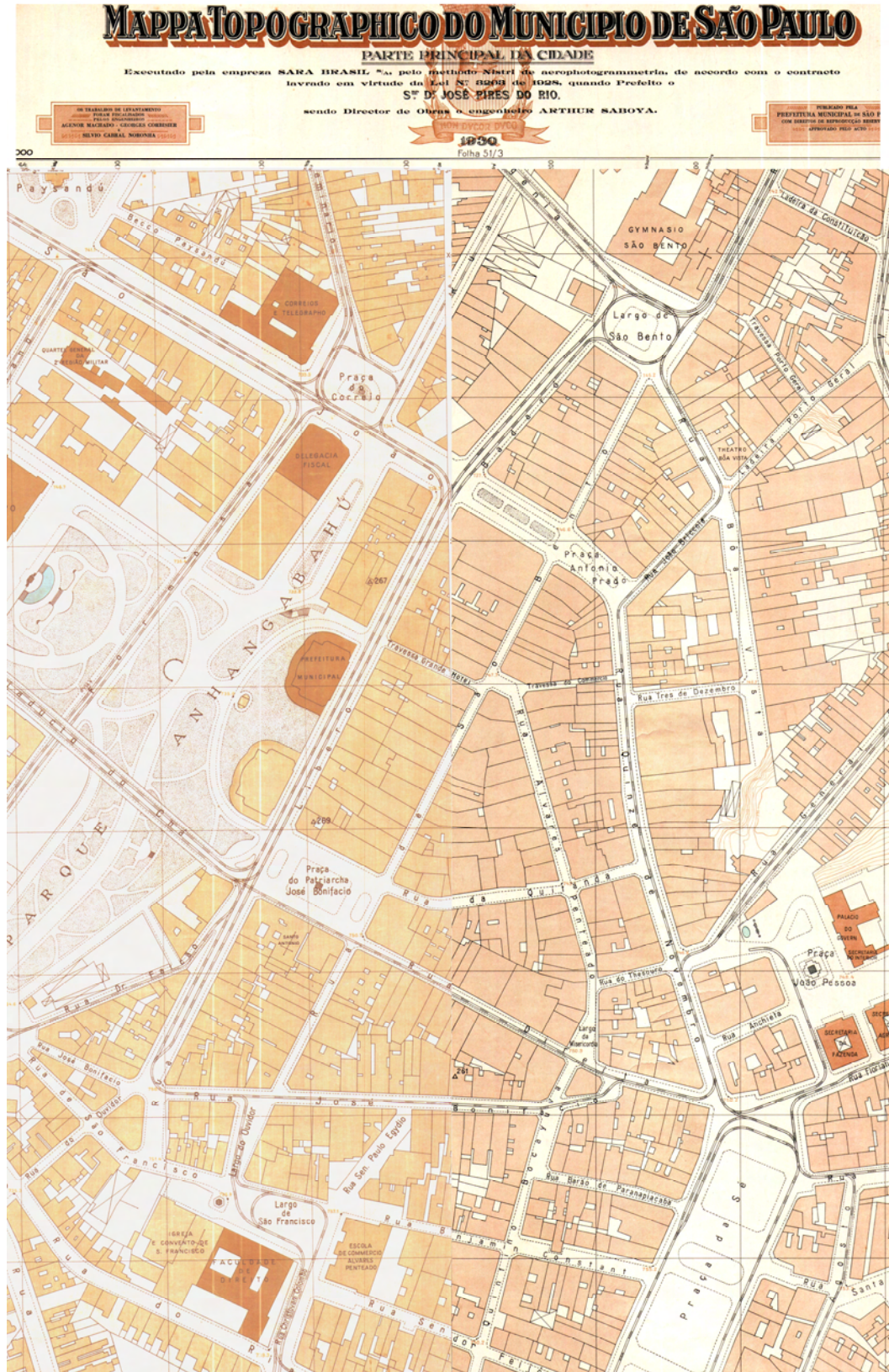


IMAGEM 30: Pormenor da Planta publicada, em 1930, pela SARA Brasil S. A.

Foi formado um consórcio VASP/Cruzeiro do Sul e foi feito um novo mapeamento de São Paulo, em 1954, apresentado em escala 1:2000. Foram necessárias duas plantas, as folhas 13/15 e 13/20, para a montagem da rua São Bento. Depois de emendadas, foi feito o recorte e posteriormente pormenorizada na área de interesse desta pesquisa.

IMAGEM 31: Folha 13/15 utilizada na montagem da rua São Bento.

IMAGEM 32: Folha 13/20 também utilizada para a montagem da rua São Bento.

Ambas plantas do levantamento realizado pela VASP em 1954.



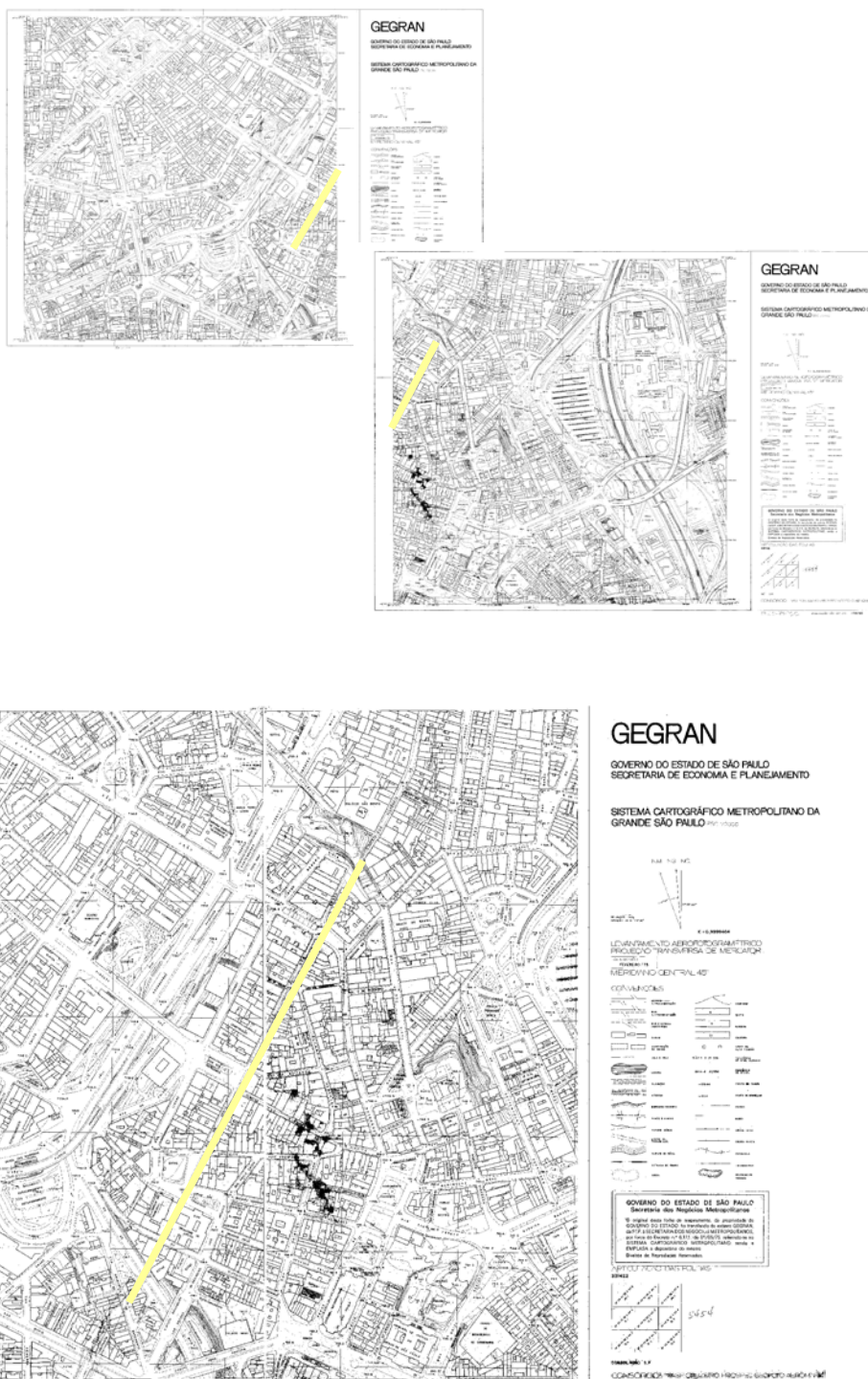
IMAGEM 33: Folha com a rua São Bento montada, que foi pormenorizada na área de estudo.





IMAGEM 34: Pormenor da Planta publicada, em 1954, VASP/Cruzeiro.

O Grupo Executivo da Grande São Paulo, conhecido pela sigla GEGRAN, em 1972, realizou uma nova planta cadastral.



IMAGENS 35, 36 e 37: Montagem das folhas 22 e 23 /139. GEGRAN 1972.

GEGRAN

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

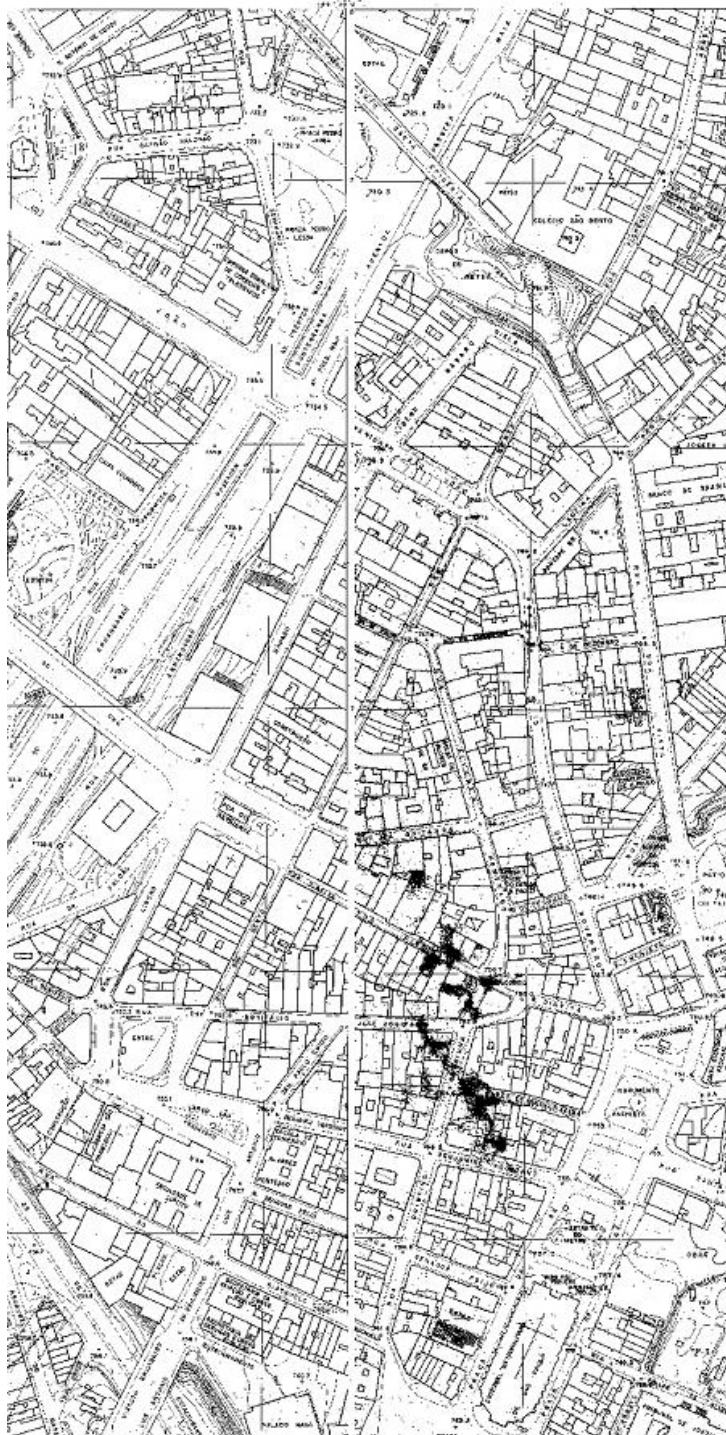


IMAGEM 38: Pormenor da planta realizada em 1972.

As duas plantas mostradas aqui, realizadas pela Empresa Metropolitana da Grande São Paulo, 1981 e 1995, serão descartadas desta pesquisa por estarem detalhadas apenas até a escala das quadras. E para posterior análise a escala dos lotes com a respectiva edificação é fundamental.

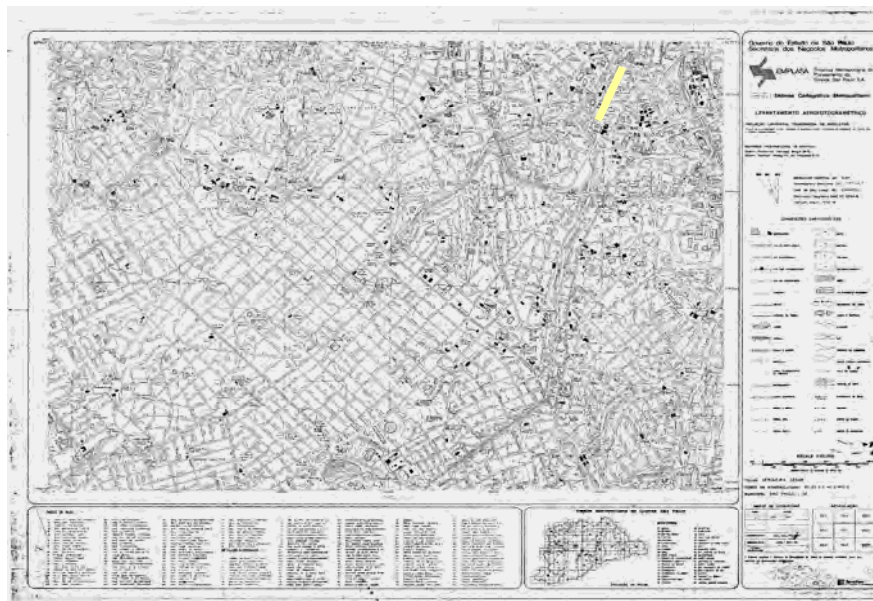


IMAGEM 39: Folha 3314/1981. EMLPLASA - Empresa Metropolitana da Grande São Paulo.

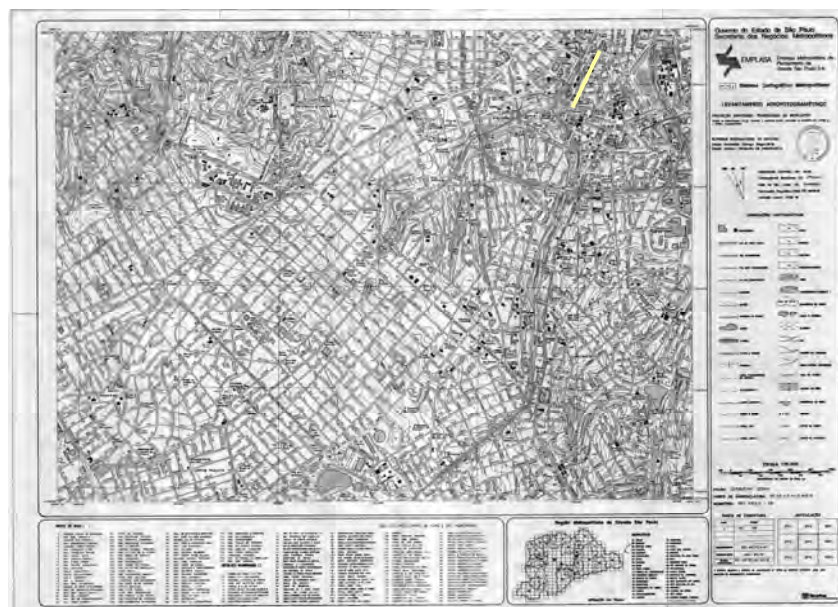


IMAGEM 40: Folha 3314/1995. EMLPLASA - Empresa Metropolitana da Grande São Paulo.

As fotos aéreas são de enorme precisão, porém apenas uma será mostrada aqui. Este é o Aerofotogramétrico realizado pela BASE Aerofotogrametria, em 2003. Não é interesse desta pesquisa analisá-la.



IMAGEM 41: Aerofotogramétrico de 2003.

1. Praça do Patriarca
2. Convento de São Francisco - Ministério Público,
3. Pátio do Colégio - Primeiro Tribunal de Alçada,
4. Parque Dom Pedro
5. Estação da Luz
6. Mosteiro de São Bento - Viaduto Santa Ifigênia
7. Praça Ramos de Azevedo
8. Mercado Municipal – rua Mercúrio

A última planta é do século XXI. É a planta do levantamento do GEOLOG utilizada na prefeitura Municipal de São Paulo feita sobre o aerofotogramétrico de 2003. Esta base foi pormenorizada na área objeto de estudo desta pesquisa, mostrando os imóveis tombados pelo CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação de São Paulo e pelo CONDEPHAAT – Conselho Estadual do Patrimônio Histórico Artístico Arquitetônico e Turístico de São Paulo, de acordo com a legenda. Os números inscritos nos lotes indicam a numeração atual dos imóveis.

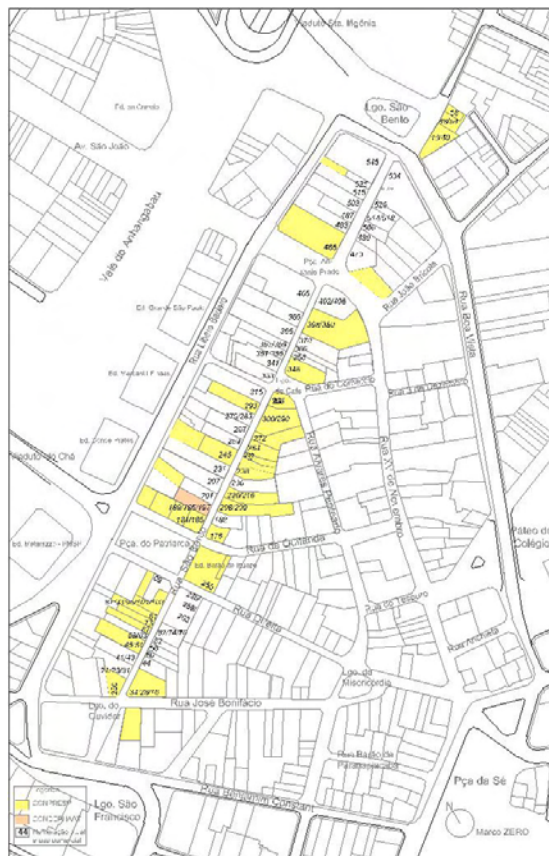


IMAGEM 42: Pormenor na área de estudo, da Planta Cadastral de 2006 – SQL (Setor/Quadra/Lote), baseada no levantamento aerofotogramétrico de 2003.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo

3.2. Reflexões sobre a cartografia.

O presente trabalho é realizado sobre um fragmento importante da cidade de São Paulo, por ser uma das suas ruas mais antigas. Antes de ser rua, o seu atual leito foi possivelmente uma trilha dos índios. A aldeia de Tibiriçá, chamada Inhapuaçú que esteve situada na área do atual Mosteiro de São Bento, teve antes seu sítio na confluência do Tamanduateí com o Tietê, hipótese formulada por Gustavo Neves da Rocha Filho¹⁶.

Em sua tese Rocha Filho confirmou as teses de Teodoro Sampaio, com divergência apenas na parte que se refere ao caminho que é a rua Direita atual.

“Neste caso, pode-se tentar uma explicação, admitindo-se que a rua de São Bento tenha sido a primeira das nossas ruas cujo alinhamento foi feito por profissional experiente, provavelmente um daqueles pilotos de navio, que conheceram o uso da bússola, eram requisitados por nossos primeiros vereadores para dividir as terras doadas pela Câmara”.

São Paulo, desde a fundação do colégio em 1554 até por volta de 1800, foi a Vila e Cidade Colonial que não mudou muito, permaneceu com a aparência de arraial dos sertanistas, com os pousos para os viajantes e suas tropas. Havia diversos sítios e fazendas em torno da Vila, prevalecendo o meio rural sobre o meio urbano. Em 1589, a povoação tinha cerca de 150 fogos (casas), uma população de 600 habitantes. No final do século XVIII, 1776, o número de fogos passou para 534, e a população atingia 2.026 habitantes¹⁷.

A formação de São Paulo não obedeceu nem ao tipo clássico – formação em torno da igreja, do mercado e da casa de administração (a sua Casa da Câmara, no quinhentismo e no seiscentismo andou sempre funcionando em prédios alugados de particulares, o que é bem significativo) – nem ao chamado tipo hipodâmico, escreveu Luís Saia. E Hércules Florence também escreveu que São Paulo nada teve de parecido com o esquema tradicional das demais cidades brasileiras: uma praça

¹⁶ ROCHA FILHO, Gustavo Neves da, Trilha do Peabirú. p.46

¹⁷ REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo Vila Cidade Metrópole* .p. 253.

oblonga, com a igreja e a cadeia nos lados estreitos e mais uma ou duas ruas de cada lado, traçadas a cordel.¹⁸

São mencionados, várias vezes, os conventos e igrejas, pois eram os principais edifícios da vila. Eram eles freqüentes pontos de referência para os moradores, servindo até para dar nomes a logradouros públicos, como por exemplo: largo e rua de São Bento, largo e rua de São Francisco, largo e rua do Carmo, etc. Além de orientarem o traçado urbano.

Por volta de 1720, era bastante reduzida a área da cidade, o seu núcleo urbanizado se concentrava, ainda, todo no perímetro que ficou conhecido como “*triângulo*”, formado pelas atuais ruas São Bento, Direita e XV de Novembro.

Para esse período foi adotada a *Planta da Restauração da Capitânia*, atribuída a 1765/1774 (IMAGEM 7). Sobre esta se observa o núcleo central já constituído, com o traçado das ruas bem definido. Neste trabalho esta planta é importante, pois demonstra a existência da rua São Bento e o seu percurso. Aparecem as quadras, porém a divisa dos lotes não está clara.

Os principais alinhamentos da arruação correspondiam ao *triângulo* na colina e suas adjacências, quase como hoje. Eram as ruas mais antigas de São Paulo, existentes no século XVI: a de “Direita de São Bento”, que teve os nomes de “rua que vai para São Bento”, “rua de São Bento que vai para São Francisco” (atual São Bento), a de “direita de Santo Antonio” (havia uma antiga ermida, no local da atual igreja de Santo Antonio e hoje é a rua Direita), a de Manuel Paes de Linhares (passou a chamar-se, mais tarde, rua do Rosário, pois se dirigia à Igreja do Rosário, que existiu na atual praça Antônio Prado; depois foi rua da Imperatriz e desde o início da República, rua XV de Novembro), a do Carmo e a da Tabatingüera.

Como escreveu Nuto Santana¹⁹, nenhuma das ruas da cidade era rigorosamente direita. Elas não se cruzavam em ângulos retos, a ponto de ter-se um fato único na cidade, as duas ruas “direitas” (a de São Bento e a de Santo Antonio) eram planas, retas e cruzavam-se em ângulo reto, razão pelo qual este ponto era conhecido como “quatro cantos”. “*É uma acrópole que abrigou a cidade em seus três primeiros séculos de existência*”, segundo Benedito Lima de Toledo²⁰.

¹⁸ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições de São Paulo*. p. 80

¹⁹ Idem p. 172

²⁰ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. p. 13.

Consta que anteriormente, segundo Teodoro Sampaio, a rua São Bento se chamou “rua de Martim Afonso”, nome cristão que o chefe índio Tibiriçá havia adotado; mas, essa denominação é duvidosa. Ernani Silva Bruno escreveu²¹ que a rua de São Bento teve seu nome simplificado dessa forma em 1647, sendo antes “a que vai para São Francisco” ou “a de São Bento para São Francisco”.

A rua São Bento, ou rua de São Bento, essa diferenciação apenas ocorria na grafia, pois nenhuma referência oficial foi encontrada sobre isso, e a rua Direita no final do século XIX, segundo pesquisa realizada por Heloisa Barbuy, pela Resolução n. 82/1897 passaram a chamar-se Coronel Moreira César e Marechal Floriano Peixoto, respectivamente. Dois anos depois pela Lei n. 416/1899, ambas voltaram a ter suas denominações anteriores.

O abade de São Bento, em 1784, queria abrir uma rua do canto da torre dos Beneditinos até o convento da Luz, para o que já tinha licença da Câmara, só faltando que ela determinasse a sua direção e a sua largura. Esboçava-se dessa forma um pequeno crescimento do núcleo urbano primitivo em direção ao norte. Esta rua foi inicialmente chamada rua da Figueira de São Bento, depois rua Miguel Carlos, rua da Constituição, e após ser nivelada e calçada em 1881, no governo de Florêncio de Abreu, tomou esse nome.

O núcleo central da cidade, o “*triângulo*”, chamava-se “*para dentro das pontes*”, ao meu ver é o burgo natural paulistano. Em 1818, à esquerda do Anhangabaú começava a se edificar a “Cidade Nova”, além das pontes. Sabe-se que a cidade, segundo Ernani Silva Bruno²², contava nesse tempo com trinta e oito ruas, dez travessas e seis becos. As mais habitadas eram a do Rosário (Quinze de Novembro), com setenta e sete casas, a Direita, com trinta e nove, a do Comércio (Álvares Penteado), com trinta e quatro e a de São Bento, com cinquenta e duas. Depois dessas, provavelmente, as que de certa forma contornavam o triângulo: a Boa Vista, a Nova de São José (Líbero Badaró), a do Ouvidor (José Bonifácio) e a do Carmo. E mais algumas ao sul do largo da Sé: a da Cruz Preta (Quintino Bocaiúva), a do Jogo de Bola (Benjamin Constant), a da Freira (Senador Feijó), a de São Gonçalo e a da Esperança (desaparecidas com a ampliação do largo da Sé), a de Santa Teresa (começo da Rangel Pestana), a do Quartel (Onze de Agosto), a das

²¹ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições de São Paulo*. p. 150 e 157.

²² Idem. p. 173 e 174.

Flores (Silveira Martins), a da Boa Morte (continuação da rua do Carmo) e a da Tabatingüera.

Havia apenas sete os largos e praças na cidade: o de São Bento (o velho largo do Mosteiro), o do Rosário (que no começo do século XIX era campo inculto), o de São Francisco (uma parte mínima que talvez sobrasse do quintal do convento franciscano) e o da Misericórdia; os chamados pátios da Sé e do Colégio, e o campo de São Gonçalo.

Lembrando aqui que a rua São Bento vai do Largo São Francisco ao Largo São Bento, e no percurso atual tem o Largo do Ouvidor, a Praça Paulo Duarte, a Praça do Patriarca, o Largo do Café, e a Praça Antônio Prado.

Neste levantamento cartográfico, duas plantas do século XIX foram pormenorizadas. A primeira delas onde podemos fazer a leitura das quadras com a divisa dos lotes, é atribuída a 1841, denominada “*Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios*” (IMAGEM 14). Esta planta pode-se considerar como um primeiro registro cadastral. Ela representa a cidade dos três séculos adormecidos do arraial de sertanistas. Somente em 1827, quando foi estabelecida a Faculdade de Direito no Largo São Francisco é que a cidade recebeu estudantes e começou a passar, ainda que timidamente, por transformações.

A outra foi realizada pela *Companhia Cantareira de Água e Esgotos* (sic), em 1881 (IMAGEM 19), que visava o abastecimento dos imóveis com água tratada. Pois até esta ocasião o abastecimento de água potável canalizada era feito com chafarizes públicos, além das bicas e fontes naturais. Em 1886, é adotado um sistema seqüencial de numeração para os imóveis ao longo das vias que vigorou até 1910, quando uma nova numeração foi instaurada, todavia também seqüencial. Novamente em 1928 a numeração seqüencial foi revisada, e somente em 1936, de acordo com o Ato Municipal n. 1.013/1936, a numeração métrica passou vigorar.

Em 1890 a população da cidade era de 65.000 habitantes, e em 1893 era de 130.000 habitantes, simplesmente o dobro. Tendo, logo, sido saturado o sistema instalado pela Companhia. Ao ler as plantas da cidade, onde é possível fazer a leitura dos lotes, começando da mais antiga, aferida à 1841, contam-se 81 lotes lindeiros à rua São Bento, enquanto na planta de 1881, aparecem 93 lotes.

Da primeira planta pormenorizada, *Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios*, atribuída a 1841, para a planta realizada, em 1881, pela *Companhia*

Cantareira de Água e Esgotos (sic), para o abastecimento dos imóveis da cidade com água potável e esgoto, ocorreram alguns desmembramentos nos lotes situados ao longo da rua de São Bento. Em 1881 aparecem 12 lotes a mais que em 1841, sendo estes lotes desmembrados nas quadras entre o Largo São Bento até a rua da Quitanda, 10 novos lotes; dois na quadra entre o Largo do Ouvidor e rua Direita e um entre o Beco da Lapa, atual Miguel Couto e a rua São João. Houve uma unificação de lote entre o Lago São Francisco e a Ladeira do Ouvidor.

Uma das transformações dos lotes na planta de 1881 ocorreu no Largo do Rosário atual Praça Antônio Prado. No lote da esquina com a rua São Bento, vizinho da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, desapareceu um imóvel térreo, segundo imagens estudadas, o que permitiu maior visibilidade da Igreja. No Largo do Rosário havia um dos chafarizes públicos para abastecimento de água na cidade, assim como no Largo da Misericórdia.

Tabela com o número de lotes quadra a quadra da rua São Bento sobre as plantas pormenorizadas para este trabalho:

ANO	Lgo Sfcu Ouvidor	Benjamin Jbonifácio	Ouvidor Direita	Jbonifácio Direita	Pça do Patriarca	Direita Quitanda	Direita Patriarca Miguel Couto	Quitanda Lgo Café	Miguel Couto SJoão	Lgo Café Lgo Rosário	SJoão Lgo SBto	Lgo Rosário Lgo Sbtto	Lgo São Bento	Rua São Bento
1841	2	3	6	4		1	11	11	9	8	14	12	7	88
1881	1	3	8	4		1	12	16	11	12	14	15	7	104
1911	2	5	12	4		1	16	14	12	11	17	13	3	110
1930	3	4	10	6		1	11	11	7	9	11	11	3	87
1954	2	6	10	7		1	11	11	7	6	8	10	3	82
1972	1	4	10	5		1	10	11	7	6	7	6	3	71
2006	1	1	10	5		1	10	11	7	6	7	6	3	68

Após o estabelecimento da Faculdade de Direito, a instalação das ferrovias e suas estações, o próximo passo para a expansão da cidade foi dado quando houve a ligação do tradicional triângulo com a área conhecida como centro novo, com a inauguração do “Viaduto do Chá” em 1892. Maiores detalhes serão apresentados no capítulo quatro.

Quando adentramos o século XX, na planta de 1911 (IMAGENS 25 e 26), constam 105 lotes lindeiros à rua São Bento. Esta planta registra a situação da cidade antes das intervenções urbanísticas ocorridas a partir de então. Fazendo o percurso saindo do Largo São Francisco em direção ao Largo São Bento, observa-se na quadra entre a rua Direita e rua Miguel Couto a inexistência da Praça do

Patriarca, e no Largo do Rosário, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ainda estava presente.

Alguns fatos, como a fundação do Automóvel Clube em 1908, da Sociedade Hípica Paulista em 1911, também em 1911 a inauguração do Teatro Municipal, e alguns clubes, para a prática de esportes aquáticos, como o Espéria e o Tiête, próximos à Ponte Grande em 1912, além dos teatros e cinemas reforçam o perfil da metrópole do século XX.

As obras de remodelação do centro começaram na administração de Antônio Prado, 1898 a 1911, e prosseguiram no governo de Raymundo Duprat, 1911 a 1914. Sendo desta administração o contrato do arquiteto francês Bouvard, que estava em Buenos Aires, para elaborar o relatório citado acima.

Ao ler a planta elaborada pela Sara Brasil S. A., em 1930 (IMAGENS 27, 28 29 e 30), na escala 1: 5000, onde aparecem 84 lotes lindeiros à rua São Bento. Fazendo o mesmo percurso, ou seja, do Largo São Francisco para o Largo de São Bento, podemos averiguar parte das obras urbanísticas para o melhoramento do centro, a começar pelas mudanças, a Praça do Patriarca.

Para a abertura da Praça do Patriarca, em 1924, foi necessária a Lei n. 1.473, de 10 de novembro de 1911, que declarasse “de utilidade pública diversos prédios necessários para a formação de uma praça, de acordo com o plano Bouvard”. Eram os prédios da rua Direita, n. 38, 40, 40-A, 42, 42-A, 44, 46 e 48; da rua de São Bento, n. 23 e 25; da rua Líbero Badaró, n. 44 e 46; e a parte do prédio à rua Líbero Badaró, n. 48. A demolição de todos juntos resultou na quadra aberta para a praça que, de acordo com os objetivos urbanísticos do plano Bouvard, viria a constituir uma área livre, devidamente marcada por um monumento, a estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, e abria-se para a vista panorâmica do vale do Anhangabaú, também reurbanizado.

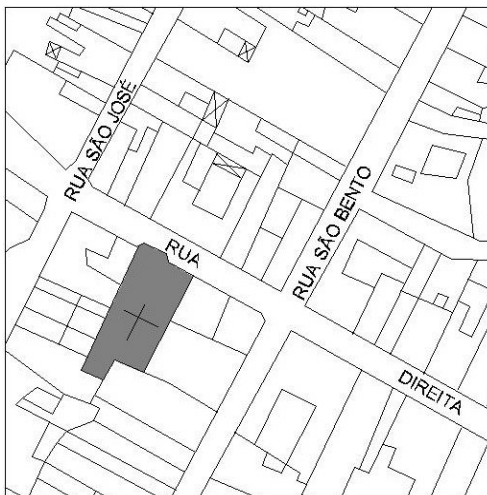


IMAGEM 44: Observar nessa planta, c. 1911, os lotes na frente da Igreja de Santo Antônio, entre as ruas São Bento e São José. No lado direito, lado para o Vale do Anhangabaú, há a presença de lotes e no alinhamento da rua São José. Nota-se o acesso para Viaduto do Chá.



IMAGEM 45: Nesta planta elaborada pela SARA Brasil S/A, de 1930, observar que as alterações urbanas ocorridas estão registradas, como o alargamento da rua São José (Líbero Badaró) e a abertura da Praça do Patriarca. Porém o acesso ao Viaduto do Chá ainda está alinhada com a rua Direita.

Por ocasião da abertura da Praça do Patriarca, o Viaduto do Chá, projetado por Jules Martin, em 1892 era alinhado com a rua Direita. O novo Viaduto do Chá, inaugurado em 1938, está alinhado com o eixo da praça. O projeto executado, existente ainda hoje, para atravessar o vale o Anhangabaú, ligando a rua Direita no triângulo histórico ao centro novo à rua Barão de Itapetininga, foi resultado de um

concurso, em que o primeiro colocado foi Elisiário da Cunha Bahiana, em segundo foi o arquiteto Rino Levi e o terceiro foi o arquiteto Jacques Pilon.



IMAGEM 46: Observar nesta planta, 1954, o alinhamento do Viaduto do Chá centralizado com a Praça do Patriarca.

Dentre as transformações ocorridas também podemos ler nesta planta: o alargamento da Avenida São João, em 1913/14, para 30 metros, e a abertura da Praça Antonio Prado, entre 1903 e 1906, no local onde antes havia a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e o Largo do Rosário. Para isto foi demolida a Igreja, e transferida para o Largo Paissandu, que foi remodelado com ajardinamento e a nova Igreja do Rosário.

A rua de São João que atravessava o córrego Anhangabaú, onde existia a ponte construída por Daniel Pedro Muller em 1820, foi aterrada, aparecendo aí a Praça do Correio, e melhorou a ligação entre a Praça Antônio Prado e o Largo Paissandu.

No triângulo observamos: a rua comercial Quinze de Novembro, que foi realinhada e alargada a partir de 1901. As ruas Direita, da Quitanda, do Comércio (atual Álvares Penteado) e Quintino Bocaiúva realinhadas.



IMAGEM 47: Pormenor da planta c. 1911. Observar a Igreja e Largo do Rosário, e a ladeira de São José ainda sem alargar. Na esquina da São Bento com a Ladeira e a rua São José, lado sul, ver a quantidade de lotes implantados.

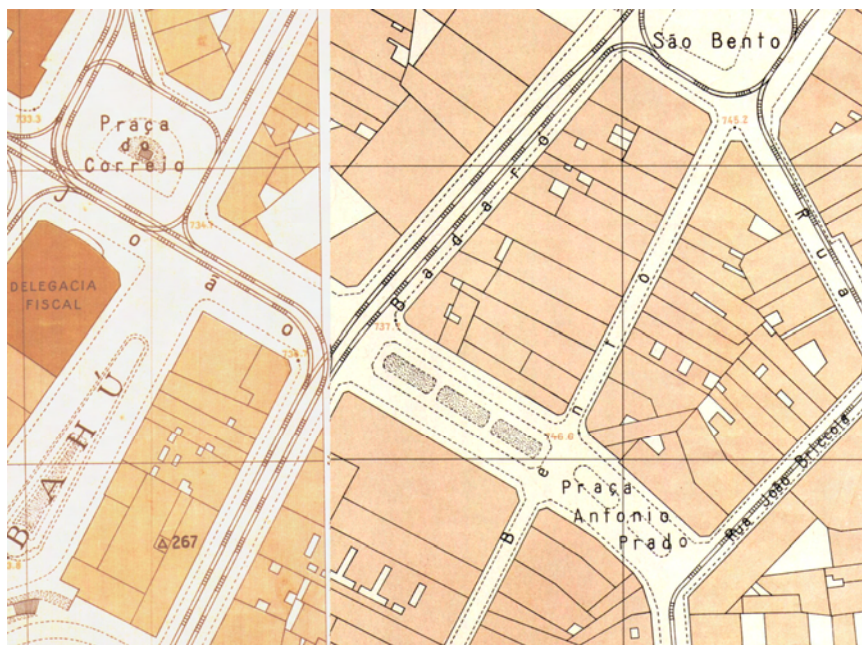


IMAGEM 48: Observar nessa planta, 1930, a Avenida São João alargada e a abertura da Praça Antonio Prado. Um pedaço do Largo São Bento remodelado. Na Praça Antonio Prado esquina com a rua São Bento e a rua Líbero Badaró, já alargada, um lote único, onde foi construído o Prédio Martinelli. Mas do outro lado da praça, lado norte, os lotes ainda são pequenos.

O Largo São Bento foi retificado com a linha do bonde elétrico. O Viaduto do Chá teve obras no piso para adequar-se aos novos trilhos dos bondes elétricos. E a abertura da rua Cristovão Colombo, na lateral do Convento de São Francisco.

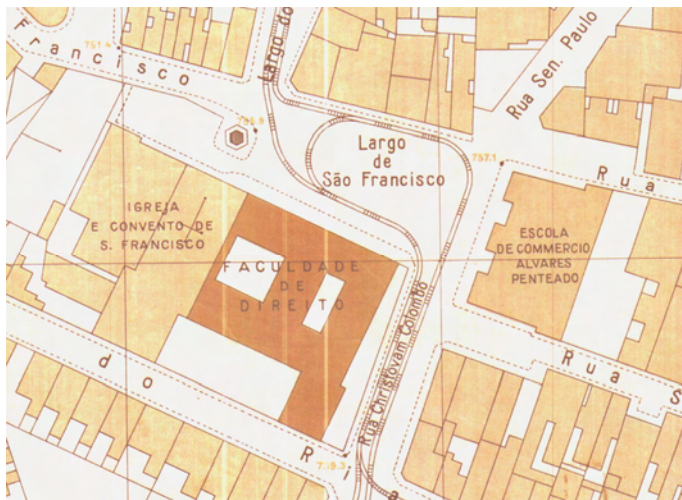


IMAGEM 49: Largo São Francisco e rua Christovam Colombo.

Na área da Praça da Sé, com a intervenção do Governo do Estado, foram realizadas medidas saneadoras, com a demolição de dois quarteirões, e a partir de 1913 seriam demolidas as antigas igrejas da Sé e de São Pedro, para a reconstrução da nova catedral, em estilo eclético – Neo Gótico, projetada por Maximiliano Hehl.

A obra simbólica, para a qual Antonio Prado reuniu recursos e esforços, foi o Teatro Municipal de 1903 a 1911.

O lote, da esquina da Avenida São João, alargada, que se estende desde a rua Líbero Badaró até a rua São Bento, aparece unificado e com o Edifício Martinelli implantado. Na esquina oposta ainda são 6 lotes que no futuro serão unificados pelo Banco do Brasil.

A rua São Bento na planta de 1954, (IMAGENS 31, 32, 33 e 34), realizada pela VASP - Cruzeiro do Sul, tem menos lotes, contam-se 78 lotes, e encontra-se mais verticalizada como podemos ver em imagens, assunto de outro capítulo.

Na quadra entre o Largo do Café e a Praça Antônio Prado, aconteceram unificações nos lotes. O lote na esquina da rua São Bento com a Praça encontra-se pontilhado, o que indica uma obra conforme registro iconográfico. É o endereço do Edifício H. Lara, com 24 pavimentos. O lote vizinho faz frente para a rua São Bento e para a rua XV de Novembro, com 13 andares, em estilo Art-déco, o processo para aprovação do projeto data de 1935/36 e a solicitação de habite-se foi feita em 1939

conforme informações levantadas no Arquivo Geral de Processo do Município de São Paulo, no Piqueri.

O lote do futuro Edifício Banco do Brasil, na esquina da rua São Bento com a avenida São João, nesta ocasião passava por obras.

O traçado das linhas dos bondes elétricos aparece nas duas últimas plantas, 1930 e 1954.

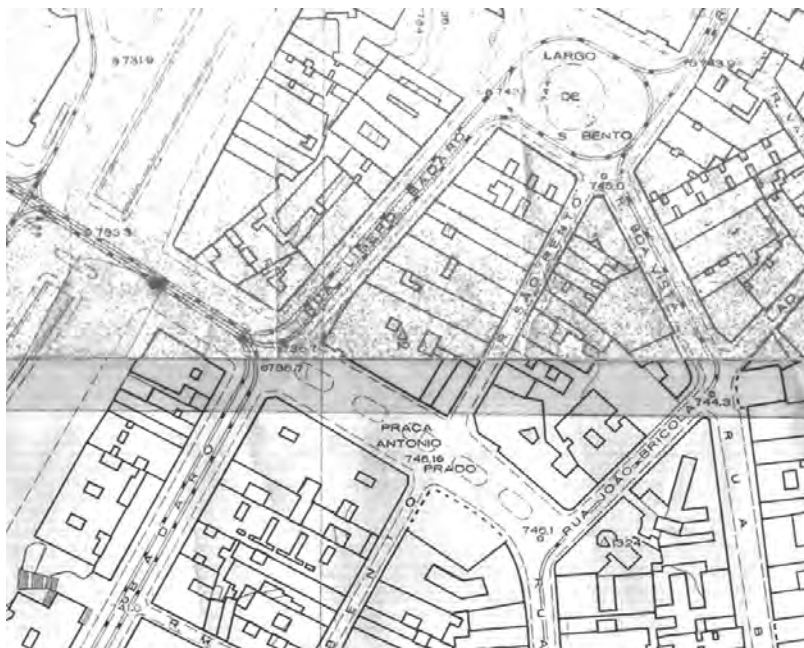


IMAGEM 50: Observar na planta, 1954, na esquina da Praça Antonio Prado com a rua São Bento, lado sul, o lote encontra-se unificado e pontilhado, que indicava estar em obras.

Na última planta adotada para o século XX, feita pelo GEGRAN - Grupo Executivo da Grande São Paulo (IMAGENS 35, 36, 37 e 38), em 1972, aparecem 72 lotes.

Os lotes da rua São Bento, entre o Largo São Francisco e a rua José Bonifácio, aparecem nesta planta unificados com os demais da quadra que vai até a rua Líbero Badaró, e consta como estacionamento.



IMAGEM 51: Pormenor da planta de 1972, da quadra entre o Largo São Francisco e a rua José Bonifácio.



IMAGEM 52: Observar nessa planta de 1972, o trecho entre a Praça Antonio Prado e o Largo São Bento. O lote do Edifício do Banco do Brasil unificado, o lote na esquina da rua São Bento com a rua Boa Vista sem nenhuma demarcação de lote, apenas com o levantamento topográfico, o que indica o estudo para as obras do Metrô.

A obra do metrô aconteceu, com várias alterações no centro, incluindo o Largo e rua São Bento, pois recebeu uma das estações da linha Norte-Sul. Ao receber uma estação do metrô da linha Norte – Sul, o Largo São Bento sofreu uma grande intervenção urbana, inclusive desapropriação de lotes para os acessos do metrô. O lote na esquina do Largo com a rua São Bento, que vai até a Líbero Badaró, encontra-se vago, mas é de propriedade do metrô. Lindeiro a este lote fica o *Condomínio Edifício de Galerias São Bento*.

Completando as plantas pormenorizadas foi utilizada uma atual de 2006, representando o século XXI, onde aparecem 68 lotes.

Ao ler a planta atual, 2006/7 (IMAGENS 42 e 43), em relação à planta de 1974 observamos unificação de lotes na quadra entre as ruas Benjamin Constant e José Bonifácio. Onde existe uma pequena praça no terreno do metrô, sobre a linha leste-oeste, denominada Praça Paulo Duarte. A Empresa Municipal de Urbanização –

EMURB tem um projeto arquivado para esta área. Esta é lindeira com os primeiros lotes das ruas José Bonifácio e Benjamin Constant.



IMAGEM 53: Pormenor da planta de 2006, da quadra entre as ruas Benjamin Constant e José Bonifácio.

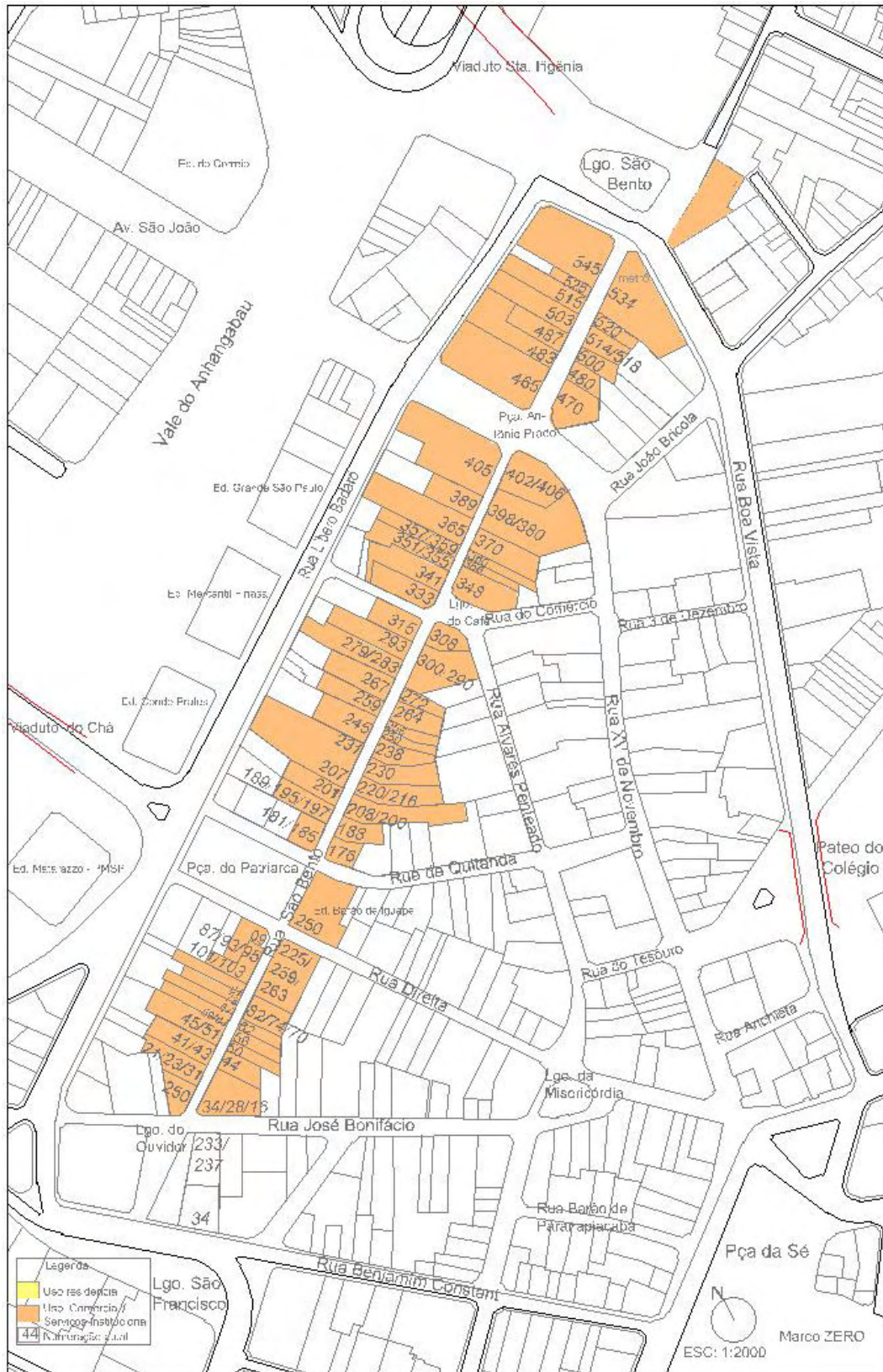
Essa variação, na quantidade de lotes ao longo da rua São Bento, acontece devido a desmembramentos e unificação ou remembramentos destes. Analisando este fato, foi constatado, que na planta de 1841, complementando com os registros deixados pelos viajantes, e por fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo e Guilherme Gaensly, a rua São Bento, do começo do século XIX, era densamente ocupada por lotes, com frente pequena, e a tipologia construtiva era de casas térreas, executadas de taipa de pilão, técnica empregada na época.

Enfim, no fragmento dessa pesquisa, a rua São Bento tem uma grande permanência, ao longo de cinco séculos, o seu traçado. Como podemos ver com precisão na planta atribuída a 1765/1774, *Planta da Restauração da Capitânia*. No mais, tivemos transformações na tipologia construtiva, na volumetria dos edifícios, e no aproveitamento dos lotes. Uma rua curta, mas que viveu todos os momentos urbanos, desde os viajantes e suas pinturas até as fotos aéreas com alta tecnologia. Da cidade de taipa à de concreto. Do uso residencial ao comercial. Como definiu Benedito Lima de Toledo²³, “*A cidade de São Paulo é um palimpsesto*”.

²³ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*.

3.3 Registro em planta da situação atual – 2007

a. Planta: Uso do Solo



b. Planta: Ano dos Edifícios



c. Planta: Altura, Gabarito, Número de pavimentos dos edifícios



4. Legislação Urbana

A legislação é o conjunto dos documentos, normas, leis urbanas, ao longo do tempo, para a cidade de São Paulo, que regulamentaram, controlando o desenho da paisagem urbana.

Um dado importante para este capítulo é a largura da rua São Bento: 8,5 metros.

O leito das primeiras ruas era constituído pelo solo em seu estado quase bruto, era apenas arrumado para servir de caminho de ligação, observação feita por Ernani Silva Bruno²⁴ sobre as atas de Câmara em 1563. As enxurradas lanhavam o solo, deixando vários buracos e valetas. Os vereadores paulistanos, já no fim da era quinhentista, exigiam que o meio-fio das ruas fosse ladrilhado, calçado para que a água das chuvas pudesse fluir à vontade.

No ano de 1590 foi promulgado o primeiro Código de Posturas Municipais, mas cogitava apenas questões administrativas e policiais. A Câmara²⁵, em 1594, proíbe que se faça casa sem alicerce, o que era um indício de um futuro Código de Obras. Nessa época, já existiam alguns sobrados na Vila, e havia diversas pontes nos rios Tamanduatehy e Anhangabahú.

Através de edital de 1741, a Câmara exigiu que os moradores da cidade limpassem e carpissem as suas respectivas testadas, bem como consertassem as saídas de água em frente das casas. As primeiras providências para o calçamento das vias públicas foram adotadas em 1742, nas quais a Câmara ordenava que os proprietários calçassem a rua em frente das respectivas testadas de suas casas, com pedra ou tijolo.

Em meados do século XVIII, as rendas da cidade continuavam muito exíguas, não bastando para as despesas com as coisas públicas. Os alinhamentos das ruas eram ainda tortuosos; elas não possuíam passeios e nem calçamento. O gado vivia solto nas cercanias da cidade, e danificava as ruas e pontes. Para a procissão de

²⁴ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 151 e 152

²⁵ Idem. p. 110.

Corpus Christi, os moradores das ruas por onde ela ia passar, deviam cair as fachadas de suas casas, tapar os buracos junto às frentes das casas, no pedaço referente às testadas e remover o lixo que houvesse. A nova igreja Matriz estava em construção, e iria servir de catedral, dada a criação do bispado em 1745, escreveu Ernani Silva Bruno²⁶.

Os edifícios não eram abastecidos com água potável canalizada, sendo o abastecimento feito nos chafarizes públicos, além das bicas e fontes naturais.

Em 1753 é nomeado um “oficial arruador” para disciplinar a abertura de logradouros públicos; assim, ninguém podia fazer obras, nem levantar muros, sem a assistência desse arruador. O Senado da Câmara cuidava, em 1758, de calçar as vias públicas. Em 1763 funcionava na rua de São Bento uma Casa da Ópera, mas irregularmente.

Essa cidade de tropeiros, quando visitada por Lacerda e Almeida, era governada por Bernardo José Maria de Lorena, que logo depois entregaria ao público a melhor estrada de tropeiros do Brasil, a calçada ligando São Bernardo a Cubatão, pavimentada com lajes de pedra e que passou à história com seu nome.

Foi alguns anos depois do censo de 1765 que se deu o desenvolvimento do bairro ou sítio da Luz, até então desocupado. Em 1774 dizia-se em uma ata da Câmara que era “uma rua de casas” em sua direção, servindo o sítio de local de recreação e de devoção para os moradores da cidade, que para ali concorriam, sobretudo aos sábados.

Os carros de boi, a Câmara estabelecia que não podiam entrar nem andar pelas ruas da cidade sem trazerem guias na frente, e conduzidos com cuidado para que não atropelassem pessoas nem desmanchassem as calçadas das ruas. Isso em 1783. E alguns anos depois, em 1791, o governador Lorena teve de estabelecer até os pontos em que eles deviam estacionar. O primeiro plano para a cidade de São Paulo, “um plano para guiar a cidade em seu crescimento”, foi feito a pedido do governador Bernardo de Lorena.

Até 1800, a configuração da cidade não mudou muito, a ocupação urbana era de ruas estreitas, com a implantação das residências no alinhamento lindeiro às vias. Segundo Nestor Goulart Reis Filho, a tipologia nesse período era de casas térreas, sendo que as mesmas só passaram a ter porões e recuos laterais para

²⁶ BRUNO, Ernani Silva. Idem

ventilação e iluminação posteriormente, devido às exigências sanitárias, decorrentes das epidemias que assolaram a cidade no século XIX.

A taipa continuava sendo a técnica de construção dominante, no começo do século XIX. As “Posturas” de 1820, publicadas nas *Atas de Câmara*, revelavam a preocupação de introduzir modificações no sistema de construção dominante em São Paulo.

Em 1809, foi estabelecido a “Décima Urbana”, o primeiro imposto predial estabelecido para as cidades brasileiras. Sobre a “Décima Urbana”, em particular a primeira “décima”, cobrada no ano de 1809, foi feita uma pesquisa pela historiadora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno²⁷, sobre o uso do solo, a tipologia, e a finalidade dos imóveis do começo do século XIX, sobre a planta base datável de 1841-1847, citada no capítulo anterior. Este trabalho resultou em três plantas:

- Na primeira planta está demonstrada a tipologia que apresentavam os imóveis na ocasião. Muitas casas térreas e timidamente alguns sobrados (IMAGENS 54 e 55: térreo – azul e sobrado - verde).

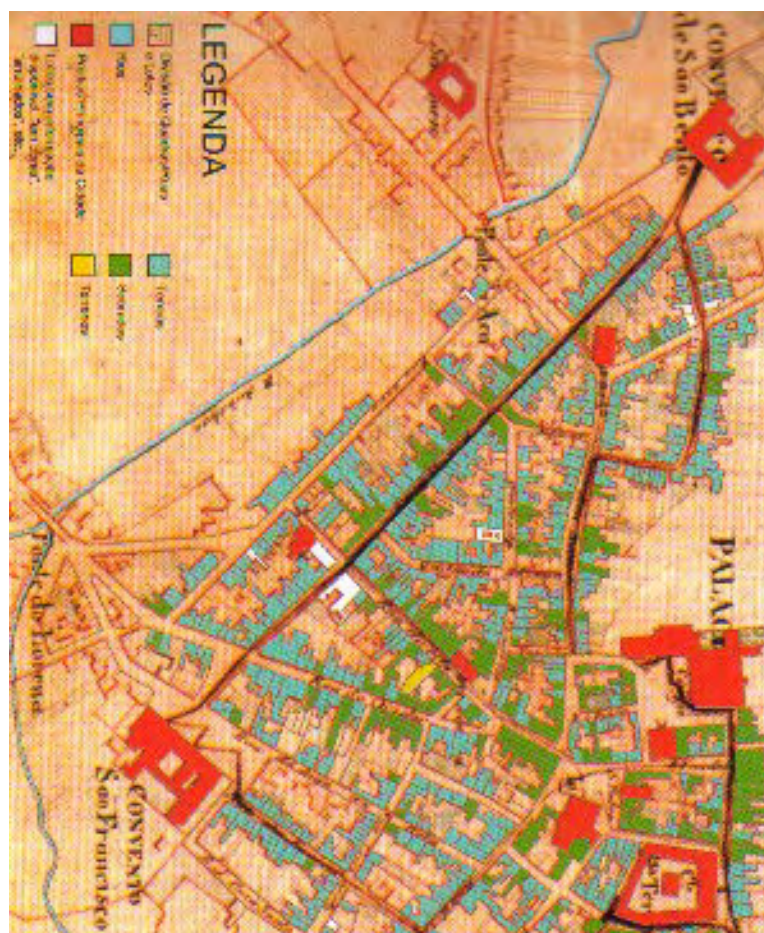
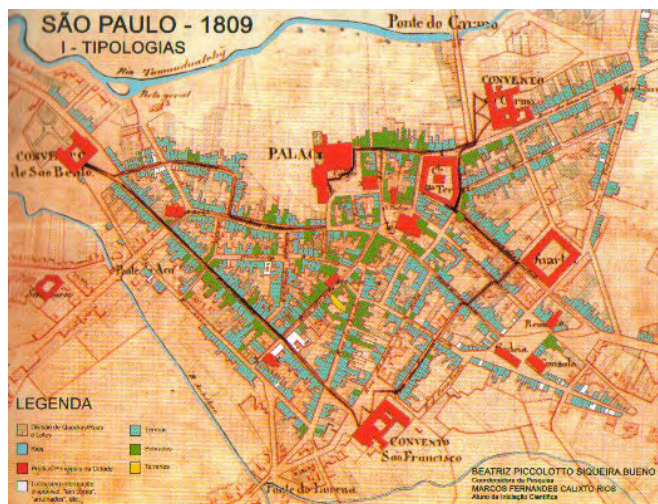
- A segunda planta demonstra qual é a finalidade dos imóveis: aluguel ou uso próprio. A divisão era praticamente meio a meio (IMAGENS 56 e 57: roxo e azul).

- A terceira planta é sobre o uso do solo. Observa-se o uso predominantemente residencial (IMAGENS: 58 e 59 – verde claro).

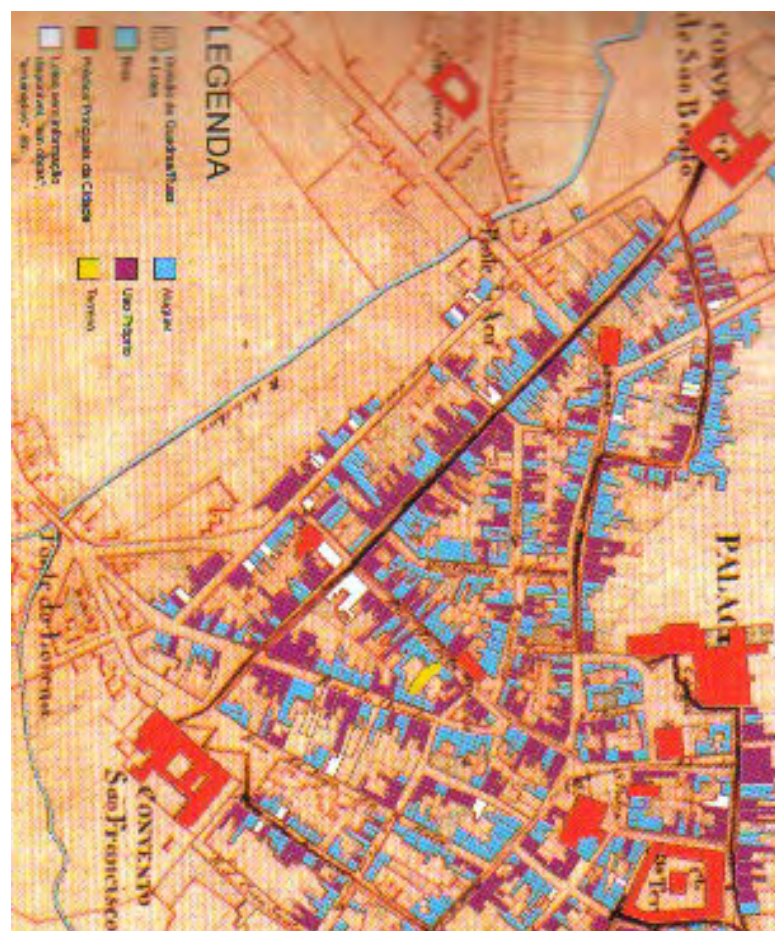
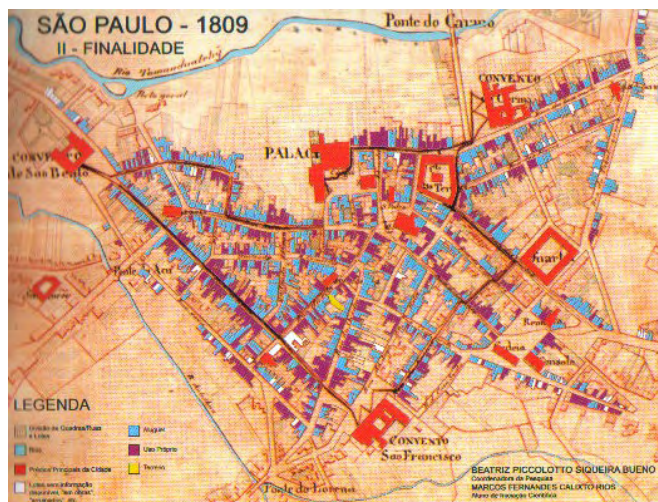
As imagens foram rotacionadas para seguir o Norte a 90^o, e pormenorizadas na área do fragmento em estudo.

²⁷ BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809*. p. 59 a 97.

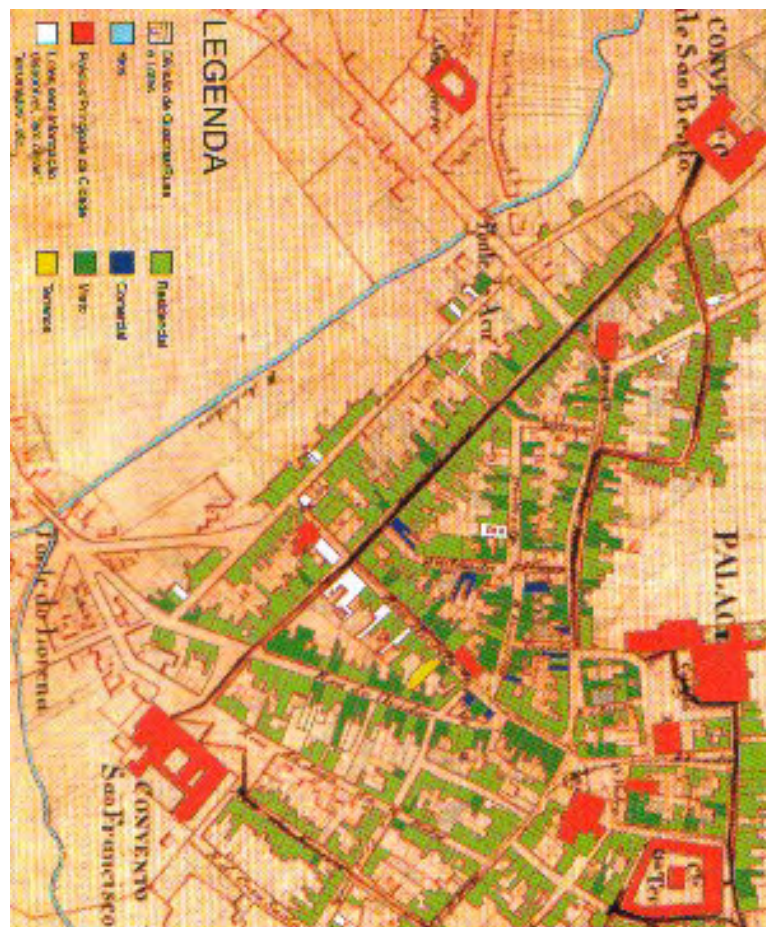
IMAGENS 54 e 55: Tipologias: térreo – azul; sobrado – verde; vermelho – principais prédios da cidade; amarelo – terrenos; e branco – lotes sem informações disponíveis, em “obras”, etc.



IMAGENS 56 e 57: Finalidade: roxo – uso próprio; azul – aluguel; vermelho – principais prédios da cidade;; amarelo – terrenos e branco – lotes sem informações disponíveis.



IMAGENS 58 e 59: Uso do solo: verde claro – residencial; marinho – comercial; verde escuro – misto; vermelho – principais prédios da cidade; amarelo – terrenos; e branco – lotes sem informações disponíveis.



O poder municipal, no começo do oitocentismo, achava que não deviam ser muito espaçosas as praças da cidade. Referindo-se ao Campo da Luz, em uma ata da Câmara, de 1811, falava “não ser conveniente ao bem público” dentro de uma cidade que para o futuro podia vir a crescer muito, que houvesse praças tão espaçosas, pois podiam causar danos à acomodação do povo e pela dificuldade de seu policiamento à noite: quem passasse por elas podia ser atacado facilmente na escuridão.

O primeiro Jardim Público da cidade só começou a ser aberto em fins do século XVIII. Ficou pronto e foi posto à disposição do público – o jardim da Luz – em 1825. Havia apenas sete largos e praças: o de São Bento (o velho largo do Mosteiro), o do Rosário (que no começo do século XIX era campo inculto), o de São Francisco (uma parte mínima que talvez sobrasse do quintal do convento franciscano) e o da Misericórdia; os chamados pátios da Sé e do Colégio, e o campo de São Gonçalo.

Dados estatísticos relativos ao ano de 1822 mencionavam, para a cidade, três boticários, quarenta e seis negociantes de “fazenda seca”, quarenta e cinco de “molhados” e dois de ferragens. Com os seus estabelecimentos, em maioria, localizados nas ruas do Rosário (onde havia vinte e três casas comerciais), Direita (com dezesseis), no Comércio (com vinte) e de São Bento (com nove)²⁸.

Quando se discutiu na Constituinte brasileira, de 1823, se a Universidade devia ser instalada no Rio ou na capital da província, o deputado Fernandes Pinheiro optou por São Paulo, alegando que havia nela abundância e barateza de todas as precisões. E o deputado Carvalho e Melo – depois Visconde da Cachoeira – fez ver que ela dispunha de víveres baratos e era muito abastecida de gêneros de primeira necessidade, escreveu Ernani Silva Bruno.

O Ato Adicional, de 1834, que organizou a província em termos de Brasil independente, apontava uma população de 330.000 habitantes no país. Em São Paulo, capital, até meados do século XVIII havia 4.000 habitantes, em 1810 habitavam 20.000, e em 1880 a população chegava a 40.000 habitantes, segundo estudo realizado em 1963 por Luis Saia²⁹.

²⁸ BRUNO, Ernani Silva. Idem p. 318 e 319

²⁹ SAIA, Luis. *Notas para teorização de São Paulo*. Revista Acrópole, 295/6, p.213, 1963.

Embora a taipa fosse um material duradouro, como reconheceu Kidder, em certas circunstâncias, parece que não resistia bem à ação das águas. Depois da enchente de 1850, G. Wyzewski dirigiu ao poder municipal um ofício sugerindo o modo por que deviam ser edificadas as casas, de maneira a se vencer “todo e qualquer contraste das águas pluviais”. Esse ofício dizia; que se tivesse mais cuidado na execução da taipa; que seu uso fosse reservado apenas para os muros dos cercados; e que, se fosse empregado em casas, estas deveriam ter alicerces de alvenaria com tijolos ou pedras que chegassem “até o terreno vivo, e feitos conforme os preceitos da arte;” finalmente se a casa fosse de sobrado, o pavimento térreo se construísse de tijolos ou de pedra e cal. Essa sugestão, visava a transformação dos métodos de construção e dos materiais usados tradicionalmente na cidade. Partia provavelmente de um estrangeiro. Em 1857, havia na cidade nove pequenas fábricas de telhas e de tijolos. Não se fazia uso de tijolos senão para ladrilhar, e a primeira grande fábrica, parece que foi inaugurada em 1859, no Bom Retiro. Quando da construção do grande edifício do Seminário Episcopal (de 1855 a 1860), não havia indústria de tijolos que pudesse fazer o fornecimento necessário. As paredes foram levantadas pelo sistema da taipa. Pelos mesmos motivos, ainda nesse tempo, eram feitas de taipa certas casas solarengas da cidade, com dimensões incomuns e ostentando requintes de ornamentação. Como a das irmãs Rendon, na travessa do Colégio (rua Anchieta), com suas sacadas de ferro forjado, e seus beirais com telhas vidradas. Outras já exibindo como apêndice as enormes geringonças de ferro, para a colocação dos primeiros lampiões de rua. Todas elas com seus beirais e suas goteiras pendentes, dando ao conjunto, no depoimento do reverendo Fletcher em 1855, “um pitoresco suíço”. Assim escreveu em *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, Ernani Silva Bruno, sobre a taipa como técnica construtiva existente na cidade, até por falta de outros materiais construtivos.

Um elemento considerado característico da arquitetura paulistana foi o muxarabiê como proteção de rótula sobreposta e apoiada ao balcão também de rótula. Nas suas notas sobre moradores antigos da cidade, Antônio Egídio Martins observa que era difícil falar de uma casa que não fosse “de janelas de rótula” ou “de sacadas de rótula” – janelas que uma postura proibia, já em 1855, que se abrisse para fora. Tanto nas casas térreas como de sobrado. Em 1854, havia um projeto para que se acabasse com as rótulas da cidade. Mas ainda em 1865, as rótulas eram numerosas em São Paulo, e esse foi um dos motivos pelos quais a cidade

nessa ocasião não agradou muito ao Visconde de Taunay. As rótulas iam-se fechando, escreveu ele “sucessivamente, com um bater tão característico, à medida que os transeuntes vinham se chegando para mais perto, e prestes se entreabriam depois da passagem, esguichando-se atrás delas as cabeças da curiosidade e do mexerico”.

Na segunda metade do século XVII, alguns logradouros da cidade passaram a ter uma rude pavimentação, e “covões” para onde deveria ser levado o lixo, antes arraigado por todos os cantos. A nomenclatura oficial das vias públicas era cogitada no começo do século XVIII, assim como a existência de um grande Jardim Público, embora afastado de sua área central. Foi, no entanto, a partir de meados do século XIX, que a rua e o largo paulistano se beneficiaram de uma porção de medidas mais amplas, do seu poder municipal, valorizando-os consideravelmente. Proibiu-se: que as casas tivessem canos que despejassem sujeiras para as vias públicas, ou rótulas de portas e janelas que se abrissem para fora; que houvesse moirões em certos largos ou ruas, onde se amarravam cavalos; que certos artífices trabalhassem ao ar livre, atravancando os passeios. Determinou-se que os muros fossem caiados e tivessem cobertura de telha. Criou-se um serviço de limpeza contando com carroças que recolhessem o lixo das casas pobres. Começaram a ser tomadas medidas, na Câmara, para que tivessem melhor traçado e melhor nivelamento os pequenos largos que vinham dos tempos coloniais. Para que se pavimentassem com macadame, pedras britadas e comprimidas, algumas ruas centrais, substituindo-se a antiga pavimentação feita de grandes pedras irregulares. Para que se arborizassem alguns largos e algumas ruas. E para que se iluminassem algumas ruas, ainda que pobremente, por meio de lampiões de azeite.

Um viajante americano observou que as ruas eram acanhadas e que deviam ter sido desenhadas sem obediência a qualquer plano geral. Evidentemente Kidder se referia ao conjunto da velha cidade, que vinha dos tempos coloniais com todas suas irregularidades. A respeito da largura das ruas paulistanas deve-se lembrar que Saint-Hilaire, que após Kidder publicou seu estudo sobre a província de São Paulo, escreveu:

“Kidder afirma que as ruas são estreitas. Spix e Martius afirmam que as mesmas são muito largas. Eu creio que a verdade está entre essas duas afirmativas”.

Em sua memória sobre a cidade de São Paulo Francisco Assis Vieira Bueno falou que o seu calçamento era péssimo, feito de pedras não aparelhadas e, além disso, de má qualidade para a sua aplicação pois eram de forma irregular e sem nenhuma resistência. A razão era não haver outra qualidade de pedra na vizinhança da cidade e faltarem estradas e meios de transporte para que fosse trazida pedra melhor de outras partes. Já era uma luta fazer com que os proprietários calçassem as frentes referentes às testadas de suas casas e terrenos nos lugares em que o leito da rua tinha sido pavimentado pela Câmara.

Ernani Silva Bruno reproduziu a opinião de dois poetas, Álvares de Azevedo que escrevia nas suas cartas enviadas para o Rio de Janeiro, de 1844 a 1850:

“... Esta vida tediosa da mal ladrilhada São Paulo ... é só andar pelas ruas dando topadas nas pedras ... o silêncio das ruas só e quebrado pelo ruído das bestas sapateando no ladrilho das ruas ... para poupar-nos o trabalho de andar quebrando os pés pelas “macias” calçadas de São Paulo”.

E Fagundes Varela em sátira intitulada “A terra da Promissão”, fez alusão desfavorável ao calçamento da cidade:

*“..... onde as beatas
Em sombrias mantilhas envolvidas,
Nas ruas mal calçadas se abalroam
De rosário na mão.....”*

Alguns anos depois foram aprovadas, pelo poder municipal, posturas que revelavam preocupações semelhantes em defesa dos direitos relacionados à rua. Ainda sobre as ruas paulistanas em meados do oitocentismo é interessante também o depoimento do reverendo Fletcher, embora semelhante ao de Kidder: vias públicas pavimentadas com um conglomerado ferruginoso muito parecido com o velho arenito vermelho, aproximando-se da “breccia”. Ruas estreitas e não delineadas de acordo com qualquer sistema ou plano geral.

A municipalidade, em 1865, alterava as denominações de muitas ruas, ladeiras, travessas, becos: a ladeira do Bexiga recebeu o nome de Santo Amaro; a ladeira de Santo Antônio, Dr. Falcão; a Ponde do Acu, São João; a rua de Santo

Estevão, Aurora; a rua Bela, dos Timbiras; a rua do Meio – Amador Bueno; a rua de Baixo, 25 de Março.

Da mesma forma que as ruas, também os largos se valorizaram nessa fase da história da cidade. Em 1828 a cidade possuía, além dos pátios e das praças que vinham dos tempos coloniais – e alguns mesmos da era mais primitiva da povoação – como o da Sé, o do Colégio, o de São Bento, o do Rosário, o do Carmo, o de São Gonçalo e o da Misericórdia, os que passaram à categoria de logradouros urbanos possivelmente no começo do século XIX, como os dos Curros (depois largo Sete de Abril e mais tarde Praça da República), o do Arouche e o do Zunega (Paissandu) e uma pequena parte dos que seriam depois largos de São Francisco e do Pelourinho (Sete de Setembro, incorporado recentemente à Praça João Mendes). O largo de São Francisco passou a existir de fato desde quando se estabeleceu na cidade o Curso Jurídico.

Cogitava-se, em 1846, mandar levantar uma planta topográfica, com todas as pontes, propriedades e cercados, ruas, aguadas, brejos, alagadiços, pedreiras, caminhos, quintais, chácaras a fim de que, com base nesse trabalho da Câmara, se pudesse mandar demarcar arruamentos e praças.

Por volta de 1855, cuidou-se de ampliar e melhorar o largo de São Bento, então triste e nu, escreveu Dona Maria Pais de Barros, com ervas daninhas vicejando pelo chão, e sendo às vezes capinado por escravos de particulares. Em 1857 pedia-se ao Abade de São Bento que, por ocasião da reedificação do muro do quintal do convento, ele fosse recuado para que a praça ficasse mais ampla.

Segundo o *Almanaque* de 1857, as cinqüenta lojas de fazendas existentes na cidade, ficavam quase todas nas ruas de São Bento, de Santa Teresa e no largo da Sé. Uma loja ou outra ainda no Piques, no largo São Francisco, na rua do Príncipe e na rua Alegre.

As velas parecem que eram em geral fabricadas por mulheres, pois sabe-se que, em meados do século XIX, funcionavam as indústrias de velas de sebo de Manurla do Nascimento, ao lado da ponte do Piques, e a de Ana Joaquina da Cruz, na rua de São Bento. Entretanto, no ano de 1855 a Câmara tomava medidas contra o funcionamento dessas fábricas em locais impróprios, determinando que os depósitos de sebo e coisas semelhantes dessas indústrias, só fossem lançados em lugares para isso designados.

A Câmara, em 1869, aprovava indicação importante relativa à arborização dos largos principais e de uma rua da cidade. "Sendo um embelezamento adotado hoje em quase todas as cidades, a arborização das praças, largos e ruas espaçosas, concorrendo também para a salubridade pública", dizia-se em uma ata desse ano. Foi proposto que se plantassem árvores nos largos do Carmo, do Palácio, de São Bento, de São Francisco, e rua do Rosário (Quinze de Novembro) entre Boa Vista e travessa da Quitanda. Árvores de boa qualidade, plantadas com intervalos não menores a vinte palmos (440 cm). Foi no período de 1828 a 1872 que essas ruas e esses largos paulistanos tiveram os seus primeiros ensaios de iluminação. O único jardim público que houve nessa fase da existência da cidade foi o Jardim da Luz.

O viajante Hadfield, passando em 1870 por São Paulo, que conhecera dois anos antes, achou a cidade e suas ruas notavelmente limpas.

Como observou Richard N. Morse³⁰, *"O próprio conceito de ambiente urbano estava se modificando comparando dois regulamentos, o de 1856 e o de 1873, que definiam os limites dentro dos quais devia ser cobrado o imposto predial urbano. O primeiro, de 1856, representava a cidade se confundindo ainda com o campo, se estendendo às chácaras de Joaquim Sertório, na Móoca, e de Hermenegildo José dos Santos, na Consolação, e ao vale do Tamanduateí. O segundo, de 1873, baseava essa delimitação em uma abstração moderna, falando da cidade como algo perfeitamente distinto do campo, encerrada em limites impessoais"*.

Muitos bairros da cidade, como notou Caio Prado Junior, nasceram ao acaso, sem plano de conjunto, fruto de especulações com terrenos. Bairros desarticulados e desordenadamente distribuídos, não havendo ligação entre si e nem fazendo corpo com a cidade "dentro de um sistema lógico e de conjunto".

A taipa de pilão passa a ser substituída, como material de construção, pelo tijolo e cal. No final do século XIX, e começo do XX, a arquitetura eclética passa a predominar em São Paulo. Em 1872, a cidade recebe o novo meio de condução, o bonde puxado por animais, característico das grandes cidades do século XIX. Não apenas nos caminhos e nos arredores da cidade, como nas ruas centrais, além de tálburis trafegavam carroças.

³⁰ MORSE, Richard. In BRUNO, Ernani Silva. Idem p. 907

Benedito Lima de Toledo³¹ escreve sobre algumas obras desse período como: o Mercado Municipal, edificado em 1860, no sopé do morro do Palácio, a rua chamava-se Rua Baixa de São Bento e, desde 1865, Rua 25 de Março. Na Igreja de São Bento tinha início a Rua da Figueira de São Bento, nivelada e calçada em 1881, no governo de Florêncio de Abreu, de quem, posteriormente, tomou o nome. A ponte do Carmo, 1870, projetada por Daniel Pedro Muller, autor do obelisco e chafariz da Memória, tinha grande importância por ser saída para o Rio de Janeiro. Ligava a Ladeira do Carmo ao aterrado do Brás (hoje Avenida Rangel Pestana).

O burgo de estudantes passou por mudanças a partir da implantação das ferrovias. Vários hotéis, segundo a pesquisa de Heloísa Barbuy³², foram abertos nas ruas do Triângulo, na rua São Bento havia o Hotel França (esquina com a rua Direita), o Grande Hotel, o Hotel da Paz, o Hotel Provenceau, o Maragliano e o Hotel do Oeste (numa casinha térrea de aspecto colonial com lampião na parede – IMAGEM 81, os dois últimos no Largo São Bento. Muitos moradores não tinham água em seus prédios e mantinham o hábito de se abastecer nos chafarizes públicos ou em fontes naturais. Deste modo as casas de banho ainda eram necessárias, como a “Sereia Paulista”, ou “Banhos da Sereia”, instalada no Largo de São Bento. Comércio de máquinas, como a Frederico Chulze & Cia também se instalou na rua São Bento. Havia também algumas livrarias como a Casa Eclética, e a Livraria Paulista, na rua São Bento.

A expansão econômica alcançada com a produção do café, potencializada pelas realizações do presidente da província, João Teodoro Xavier, no período compreendido entre 1872 e 1875, propiciou várias obras, criando condições para a expansão urbana.

As obras foram realizadas no entorno do tradicional “triângulo”, formado pelas ruas São Bento, rua Direita e rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro), são elas: abertura das ruas Helvetia, João Teodoro, Sete de Abril, Conde d’Eu (atual rua do Glicério) e do Hospício (atual Frederico Alvarenga); melhorias na rua do Gasômetro e na rua do Pari (atual rua Monsenhor Andrade); alargamento da ladeira do Mercado (atual rua General Carneiro); regularização do Largo do Curros (atual Praça de

³¹ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo. Três cidades em um século*. p. 44 e 48.

³² BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*.

República); remodelação do Jardim da Luz; e a implantação do Jardim na Várzea do Carmo (“Ilha dos Amores”)³³.

A iniciativa privada também investiu na expansão da cidade, porém no rumo Noroeste ao “triângulo”, como o loteamento de áreas como Santa Ifigênia, Morro do Chá, Campos Elísios, Santa Cecília e Vila Buarque.

As transformações socio-econômicas e tecnológicas pelas quais passaria a sociedade brasileira durante a segunda metade do século XIX iriam provocar o desprestígio dos velhos hábitos de construir e habitar, escreveu Nestor Goulart Reis Filho. O acúmulo de capital, consequência das exportações do café, possibilitou a modernização dos transportes, como a implantação de ferrovias e linhas de navegação nos rios interiores. Surgiram novos bancos e indústrias, voltadas para suprir necessidades da própria exportação do café, como exemplo, a sacaria para embalar o produto.

As primeiras transformações verificadas nas residências foram observadas nas soluções de implantação, libertando as construções dos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o freqüentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas em um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo.

As residências maiores eram enriquecidas com um jardim do lado. Esta novidade, que vinha introduzir um elemento paisagístico na arquitetura residencial, oferecia amplas possibilidades de arejamento e iluminação, até então desconhecidas nas tradições construtivas do Brasil. Tais transformações trouxeram evidentes vantagens higiênicas. As chácaras, na periferia, sofriam as transformações dos tempos, seus terrenos eram mais reduzidos e sua arquitetura cada vez mais assumia características urbanas.

A essas transformações no campo da arquitetura correspondiam modificações significativas nos equipamentos da cidade. Transpondo uma etapa de aperfeiçoamento tecnológico, a cidade equipava-se com redes de esgotos, de abastecimento de água, iluminação e de transportes coletivos.

O primeiro código data de 1875, “Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial Cidade de São Paulo”. Ficou conhecido como *Código de Posturas de 1875*, e passou a não permitir construções de ranchos cobertos de sapé, capim ou palha,

³³ CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*.

casas de meia-água dentro da cidade e sótãos de cumieira para frente. Esse código também determinava a pintura ou calçamento das frentes, oitões e fundos dos prédios, dos muros que deitavam para as ruas e particularmente dos fundos dos edifícios que davam para a Várzea do Carmo. Regulava a altura dos edifícios e seus pavimentos, dimensões exteriores das portas e janelas, prometendo estabelecer um padrão. Sabe-se que no anterior havia sido aprovada pela Câmara uma indicação segundo a qual as casas térreas edificadas de então e diante não podiam ter menos de quatro metros e quarenta da soleira ao telhado e as assobradadas três metros e noventa e seis no térreo. As portas, 2.75 de altura e 1.30 de largura. As janelas respectivamente 1.80 e 1.10. Essa preocupação do poder municipal em relação a condições melhores de construção e de aparência para as edificações urbanas ocorreu em um tempo de elevação muito grande do índice de construções. Segundo Paulo Rangel Pestana, e de acordo com as estatísticas de cobrança do imposto predial, haviam sido contados em 1834 – 1.708 prédios, em 1843 – 1.840 e em 1875 – 2.992. Progressão que resultava indiretamente do desenvolvimento de novas zonas da província em conseqüência do surto de café e das primeiras ligações ferroviárias de São Paulo com alguns pontos do interior.

A falência do Banco Mauá & Cia, em 1875, causou pânico na Bolsa da Cidade de São Paulo, pois quase todas as pessoas de recursos da cidade tinham depositado as suas economias naquele banco. O receio de guardar dinheiro em casa bancária fez com que a aplicação se transformasse em edificação de casas numerosas por todos os bairros.

Preocupações urbanísticas e de melhoramentos dos leitos das ruas se refletiram no Código de Posturas de 1875. Determinava-se nele que todas as ruas ou travessas que de então por diante se abrissem na cidade, ou mesmo em outras povoações do município de São Paulo, tivessem a largura de 13,22 metros, salvo quando não fosse possível lhes dar essa dimensão por obstáculos invencíveis. E impunha o calçamento nas frentes das respectivas testadas das casas com pedra de cantaria lavrada. Talvez em parte como conseqüência dessas disposições, em fins do século XIX já era possível distinguir perfeitamente a parte antiga da cidade e sua parte nova. O calçamento das ruas foi feito de “paralelepípedos”.

O Código de Posturas de 1875 passou por revisão e foi reeditado em 1886. A pesquisa realizada por Heloísa Barbuy³⁴ sobre o comércio nas ruas do *triângulo* na virada do século XIX para o XX, apresenta um trecho do código após a revisão:

O artigo 11, que tratava da altura dos edifícios e dos seus diferentes pavimentos, assim como as dimensões exteriores das portas e janelas que se abriam, foram reguladas pelo seguinte padrão:

- Para o 1º. pavimento terá 5 m (sem contar a soleira).
- Para o 2º. pavimento terá 4,88 m.
- Para o 3º. pavimento terá 4,56 m.
- Ao todo 14,44 m.

Estas alturas eram as mínimas e podiam variar para um edifício de 3 pavimentos até 17 m de altura total.

As janelas tinham 2,20 m sobre 1,10 m de largura, sem contar as ombreiras, vergas e peitorais, e as vergas das portas deviam acompanhar o nível das janelas. O soalho do 1º. pavimento deveria ficar pelo menos 0,50 m superior ao terreno. Os infratores, donos das obras incorreriam nas multas de \$ 30, além de serem obrigados a demolí-las, e os mestres dirigentes sofreriam 8 dias de prisão.

E conforme o texto definidor do padrão municipal, as novas construções e reconstruções, que daquele momento em diante se fizessem, deveriam observar as seguintes prescrições:

As casas térreas teriam 5 metros de altura mínima contados da soleira à grande cornija de coroamento, e as paredes da frente, 30 centímetros de espessura. Os edifícios de maior número de pavimentos deveriam seguir os limites:

- 1º. pavimento 5,00 m;
- 2º. pavimento 4,80 m;
- 3º. pavimento 4,50 m.

As paredes das frentes deveriam ter 15 centímetros de acréscimo na espessura, para cada pavimento, sendo as do 1º. pavimento com maior espessura. Eram admitidos os pavimentos em sobreloja com o limite mínimo de 2,50 m de altura contados do soalho ao forro. São também permitidos os tetos à *la mansard* e suas aberturas peculiares.

³⁴ Idem p. 52 – 54.

Concluindo, no período determinado para esse trabalho, por volta de 35 alterações de fachada ou reconstruções foram realizadas na rua de São Bento, algumas delas precedendo as demolições e as reconstruções totais dos respectivos edifícios que viriam a acontecer num curto espaço de tempo. Não era exigido desenho para essas obras de menor porte. Essas obras transformaram a aparência da cidade, novos estilos ou adornos da modernidade recobriam os imóveis.

A técnica construtiva da taipa de pilão estava com seus dias contados, conforme artigo 27 que na revisão passou a 32, determinava demolir os imóveis em taipa, sem soluções intermediárias como as consolidações destas paredes. Foi a primeira reconstrução da cidade.

Nesta ocasião, o litógrafo francês Jules Martin (1832 – 1907), radicado em São Paulo, com sua vitrine à rua da Figueira de São Bento (atual rua Florêncio de Abreu), deixa exposta a litografia de uma ponte destinada a unir o *Triângulo* à “Cidade Nova”, ou seja, um prolongamento da Rua Direita até à Rua Barão de Itapetininga.

O projeto (uma litografia) para uma ponte foi deferido pela Assembléia Provincial, em 1880. Porém esta via pressupunha a desapropriação e demolição de um pedaço do casarão do Barão de Tatuí, na rua Líbero Badaró.

Depois de muita polêmica e disputa judicial para a demolição do pedaço do prédio do Barão de Tatuí, a estrutura metálica do Viaduto do Chá, finalmente desembarca em Santos, tendo sido fabricada na Alemanha. O viaduto media 14 metros de largura, e 240 metros de comprimento, dos quais 180 de estrutura metálica, e 60 metros em aterro sobre a várzea como extensão da rua Barão de Itapetininga.

A parte metálica do viaduto foi feita em Duisburg na Alemanha, pela fábrica Harkot. Em cada um dos seus extremos, ficava um guarda com o relógio registrador marcando o número de pessoas, que passavam pela roda giratória e que tinham de pagar três vinténs. A entrada se fazia pela calçada do lado direito, e a saída pelo lado esquerdo. No centro havia um grande portão que era aberto de manhã e fechado à noite.

Na presença de Bernardino de Campos, presidente do estado, o viaduto do Chá foi inaugurado dia 6 de novembro de 1892. Sendo o precursor da era dos viadutos que se iniciava.



IMAGEM 60: Litografia feita por Jules Martin sobre a desapropriação e demolição da casa do Barão de Tatuí.³⁵

Os 550 lampiões do começo da iluminação a gás foram se multiplicando: passaram logo a 700 e em 1882 já eram mais de 900. De ferro, pequenos, elegantes, ajudaram a modernizar as feições das ruas. Todavia fotografias da cidade nos últimos anos da monarquia mostram que na época ainda havia combustores pendurados nas paredes: na casinha térrea do Largo São Bento, onde ficava o Hotel do Oeste (IMAGEM 181). Ou fincados em cima dos próprios chafarizes, como se pode ver em uma gravura reproduzindo o Largo do Rosário em 1885.

Em 1888, os donos de casas das ruas da Imperatriz, e de São Bento e do Largo do Rosário iluminaram pelo sistema a gás esses três logradouros públicos. A Companhia Canadense Light estabeleceu-se em São Paulo, no ano de 1900 e Alexandre Mackenzie era o diretor.

³⁵ SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole*. p. 22

O comércio paulista intensificou-se após a proclamação da República. Muitos comerciantes do interior, especialmente de Campinas, que foi assolada pela febre amarela, transferiram seus estabelecimentos para a capital. Comércio de produtos europeus e orientais, como móveis, cristais, tapetes, ornamentos de luxo, mas nada que se pudesse comparar com as “Grand Magazins” do Rio de Janeiro, observou Raffard.

Em 1895, São Paulo era uma cidade essencialmente cosmopolita: em números redondos, de seus 130 mil habitantes, 71 mil eram estrangeiros e apenas 59 mil eram brasileiros.

Quando a administração municipal estava organizada em “Intendências”, a Intendência de Obras na cidade de São Paulo permaneceu ativa no período de 1892 a 1898. O engenheiro Gomes Cardim, quando intendente, recebeu algumas atribuições referentes à execução de obras municipais; o levantamento da planta cadastral do município; concessão de alinhamentos e aprovação de plantas e projetos de edificação em geral. Conforme as leis municipais: n. 231 de 15 de abril de 1896; n. 237 e n. 239 de 07 de maio de 1896.

A Câmara criou, em 1896, a Comissão Técnica de Melhoramentos, visando elaborar um “plano ou projeto geral para a cidade”, que orientasse as intervenções públicas e o crescimento urbano. Esta Comissão, junto com a intendência de Gomes Cardim, elaborou um Plano Viário, baseado numa grande via perimetral formada pelas vias: Avenida Paulista, recém inaugurada, as Avenidas Circular e Itatiaia, futura Avenida Angélica, a rua de São João, depois de alargada Avenida São João, Vergueiro e da Liberdade, já existentes. Outra proposta foi sobre os alargamentos no triângulo tradicional, especialmente a rua XV de novembro, principal rua comercial da época na cidade. Tais iniciativas não chegaram a se realizar naquela ocasião.

O cargo de prefeito foi criado pela Câmara em 1898, e o primeiro prefeito da cidade de São Paulo foi Antônio da Silva Prado. Em 1899, a Intendência de Obras transformou-se em Seção de Obras e em seguida em Diretoria de Obras, contando com oito engenheiros sendo um o diretor, Vítor Freire, outro o vice-diretor, Eugênio Guilhem e um auxiliar, estudante da Escola Politécnica, Arthur Sabóia. O engenheiro Vítor Freire exerceu o cargo de Diretor de obras de 1899 a 1926, período que

atravessou nove mandatos e cinco prefeitos. Pode ser que esta seja a razão da existência do traço comum nas administrações municipais nesse período.

Os cinco prefeitos citados foram: Antônio Prado, que governou de 1899 a janeiro de 1911, nomeado pela Câmara por quatro mandatos; Raimundo Duprat, de 1911 a janeiro de 1914; Washington Luís, nomeado no primeiro e eleito no segundo mandato, administrando de 1914 a 1919; Firminiano de Moraes Pinto, eleito por dois mandatos de 1920 a 1926. Na gestão do engenheiro José Pires do Rio, 1926 a 1930, o engenheiro Vítor Freire se aposentou na Prefeitura.

Na gestão do prefeito Antônio Prado a prefeitura já não tinha muitos recursos para grandes obras. Desta maneira, os primeiros projetos foram de cunho paisagístico como a remodelação do Jardim da Luz, urbanização e arborização da avenida Tiradentes, o ajardinamento da praça da República (1902 – 1905), remodelação do Largo do Arouche, melhoria nas margens do Tamanduateí, na várzea do Carmo com o plantio de grama e árvores; e o jardim do Museu do Ipiranga.

O centro da cidade também iria passar por transformações como a rua comercial Quinze de Novembro, que a partir de 1901 foi alargada. As ruas Direita, da Quitanda, do Comércio (atual Álvares Penteado) e Quintino Bocaiúva iriam ser realinhadas.

Em 1904 apresentou-se à câmara um projeto para a construção de outro viaduto que ligasse os largos de Santa Ifigênia e de São Bento, desafogando o tráfego da rua de São João. A concorrência para sua construção foi aberta quatro anos depois e vencida pelo engenheiro italiano Julio Michetti, iniciando-se as obras em 1910. Com 225 metros de comprimento e três arcos, construiu-se então o Viaduto de Santa Ifigênia, que é o ainda existente, apenas com algum alargamento nas extremidades. As peças chegaram já montadas da Bélgica, onde foram construídas. Vieram até perfuradas e acertadas, e aqui apenas se rebitaram. Ficou concluído em 1913. Na mesma época, dentro do plano de transformação do centro da cidade estabelecido pelo arquiteto Bouvard, estava incluído o viaduto ligando o Pátio do Colégio à rua Boa Vista: o Viaduto Boa Vista.

O Largo São Bento foi retificado com a linha do bonde elétrico. O Viaduto do Chá teve obras no piso para adequar-se aos novos trilhos dos bondes elétricos. E a abertura da rua Cristóvão Colombo, atrás do Convento de São Francisco. Na área da Praça da Sé, com a intervenção do estado, foram realizadas medidas

saneadoras. A demolição de dois quarteirões, e a partir de 1910 foram demolidas as antigas igrejas da Sé e de São Pedro, para a reconstrução da nova catedral, em estilo eclético.

Também na administração de Antonio Prado foi ampliado e regularizado o Largo do Rosário, já citado no capítulo 3. O antigo Largo então reurbanizado, com a tradicional Ilha dos Prontos, foi batizado de Praça Antonio Prado.

Esta praça passou a ser durante alguns anos o coração da cidade. Em cujas esquinas e confeitarias reuniam-se os rapazes elegantes da cidade, como refere o álbum publicado por Jules Martin em 1905. Era por onde passavam todas as linhas de bondes. Ainda em 1912, em livro fixando cenas da vida paulistana, José Agudo escrevia:

“Os passeios laterais e a tradicional Ilha dos Prontos, no centro, estavam literalmente obstruídos de gente. Uns esperavam seus bondes, outros esperavam a possibilidade aleatória de um convite para o vermute ou a farmácia, e alguns não esperavam nada, mas matavam o tempo em ver o que nada tinha de vistoso”.

Nesta mesma ocasião entre os empreendimentos previstos no plano Bouvard, de transformação do centro paulistano, incluía-se a formação de uma praça entre a rua Líbero Badaró e Direita: a Praça do Patriarca.

A arquitetura teve transformações decorrentes da mecanização do transporte vertical e horizontal, garantindo as bases para um amplo desenvolvimento. É a época dos arranha-céus, com a verticalização do crescimento urbano nas áreas centrais das grandes cidades e também da multiplicação, na periferia, dos grandes bairros proletários para a acomodação das classes menos favorecidas. Surgiriam ainda os bairros-jardim, para as classes mais abastadas, com os edifícios afastados obrigatoriamente dos limites dos lotes.

Estudando a pesquisa de Heloisa Barbuy, (IMAGEM 61), sobre o comércio em São Paulo na passagem do século XIX para o XX, georeferenciada na planta de 1911, nota-se a mudança de uso do solo no triângulo, em particular ao longo da rua São Bento. Esta passa a ter vários hotéis, como o Hotel de França no número 49-51 da frente para a rua Direita, o Sportsman no 30 – 34A, o Grande Hotel nos números 46 e 49; o Grande Hotel Paulista, Hotel d’Oeste, Hotel Rebecchino, nos números 90, 92 e 97 respectivamente sendo ambos para o Largo São Bento. A Botica Veado

d'Ouro no número 40, o banco São Paulo no número 53, alguns restaurantes e cafés, como o Café Brandão no número 67, joalherias como a Casa Fretin no número 20, casas de ferragens e outros armazéns, artigos orientais, ervas, plantas e vestuário.

Existiram também os tradicionais pontos de parada para interromper o cansaço das compras pelas ruas do *triângulo*, como a Leitaria Pereira e a Leitaria Campo Bello, falaremos mais sobre estas no capítulo 7.

Nesta planta, imagem 61, não se vêem ainda as intervenções urbanísticas. Mas comparando-a com a planta de 1841-7, utilizada na pesquisa de Beatriz Bueno sobre a “Décima Urbana”, podemos constatar a mudança no uso do solo, e no número de pavimentos dos imóveis. As transformações urbanísticas citadas poderão ser lidas na planta de 1930, realizada pela SARA Brasil S. A.

Como observou Maria Cecília Naclério Homem³⁶: “O centro perdera a função residencial desde os fins do século XIX e os velhos sobrados, onde residiam as antigas famílias paulistas de comerciantes e fazendeiros, transformaram-se em casas comerciais ou cederam lugar a novas construções. Ali se aglomeravam também os cafés, restaurantes, hotéis, teatros e cineteatros, além das antigas igrejas, do Palácio do Governo e da Velha Academia de Direito”.

³⁶ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O prédio Martinelli, a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. p. 27



IMAGEM 61: Planta desenhada sobre a cópia da *Planta da Cidade de São Paulo*, 1893, população 130.775 habitantes. Escala 1: 2000. Folha da Sé ¼. Assinada pelo Engenheiro Civil Antonio Manuel Bueno de Andrade em 17 de maio de 1893, e copiada pelo Engenheiro V. Huet de Bacellar. O original pertence à coleção particular de Benedito Lima de Toledo. Os principais estabelecimentos comerciais citados por Heloisa Barbuy³⁷ estão destacados de laranja.

³⁷ BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. ANEXO 1. p. 256 e 257.

Na metrópole do Café, em junho de 1910 o vereador Augusto Carlos da Silva Telles apresenta propostas para intervenções nas ruas: Formosa, Líbero Badaró e Dr. Falcão.

No período de novembro de 1910 a janeiro de 1911, três projetos foram elaborados para melhoramento da cidade de São Paulo. O primeiro foi o projeto denominado “As Três Grandes Avenidas”, de autoria do arquiteto Alexandre de Albuquerque, professor da Escola Politécnica. Apresentado ao Congresso Legislativo do Estado por um grupo que requeria licença para a construção de três amplas avenidas, com todos os melhoramentos da época. Não intervia no “*Triângulo*” tradicional.

O segundo era o Projeto Freire-Guilhem, da Prefeitura Municipal, mandado fazer pelo então Prefeito Antônio Prado, de autoria dos engenheiros Victor da Silva Freire e Eugenio Guilhem. E por iniciativa da Secretaria da Agricultura do Governo do Estado é elaborado um terceiro projeto, feito por Samuel das Neves. Todos os projetos tinham em comum criar grandes avenidas e bulevares nos moldes das grandes cidades européias.

O prefeito Raymundo Duprat assume a administração da cidade em janeiro de 1911 e encontrando essa agitação. Resolveu convidar o arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard, que estava em Buenos Aires, para apreciar as propostas em pauta. Esta visita resultou num relatório em que enumerava sete indicações e um conjunto de recomendações, que ficou conhecido como Plano Bouvard e foi causa de muita polêmica na época. O arquiteto Hugo Segawa³⁸ elencou as sete indicações:

1. *“Planta geral da cidade, com indicações propostas no presente e para o futuro”;*
2. *“Planta de conjunto das modificações previstas no centro da cidade”;*
3. *“Projeto de prolongamento da rua D. José de Barros, de maneira a formar uma artéria de grande circulação e uma entrada condigna no centro, partindo da situação atual das estações ferroviárias”;*

³⁸ SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole*. p. 93.

4. *“Planta das alterações a realizar na parte da cidade compreendida entre as ruas Líbero Badaró e Formosa” (isto é, a proposta de um parque no Vale do Anhangabaú);*
5. *“Variante da mesma, considerando a possibilidade da construção de dois corpos de edificação simétricos e de estilo adequado, na orla do parque”;*
6. *“Projeto de um parque, a ser criado na Várzea do Carmo”;*
7. *“Variante do mesmo, tendo em vista a alienação de uma parte dos terrenos”.*

A cidade pós-liberal de que nos fala Leonardo Benevolo: “Uma série de circunstâncias favoráveis – amplos poderes do Imperador Napoleão III, a capacidade do prefeito Haussmann, o alto nível dos técnicos, a existência de leis muito progressistas – a da expropriação de 1840 e a sanitária de 1850 – permitiram realizar um programa urbanístico coerente em um período de tempo bastante curto; desta forma a nova Paris põe em evidência o êxito da gestão pós-liberal e se converte em um modelo reconhecido por todas as demais cidades do mundo de meados do século XIX em diante”. O plano Bouvard, pelo seu caráter “arrasador” para abertura de avenidas compara o barão Haussmann ao Barão Duprat, observou Benedito Lima de Toledo³⁹. O alargamento da avenida São João foi a obra de impacto na ocasião.

O concreto armado, como técnica construtiva inovadora, permitiu avanços nas construções, mudando a paisagem de São Paulo. Como exemplo que rompeu com a horizontalidade da cidade, abrindo caminho para os arranha-céus do século XX, podemos destacar o Edifício Martinelli, com 30 andares e altura de 105 à 130 metros, construído de 1925 a 1929. Este edifício tem frente para três ruas: rua São Bento, avenida São João e rua Libero Badaró. Na ocasião de sua construção foi um arrojo tecnológico e polêmico ao romper com a normativa.

³⁹ TOLEDO, Benedito Lima de. *Anhangabaú*. p. 128.

Um Código de Obras é organizado em 1929, por Sylvio Cabral Noronha e Arthur Saboya, que deu nome a este. Era a Lei municipal n. 3427, de 19 de novembro de 1929. O Ato n. 663, de 10 de agosto de 1934, consolidou o Código de Obras Arthur Saboya. O Decreto Lei n. 92, de 2 de maio de 1941, dispunha sobre regulamentação especial para construção na zona central, alterando o perímetro desta, anteriormente estabelecido pelo Código Arthur Saboya.

O artigo 1º delimitou o novo perímetro a zona central (IMAGEM 62):

“Começa no entroncamento da Avenida Rangel Pestana com a avenida Exterior do Parque Dom Pedro II; segue por esta avenida até seu encontro com a avenida do Estado; por esta e pelas ruas Mercúrio, Anhangabaú, Florêncio de Abreu, Mauá, Duque de Caxias, e Maria Teresa, Largo e rua Arouche, até encontrar a Praça da República, de frente à direita, seguindo até encontrar o prolongamento da rua São Luis na esquina da rua Araújo; segue pelo referido prolongamento, pela rua São Luis, e prolongamento em direção ao projetado viaduto Jacareí; pelo viaduto referido e rua Maria Paula, tendo passado pelo prolongamento desta entre as ruas Santo Amaro e Genebra; segue pela nova via que está sendo aberta entre a avenida Brigadeiro Luis Antônio e Praça João Mendes; depois pelas ruas Rodrigo Silva e Livre, Largo 7 de Setembro, ruas Irmã Simpliciana, Anita Garibaldi e avenida Rangel Pestana até atingir o ponto inicial.”

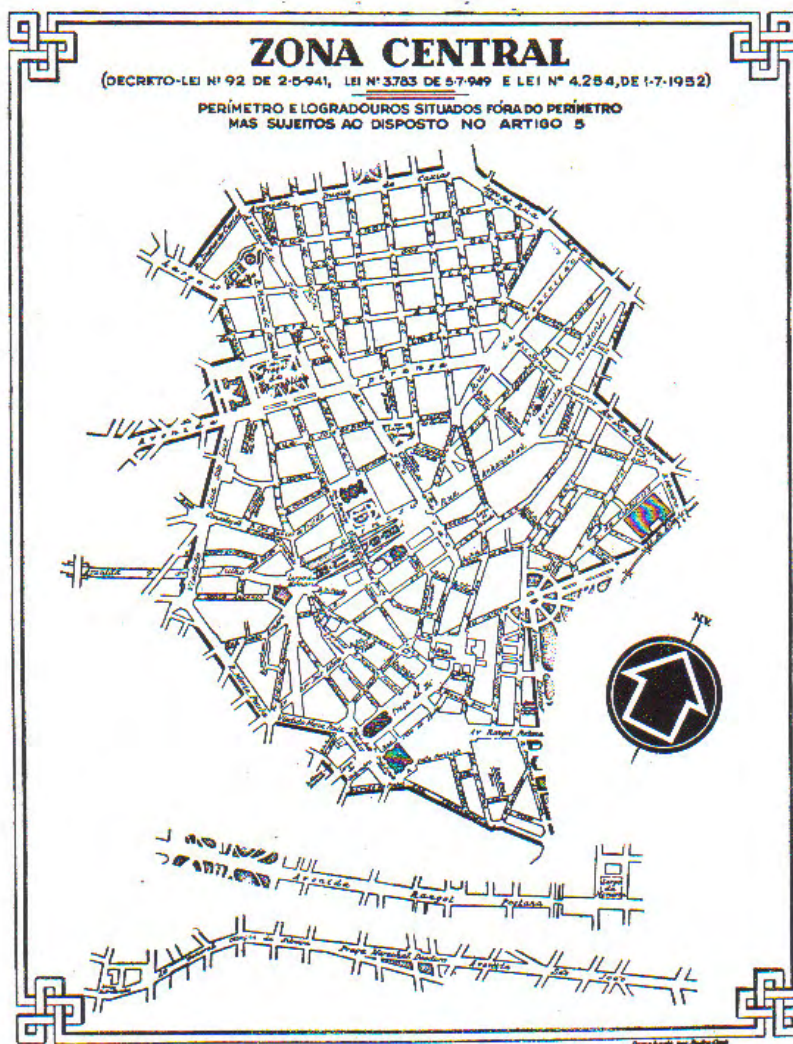


IMAGEM 62: Planta da Zona Central, com o perímetro e logradouros situados fora do perímetro, do Código de Obras de 1941.

O artigo 2º tratava da altura máxima dos edifícios na zona central:

I – de 40 metros nas ruas de largura até 12 metros;

II – de 60 metros nas ruas de largura igual ou superior a 12 metros até 18 metros;

III – de 80 metros de largura igual ou superior a 18 metros.

Nos pontos focais ou de grande interesse arquitetônico, a juízo da Prefeitura poderiam ser admitidas alturas além dos limites estipulados neste artigo.

O artigo 3º tratava dos recuos laterais conforme a altura.

- altura 40 metros, recuo 2,5 metros;
- altura 65 metros, recuo 4,5 metros;

Os corpos mais elevados deveriam ter perímetro regular e todas as suas bases tratadas arquitetonicamente de acordo com a fachada principal.

O artigo 4º tratava da altura máxima de acordo com o alinhamento da via pública, na zona central seria duas vezes a largura da rua, quando essa for inferior a 12 metros; e duas e meia vezes a largura, quando for igual ou superior a doze metros.

Para os lotes de esquina, de acordo com o parágrafo 1º, em vias públicas de largura diversa, a altura máxima permitida pela via de maior largura podia estender-se unicamente até a profundidade 20 metros a contar do alinhamento, obedecendo daí em diante à redução decorrente da altura permitida na via de menor largura.

Em lotes que se estendiam de uma rua a outra do quarteirão a construção obedeceria, em cada fachada, às restrições impostas pela largura da respectiva rua, conforme o parágrafo 2º.

Os edifícios existentes na rua São Bento hoje, foram aprovados em sua maioria de acordo com esse código.

Inspirados nos modelos de Paris de Haussmann, com seus quarteirões compactos superedificados e superpovoados, os edifícios em São Paulo buscavam nas fachadas desenhar no revestimento textura de pedra. Essas preocupações formais das fachadas voltadas para as vias públicas, com as mais variadas composições estilísticas de gosto acadêmico, caracterizavam o ecletismo.

Como observou Heloisa Barbuy⁴⁰: “o ecletismo *vignolesco* dominava as fachadas com suas colunas à antiga, os frontões triangulares sobre as janelas e as platibandas retilíneas com pináculos, às vezes encimadas por grupos escultóricos de pretensões monumentais. Eram pontuadas, aqui e ali, por exemplares de um *art nouveau* pouco arrojado”.

⁴⁰ BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. ANEXO 1. p. 66

A cidade contava com aproximadamente um milhão de habitantes em 1929, a indústria estava em franco desenvolvimento, causando alterações significativas no uso do espaço urbano. A verticalização no centro e a ocupação dos subúrbios aumentou respectivamente o adensamento no centro e a mancha urbana de ocupação. É nesse quadro que tivemos o primeiro plano viário mais abrangente, proposto pelo Engenheiro Prestes Maia, conhecido como “Projeto Grandes Avenidas”.

Este plano reforçou a vocação rádio-concêntrica da estrutura urbana paulistana. Foi executado pela prefeitura por várias décadas e marcou claramente a opção rodoviária em detrimento do sistema do metropolitano.

O urbanista Agache, em 1941, observava que conhecendo São Paulo em 1927 achara que ela era uma cidade transbordante de atividade, mas inteiramente inorgânica. E que em 1941 constatava a transformação que se fazia: *“Pouco esta cidade informe de há catorze anos toma uma fisionomia definida. Existem ainda grandes problemas a resolver, sobretudo no que concerne ao tráfego. Sinto-me feliz por ver uma cidade cheia de dinamismo como esta entrar numa fase de caráter monumental como é a presente”*.

Os problemas ainda sem solução, a que aludiu Agache, foram por certo os referidos pelo engenheiro Prestes Maia, quando escreveu em seu livro *Os melhoramentos de São Paulo: “Passando de média a grande cidade, e atingindo já em 1945 a 1.650.000 habitantes, vendo as casas térreas cederem às de dez e vinte andares, tudo estava arriscado a comprometer-se definitivamente: circulação, transportes, expansão, salubridade e estética”*.

Para o problema do tráfego no centro, escrevia em 1945 Prestes Maia, que há tempos Ulhôa Cintra propusera o “Perímetro de Irradiação”, plano que em 1930 foi modificado e englobado no plano de avenidas encomendado por Pires do Rio a Prestes Maia.

Passaram por modificações os parques e jardins públicos paulistanos. A idéia de remodelação do Anhangabaú exposta em 1930 por Prestes Maia no Plano de Avenidas: “Transformar todo o trecho do vale entre os viadutos de Santa Efigênia e de São Francisco numa só praça de aspecto diferente de tudo o que possuem as outras cidades. O Anhangabaú, com 40.000 metros quadrados, empresta hoje ao centro uma de suas feições mais bonitas. A esses jardins e lagos estendeu-se a

iluminação pública, sabendo-se que em 1950 brilhavam à noite nas vias mais de 25.000 lâmpadas elétricas.

O novo Viaduto do Chá, inaugurado em 1938, transpõe o vale do Anhangabaú com um arco central medindo 66 metros, e dois vãos laterais com 17,5 metros cada um, medindo ao todo 101 metros e com largura de 25 metros, dos quais 15 metros destinados aos veículos, e 10 aos pedestres, nos passeios. Como observou Prestes Maia, é notável o inédito aproveitamento da estrutura dos encontros, onde se dispuseram amplos salões para mercado de flores, espera de ônibus, exposições de pintura, garagem pública, compartimentos sanitários. Em 1941, mencionava Prestes Maia o que estava por ser feito ou dar seqüência em sua administração: o viaduto Dona Paulina, o viaduto Jacaré (entre as ruas Santo Amaro e Santo Antônio), o viadutinho do Pacaembu e o túnel de São Bento. Também faziam parte do programa de remodelação urbana, nessa fase, o viaduto Nove de Julho transpondo a avenida desse nome e a rua Álvaro de Carvalho, como parte do perímetro de irradiação (largura 33 metros e comprimento 220 metros), cuja construção foi iniciada em 1944. Os túneis do Paraíso e vinte e duas pontes sobre o Tietê, uma ponte sobre o Tamanduateí, na rua Mercúrio, com 40 metros de largura. A monumental Ponte das Bandeiras construída quase no mesmo local da antiga Ponte Grande, com três vãos, tendo 120 metros de comprimento e 33 metros de largura. Para o lado sul há a Avenida Ipororó projetada, que implicou na construção de seis viadutos (Brigadeiro Luis Antônio, Dona Paulina, Jaceguai, Condessa de São Joaquim, Pedroso, Paraíso), um túnel para tramway com 900 metros de extensão e seis pontilhões. Ligando a Praça do Patriarca ao fundo do Vale do Anhangabaú, se fez uma passagem subterrânea que estabelece fácil comunicação, que hoje abriga a Galeria Prestes Maia.

O Código de Obras de 1955, Lei municipal n. 4615, de 13 de janeiro, no capítulo V – Arquitetura das fachadas, no artigo 181, 1º. parágrafo, especifica que na rua de São Bento o número de pavimentos era no máximo seis.

Foi publicado em 1969 o Plano Urbanístico Básico (PUB), que foi o primeiro plano global a criar uma estratégia para as transformações urbanas, abordando aspectos físico-territoriais, socioeconômicos e administrativo-institucionais.

O Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI) foi elaborado em 1971, sob a supervisão Grupo Executivo da Grande São Paulo – GEGRAN, que foi instituído em 1967 pelo governo do Estado, com o objetivo de estudar e propor uma coordenação metropolitana. Esse plano foi uma revisão e atualização do PUB, necessário também para a viabilização do Metrô.

É publicada em forma de Lei, n. 7.688 de 30 de dezembro de 1971, a instituição do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado – PDDI, que é complementado pela lei n. 7.805 de novembro de 1972, ou lei de zoneamento, que definiu as zonas de uso com seus coeficientes de aproveitamento e taxas de ocupação específicas.

Também em 1971, é consolidada para a região metropolitana, o “Plano Diretor Viário: Sistema de Vias Expressas – diretrizes”, que previa cortar a cidade com uma malha de vias expressas e criar bolsões entre elas. Como implicava em inúmeras desapropriações, o projeto foi abandonado.

Uma revisão no PDDI foi realizada em 1982. Depois foram realizadas outras revisões em 1985, 1988, 1991. A última foi feita em 2000/2001, sendo adotado como atual Plano Diretor. O plano passou por revisão em 2007, mas ainda não foi votado na Câmara Municipal.

Foi elaborado pela Empresa Metropolitana da Grande São Paulo (EMPLASA) o Plano Metropolitano da Grande São Paulo 1993 – 2010, que considerou a região metropolitana no contexto da globalização da economia, e da rede mundial das metrópoles.

Segundo Raquel Rolnik⁴¹: “a *legalidade urbana, ou seja, o conjunto de leis, decretos e normas urbanísticas e de construção que regulam a produção do espaço da cidade.*” Neste trabalho a legalidade urbana citada é adotada como legislação urbana.

⁴¹ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo.* p. 13.

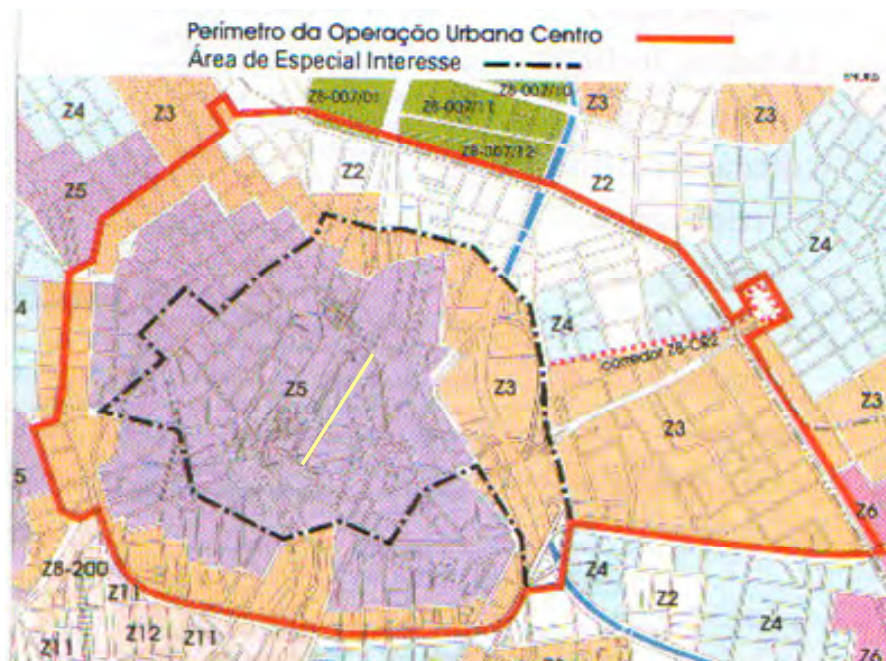


IMAGEM 63: PLANTA da área Central da Cidade de São Paulo delimitando em vermelho o Perímetro da Operação Urbana Centro, e destacado em amarelo a rua São Bento inserida na Z – 5 (lilás).

Considerando que a rua São Bento após a obra do metrô (década de 1970) não teve nenhum processo de solicitação de habite-se total para um edifício, pode-se dizer que o estudo feito da situação atual no começo do século XXI apresenta uma situação “congelada” há três décadas. Dos edifícios existentes hoje na rua São Bento existem três do século XIX, há nove exemplares da primeira década do século passado. Há apenas um remanescente da década de 1910; oito da década de 1920, e nove da década de 1930. E há vários edifícios das décadas de 40 e 50, são nove e dezessete respectivamente. Da década de 1960 existem apenas dois. E da década de 1970 há oito edifícios, mais a abertura da Praça Paulo Duarte, e houve várias demolições em virtude das obras do metro. Fica claro que o Código Arthur Saboya de 1929, e suas posteriores revisões, foi a normativa que regulamentou o espaço urbano ao longo do fragmento desta pesquisa.

5. Iconografia

A imagem, seja ela, uma pintura, aquarela, litografia ou fotografia, pode registrar a paisagem urbana. No trabalho realizado sobre a Avenida São Luis, por José Eduardo de Assis Lefèvre⁴², ele faz o seguinte comentário: “*Por vezes, o mais importante que uma foto mostra é o que ainda não existia, o vazio que só será ocupado no futuro daquele momento*”. Nesta pesquisa em que estudamos a rua São Bento, aconteceu que espaços antes ocupados passaram a ser vazios, edifícios transformaram-se em largos e praças.

Dos primeiros séculos da história de São Paulo os registros em imagens são escassos. Apenas após a vinda de vários viajantes passamos a ter mais registros. E apenas na segunda metade do século XIX, com a fotografia, passamos a ter imagens fiéis.

Segundo Richard Morse, São Paulo teve duas fundações, a primeira foi a povoação dispersa de barro e sapé construída por João Ramalho, em Santo André da Borba do Campo. E a segunda, foi com a missão jesuítica e seu colégio, estabelecidos numa colina estratégica, na confluência do Anhangabaú e do Tamanduateí.

O padre Manuel da Nóbrega, em 1553, escolheu para a construção do colégio dos jesuítas uma elevação que ficava perto da confluência de dois rios: o Anhangabahú e Tamanduatehy. Adiante dessa confluência ficavam os Campos de Piratininga, onde vivia com sua tribo o índio chefe Tebyriçá. No dia 25 de janeiro de 1554 foi celebrada a missa inaugural, e a povoação passou a chamar-se São Paulo de Piratininga.

A construção destinada ao colégio foi feita de barro, coberta de palha, e esteiras de cana como portas. Tinha 14 passos de comprimento e 10 de largura. Servia de escola, dormitório, cozinha, refeitório e enfermaria. Após a fundação de

⁴²LEFÈVRE, Jose Eduardo de Assis. *Entre o discurso e a Realidade. A Quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução.* p.22

São Paulo de Piratininga, a povoação, em seus primeiros anos, teve influência fortemente indígena.

Os índios mudavam-se quando envelheciam as suas casas, como escreveu, em 1557, o jesuíta Luís da Grã, e essas duravam apenas três ou quatro anos. Os europeus – portugueses – ou homens brancos, chamados de “Buavas” pelos índios, passaram a ocupar as terras antes ocupadas pelos moradores primitivos. Por volta de 1560, muitos índios abandonaram São Paulo indo se estabelecer em duas aldeias próximas: Nossa Senhora dos Pinheiros, a sudoeste, e São Miguel, a nordeste.

A ermida de São Bento é erguida em 1598, no ponto onde se localizava a morada do chefe Tebyriçá, e o mosteiro dos beneditinos veio a ser construído em 1600, “com quatro celas juntas e contíguas à igreja velha”. Sabe-se que ao findar o século XVI havia na povoação, além das igrejas do Colégio, do Carmo, de São Bento e a da Sé – inacabada ou ainda em forma de capela – mais duas ermidas: a de Santo Antônio, que não se sabe direito quando foi edificada, e a Nossa Senhora da Luz ou Guaré, ao norte, distante do núcleo mais povoado. Foi feita, em 1610, a segunda fundação do mosteiro dos Beneditinos.

Nas povoações mais antigas do Brasil, as ruas eram entendidas quase exclusivamente como meio de ligação, vias ou linhas de percurso, ligando os domicílios aos pontos de interesse coletivo. As praças constituíam os pontos de atração e de focalização urbanística; a própria arquitetura de maior apuro concentrava-se nelas, em seus edifícios principais, oficiais ou religiosos, ficando a arquitetura particular quase sempre num plano inferior.

Tanto a igreja como o convento dos Beneditinos, em 1650, passaram por reformas consideráveis, onde trabalharam os índios de Fernão Dias Pais. O sertanista das esmeraldas reconheceu “a pequenez do mosteiro e o aperto em que estavam os monges”. Passou a haver então um velho e um novo convento comunicando-se por dentro.

“Fora das escolas era quase impossível que o saber se transmitisse, pois quase não havia livros, sobretudo no quinhentismo e no seiscentismo. Ao longo do setecentismo, as “livrarias” dos conventos devem ter se formado e enriquecido um

pouco, e apenas no fim do primeiro quartel oitocentista foi fundada uma biblioteca pública”, escreveu Ernani Silva Bruno⁴³.

No ano de 1681, São Paulo tornou-se a sede da Capitania de São Vicente, por ato do donatário dessa Capitania, o Marquês de Cascais. Mas o Governador-Geral anulou essa provisão, e a vila de São Vicente continuou como Capital.

No final do século XVII, a antiga capitania de São Vicente entrava numa fase bem visível de empobrecimento, e “a importância de São Paulo se resumia em ser o centro de preparação das bandeiras”, como escreveu José de Almeida Santos.

Já no começo do século XVIII, São Paulo passou por uma transição da vida antiga de liberdade rude, para uma vida nova amolecida pela riqueza, decorrente da descoberta de ouro em Cuiabá. Foi criada, em 1709, a “Capitania de São Paulo e Minas de Ouro”, desligada do governo fluminense.

Nas fachadas das casas de São Paulo durante o primeiro século e meio, os “cheios” predominavam largamente sobre os “vazios”, pois como observou o arquiteto Lúcio Costa em relação à casa brasileira, mostrava-se escasso o número de janelas. Embora predominasse nelas o branco da tabatinga – saibro ou barro branco tirado de certos locais à beira do Tamanduateí, de onde se originou o nome Tabatingüera (que quer dizer tabatinga velha), é possível que algumas dessas fachadas fossem pintadas de cores vivas.

Em seu ensaio a respeito da primitiva arquitetura rural paulista (mas nesse ponto talvez aplicável à urbana também) Luís Saia sugeriu “*que deve ser tradição relativamente recente o preconceito de entristecer as construções pela discricção exagerada na escolha das cores de sua pintura*”.

A Carta Régia de 11 de julho de 1711 eleva a Vila de São Paulo à categoria de Cidade. O Conselho Municipal passou a chamar-se Senado da Câmara. Em 1715, é inaugurado o hospital da Santa Casa da Misericórdia. Em 1720, é construído o novo Paço do Senado da Câmara, confinado com o quintal dos franciscanos, que por sua vez estava erguido na vizinhança das ladeiras que desembocavam na parte baixa do Piques (hoje Praça da Bandeira).

A igreja do Rosário foi construída em 1715 (segundo Afonso de Freitas) ou em 1725 (segundo Nuto Santana), que ficava no local onde é agora a Praça Antônio Prado, com a fachada voltada para a rua do Rosário, atual rua XV de Novembro. De

⁴³ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 394.

1740, datava a igreja de São Pedro, que ficava no largo da Sé na área mais ou menos onde está implantado o edifício da Caixa Econômica Federal. As igrejas da Misericórdia, dos Remédios, de São Gonçalo e a de Santo Antônio, todas essas, tinham fachadas despretensiosas. Aos poucos, assim como as mais antigas, foram se enriquecendo internamente de obras de entalhe, de douração ou de pintura. Assim o escritor Roger Bastide explicava o "barroco brasileiro": *"pela pobreza do país e o enriquecimento interno posterior dos templos com base em novas condições sociais: "A igreja só podia ornamentar-se à medida que as riquezas aumentavam; mas como então o exterior estava feito, o barroco só podia triunfar no interior"*⁴⁴.

Em 1749 havia dois lugares exclusivos para a venda de peixe: a ponte do Carmo e um beco na rua de São Bento; o deste, mais tarde foi mudado para o "Canto da Lapa" (esquina das ruas Quitanda e São Bento). Próximo existia o local chamado "Quatro Cantos", na esquina das ruas Direita e São Bento, onde ainda inexistia a Praça do Patriarca.

Por volta de 1751, São Paulo era muito pobre, pois ainda havia a emigração para as terras auríferas. O apresamento de índios, que fora uma necessidade como fonte de renda, cessara com a descoberta das minas. Os recursos financeiros da cidade eram mínimos.

As transformações provocadas pelo ciclo brasileiro do ouro determinaram aos poucos o deslocamento do eixo econômico da Colônia, do nordeste para o centro-sul, transferindo-se a própria capital do Brasil para o Rio de Janeiro em 1763. A necessidade de abastecer a população concentrada nas minas e na nova capital estimulou as atividades econômicas da população, inclusive em São Paulo.

A melhor descrição da "cidade de barro", segundo Benedito Lima de Toledo⁴⁵, foi feita por Morgado de Mateus em carta ao Marquês de Pombal (então Conde de Oeiras) em 1766. Nesta carta constam algumas informações interessantes como a de que somente as ruas principais tinham "casas grandes e sobrados". D. Luiz estava alojado no colégio dos jesuítas. O convento do Carmo estava sendo reedificado e o de São Bento estava em obras que se arrastariam por muito tempo, até que em 1774 e 1775 esteve hospedado no Mosteiro o Brigadeiro José Custódio

⁴⁴ BRUNO, Ernani Silva. Idem. p. 123 e 124.

⁴⁵ TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. p. 14, 15 e 16.

de Sá Faria, que "*corrigiu os defeitos da nave nova da igreja, e desenhou as plantas para a construção da nova capela, com sua decoração em talha, elaborou o projeto para uma torre nova e deixou o risco para um novo mosteiro com bela fachada para o largo de São Bento*".

D. Luiz mandou proceder a um recenseamento, que nos dá uma excelente idéia da distribuição das casas e da população na zona urbana. Sabe-se que a área centralizada pela rua São Bento era habitada por gente mais pobre, ficando as casas das famílias de maior projeção – ricos e fidalgos – quase sempre do outro lado da cidade, na área centralizada pela rua do Carmo ou pela rua Direita. Era nesta última que residia a gente mais endinheirada da terra, geralmente negociantes de posses, pois o comércio se condensara nessa rua e na do Canto da Lapa até a Misericórdia.

A imagem 64, "*Imagem sem título*", de 1787, representa o Largo São Bento e parte das ruas da Figueira de São Bento (hoje Florêncio de Abreu) e Boa Vista, autoria desconhecida. O original pertence ao Arquivo Distrital de Braga, Portugal.

Observar na imagem 64 o desenho para os edifícios, e o portão que ligava o mosteiro ao porto.

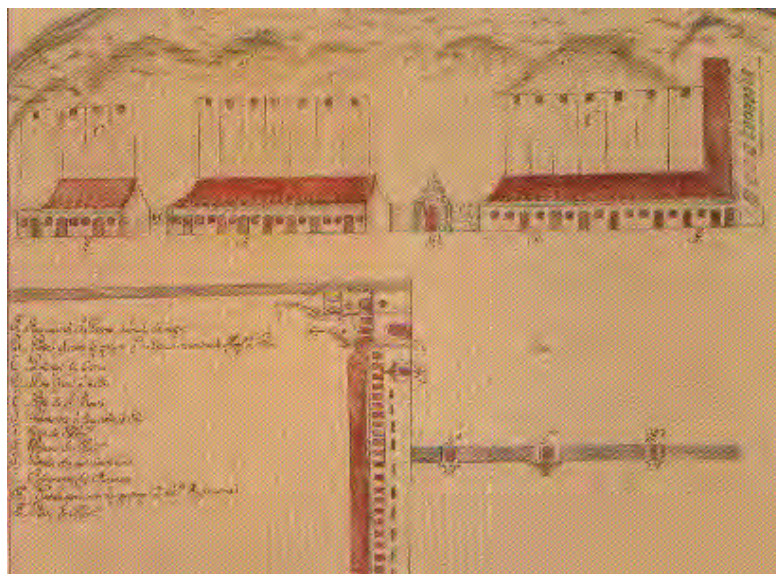


IMAGEM 64: "*Imagem sem título*", de 1787, autoria desconhecida. In *São Paulo Vila Cidade Metrópole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p. 78.



IMAGEM 65: Mosteiro de São Bento, visto da margem do Tamanduateí. Foto de Militão Azevedo, em 1862. In *Anhangabaú* de Benedito Lima de Toledo, p. 10.

A imagem 65 é uma foto feita por Augusto Militão Azevedo em 1862, vista do Mosteiro de São Bento a partir da margem do Tamanduateí, próximo onde ficava o Porto Geral. Observar a torre do Mosteiro de São Bento que foi concluída em 1797 e novo mosteiro em 1800, encerrando, juntamente com as obras do convento da Luz, o século em que mais se construiu durante o Período Colonial.

Neste século XVIII, as construções novas ou as reconstruções das igrejas, chegam a dezoito, das quais dezesseis no “triângulo”. Pallière e outros viajantes destacavam a quantidade de torres que pontilhavam o perfil da cidade visto de longe. Observar a imagem 66, *Imagem sem título*, de 1821. A cidade de São Paulo vista da Várzea do Carmo – parte norte, autoria de Arnauld Julien Pallière.



IMAGEM 66: Imagem sem título; autoria de Arnauld Julien Pallière, 1821. Fonte: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. In *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p.94.

As margens pantanosas dos rios que abraçavam o triângulo começavam a ser incômodas à cidade que estava lentamente germinando e as razões que ditaram a escolha desse sítio no século XVI já não prevaleciam mais.

A taipa continuava sendo o sistema de construção dominante. No começo do século XIX, em 1807, o inglês John Mawe, visitando a cidade, descreveu esse processo de edificação, observando que ele dava muita solidez às casas e que elas podiam resistir durante muitos anos. Toledo Piza se referiu à existência em São Paulo de edifícios de taipa ainda sólidos depois de dois séculos.

Outras técnicas construtivas tentaram ser introduzidas em São Paulo, como a construção de alvenaria de pedra e cal, mas devido à escassez da matéria prima próxima e a indisponibilidade de mão de obra não foi bem sucedida. Como observou Carlos Lemos: "onde há taipa de pilão, há paulista e onde há paulista há taipa".

Casas com paredes de taipa de pilão, protegidas por amplos beirais, davam feição característica à cidade, assinalaram todos os viajantes. Como a chamou o viajante inglês citado acima "*a mud city*".

A situação em São Paulo tornou-se mais favorável com a abertura dos portos brasileiros ao mercado mundial, em 1808. Aos poucos, materiais importados foram aparecendo nas construções. Assim como soluções de cobertura mais complicadas, telhados com quatro águas, as laterais lançando livremente sobre os telhados dos vizinhos de menor altura ou mesmo com calhas e condutores importados. A mudança, porém, não chegaria para alterar a aparência dos prédios.

Essas transformações discretas, possibilitando a adaptação das velhas receitas coloniais, vinham, ao mesmo tempo, garantir a continuidade de sua aplicação numa época em que as inovações no modo de vida brasileira ainda não eram muito profundas, na qual os hábitos das camadas mais favorecidas continuavam largamente a aproveitar as facilidades oferecidas pela escravidão.

Viajantes ilustres e cientistas chegam a São Paulo, por volta de 1816, e, como em todo o Brasil, foram feitos novos registros. Artistas como Debret, Thomas Ender, Pallière, Landseer e Burchell, fizeram desenhos da cidade de São Paulo, onde aparecem os edifícios e ilustrando muitas vezes suas fachadas, o que nos leva a conhecer o número de pavimentos dos edifícios.

O núcleo central da cidade, o "*triângulo*", chamava-se "*para dentro das pontes*". A meu ver é o burgo natural paulistano. Em 1818, à esquerda do

Anhangabaú começava a se edificar a “Cidade Nova”, além das pontes.

Outro viajante, Von Martius, em 1818, observou que as casas do centro da cidade tinham em geral dois pavimentos e sacadas de gradil. Mas que a arquitetura paulistana revelava “uma feição insignificante e burguesa”, com exceção de alguns edifícios imponentes e de bom estilo, como o mosteiro dos Carmelitas.

O naturalista francês Augusto de Saint-Hilaire escreveu minuciosamente sobre a arquitetura: *"As casas, construídas de taipa muito sólida, são todas brancas e cobertas de telhas côncavas; nenhuma delas apresenta grandeza e magnificência, mas há um grande número de construções que, além de andar térreo, têm um segundo andar e fazem-se notar pelo aspecto de alegria e de limpeza. Os telhados não avançam desmensuradamente além das casas, como observara em Vila Rica, mas têm bastante extensão para dar sombra e garantir as paredes contra as chuvas. As janelas não se fecham umas contra as outras, como é comum no Rio de Janeiro. As das casas de um andar possuem quase todas vidraças e são guarnecidas de balcões e postigos pintados de verde. As outras casas têm venezianas que se erguem de baixo para cima, formadas de travessas de madeira cruzada obliquamente"*.

São Paulo recebe uma filial do Banco do Brasil em 1820. Em 1823, quando se discutiu se a sede da Universidade deveria ser São Paulo ou a Corte (Rio de Janeiro), a cidade se ressentia do longo período de decadência e de empobrecimento em que estivera mergulhado o “país dos paulistas” durante os tempos coloniais; não obstante tivessem sido realizados alguns serviços de interesse coletivo e de empreendimentos que contribuíram para melhorar um pouco suas condições: de urbanismo, de higiene, de educação.

De acordo com Ernani Silva Bruno⁴⁶, a Biblioteca Pública de São Paulo foi criada pelo governo da província, em 1825. Essa biblioteca funcionou junto ao convento franciscano e foi anexada à Academia de Direito, em 1827. Neste mesmo ano surgiu o primeiro jornal impresso na cidade – *O Farol Paulistano*.

A cidade não era mais que um depósito das mercadorias da Europa, e de trânsito para os produtos do país, observou o viajante francês. *“São Paulo nunca teria sido mais florescente do que Santos se não se tivesse tornado a capital da*

⁴⁶ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 410.

província e a sede residencial de todas as autoridades civis e eclesiásticas”, segundo Auguste de Saint-Hilaire⁴⁷.

Segundo Ian de Almeida Prado, data dos fins ou mesmo de meados do século XVIII o palacete da rua do Carmo que no século seguinte seria habitado pela Marquesa de Santos e transformado em uma das residências mais aristocráticas de São Paulo.

“Cheios” e “vazios” já se equilibrando, segundo a observação de Lúcio Costa sobre a arquitetura setecentista brasileira, e tendo uma particularidade curiosa e pouco usada na arquitetura européia: a sacada afastada do muro apenas um palmo, não chegando a ser propriamente um balcão comum. Ornada nos cantos com pinhas de ferro ou vidros de cor. Devendo-se lembrar além desses elementos a rótula das portas e das janelas, uma influência que os portugueses haviam recebido dos mouros e desenvolvido no Brasil, e que vinha também dos séculos passados.

Em estudo sobre a arquitetura rural paulista, observou Luís Saia⁴⁸ que o alicerce de pedra (como verificou em uma casa em demolição em Parnaíba) criava um processo de infiltração de umidade que não se observava nas casas em alicerce de taipa. Com esse último, talvez pela continuidade do material e pela ventilação folgada, não havia praticamente umedecimento das paredes.

Sobre o aspecto interno dos Conventos do Carmo, de São Bento e de São Francisco nesse tempo conhece-se o depoimento de Rendon, o primeiro diretor da Academia de Direito. Responsável por escolher um deles para a instalação do Curso Jurídico escreveu em 1827 ao Ministro do Império: “*O primeiro e o segundo (Carmo e São Bento) não têm capacidade para neles estabelecer o curso jurídico...*”, restando o de São Francisco.

Deste modo, em 1827 o Largo São Francisco recebeu a Faculdade de Direito dando nova vida à até então vila de sertanistas (da cidade imperial), e passando a ser um burgo de estudantes. Logo os hábitos culturais da cidade foram se modificando, estudantes morando em repúblicas, a prática de esportes, e algumas jovens paulistanas, escondidas da família, bordavam as pastas para os estudantes do quinto ano de sua simpatia. “*Em 1854 – é verdade que pela primeira vez – se*

⁴⁷ Idem. p. 94

⁴⁸ SAIA, Luís. Morada Paulista. p. 81.

notasse a presença de senhoras e de moças em uma opa (festa de formatura de acadêmico) em um palacete dos Quatro Cantos”, escreveu Ernani Silva Bruno⁴⁹.

As próximas imagens, 67, 68 e 69, apresentam a Rua São Bento, na esquina com rua José Bonifácio, onde é o Largo do Ouvidor, com vista para o Largo São Francisco. A imagem 67 é em 1862, a imagem 68 é das primeiras décadas do século XX, onde podemos observar os trilhos e fios do bonde elétrico. Já a imagem 69, foi fotografada em 2007, e vemos o calçadão com algumas árvores por onde se via os trilhos.

Também podemos observar que o Convento e Igreja de São Francisco são os mesmos, porém o quarteirão está totalmente modificado tanto do lado ímpar quanto do lado par. O lado ímpar, à direita, é hoje utilizado como estacionamento. O lado par, à esquerda, é área do metrô, onde está a Praça Paulo Duarte.



IMAGEM 67: Igreja de São Francisco, e Largo do Capim (1862). Observar o Cruzeiro na frente da Igreja. Foto de Militão de Azevedo. In: MAGOSSÍ, Eduardo. *São Paulo Relembrada*. p. 90.

⁴⁹ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 43.



IMAGEM 68: Em frente as igrejas de São Francisco de Ordem Primeira observa-se a estátua em homenagem a José Bonifácio. In: *Andar, Vagar, Perder-se. São Paulo anos 20*. Evandro Carlos Jardim, João Luiz Musa e Ricardo Mendes, p. 135.



IMAGEM 69: Foto realizada para essa pesquisa pela autora em 2007.

A imagem 70, é o Hotel des Voyageurs, na esquina da Ladeira com o Largo do Ouvidor, é a gravura publicada em 1858 no jornal *Correio Paulistano*, reproduzida da pesquisa de Heloisa Barbuy⁵⁰. Na cobertura aparece um terraço, denominado sotéia, esse hotel pertenceu a Pedro Imbert até 1860, quando é vendido a Palm que passa então a dar o nome ao estabelecimento. O Hotel PALM, aparece na imagem 71 com cobertura de telha de barro. Foto tirada em 1862 por Militão Augusto de Azevedo, essa cópia da imagem pertence à Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Observar a altura dos edifícios, a pavimentação da rua e os animais circulando pela vila.



IMAGEM 70: Hotel des Voyageurs (1858), de Pedro Imbert. Gravura publicada no jornal *Correio Paulistano*, em 1858. Heloisa Barbuy. *A cidade exposição*. p.52.



IMAGEM 71: Hotel Palm, 1862, foto Militão Augusto de Azevedo, cópia da biblioteca da FAUUSP.

⁵⁰ BARBUY, Heloisa. *A cidade exposição*. p. 94

A imagem 72 é a Ladeira do Ouvidor com seu casario de taipa, observa-se que o leito ainda não era calçado, encontrava-se do seu modo quase bruto. Essa imagem está publicada em *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, de Nestor Goulart Reis Filho. Sendo a fonte original do acervo do Museu Paulista. É um detalhe de uma foto do Militão de Azevedo, atribuída a 1862.



IMAGEM 72: Ladeira do Ouvidor. In *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p.52.



IMAGEM 73: Rua José Bonifácio na esquina com a rua São Bento, em dire o   rua Líbero Badaró. In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, José Luiz; MENDES, Ricardo; *São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se*. p.135.

As imagens 73 e 74, são da Ladeira do Ouvidor com sua nova volumetria, nas primeiras décadas do século XX e em 2007 respectivamente. Observar na imagem 73 que a altura, gabarito, dos edifícios são de dois pavimentos e apenas o primeiro imóvel à direita da foto possui três pavimentos. Já na imagem 74, a altura dos edifícios à direita é bem mais alta e na esquerda tem-se um terreno utilizado como estacionamento com alguma arborização, sobre essa quadra comentaremos no capítulo 7. Observar também o leito na imagem 72 com solo de terra batida, na imagem 73 aparecem os trilhos do bonde e automóvel estacionado, enquanto na imagem 74 aparece o calçadão.



IMAGEM 74: O mesmo ângulo em 2007. Foto da autora.

Na seqüência, as imagens 75 e 76, com vista do Largo do Ouvidor. Na imagem 75, aparece aos fundos na rua Líbero Badaró o Prédio Saldanha Marinho em construção. E a imagem 76 apresenta, no mesmo ângulo, a situação em 2007.



IMAGEM 75: Aos fundos em obras o Prédio Saldanha Marinho, em construção no final dos anos 20.
In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo; *São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se*. p.135.



IMAGEM 76: No mesmo ângulo em 2007. Foto da autora.

O Prédio Saldanha Marinho, projetado por Elisiário da Cunha Bahiano, construído para o Automóvel Clube e vendido para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construído em 1928-29, lançava em São Paulo o estilo *art-déco*.

São Paulo, no período de 1828 até 1870 ou 1872, foi um burgo de estudantes. Foi a Academia de Direito que arrancou a capital da província do seu sono colonial e foi a presença dos estudantes – observou Morse – que criou condições para que se inserissem em sua existência, alterações na estrutura e costumes tradicionais, os hotéis, as casas de diversão, o teatro e as atividades intelectuais. A vida nas repúblicas provocou um rompimento abrupto do austero código do sobrado de família.

“Os estudantes introduziram novas modas no vestuário. As caçadas, a natação, o flerte, as bebidas, as orgias, e o hábito de se reunirem para discussão e divertimento levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e livrarias, e inauguraram o sentimento da comunidade. E com esses, como com todos os estudantes, surgiu uma impetuosa e penetrante rajada de ceticismo: tradições, costumes, tabus, foram agudamente analisados pelos olhos da mocidade”⁵¹.

Nesse período a economia era rural, com mão de obra escrava. A produção do café no Vale do Paraíba, em cidades como Taubaté e Bananal, era exportada pelos portos de Parati, Ubatuba ou São Sebastião, tendo Santos menor importância. Com a migração da agricultura cafeeira para o planalto do noroeste paulista, onde o solo era fértil e menos montanhoso a partir de Campinas, o porto de Santos passou a ser o grande exportador do mesmo.

A partir de 1828 houve aumentos contínuos na população da cidade, além do seu crescimento normal. Esse crescimento anormal da população é claro que exigiu não só reformas e adaptações em muitas moradias como a construção de edifícios novos em proporção até então desconhecida. Muitas casas antigas passaram a ser ocupadas por repúblicas de estudantes, ao mesmo tempo em que algumas chácaras dos arredores serviam de residências para novos moradores da cidade, como os professores da Academia ou fazendeiros. Entretanto alguns fazendeiros mais

⁵¹ MORSE, Richard. In: BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 456.

abastados passaram a habitar como as famílias paulistanas de mais recursos, os pavimentos superiores dos sobradões das ruas principais de São Paulo. Na maioria dos edifícios de dois pavimentos, à semelhança do que ocorria nas outras cidades do Brasil e em grande parte das hispano-americanas, só o de cima era utilizado para moradia, servindo o térreo para loja ou mesmo estábulo ou cocheira. No andar de cima viam-se as sacadas de rótula, e esses, segundo observação de Kidder, eram os lugares preferidos por homens e mulheres para espiarem a rua ou assistirem à passagem das procissões. Esses sobrados, no entanto, como escreveu Vieira Bueno evocando o 1830 paulistano, se concentravam quase todos em algumas ruas centrais. Em sua maioria as casas da cidade eram térreas, destituídas de elegância “sem arquitetura” e mesmo feias – na opinião desse cronista – por causa dos beirais sobre a rua.

A cor da pintura das fachadas, notou o pastor americano, variava entre o branco, o amarelo-palha e o rosa pálido, contrastando de forma agradável com o vermelho dos telhados. De acordo com notas de outro viajante estrangeiro alguns anos depois, Greene Arnold, em 1847, eram pintadas de branco ou de amarelo as edificações paulistanas. As casas de dois pavimentos, do centro, exibiam em geral gelosias (grade de fasquias de madeira, cruzadas intervaladamente, e que ocupa o vão de uma janela; rótula; janela de rótula) ou postigos (pequena porta; abertura quadrangular em porta ou janela para observar sem as abrir) pintados de verde. O pastor americano também observou que todas as casas paulistanas eram edificadas de forma a deixar uma área interna que servia para arejar os dormitórios, sistema que ele achou indispensável em São Paulo, sobretudo tendo em vista o costume generalizado de se manterem fechadas, com folhas pesadas, as janelas que davam para a rua.

O interior das casas paulistanas, até meados do oitocentismo, era de modo geral ainda bastante modesto e desprovido de requintes. A mobília da sala de visitas, escreveu Kidder, variava de conformidade com o maior ou menor luxo da casa, mas o que se encontrava em todas elas era um sofá com assento de palhinha e três ou quatro cadeiras dispostas em alas rigorosamente paralelas, que partindo de cada extremidade da primeira peça se projetavam em direção ao meio do aposento. Quando havia visitas, as senhoras se sentavam no sofá e os homens nas cadeiras. “*O gosto pelo luxo europeu, escrevera D’Orbigny alguns anos antes, não chegou*

*ainda em São Paulo como se encontra nas ricas cidades do litoral. Ali se prefere a propriedade à elegância, o confortável antigo às formas cambiantes da moda*⁵².

Já as repúblicas dos acadêmicos faziam economia até de cadeiras. Não devia ser a única a casinha alugada em 1863, a um estudante, no Largo São Bento, que tinha em cada lado da janela, no interior da sala, amplo assento feito na própria taipa da parede. Aliás, é solução corrente na arquitetura colonial.

O emblema da farmácia alemã, o Veado de Ouro, da rua de São Bento, desapareceu misteriosamente uma ocasião. Schaumann, o dono da botica, fez um anúncio assim: "*Farmácia Veado de Ouro. O ilustríssimo senhor ladrão que levou do frontispício deste estabelecimento o veado de ouro que lhe servia de emblema, terá a bondade de vir ou mandar restituir nesta casa à rua de São Bento. Garante-se absoluto segredo e uma gratificação de cinquenta mil-réis*", e conseguiu resgatá-lo, escreveu Ernani Silva Bruno⁵³. Este emblema hoje faz parte do acervo da Botica, na loja que está instalada na rua São Bento.

A localização estratégica permitiu que São Paulo fosse a cidade de negociação dos produtos agrícolas e importados. Por essa razão, vários "senhores" estabeleceram uma residência urbana em São Paulo.

Em meados do século XIX, com a efervescência do movimento abolicionista, uma classe trabalhadora surge, mudando a configuração das residências, deixando-se de ter as senzalas. Como escreveu Lúcio Costa⁵⁴, mudou "*a máquina brasileira de morar*", a casa estava tornando-se desconfortável, pois "*o negro era o esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria, era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático e abanava que nem ventilador. Era ele que fazia a casa funcionar*".

Desenvolve-se uma sociedade urbana. Imigrantes europeus vieram para trabalhar tanto nas fazendas de café como na cidade, substituindo os escravos. Trouxeram consigo novas tipologias e técnicas construtivas.

⁵² In: BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 477.

⁵³ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. p. 824.

⁵⁴ COSTA, Lucio. *Arquitetura*. p.107



IMAGEM 77: A casa grande, o sobrado, à direita foi do Brigadeiro Luis Antônio e depois de seu filho, o Barão de Souza Queiroz. Foto de Militão de Azevedo 1862/3. In: LAGO, Pedro Corrêa do. *Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860*. p. 95.



IMAGEM 78: Foto tirada com alguns minutos de diferença, observar o movimento das pessoas em frente a casa do Brigadeiro. Foto de Militão de Azevedo 1862/3. In: LAGO, Pedro Corrêa do. *Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860*. p. 97.



IMAGEM 79: Foto tomada no mesmo ângulo para esta pesquisa pela autora, em 2007.

Até a implantação das ferrovias, São Paulo era uma cidade de barro. Com a melhoria do transporte, prédios inteiros de aço foram importados da Europa para serem montados aqui no Brasil. Dois exemplos ainda existentes são a estação ferroviária em Bananal, vinda da Bélgica; e a estação da Luz em São Paulo, vinda da Inglaterra.

A cidade expandia-se para a região da Luz: *“Assim como hoje se apresenta, constitui o Mosteiro da Luz o mais belo documento colonial se São Paulo, tão pobre de relíquias de velhas épocas”*, escreveu Affonso Taunay. Frei Galvão foi o arquiteto e construtor do Mosteiro da Luz, e inclusive angariou fundos para sua execução. Posteriormente o edifício foi ampliado em sua face norte, por generosidade do Conde Prates. Ele costumava dizer que o Bairro da Luz haveria de *“tornar-se como que o coração da cidade”*.

A propósito das igrejas paulistanas, em 1883, o viajante Von Koseritz observou: *“A cidade com seus 35 mil moradores possui nada menos do que dezenove igrejas, sem contar os templos e os conventos destinados a fins oficiais. No centro da cidade, em distância de três quadras, se encontram sete igrejas, uma sempre olhando para a outra, e às vezes nascidas aos pares e se tocando como irmãs siamesas”*.

Dona Veridiana Prado mandou edificar, em 1884, na colina de Santa Cecília, dentro de um belo parque, o seu elegante palacete dando o exemplo a outras pessoas abastadas que começaram a edificar palácios nos subúrbios paulistanos. Arquitetos hábeis como Ramos de Azevedo, Tomás Bezzi – escreveu Teodoro Sampaio – foram mobilizados para esses empreendimentos.

Em 1889, é declarada a Proclamação da República no Brasil. A rua do Rosário é renomeada e passa a ser a rua XV de Novembro, o antigo “Curros”, transforma-se no Largo Sete de Abril e é a atual praça da República. João Teodoro era o administrador público nessa ocasião, sua gestão é considerada por alguns autores como a segunda fundação da cidade, e uma grande contribuição foi o Código de Posturas de 1885, já citado no capítulo 4.

O Viaduto do Chá sobre o Vale do Anhangabaú, desenhado pelo litógrafo Jules Martin, foi inaugurado em 1892, estimulando o crescimento da cidade para novas áreas, alimentando a implantação de chácaras urbanas, e abertura de novos bairros como o dos Campos Elíseos e Higienópolis.



IMAGEM 80: Estrutura Metálica do Viaduto do Chá sobre o Parque do Anhangabaú em 1929. Cartão postal, coleção particular de Elíseo Belchior, In *São Paulo Vila Cidade Metrôpole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p.153.

O edifício da Escola Normal da Praça da República foi inaugurado em 1894. Alguns edifícios particulares se contavam entre as novas construções que mudaram a feição da cidade nesse período. Os moradores cujos prédios não tinham água continuavam sendo forçados a se abastecer nos chafarizes públicos ou nas fontes naturais. As casas de banho eram importantes, pois nem todas as casas eram abastecidas com água. Uma delas, segundo Heloisa Barbuy⁵⁵, a “Sereia Paulista” ou “Banhos da Sereia”, do Húngaro Fischer, no Largo São Bento, imagem 81, tornou-se famosa também pelo ponto de encontro e a qualidade do restaurante anexo. O Almanaque Paulista ilustrado para 1896 registrava ainda três dessas casas de banho: a de Luis Coscotino, no Largo de São Bento, a de Evaristo de Andrade na Rua Boa Vista e a de Augusto Pedro de Oliveira na rua Direita.

Como exemplo dessas mudanças na volumetria dos edifícios cito o do Largo de São Bento: onde funcionou a Casa de Banho a Sereia Paulista, depois esteve o Hotel Rebecchino. Onde no final do século XIX, funcionaram os hotéis Maragliano e do Oeste, este ficava numa casinha térrea de aspecto colonial com lampião na parede bem na esquina. Passou por obras e recebeu construção elegante, com três andares, e voltou a ter apenas dois pavimentos. Na esquina onde funcionou a Grande Agenzia (sic), imóvel térreo construído em taipa, também passou por reformas e recebeu um edifício em alvenaria de tijolos, com três pavimentos onde se estabeleceu o Grande Hotel Paulista. E mais tarde com as obras do metrô passou a ser estação, com centro comercial, em concreto, atualmente com térreo e mezanino. Observar as imagens a seguir.

⁵⁵ BARBUY, Heloisa. *A cidade exposição*. p. 112



SAN-DIM-DPH-SMC-PMSP

IMAGEM 81: Largo São Bento, 1862. Foto Militão Augusto de Azevedo. Fonte: Arquivo de Negativos do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.

As imagens 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87 são tomadas da Rua São Bento em evidência o Largo São Bento em diferentes momentos, o foco dessas fotos é a Igreja de São Francisco alinhada no eixo central da rua.

Em 1862, imagem 81, vemos vários tilburis, a Casa de Banhos da Sereia, o Hotel D'Oeste e a Grande Agenzia (sic) de comércio agrícola. Sendo os imóveis “quase todos” térreos. No segundo plano, à esquerda, aparece a torre da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, dando o nome à rua e ao Largo do Rosário. Esta igreja foi demolida na ocasião das obras de abertura da Praça Antônio Prado. Na imagem 82, por volta de 1890, pode ser visto à direita ainda um imóvel térreo, mas à esquerda o edifício possui térreo mais dois pavimentos. Na imagem 83, de 1902, a altura dos edifícios no mesmo local são todos com três pavimentos (térreo mais dois).

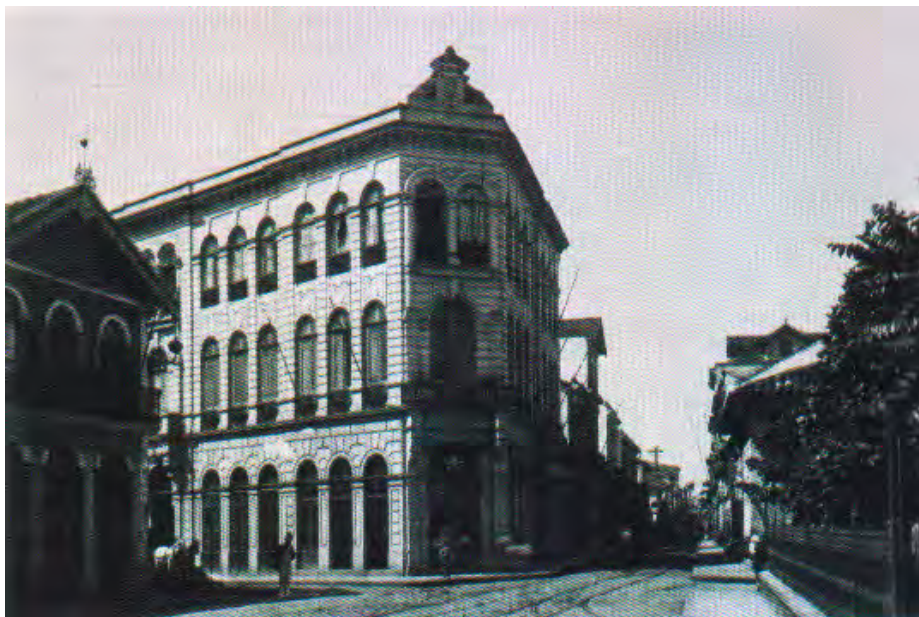


IMAGEM 82: Largo São Bento, por volta de 1890. Boris Kossoy, *Álbum de Photographias do Estado de São Paulo 1892, 1984*. p. 59.



SAN-DJM-DPH-SMC-PMSP

IMAGEM 83: Largo São Bento, 1902. Foto: Guilherme Gaensly. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.



IMAGEM 84: Largo São Bento, década de 1920. In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo; *São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se*. p.77 e 129.

Na imagem 84 observar o Edifício Martinelli em obras nos fundos. Na imagem 85 o Edifício Martinelli encontra-se pronto. Automóveis e trilhos do bonde aparecem nessa imagem.



IMAGEM 85: Largo São Bento, por volta de 1930. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.



IMAGEM 86: Largo São Bento, 2007. Foto tomada pela autora da Igreja de São Bento.

E a imagem 86 de 2007, apresenta a paisagem urbana do começo do século XXI. Onde foi o Grande Hotel Paulista, com térreo mais dois pavimentos, sendo no térreo lojas comerciais, na imagem 85 funcionava a Casa d'Oeste, e na imagem 87 funcionava a Pharmácia São José. Atualmente é uma edificação térrea com mezanino, que dá acesso à estação São Bento do Metro e exatamente na esquina funciona o "Café Girondino", a área agrega outras lojas comerciais. No lote onde era a casa de banhos *A Sereia*, imagem 81, na imagem 82 ainda é térreo, mas nas imagens 83, 84 e 85 pode ser visto um edifício eclético de térreo mais dois pavimentos, onde funcionou num período o Hotel Rebecchino (imagem 87) e hoje essa área pertence ao metro encontra-se cercada com jardim.



IMAGEM 87: Vista da rua São Bento do Largo São Bento, a direita o Hotel Rebecchino. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.

A essas transformações no campo da arquitetura correspondiam modificações significativas nos equipamentos da cidade. Transpondo uma etapa de aperfeiçoamento tecnológico, a cidade equipava-se com redes de esgotos, de abastecimento de água, iluminação e de transportes coletivos.

A agitação do movimento republicano causou impacto no urbanismo e na arquitetura da cidade. Demoliu-se, em 1904, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, e em 1912, a igreja da Sé. A primeira foi reconstruída na Avenida São João, no Largo Paissandu. E a segunda na mesma praça, mas num sítio mais elevado.

A Igreja de Santa Ifigênia teve sua nova edificação começada em 1906 e terminada em 1922, obedecendo ao estilo eclético, neo-românico, sob a direção do arquiteto João Lourenço Madein. Também do alemão Madein (formado na Bélgica) é o traçado do conjunto representado pela Basílica, Mosteiro e Ginásio de São Bento, edificado de 1910 a 1914, em substituição à velha igreja e ao mosteiro de taipa, este

último descrito, em alguns de seus aspectos internos por Cerqueira Mendes, em suas figuras antigas:

“Logo à entrada duas rápidas entradas nos levam a um corredor infindável, em cuja extremidade uma pequenina janela deixava entrar escassa claridade para produzir curiosos efeitos de luz e sombras esquisitas. Ao lado, apresilhada a essa janela pequenina, a gaiola de uma araponga. Palmilhando ainda os corredores íamos ter à parte mais vetusta do convento com uns balcões minúsculos dando para um jardinzito alegremente envaidecido na pompa de suas cravinas”.



IMAGEM 88: Foto tomada do Largo de São Bento com vista para a Igreja de Santa Ifigênia, por volta de 1920. À direita parte do Mosteiro de São Bento; ao centro o Viaduto Santa Ifigênia, inaugurado em 1913. À esquerda, o prédio onde funcionavam os escritórios da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construído em 1886 e demolido em 1932. Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.

A edificação religiosa mais importante do século XX seria, no entanto a nova Catedral da Sé, planejada em 1913. A princípio estabelecera-se que ela devia ser levantada no local da antiga. Mas observou-se que dessa forma não teria o realce pedido por sua estrutura monumental. Decidiu-se então aproveitar em maior extensão a área aberta com a demolição de velhos quarteirões, ampliando-se o Largo da Sé. E transferir a nova Sé para o trecho mais alto da esplanada, ali se erguendo a nova construção de modo a ter sua fachada posterior no alinhamento da Praça João Mendes. Planejada nos moldes do estilo Neo-Gótico – segundo projeto de autoria do arquiteto Max Hehl, professor de arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo – porque no dizer de Adolfo Augusto Pinto, *“no domínio, quer do simbolismo, quer dos elementos puramente ornamentais, nenhum outro estilo arquitetônico é capaz de decorar com mais propriedade e beleza um grande edifício destinado ao culto religioso”*.

Mas, no começo do século XX, as demolições e as construções não se limitaram aos edifícios de caráter religioso. Em 1913, demoliu-se um edifício de três andares na esquina da rua São Bento com a ladeira do Acu. Fora edificado em 1814 e representava bem a arquitetura do século XIX, contrastando durante muito tempo, pelas suas proporções então enormes, com o casario modesto da ladeira.

No seu livrinho de melhoramentos de São Paulo, de 1907, Augusto C. da Silva Teles escrevia: *“Cresceu a cidade com o afluxo de habitantes desejosos de conforto compatível com os proventos de safras de café liquidadas a altos preços, e multiplicaram-se as construções, aprimorando-se o gosto arquitetônico”*.

A tipologia deixa de ter tantas casas térreas e passa a ter três e às vezes quatro pavimentos, o que demonstra que o sistema construtivo não é mais a taipa, aparecendo então a alvenaria de tijolos.

Ao lado de onde existia a igreja do Rosário demolida, ergueu-se o prédio Martinico com cinco andares, ocupado pela sede da Light e pela redação do jornal *O Estado de São Paulo*.



IMAGEM 89: Avenida São João esquina com rua São Bento, na parte superior, a Praça Antônio Prado, à esquerda o Palacete Martinico Prado. Fonte: Cartão Postal, coleção particular de Elíseo Belchior. In *São Paulo Vila Cidade Metr pole*, de Nestor Goulart Reis Filho, p.180.



IMAGEM 90: Avenida São João esquina com rua São Bento, em 2007, na esquina o Edifício Dilan, vizinho a BM & F, e aos fundos o Edifício do Banespa.

No período de 1910 a 1914 executou-se em parte um vasto plano de transformação da cidade e de arrabaldes principais. Entre as propostas previstas constava o alargamento da rua de São João até à rua Lopes de Oliveira e a sua transformação em avenida de 30 metros de largura; o prolongamento da rua Dom José de Barros até o Largo de Santa Ifigênia; o projeto de um parque no Vale do Anhangabaú.

Os primeiros anos do século XX assistiram à repetição, sob várias formas, dos esquemas de relações entre a arquitetura e o lote urbano que haviam entrado em voga com a República. O século passado só se iniciou de fato após a 1^a. Guerra Mundial, por volta de 1914, no que se refere às relações entre a arquitetura e o lote urbano.

Bairros como Higienópolis e Campos Elíseos em São Paulo, tiveram projetos de arquitetos mais ousados, que orientavam a construção das casas com soluções arquitetônicas mais atualizadas, com jardins amplos, porões altos e programas mais complexos, onde conseguiam ser ao mesmo tempo chácaras e sobrados.

Foram iniciadas experiências arquitetônicas mais atualizadas com a introdução do “Art Nouveau”. Passando pelo Neo-colonial, Art-déco e o proto-modernismo que iriam conduzir ao movimento moderno.

Dentre as construções para escritórios e comércio, já se iniciavam as grandes transformações, que acompanhava a separação dos locais de residência e trabalho, além do intenso aumento da população na cidade. Exemplos dessa época em São Paulo são o edifício Baruel, à rua Direita, esquina da Praça da Sé, alguns prédios do Largo do Café e da rua Líbero Badaró. Esses edifícios conservavam o antigo pé-direito de quatro a cinco metros, que possibilitava o emprego de amplas bandeiras sobre as portas e janelas. Esses traços persistiram mesmo em edifícios construídos entre 1920 e 1930.

Em 1921 observava Charles Bernard: “*São Paulo, mais ainda que o Rio, com suas ruas comerciais, seus imponentes palácios, sua animação intensa, dá a impressão de uma grande cidade européia*”.



IMAGEM 91: Largo do Café, com vista para a rua São Bento em direção ao Largo São Francisco, em 1914, à direita rua do Grande Hotel. Observar os trilhos no leito, e túburi estacionado à esquerda. Fonte original: *São Paulo em Três Tempos*. In EMPLASA. *Memória Urbana* p. 12



IMAGEM 92: No mesmo ângulo que a imagem 91, mas em dia de semana, observar o uso do calçadão para o comércio informal desqualifica o espaço. Fotografia tirada em 2007.



IMAGEM 93: Largo do Café, com vista para a rua São Bento, à direita rua Miguel Couto. Essa foto foi retirada num domingo.



IMAGEM 94: Na esquina o Edifício do anexo do Grande Hotel. Foto tomada em 2007.



IMAGEM 95: Rua São Bento na altura do Largo do Café, em direção ao Largo São Bento. O Edifício na esquina é o anexo do Grande Hotel. In: Heloisa Barbuy. *A cidade exposição*. p.100.



IMAGENS 96: Rua São Bento na altura do Largo do Café, em direção ao Largo São Bento. O Edifício na esquina é o anexo do Grande Hotel. Fotografia tirada em 2007.

Do *Primeiro Plano para São Paulo do Século XX* fazia parte a abertura da Praça do Patriarca, como escreveu o engenheiro Adolfo Augusto Pinto, encarregado de desenvolver o plano:

“Como se sabe, não só pela sua estreiteza pois mede pouco mais de meia dúzia de metros, como por ser o trecho sujeito a maior trabalho, a parte da rua Direita que fica entre a rua de São Bento e a rua Líbero de Badaró é a que reclama intervenção mais radical.

Convergindo para a angustiosa abertura desse trecho nada menos de oito vias públicas de grande movimento (o viaduto à rua Líbero Badaró, em dois sentidos, a ladeira do Dr. Falcão Filho, a rua de São Bento dois sentidos, a rua Direita e a rua da Quitanda) e por ali correndo linhas de bondes que fazem o serviço de muitos e importantes bairros da cidade é claro que dentro em pouco o trânsito nesse trecho será impossível, se não for transformando em espaçoso largo, tendo a sua divisa no alinhamento da rua da Quitanda, conforme sugeri há tempos, quando levantei nesta folha a idéia desse melhoramento.

Essa magnífica obra, desde que já assim realizada, e não se limite a um pequeno recuo de prédios, permitirá a arborização do local, abrirá espaço para o estacionamento de carros e automóveis de praça, ao mesmo tempo que facilitará tornar-se o novo largo excelente ponto de partida dos bondes que passarem pelo Viaduto do Chá, os quais poderão fazer a volta no próprio largo, deixando de atravancar as ruas do Triângulo”.

Esta obra foi adiada devido à epidemia de febre na cidade, observou o arquiteto Hugo Segawa, e a Praça do Patriarca foi inaugurada em 1924.



IMAGEM 97: Abertura da Praça do Patriarca, foto da ocasião da obra. *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 160.



IMAGEM 98: Praça do Patriarca em 1925, recém inaugurada. *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 157.



IMAGEM 99: A Praça do Patriarca em 1927. *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 161.



IMAGEM 100: No mesmo ângulo em 2007. Em branco, à direita no primeiro plano, parte do pórtico projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.



IMAGEM 101: Observar o Viaduto do Chá, projeto de Jules Martin, chegando à Praça do Patriarca, na direção da rua Direita, 1927. *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 192, pormenor da imagem.

IMAGEM 102: Observar o Viaduto do Chá, projeto de Elisiário da Cunha Bahiana, chegando centralizado à Praça do Patriarca.





IMAGEM 103: Observar o volume, a altura, gabarito, dos edifícios do entorno da Praça do Patriarca, nesta vista aérea. *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 162.



IMAGEM 104: Comparar o volume, a altura, gabarito dos edifícios com a imagem 103. Na Praça do Patriarca o Pórtico com a cobertura do acesso a Galeria Prestes Maia, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.



IMAGENS 105 e 106: Fotos tiradas no mesmo ângulo da cabeceira do Viaduto do Chá com vista para a rua Direita, observar que a acima é o primeiro viaduto, com trilhos de bonde no começo do século XX, enquanto a foto abaixo é do começo do século XXI. Acima: *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 159 e abaixo foto da autora em 2007.





IMAGEM 107: da rua Direita avista-se a torre da Igreja de Santo Antônio aos fundos à esquerda e ainda o Casarão do Barão de Tatuí, ou seja antes do Viaduto do Chá. Foto de Militão Augusto de Azevedo, 1862. In: MAGOSSÍ, Eduardo. *São Paulo Relembada*. p. 110.

IMAGEM 108: No mesmo ângulo que a imagem anterior na década de 1920. Foto Guilherme Gaensly. Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.





IMAGEM 109: No mesmo ângulo que a anterior em 2007, a torre da igreja quase não se vê, perdida na atual paisagem urbana. Foto da autora.

O mosteiro da Luz, em 1924, foi duramente atingido por disparos da revolução. Escapou *“milagrosamente”*, dizem alguns. Milagre mesmo é ter escapado às transformações urbanas de São Paulo durante esses cinco séculos, principalmente o século XX.

A arquitetura teve transformações decorrentes da mecanização do transporte vertical e horizontal, garantindo as bases para um amplo desenvolvimento. *“É a época do aparecimento dos arranha-céus, com a verticalização do crescimento urbano nas áreas centrais das grandes cidades e também da multiplicação, na periferia, dos grandes bairros proletários para a acomodação das classes menos favorecidas. Surgiriam ainda os bairros-jardim, para as classes mais abastadas, com os edifícios afastados obrigatoriamente dos limites dos lotes”*, escreveu Nestor Goulart Reis Filho⁵⁶.

⁵⁶ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. P. 64.

O concreto armado como técnica construtiva inovadora permitiu avanços nas construções, mudando a paisagem de São Paulo. Como exemplo que rompeu com a horizontalidade da cidade abrindo caminho para os arranha-céus do século XX, podemos destacar o Edifício Martinelli, com 30 andares e altura de 105 a 130 metros, construído de 1925 a 1929.

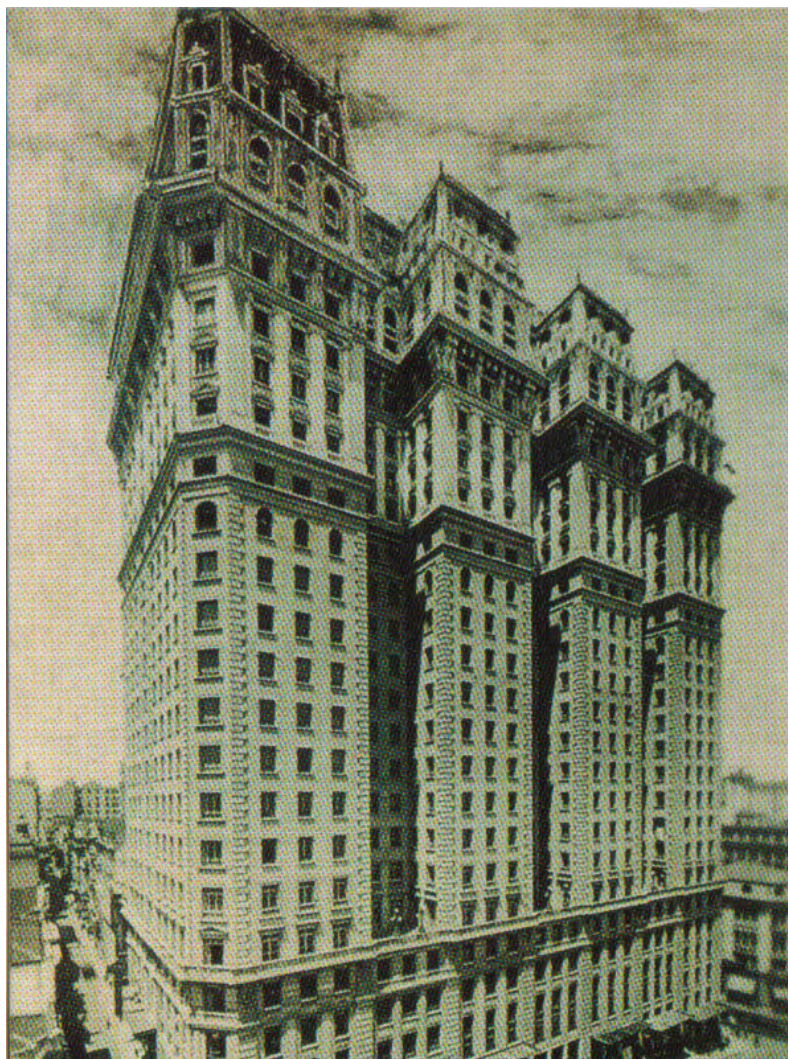


IMAGEM 110: Edifício Martinelli. Cartão Postal - Imprensa Oficial.



IMAGEM 111: Largo do Rosário antes do alargamento da Avenida São João. Edifícios como da Rotsserie Castelões, Casa Mathias foram demolidos para a abertura da Praça Antônio Prado. In EMPLASA. *Memória Urbana* p.41.



IMAGEM 112: Rua São João antes de ser alargada, 1887. In: MAGOSSÍ, Eduardo. *São Paulo Relembrada*. p. 144.



IMAGEM 113: O Café Brandão na esquina onde existiu o Hotel Itália Brazil, c. 1910. Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.



IMAGEM 114: Avenida São João alargada neste trecho. Provavelmente entre 1927 e 1929. À direita parte do Prédio Martinelli em obras e à esquerda o edifício dos Correios. In: *Andar, Vagar, Perder-se. São Paulo anos 20*. p. 130.



IMAGEM 115: Foto da autora tomada no mesmo ângulo em 2007.

“Nas mesmas ruas em que haviam circulado as carroças e carruagens, circulavam agora os automóveis, caminhões e ônibus, preparando o congestionamento dos dias de hoje; recebiam uma população cada dia maior, sem atualizar os meios de transportes e abastecimento, entravam na era industrial equipados com instrumentos dos tempos da pedra lascada”, escreveu Nestor Goulart Reis Filho⁵⁷.

A evolução industrial fez com que crescesse o operariado urbano, ao que conduziu o aparecimento de bairros populares ao longo das vias férreas, perto das indústrias ou em regiões suburbanas.

A grande transformação ocorrida na arquitetura residencial foi o afastamento em relação a todos os limites do lote, dando oportunidade para o tratamento arquitetônico e paisagístico. Conseqüentemente valorizando esses lotes.

⁵⁷ Idem. p. 66.



IMAGENS 116 e 117: Rua Líbero Badaró na esquina com a Avenida São João. Acima: *Anhangabaú*. Benedito Lima de Toledo, p. 97. E abaixo: Foto da autora em 2007.



O Novo Viaduto do Chá, centralizado com a Praça do Patriarca, foi inaugurado em 1938. Ver as imagens 118 e 119. A imagem 118 pertence ao acervo da biblioteca da FAU-USP. Enquanto a imagem 119 foi tirada para essa pesquisa de um edifício à rua Barão de Itapetininga.



IMAGEM 118: O novo Viaduto do Chá. Acervo da biblioteca da FAU-USP.



IMAGEM 119: A Praça do Patriarca em 2007. Foto da autora.

Na segunda metade do século XX, o crescimento populacional, juntamente com a migração foi muito grande, decorrente das melhores oportunidades de vida que a “cidade grande” oferece.

Com essas imagens apreciam-se as mudanças e persistências na paisagem urbana, ao longo da rua São Bento.

A cidade de taipa transformou-se na cidade de tijolos e, com o avanço nas técnicas construtivas e o desenvolvimento econômico, na cidade de concreto. De casinhas térreas a grandes arranha-céus. Como definiu Benedito Lima de Toledo, “*A cidade de São Paulo é um palimpsesto*”.



IMAGEM 120: Coleção Livraria Sereia. In: Nestor Goulart Reis Filho. *São Paulo Vila, Cidade Metrópole*, p152



IMAGEM 121: Edifício Sampaio Moreira, década de 1920. Francisco Prestes Maia. *Introdução ao estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo*. In: Candido Malta Campos. *Palacete Santa Helena*, p. 61.



IMAGEM 122: Zeppelin sobrevoando São Paulo em 1933. Foto do acervo do Prédio Martinelli.



IMAGEM 123: Foto tirada do terraço do Teatro Municipal em 2007, para esta pesquisa pela autora.

IMAGENS 120, 121, 122 e 123: Todas foram tomadas do outro lado do Vale do Anhangabaú com vista para o centro velho, em primeiro plano os edifícios do Vale, em segundo plano os edifícios da rua Líbero Badaró, como o Edifício Sampaio Moreira, e em terceiro plano os edifícios da rua São Bento, como o Edifício Barão de Iguape. Observar a torre da Igreja de Santo Antônio, nas imagens 120 e 123. Na imagem 122 aparece o Prédio Martinelli, onde sua fachada posterior, vindo deste ângulo, é frente para a rua São Bento.

6. O fragmento objeto desta pesquisa – a rua São Bento:

A origem da povoação de São Paulo e seus primeiros impulsos, como Ernani Silva Bruno escreveu em *História e Tradições da Cidade de São Paulo*⁵⁸ seguiram objetivos religiosos, a catequese, estabelecendo os aldeamentos de padres e índios. Esses deixaram suas experiências como as primeiras edificações, os primeiros arruamentos e a escolha do sítio em que se estabeleceram.

Os primeiros caminhos e arruamentos que existiram na vila de Piratininga ligavam os pontos mais importantes dos primeiros séculos, que foram as igrejas e os conventos. Primitivamente chamada de rua Martim Afonso, segundo Teodoro Sampaio, passou logo a ser batizada de rua de São Bento. Ainda no século XVI, a ligação do mosteiro de São Bento (fundado em 1598) com o colégio dos Jesuítas formou o caminho da atual rua XV de Novembro. Mais tarde se formaria o caminho do Colégio para a igreja e convento do Carmo, que seria depois a rua do Carmo.

O leito desses arruamentos foi decerto mantido por um bom tempo no estado de solo bruto, ou de terra nua, apenas ajeitados para atenderem seus objetivos de ligação. Segundo Ernani Silva Bruno, as chuvas causavam estragos, e as enxurradas lanhavam o solo deixando buracos e valetas por todo percurso. Os vereadores desde fins da era quinhentista exigiam que o meio fio fosse ladrilhado, calçado para as águas da chuva correrem à vontade⁵⁹.

No começo do século XVII, o arruamento primitivo recebeu um trato, onde vielas foram fechadas e proibiram a abertura de novos becos e caminhos. Algumas dessas ruas tiveram suas denominações revistas ou abreviadas. Como as ruas “A Direita que vai para Santo Antônio”, rua Direita a partir de 1674. A rua “A que vai para Nossa Senhora do Carmo”, abreviada em rua do Carmo. A rua de São Bento teve seu nome simplificado dessa forma em 1647, sendo antes “a que vai para São Francisco” ou “a de São Bento para São Francisco”⁶⁰.

Ainda no século XVIII, havia muitos dos becos abertos e a rua São Bento embora conservasse a direção apresentava uma porção de curvas e reentrâncias⁶¹.

⁵⁸ BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. p. 72

⁵⁹ Idem. p. 151 e 152

⁶⁰ Ibidem. p. 157

⁶¹ Ibidem p. 160 e 161

A numeração da rua São Bento, bem como da cidade era feita seqüencialmente. Para esse trabalho a numeração do final do século XIX foi considerada a antiga. Em 1910, a cidade recebeu uma nova numeração ainda seqüencial. Em 1928, novamente outra numeração seqüencial e em 1936 foi estabelecida a numeração métrica, sendo a mesma hoje em 2007.

No decorrer dessa pesquisa o esclarecimento da mudança de numeração foi fundamental para entender as solicitações dos processos tanto no Arquivo Municipal Washington Luis como no Arquivo Geral de Processos da Prefeitura Municipal de São Paulo, situado no bairro da Freguesia do Ó / Piqueri.

Sem estabelecer essa relação da numeração não seria viável a comparação da situação atual dos lotes com o uso anterior a 1936, 1928, 1910 e final do século XIX.

Neste capítulo será apresentado um inventário dos imóveis ao longo da rua São Bento, a partir do levantamento existente no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo. Este tem o propósito de registrar a situação do patrimônio cultural existente em 2007 para sua valorização, realização de futuros trabalhos científicos, projetos de proteção, restauro e revitalização. É importante observar, nesta pesquisa, que mudanças aconteceram tanto com obras públicas, abertura de praças, como as particulares ao longo do fragmento em questão.

De forma a organizar as informações, o inventário foi feito pelas quadras fiscais onde cada subtítulo exhibe os desenhos das fachadas da quadra no começo do século XX e em 2007, e a cada subitem será detalhado um lote da quadra.

Além disso, serão apresentados os inventários das referências deste trabalho: as Igrejas de Ordem Primeira e Terceira de São Francisco e a Igreja e Mosteiro de São Bento.

6.1 Setor 005, Quadra 09: Largo São Francisco – rua José Bonifácio.**6.1.1 N^o Terreno**

Localização: SETOR: 5 QUADRA: 9 LOTE: 008

Endereço: Rua São Bento

Numerações anteriores:

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: 0

Frente:

Estilo Arquitetônico:

Ano:

Projeto de:

Processo:

Proprietários: Jockey Club de São Paulo

Usos do imóvel: estacionamento

Estado de Conservação: bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 124: Foto do lote lindeiro ao Largo do Ouvidor, em 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

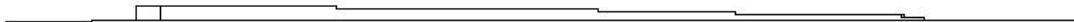


IMAGEM 125: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Esse terreno encontra-se arborizado no seu entorno.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.2 Setor 005, Quadra 10: rua Benjamin Constant – rua José Bonifácio.**6.2.1** N^o Praça Paulo Duarte

Localização: SETOR: 5 QUADRA: 10 LOTE:

Endereço: Rua São Bento

Numerações anteriores:

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos:

Frente:

Estilo Arquitetônico:

Ano:

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Metrô

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 126: Março de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

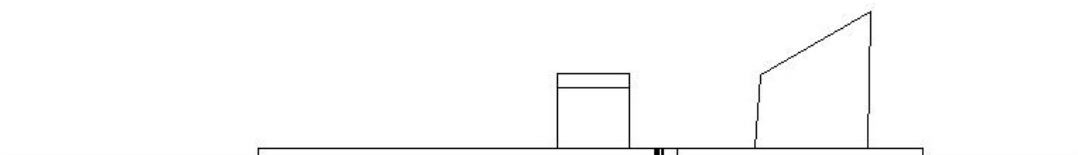


IMAGEM 127: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.3 Setor 05, Quadra 03: rua José Bonifácio – Praça do Patriarca



IMAGEM 128: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶²

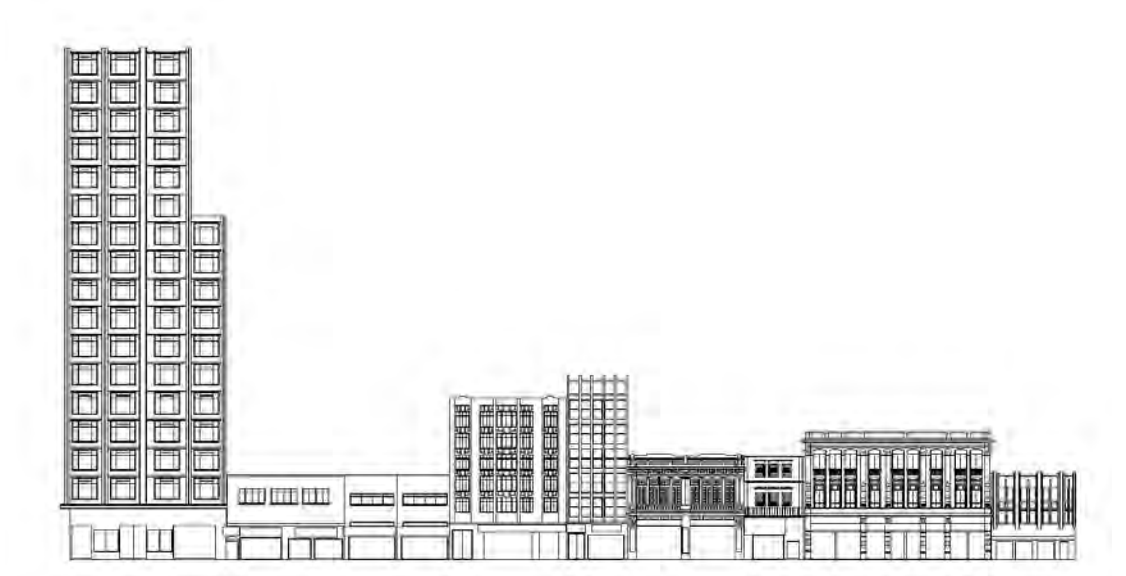


IMAGEM 129: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶² Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.3.1 Nº 250 Edifício do Ouvidor

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 014

Endereço: Rua José Bonifácio, 250, esquina Rua São Bento

Numerações anteriores: 9 / 1 / 1 e/t / 1 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolo

Número de pavimentos: T + 16 (escalonamento com recuo lateral a partir do 11º.)

Frente: 16.90 m (José Bonifácio), 2.33 m chanfro, 11.97 m (São Bento)

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1941, habite-se solicitado por Alfredo Mathias.

Processo: N. 36410/41

Projeto de: Arquiteto Alfredo Mathias

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 4 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 131: Vista da rua São Bento.



IMAGEM 130: Observar as vitrines avançando no passeio, antes da Lei da "Cidade Limpa."



IMAGEM 132: Acesso ao Edifício Ouvidor pelo Largo do Ouvidor.



IMAGEM 133: Observar a fachada sem as vitrines, após a Lei da "Cidade Limpa".

Plantas/Cortes/Elevações:

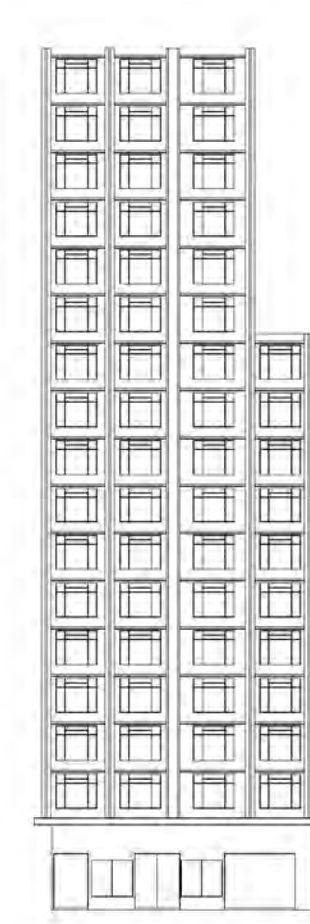


IMAGEM 134: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Por estar situado na esquina em frente ao Largo do Ouvidor a legislação permitia maior altura.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

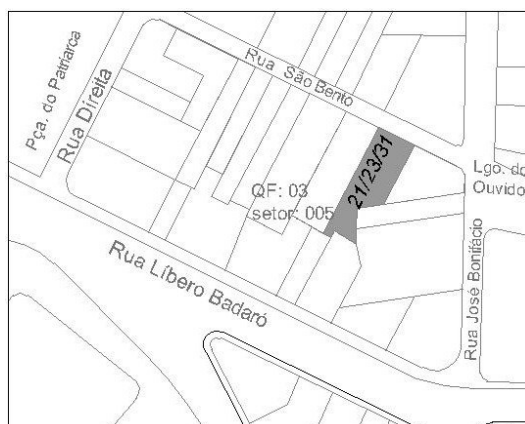
6.3.2 Nº 21, 23, 31

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 135

Endereço: Rua São Bento, 21, 23, 31

Numerações anteriores: 39 / 5 sob / 7 A e/s / 7 bx

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 13.34 m

Estilo Arquitetônico:

Ano: Déc. 50, séc. XX

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Heitor Giuliani

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 135: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

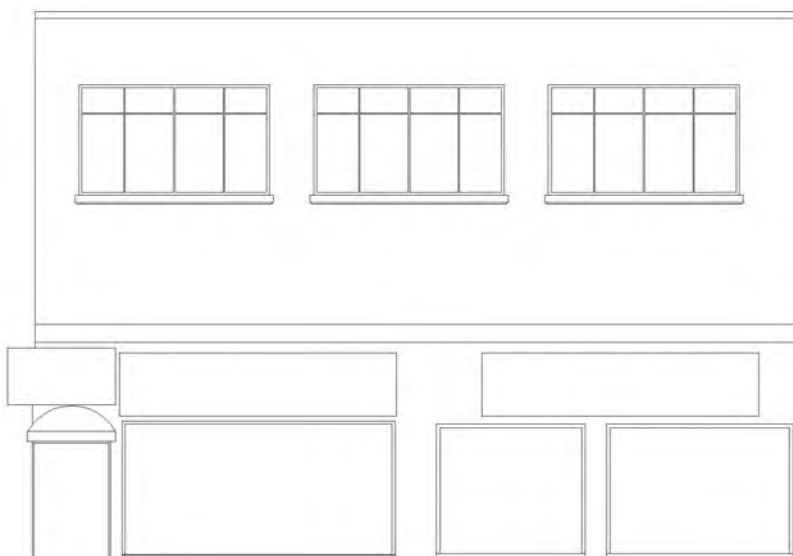


IMAGEM 136: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.3.3 Nº 41,43

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 2782/2790

Endereço: Rua São Bento, 41, 43

Numerações anteriores: 41 / 5 a / 7 B e/t / 7 bx

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 12.00 m

Estilo Arquitetônico:

Ano: Déc. 50, séc. XX

Processo:

Projeto de:

Proprietários: 41 - Marwan K Al Obaid; 43 - Armando Barcat Kalim

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 137: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

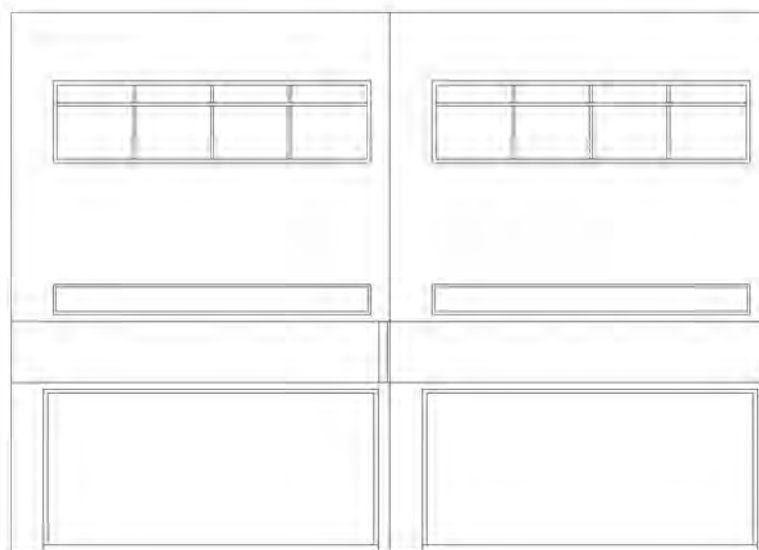


IMAGEM 138: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

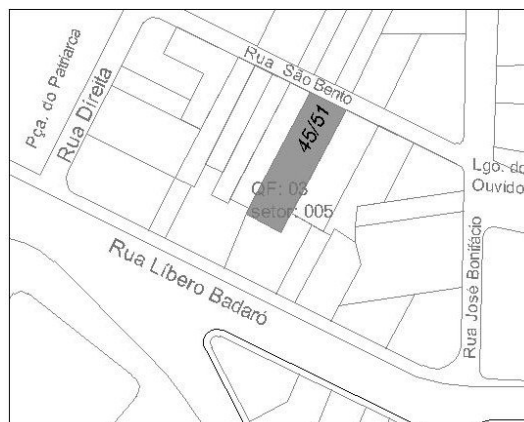
6.3.4 N.º 45 Prédio Azevedo Soares

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 119

Endereço: Rua São Bento, 45, 51

Numerações anteriores: 45,57 / 7 / 11 e/s / 11 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 5 + Zelador

Frente: 17.35 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1934

Processo:

Projeto do: Arquiteto Arquimedes de Barros Pimentel

Proprietários: Roberto Elias Cury

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Resolução N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Processo n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 139, 140 e 141: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

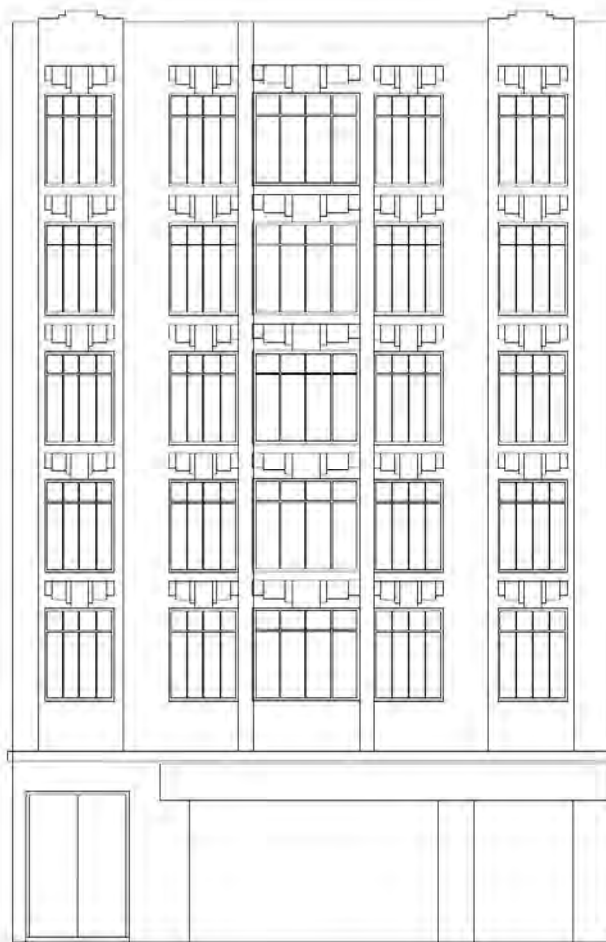


IMAGEM 142: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

O arquiteto Arquimedes de Barros Pimentel nos forneceu um depoimento em maio de 2007.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

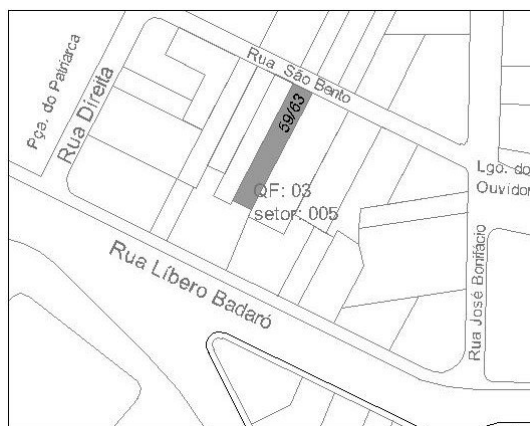
6.3.5 N.º 59, 63 Edifício Kosmos

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 59, 63

Numerações anteriores: 59 / 9 / 13 e/t / 13 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria

Número de pavimentos: T + 10 + Zelador (escalonado a partir do 6.º pavimento)

Frente: 6.97 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1959 habite-se

Processo:

Projeto de:

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 143, 144 e 145: Dezembro de 2007.



Plantas/Cortes/Elevações:

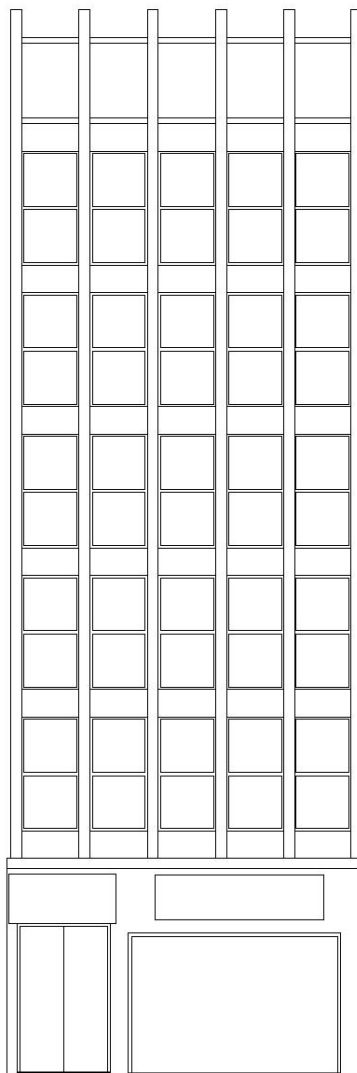


IMAGEM 146: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

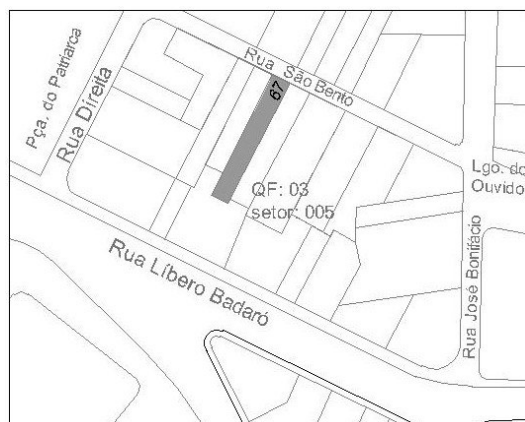
6.3.6 Nº 67

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 097

Endereço: Rua São Bento, 67

Numerações anteriores: 67 / 11 / 15 e/t / 15 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 6.50 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1908

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Victória Patrimonial Ltda.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 147: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

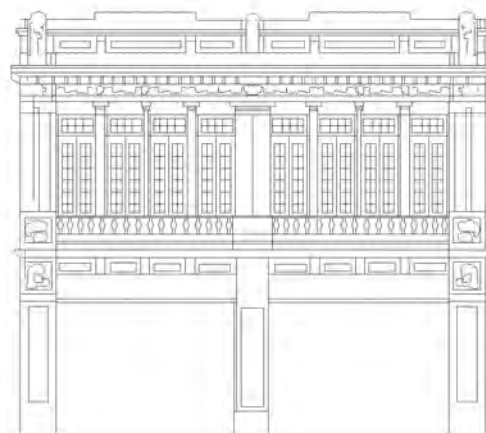


IMAGEM 148: A metade esquerda é o número 67. Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

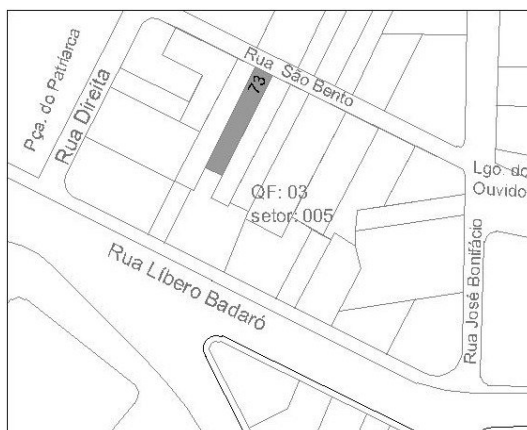
6.3.7 N° 73, 75

Localização: SETOR:05 QUADRA: 03 LOTE: 089

Endereço: Rua São Bento, 73, 75

Numerações anteriores: 75 / 11 a / 17 e/t / 17 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 6.70 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1908

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Salim Abraao Kalim e outro

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 149: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

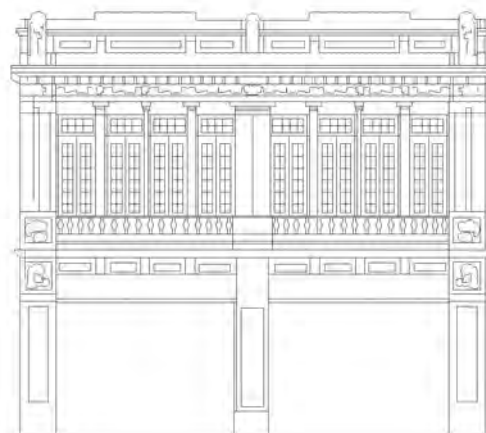


IMAGEM 150: A metade direita são os números 73 e 75. Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.3.8 Nº 81, 83

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 070

Endereço: Rua São Bento, 81, 83

Numerações anteriores: 81 / 13 / 19 e/t / 19 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 6.8 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: Primeira década do séc. XX.

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Marina Branco de Melo M. Aires de Souza

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 151: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

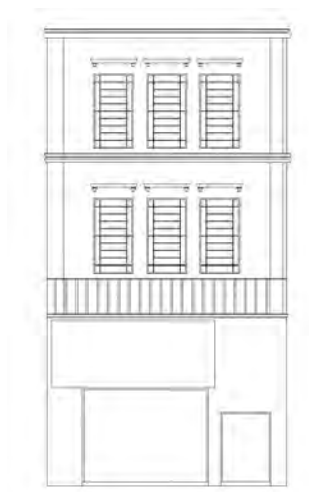


IMAGEM 152: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares: Imóvel encontra-se descaracterizado, mas recuperável.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

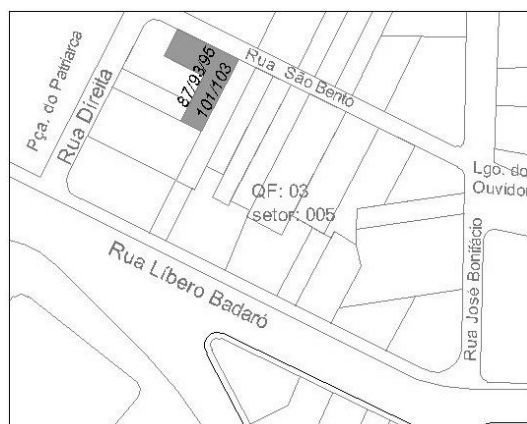
6.3.9 N° 87, 93, 95, 101, 103

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 062

Endereço: Rua São Bento, 87,93, 95, 101, 103

Numerações anteriores: 87 / 15 / 21 e/t / 0 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 22.72 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1908

Processo:

Projeto de: Augusto Fried

Proprietários: Taquari Agro Comercial Ltda.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 153: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

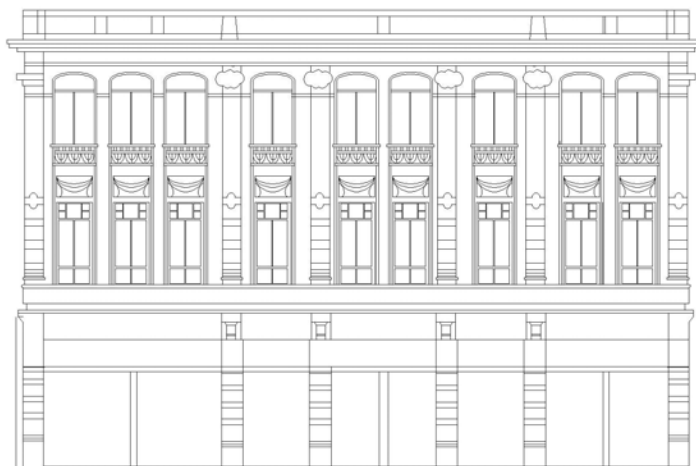


IMAGEM 154: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações: Este imóvel após a Lei da “Cidade Limpa” reapareceu para a cidade, pois encontrava-se recoberto em várias partes da fachada.

6.3.10 N° 9 Pça do Patriarca

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE:

Endereço: Praça do Patriarca, 9

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 2 + terraço na cobertura

Frente: 8.00 m (São Bento), 3.00 m chanfro, 18.00 m (Pça)

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1942 habite-se

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 155, 156 e 157: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

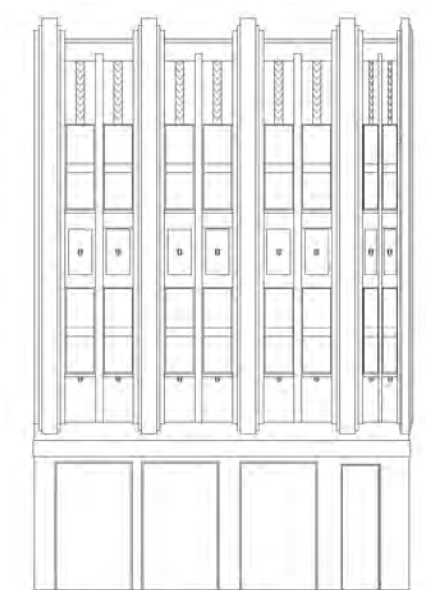


IMAGEM 158: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiente:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.4 Setor 005, Quadra 04: rua José Bonifácio – rua Direita.



IMAGEM 159: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶³

Observação: O imóvel da esquina, à direita, é a fachada para a Rua José Bonifácio.



IMAGEM 160: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶³ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.4.1 N° 16, 28, 34 Antiga Residência do Brigadeiro Luis Antônio.

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 04 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 16, 28, 34

Numerações anteriores: 28, 34 / 2 sob / 2 A / 0 bx

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 22.67 m (São Bento), 3.90 m chanfro, 33.04 m (José Bonifácio)

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1908

Processo:

Projeto de: Max Hehl

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 161 e IMAGEM 162: Fotos da esquina das ruas São Bento e José Bonifácio, antes e depois das alterações na fachada em função da lei da “Cidade Limpa”.



IMAGEM 163 e IMAGEM 164: Dezembro de 2007.



IMAGENS 165 e 166: Detalhes.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 167: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos: O antigo sobrado que existiu antes nesse endereço pertenceu ao Brigadeiro Luis Antônio, e depois do seu filho o Barão de Souza Queiroz.

Documentação Existente:

Observações:

6.4.2 N° 44 Edifício Luiza Monteiro

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 04 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 44

Numerações anteriores: 44 / 6 / 8 / 8 p alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + sobreloja + 8 + zelador

Frente: 12.00 m

Estilo Arquitetônico:

Ano: 1978, habite-se solicitado por Monteiro Com. E Const. S/A

Processo: N. 55725/41 N. 64181/57 N. 173620/78

Projeto de:

Proprietários: 38 - Salim Abraao Kalim; 44 Chamsi Barcat Kalim

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 168 e 169: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

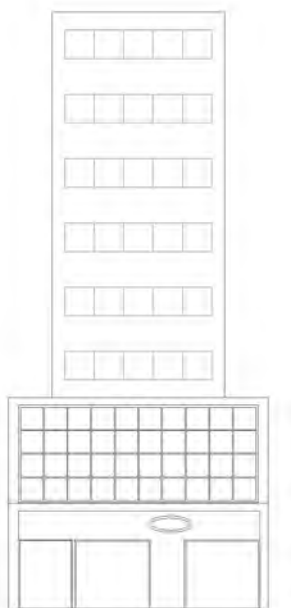


IMAGEM 170: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.4.3 N° 50, 56, 62.

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 04 LOTE: 288

Endereço: Rua São Bento, 50, 56, 62

Numerações anteriores: 62, 68 / 10 / 10 e/t / 8 b alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 20.00 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1940 habite-se, solicitado por Francisco de Toledo Lara e outro em 1957 solicitado por Sobrasil Ltda.

Processo: N. 42038/40, N. 115708/57

Projeto de:

Proprietários: Ruy Lara Nogueira

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 171: Antes da Lei da “Cidade Limpa”. IMAGEM 172: Dezembro de 2007.



IMAGENS 173, 174 e 175: Detalhe das três lojas deste edifício. Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 176: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e
históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.4.4 Nº 74, 82, 86 Edifício Vautier Franco

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 04 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 74, 82, 86

Numerações anteriores: 86 / 14 / 14 / 2 a tin

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 6 + Zelador

Frente: 25.48 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1950 habite-se, solicitado por J. Diez

Processo: N. 14505/1950

Projeto de:

Proprietários: Roberto Vautier Franco e outros

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 177 e 178: Fotos tiradas antes da lei "Cidade Limpa".



IMAGENS 179 e 180: Fotos tiradas em dezembro de 2007, após a aplicação da lei.



IMAGENS 181 e 182: Fotos do Edifício Vautier Franco.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 183: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Neste endereço funcionou a Leitaria Campo Bello.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.4.5 N° 225 Lojas Marisa

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 04 LOTE:

Endereço: Rua Direita, 225, 259, 263

Numerações anteriores: 100 / 14 sob / 14 B e/t / 2 c tin

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: subsolo + T + 1

Frente: 22.58 m, 8.60 m chanfro, 22.21 m (Direita)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: Década de 1970, fotos na EMURB, o edifício em obras.

Processo: N. 89157/39, solicitado por Antônio de Toledo Lara Filho

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 184: Foto tomada antes da fachada adequada a lei “Cidade Limpa”.

IMAGEM 185: Foto tomada em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

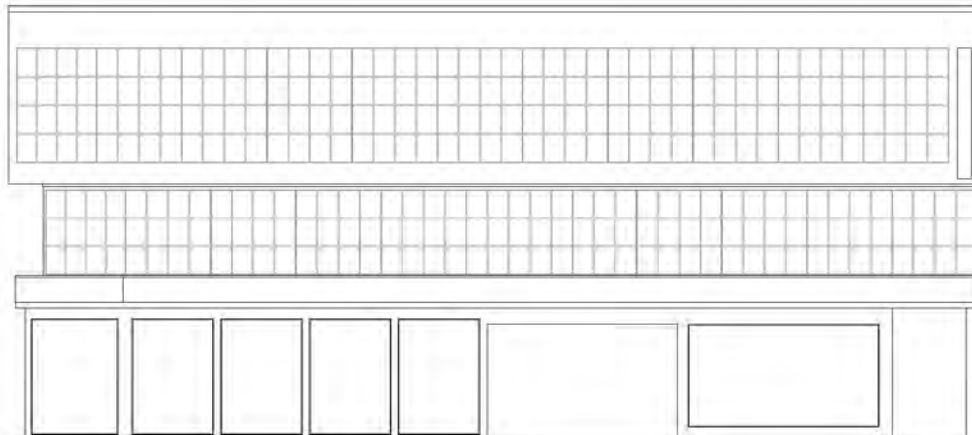


IMAGEM 186: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares: Esse edifício foi projetado para ter o vão do térreo livre sob pilotis, mas foi fechado com vitrines.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.5. Setor 001 Quadra: Praça do Patriarca.

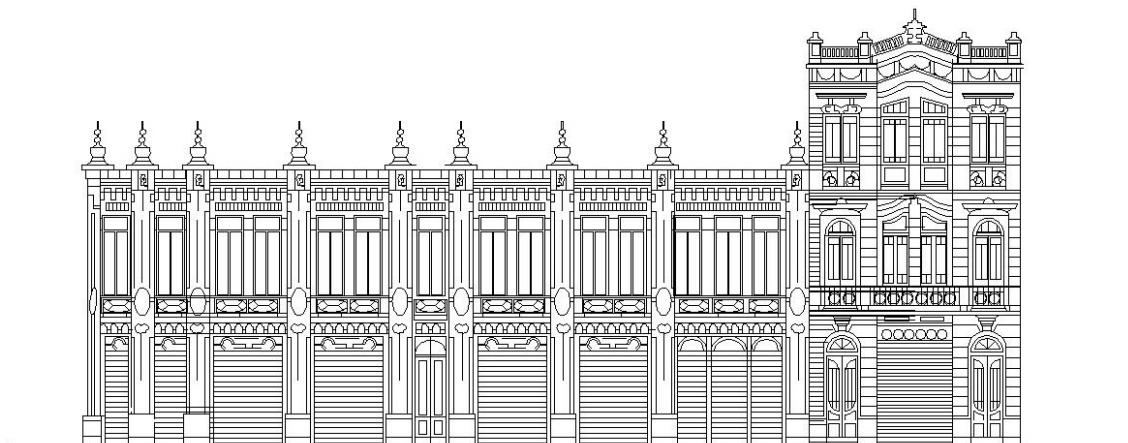
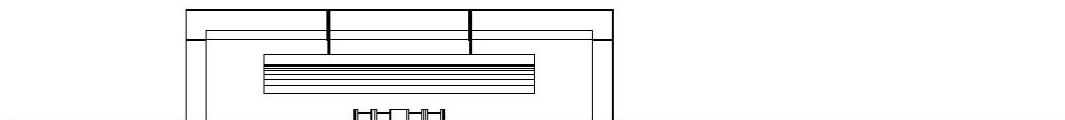


IMAGEM 187: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁴ Esse é o desenho dos imóveis que foram demolidos para a abertura da Praça do Patriarca.



Praça do Patriarca

IMAGEM 188: Desenho feito sobre foto da Praça do Patriarca em 2007. Pórtico de cobertura ao acesso à Galeria Prestes Maia. Projeto do Arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

⁶⁴ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.5.1 s/Nº Praça do Patriarca – Igreja de Santo Antônio

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 03 LOTE: 03

Endereço: Praça do Patriarca

Numerações anteriores:

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Taipa de Pilão e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 18 m

Estilo Arquitetônico: Barroco

Ano: 1592, Capela e 1717 a Igreja de taipa.

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: culto religioso

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: Tombado pelo CONDEPHAAT – Proc. 8576/69 – Res. Public. no D.O. de 09/04/1970

Z8 – 200/040 – 8328/75

Iconografia:



IMAGEM 189: Detalhe da Taipa deixado aparente após trecho restaurado.

IMAGEM 190: Fachada em novembro de 2007.



Plantas/Cortes/Elevações:

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:



IMAGEM 191: Inserção da Igreja na Praça do Patriarca. À direita o pórtico, cobertura do acesso a Galeria Prestes Maia.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.6 Setor 001 Quadra 84: rua Direita – rua Quitanda

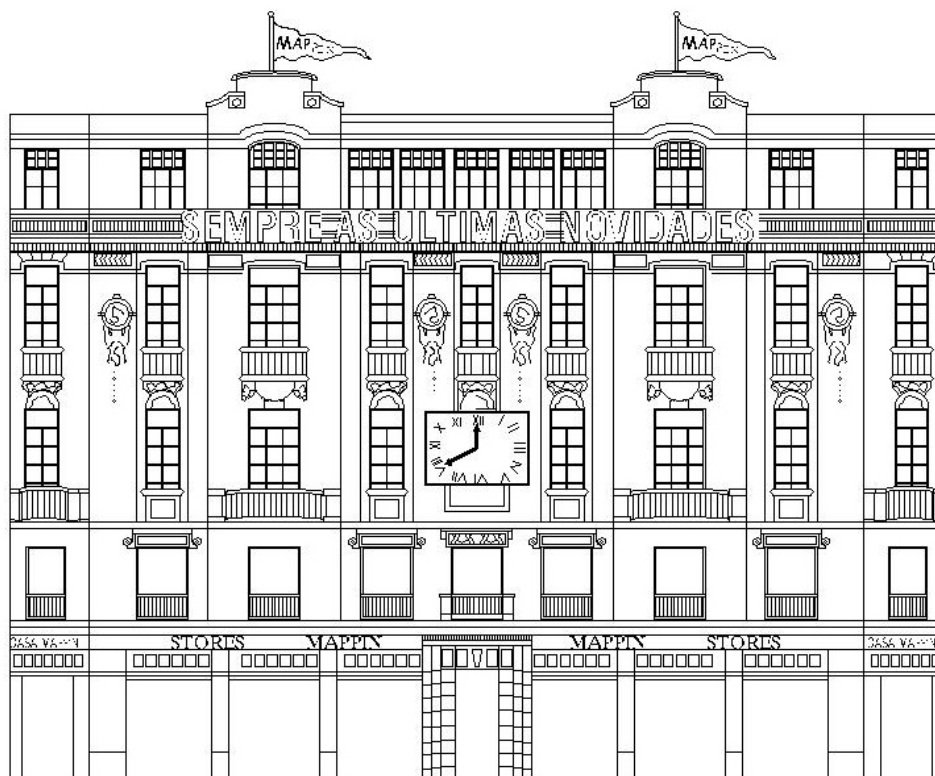


IMAGEM 192: Desenho da fachada do Edifício Barão de Iguape durante os 20 anos que a loja *Mappin Stores* ocupou esse prédio inteiro.

6.6.1 Nº 250 Edifício Barão de Iguape

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 84 LOTE: 31, 33 a 46

Endereço: Rua Direita, 250

Numerações anteriores: 146, em 1936 / 2 Pça, em 1928 / em construção, em 1910

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto Armado

Número de pavimentos: 3 subsolos + T + 31 + Heliponto

Frente: 28.75 m (Direita), 2.95 m chanfro, 29.00 m (São Bento), 3.30 m chanfro, 23.50 m (Quitanda)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1956

Processo:

Projeto de: Jaques Pilon, Giancarlo Gasperini e Jerônimo Bonilha Esteves

Proprietários: Banco Moreira Salles S/A. UNIBANCO S/A

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 193 e 194: Edifício Barão de Iguape, em 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

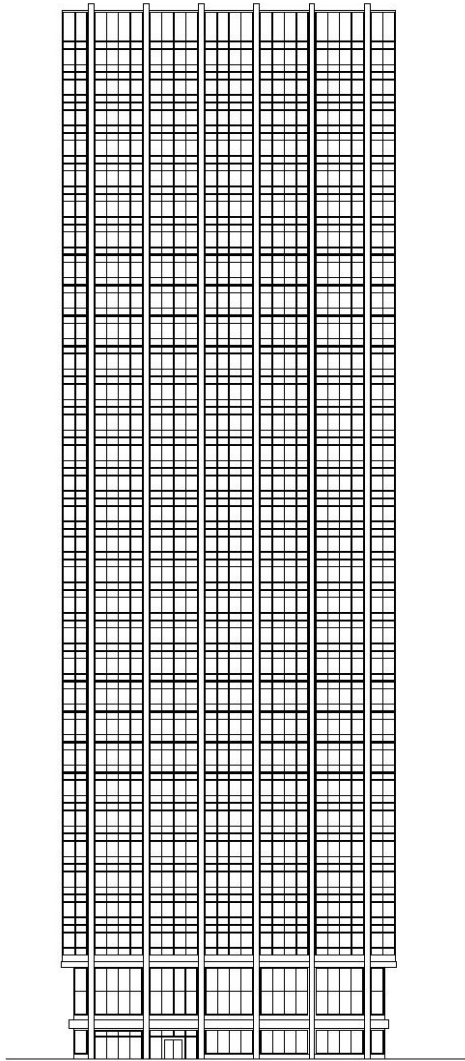


IMAGEM 195: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Em 1911, estava em construção o prédio para o Hotel Rotisserie Sportsman.

Dados de Ambiência:

O atual edifício é um marco na paisagem, pois se encontra alinhado com a Praça do Patriarca e o Viaduto o Chá.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.7 Setor 001 Quadra 80: Praça do Patriarca – rua Miguel Couto



IMAGEM 196: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁵



IMAGEM 197: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶⁵ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.7.1 N° 177, 181, 185 Edifício Casa Patriarca

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 177, 181, 185

Numerações anteriores: 177, em 1936 / 17, em 1928 / 23, em 1910 / 23 alt, antigamente (séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: estrutura de Concreto Armado

Número de pavimentos: T + M + 7

Frente: 13.60 (São Bento), 3.80 Chanfro, 14.40 (Praça Patriarca)

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: década de 1920

Processo:

Projeto de: Ramos de Azevedo

Proprietários: Chamsi Barcat Kalim

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: regular

Proteção Existente: Z8 – 200 – 003 Proposta P2

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 2

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia :



IMAGEM 198: Vista da rua São Bento. Dezembro de 2007.



IMAGEM 199: Vista da esquina da rua da Quitanda com a rua São Bento.

IMAGEM 200: Porta do Edifício Casa Patriarca. Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

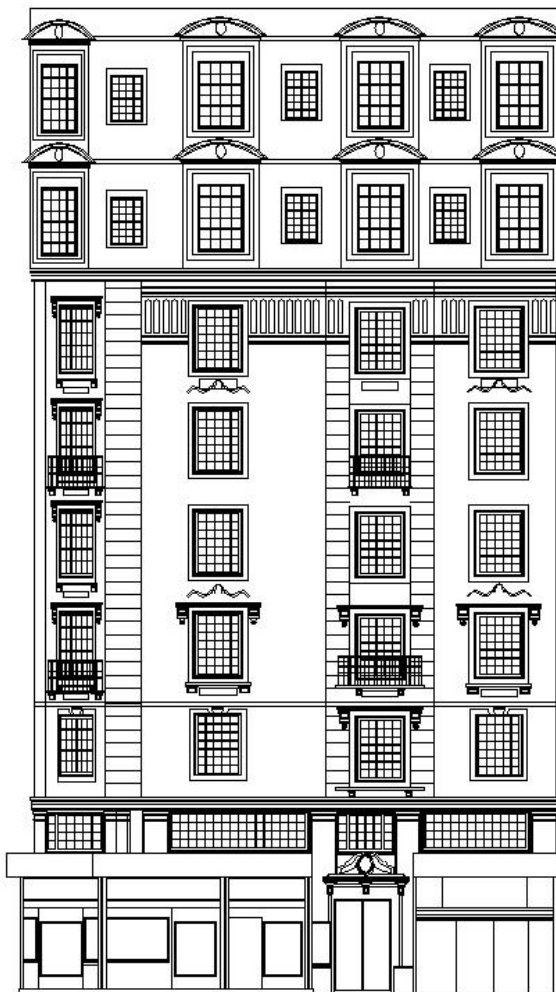


IMAGEM 201: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiente:

Compõe harmonicamente com seus vizinhos um dos lados da Praça do Patriarca.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Um conjunto arquitetônico eclético, com caráter monumental.

Documentação Existente:

Observações:

6.7.2 N° 189, 195, 197 Residência Elias Chaves

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 109

Endereço: Rua São Bento, 189, 195, 197

Numerações anteriores: 189, em 1936 / 19, em 1928 / 29 e/t, em 1910 / 27 alt, antigo (séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 11.80 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano:1885, frontão feito pelo arquiteto italiano Cláudio Rossi, com características neo-clássicas, segundo Debenedetti e Salmoni.

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Antônio Carlos Kalim e outro

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Regular

Proteção Existente:

CONDEPHAAT : Processo n. 20023/1976.

Iconografia



IMAGEM 202 e IMAGEM 203: Vistas da Residência Elias Chaves.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 204: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O edifício está em harmonia volumétrica e de gabarito com os vizinhos também tombados.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Este edifício foi projetado por arquiteto italiano, para residência do fazendeiro de café Elias Pacheco Chaves. É um exemplar que documenta como morava na segunda metade do século XIX a classe dominante, da oligarquia cafeeira.

Quando Elias Chaves mudou dessa residência, o edifício abrigou a sede da Prado Chaves & Cia.

Documentação Existente: Fichas Z8 – 200/ Pasta 15, ficha 7

Observações:

6.7.3 N° 201, 207

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 95

Endereço: Rua São Bento, 201, 207

Numerações anteriores: 203, em 1936 / 21, em 1928 / 31 A e/t, em 1910 / 0 bx, antigo (séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 10.62 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: década de 1930

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Davina Nogueira Thompson

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Regular

Proteção Existente: Z8 – 200 – 005 Proposta P2

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGEM 205 e IMAGEM 206:Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

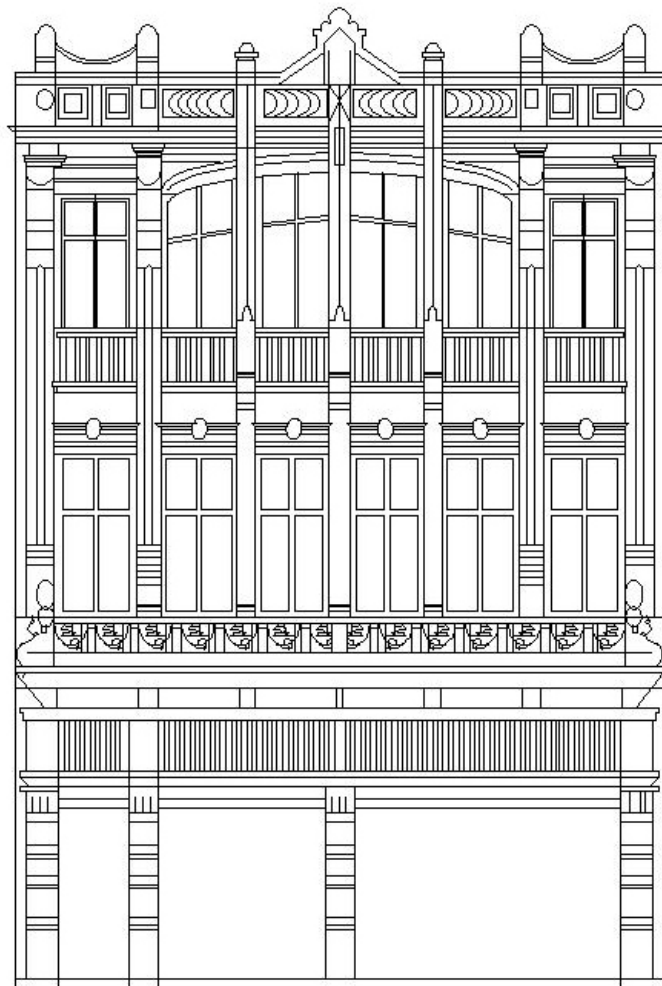


IMAGEM 207: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência: Completa um conjunto eclético com seus dois vizinhos para a Praça do Patriarca.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.7.4 Nº 231 Edifício Campos de Piratininga

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 231

Numerações anteriores: 217, 231, em 1936 / 23 sob, 25 sob, em 1928 / 33 e/t, 35 e/s, em 1910 / 33 A alt, 35 A alt, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: térreo + mezanino, para a rua São Bento. Para a rua Líbero Badaró: subsolo(1) + T + 13 + 2 (casa de máquina)

Frente: 28.82 m, para a rua São Bento, faz frente para a rua Líbero Badaró, 318.

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1977, habite-se solicitado por VEPLAN S/A

Processo: N. 326595/1977

Projeto de:

Proprietários: Banco Nossa Caixa (Líbero Badaró) e comerciantes (São Bento)

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 208, 209 e 210: Vista para a rua São Bento.



IMAGENS 211 e 212: Vistas para a rua Líbero Badaró.

Plantas/Cortes/Elevações:

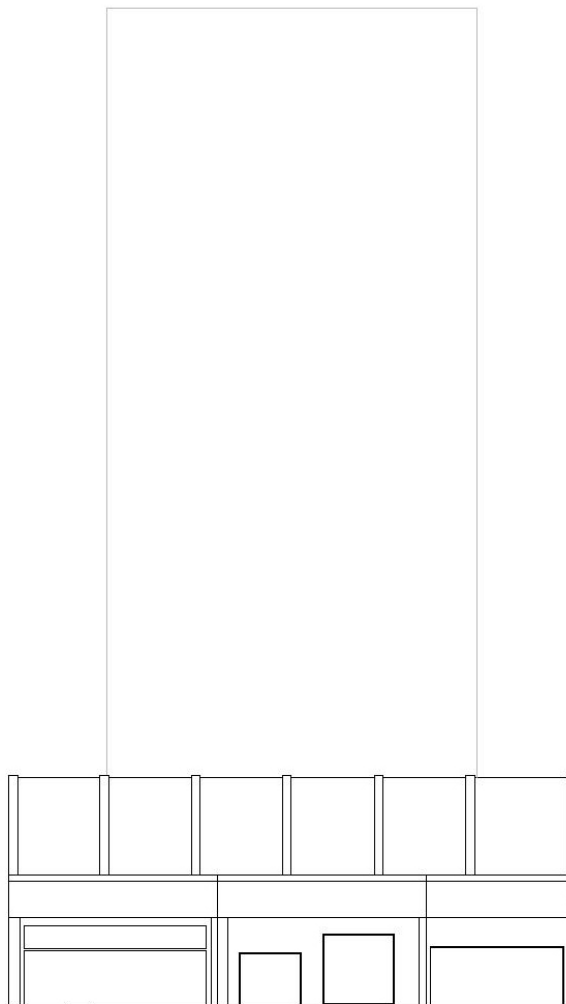


IMAGEM 213: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares: Edifício Administrativo Nossa Caixa - NCNB

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.7.5 Nº 241, 243, 245 Cine São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTES: 1814, 1822, 1830

Endereço: Rua São Bento, 241, 243, 245

Numerações anteriores: 245, em 1936 / 27, em 1928 / 37 P, em 1910 / 37 tin, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria

Número de pavimentos: Térreo

Frente: 14.20 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1927, processo para construção e alvará de funcionamento do Cine São Bento.

Processo: N.42364/1927 N. 200/1927

Projeto de:

Proprietários: Taquari Agro Comercial Ltda

Usos do imóvel: antigo Cine São Bento, hoje comercial

Estado de Conservação: precário

Proteção Existente:

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 214 e 215: Vistas para a rua São Bento.



IMAGEM 216: Detalhe do frontão.

Plantas/Cortes/Elevações:

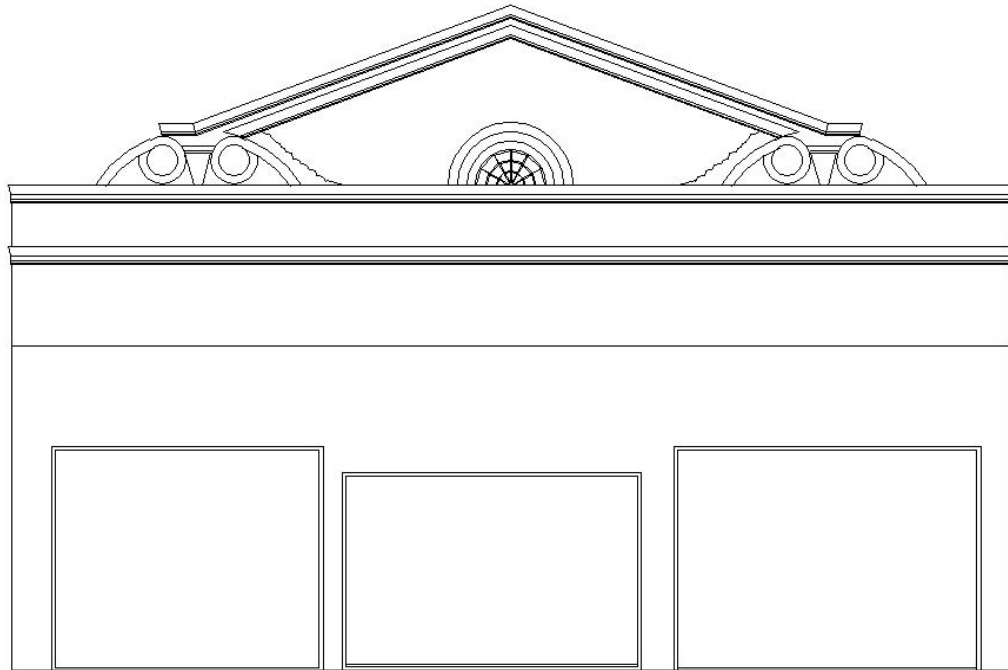


IMAGEM 217: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O edifício convive em plena harmonia volumétrica e de gabarito com os edifícios vizinhos.

Dados Arquitetônicos e históricos:

A fachada principal possui frontão triangular com tímpano levemente decorado.

Documentação Existente:

Observações:

6.7.6 N° 259

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 52

Endereço: Rua São Bento,259

Numerações anteriores: 259, em 1936 / 29, em 1928 / 41 e/s, em 1910 / 41 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1 + ½ subsolo

Frente: 12.94 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1948, habite-se solicitado por Famá & Cia Ltda.

Processo: N. 53690/1948

Projeto de:

Proprietários: Pedro Patrik Burmaian

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: precário

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGEM 218: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

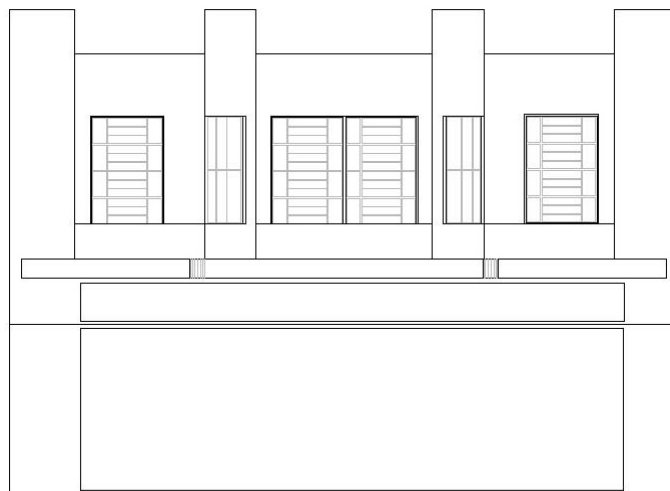


IMAGEM 219: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Neste endereço foi a Loja da China.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos

Documentação Existente:

Observações:

6.7.7 N° 267, 275

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 44

Endereço: Rua São Bento,267

Numerações anteriores: 267, em 1936 / 31, em 1928 / 43 e/s, em 1910 / 0 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1 + 1/2 subsolo

Frente: 11.39 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1957

Processo: N. 150100/57

Projeto de:

Proprietários: Trides comp imob administradora. (sic)

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: precário

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGEM 220 e IMAGEM 221: A mesma fachada antes e depois da lei da “Cidade Limpa”.

Plantas/Cortes/Elevações:

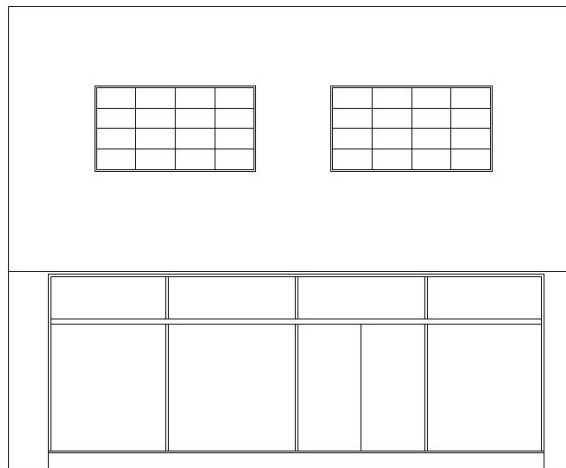


IMAGEM 222: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Neste endereço funcionou a importadora Casa Nathan.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.7.8 N° 279, 283 Edifício LAMÍA

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 257

Endereço: Rua São Bento, 279, 283

Numerações anteriores: 279, em 1936 / 33 sob, em 1928 / 45, em 1910 / 45 alt tin, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: T + 12 + zelador

Frente: 11.64 m (São Bento), 8.40 (Líbero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: construção 1955 laudo de vistoria, solicitado por Gregori Warchavchik.

Processo: N. 149514/55

Projeto de: Gregori Warchavchik

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 223, 224, 225, e 226: Vista da rua São Bento. Dezembro 2007.



IMAGENS 227 e 228: Elevações para a rua São Bento em julho de 2006 e março de 2007, respectivamente.



IMAGENS 229, 230, 231, e 232: Vistas para a rua Libero Badaró.

Plantas/Cortes/Elevações:

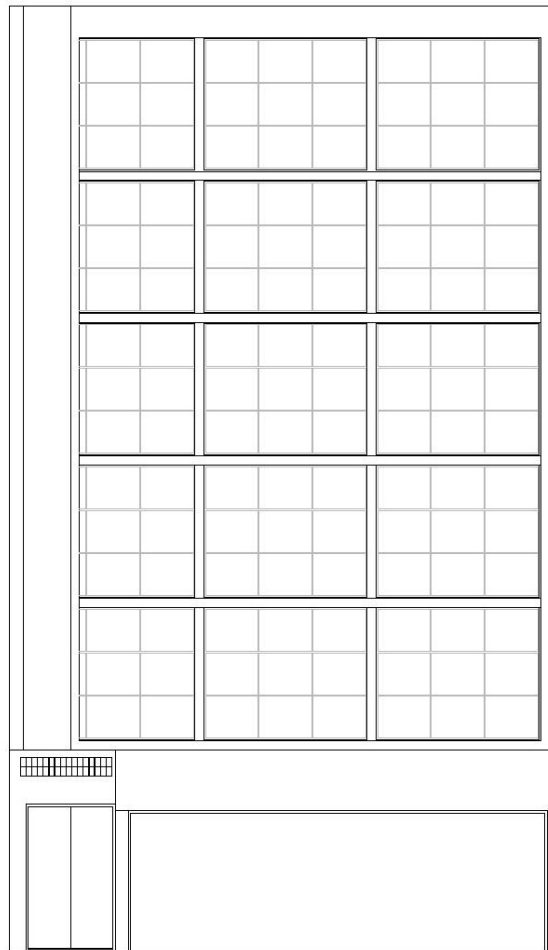


IMAGEM 233: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O edifício possui marquise que avança o passeio, típico da Arquitetura Moderna, e é escalonado no recuo frontal a partir do 7º pavimento.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

O edifício passou recentemente por obras de manutenção, e recebeu pintura texturizada amarela sobre a pastilha verde original, descaracterizando-o.

6.7.9 N° 293, 299

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: 28

Endereço: Rua São Bento, 293, 299

Numerações anteriores: 293, 299, em 1936 / 35 sob, em 1928 / 47 e/s, em 1910 / 47, antigo (séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 10.93 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1902

Processo:

Projeto de: Max Hehl

Proprietários: Banco da Grande São Paulo

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGEM 234: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

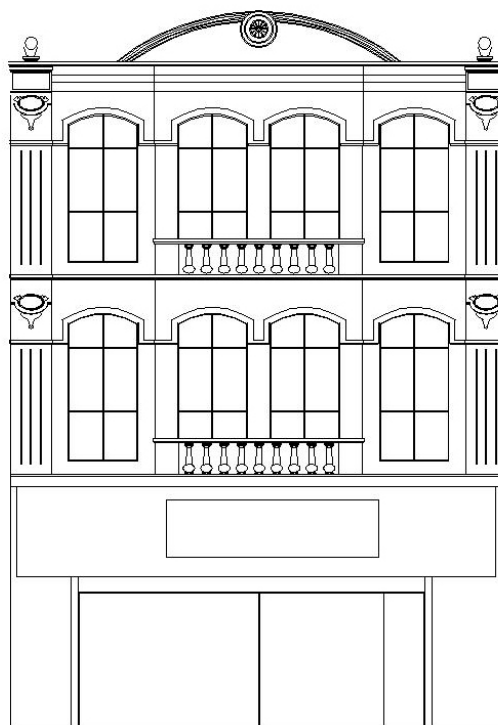


IMAGEM 235: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.7.10 N° 309, 315, 319 Galeria Prefeito Firminiano Pinto

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 80 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 309, 315, 319

Numerações anteriores: 309, 311, 315, em 1936 / 37 sob, 37b, 37c, em 1928 / 48B e/t, 49d, em 1910 / 49ª bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: subsolo (Miguel Couto) + T + sobreloja + 2 pavimentos

Frente: 17.00 m (São Bento), 69.80 m (Miguel Couto)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1957, solicitado o habite-se por Raul Simões.

Processo: N. 76789/49 N. 10956/57 N. 123276/68

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGENS 236 e 237: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 238: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.8 Setor 001 Quadra 81: rua da Quitanda – Largo do Café



IMAGEM 239: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁶

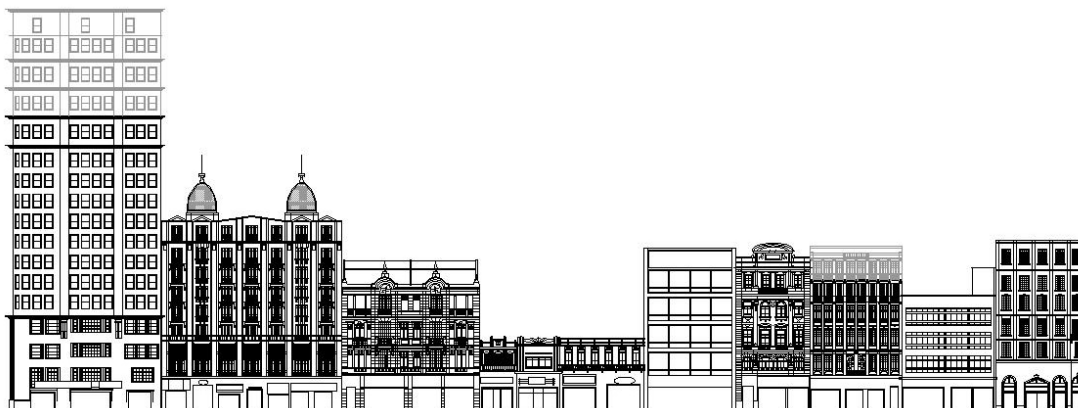


IMAGEM 240: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶⁶ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.8.1 Nº 176 Ex Casa Fretin

Localização: SETOR: 01 QUADRA: 81 LOTE: 14

Endereço: Rua São Bento, 176, com rua da Quitanda, 162

Numerações anteriores: 176, em 1936 / 16, em 1928 / 16, em 1910 / 4, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 5 + porão

Frente: 11.00 m (p/ São Bento), 3.42 m Chanfro, 15.75 m (p/ Quitanda)

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1924, há uma inscrição na bandeira da porta lateral de 1886 (DPH)

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: CONPRESP – Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. de tombamento) Res. N. 37/92 – Tombamento NP 2

Proc. n. 16.002.110-91*60 Tombamento

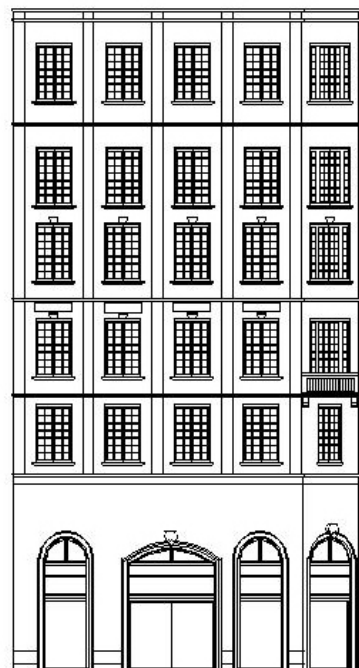
Z8 – 200/003

Iconografia:



IMAGENS 241 e 242: Vistas para a rua São Bento. Dezembro 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



Notas Complementares: A Casa Fretin funcionou até recentemente nesse endereço.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

IMAGEM 243: Elevação para a rua São Bento.

6.8.2 N° 188, 192, 198

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 188, 192, 198

Numerações anteriores: 192, em 1936 / 18a, em 1928 / 18a, em 1910 / 8a alt, antigo
(no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 3

Frente: 13.40 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1953 habite-se total.

Processo: N. 66744/41, N. 166835/52, N. 117473/53, N. 156729/53

Projeto de:

Proprietários: 188 - Maria V. Ferreira de Souza Leite, 192 e 196 - Cyro de Souza Leite

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGENS 244 e 245: Vistas para a rua São Bento. Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

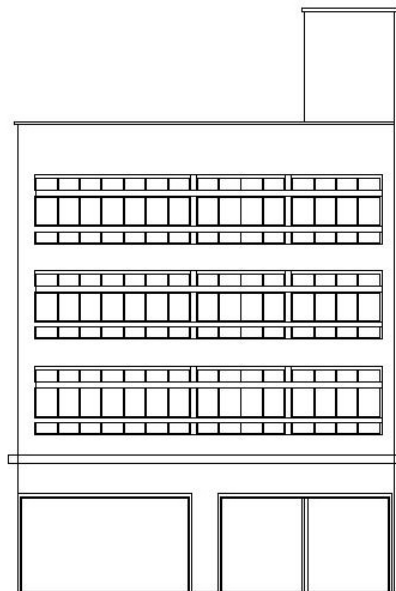


IMAGEM 246: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.8.3 Nº 200, 208 Edifício São Bento

Localização: SETOR: 01 QUADRA: 81 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 200, 208

Numerações anteriores: 200, em 1936 / 20 sob, em 1928 / 20 e/s, em 1910 / 10p alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 3 + 3 escalonados

Frente: 12.95 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1926 na fachada

Processo: N. 29840/48 N37189/53

Projeto de:

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Regular

Proteção Existente: CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura o Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 3

Proc. n. 16.002.110 – 91*60 Tombamento

Iconografia



IMAGENS 247, 248 e 249: Vistas para a rua São Bento.

Plantas/Cortes/Elevações:

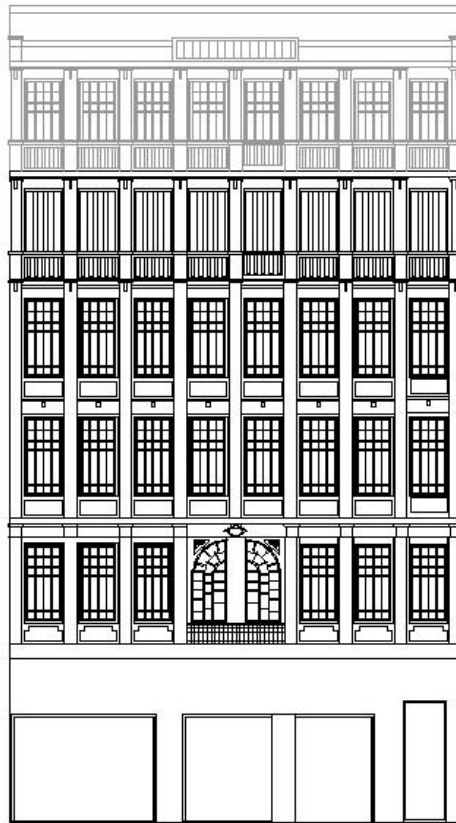


IMAGEM 250: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Existe grande potencial ambiental permanência de várias edificações arquitetônicas significativas que mantêm uma relação de unidade ao longo de toda a rua.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Edifício com fachada composta com elementos ecléticos de derivação neoclássica. Sacadas balaustradas nos três últimos pavimentos. Pináculo no último pavimento. Caixilharia de ferro com vidro. Térreo totalmente descaracterizado.

Documentação Existente:

Observações:

6.8.4 N° 216, 220, Edifício Ana Maria Nogueira

Localização: SETOR: 01 QUADRA: 81 LOTE 197

Endereço: Rua São Bento, 216, 220

Numerações anteriores: 220, em 1936 / 22 sob, em 1928 / 22 e/s, em 1910 / 12 bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e Alvenaria

Número de pavimentos: T + 4

Frente: 10.65 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: Dec. 20, séc. XX (DPH), habite-se 1938

Processo: N. 52423/38

Projeto de: Ricardo Severo

Proprietários: José Paula Leite de Barros

Usos do imóvel: comercial/serviços, no térreo funciona a Botica Veado D'Ouro.

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGEM 251: Dezembro 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

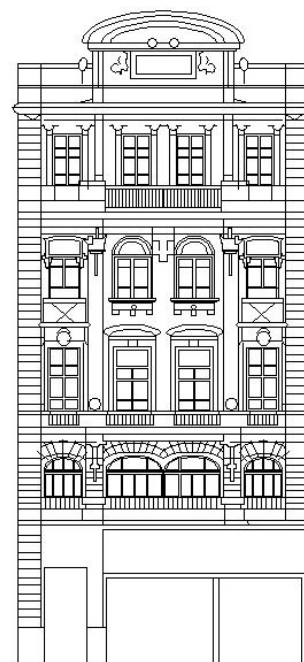


IMAGEM 252: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.8.5 N° 230, 234

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: 200

Endereço: Rua São Bento, 230, 234

Numerações anteriores: 230, 234, em 1936 / 24 a/b, em 1928 / 26, em 1910 / 14c
bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria

Número de pavimentos: T + 4

Frente: 13.00 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1944 habite-se

Processo: N. 32753/44 N. 147174/59

Projeto de:

Proprietários: Luiz Bianco/44, Santa Casa da Misericórdia do Porto

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

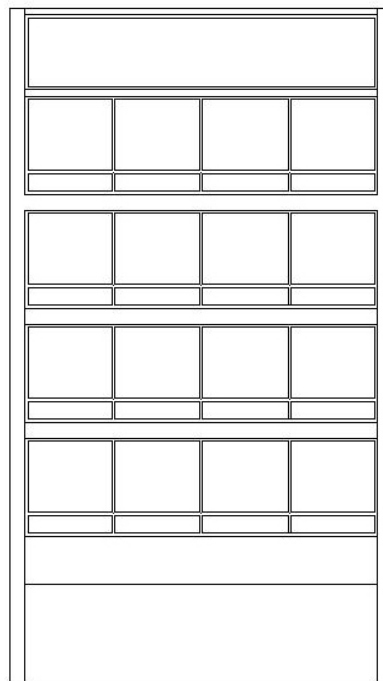
Proteção Existente:

Iconografia



IMAGENS 253 e 254: Dezembro 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

IMAGEM 255: Elevação para a rua São Bento.

6.8.6 N° 238, 244

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: 219

Endereço: Rua São Bento, 238, 244

Numerações anteriores: 238, em 1936 / 26, em 1928 / 28, em 1910 / 16 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 12.06 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: Déc. 30, séc. XX

Processo: N. 42629/33 N. 90899/38

Projeto de:

Proprietários: Cecília de Almeida Prado Amaral e outro

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 256 e 257: A mesma fachada antes e depois da Lei da Cidade Limpa.

Plantas/Cortes/Elevações:

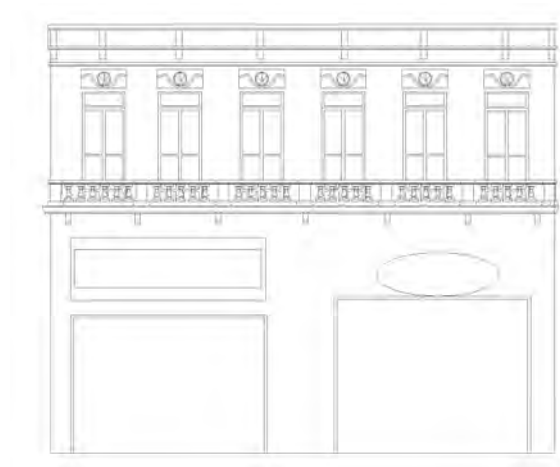


IMAGEM 258: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiente:

O Edifício está em harmonia com o entorno.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Edifício com construção eclética com linhas neo-clássica, simétrica com seis sacadas balaustradas. Porta-janelas de madeira com vidros externos, cornijas com frisos, decoração sobre as portas com elementos em forma de concha.

Documentação Existente:

Observações:

6.8.7 N° 250

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: 227

Endereço: Rua São Bento, 250

Numerações anteriores: 250, em 1936 / 28, em 1928 / 30, em 1910 / 18 bx, antigo
(no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 6.05

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1930 aprovação de planta

Processo: n. 31821/ 30

Projeto de:

Proprietários: Agencia Siciliano de Liv. Jor Ver Ltda.

Usos do imóvel: comercial – Boticário

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 259 e 260: Dezembro 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

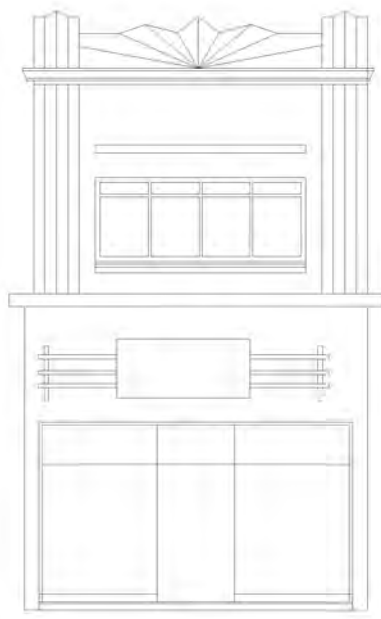


IMAGEM 261: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.8.8 N° 256

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: 235

Endereço: Rua São Bento, 256

Numerações anteriores: 256, em 1936 / 30, em 1928 / 32, em 1910 / o bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 5.35 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1922, na fachada

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Holl administradora de bens Ltda.

Usos do imóvel: serviços – Banco Olé

Estado de Conservação:

Proteção Existente: CONPRES Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGENS 262 e 263: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

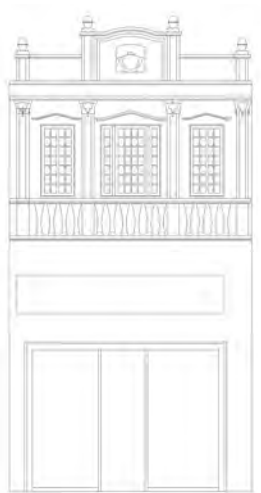


IMAGEM 264: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Imóvel com construção típica das primeiras décadas do século XX, pequena residência com comércio, de linhas ecléticas. Balcão balaustrado no pavimento superior, platibanda decorada com medalhões e data de construção. O térreo está alterado

Documentação Existente:

Observações:

6.8.9 N° 260, 264, 272, 276

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento,

Numerações anteriores: 272, 276, em 1936 / 34,36, em 1928 / e/s, em 1910 / 0 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria

Número de pavimentos: T + 3

Frente: 19.60 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1907

Processo:

Projeto de: Jorge Krug

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGEM 265: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

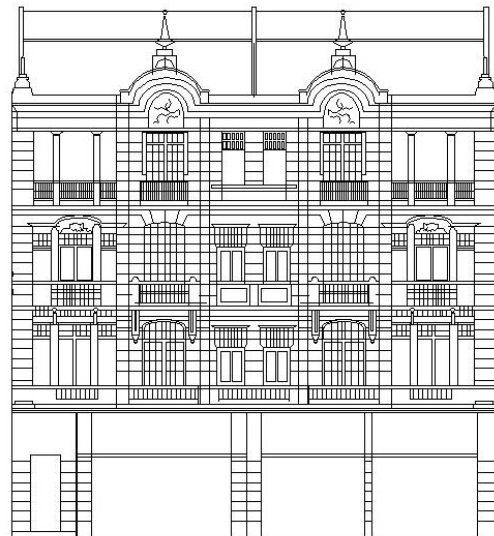


IMAGEM 266: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O imóvel está numa rua com grande potencial arquitetônico.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Conjunto composto por duas edificações, onde a platibanda recebe um destaque nos dois tramos centrais. Cornija com cachorros, balcões com grades de ferro trabalhadas.

Documentação Existente:

Observações:

6.8.10 Nº 284, 290, 300 Edifício York / Palacete Crespi

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 284, 290, 300

Numerações anteriores: 284/298 em 1936 / 36 a, 36 d em 1928 / 38, 40 e/s em 1910 / 26 alt tin, 28 antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: porão + T + 2 sobrelojas + 7

Frente: 25.60 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: Déc. 20, séc. XX

Processo: N. 72520/51, habite-se solicitado por Raul Crespi

Projeto de: Giovanni, Battista e Bianchi

Proprietários: Família Crespi na ocasião da construção, hoje são vários proprietários.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento) / Res. N. 37/92 Tombamento NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGENS 267, 268 e 269: Dezembro de 2007.



IMAGENS 270 e 271: Elevação para a rua Álvares Penteados.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 272: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Foi onde funcionou primitivamente a Botica Ao Veado d'Ouro

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente: Z8 – 200 COGEP - Pasta 27, ficha 05

Observações:

6.8.11 Nº 308 Edifício INDUSEG

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 81 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 308, Largo do Café, 11, rua Álvares Penteados, 231

Numerações anteriores: 306 / 38 sob / 44 / 0 bx

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: T (+ 1 interno) + 10 + 3 escalonados

Frente: 18.00 m (São Bento), 6.60 Chanfro, 11.00 (Lgo. do Café), 18.05 (Álvares Penteados)

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: Déc. 40, séc. XX

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Ary Giron

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento n. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia



IMAGENS 273 e 274: Setembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

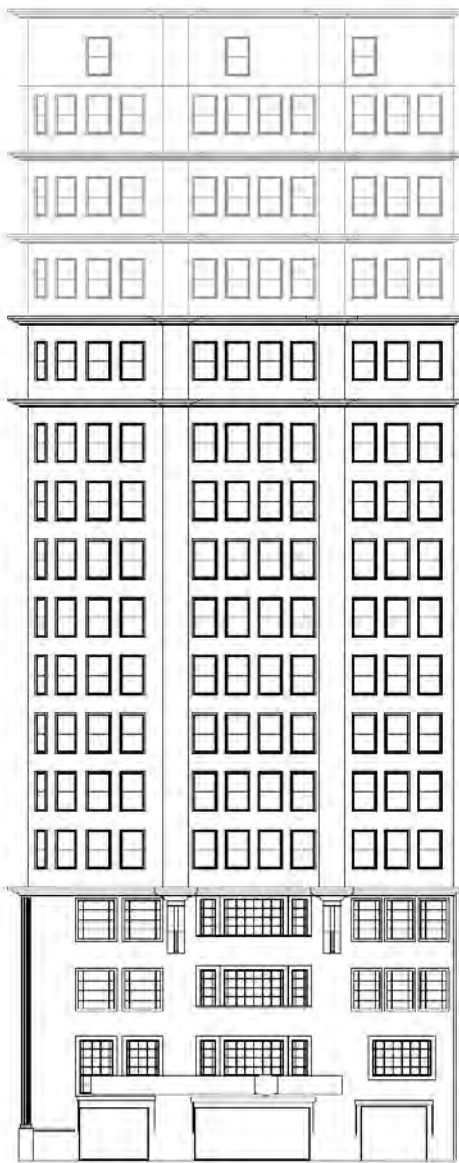


IMAGEM 275: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiente:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.9 Setor 001 Quadra 72: rua Miguel Couto – Pça Antônio Prado



IMAGEM 276: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁷

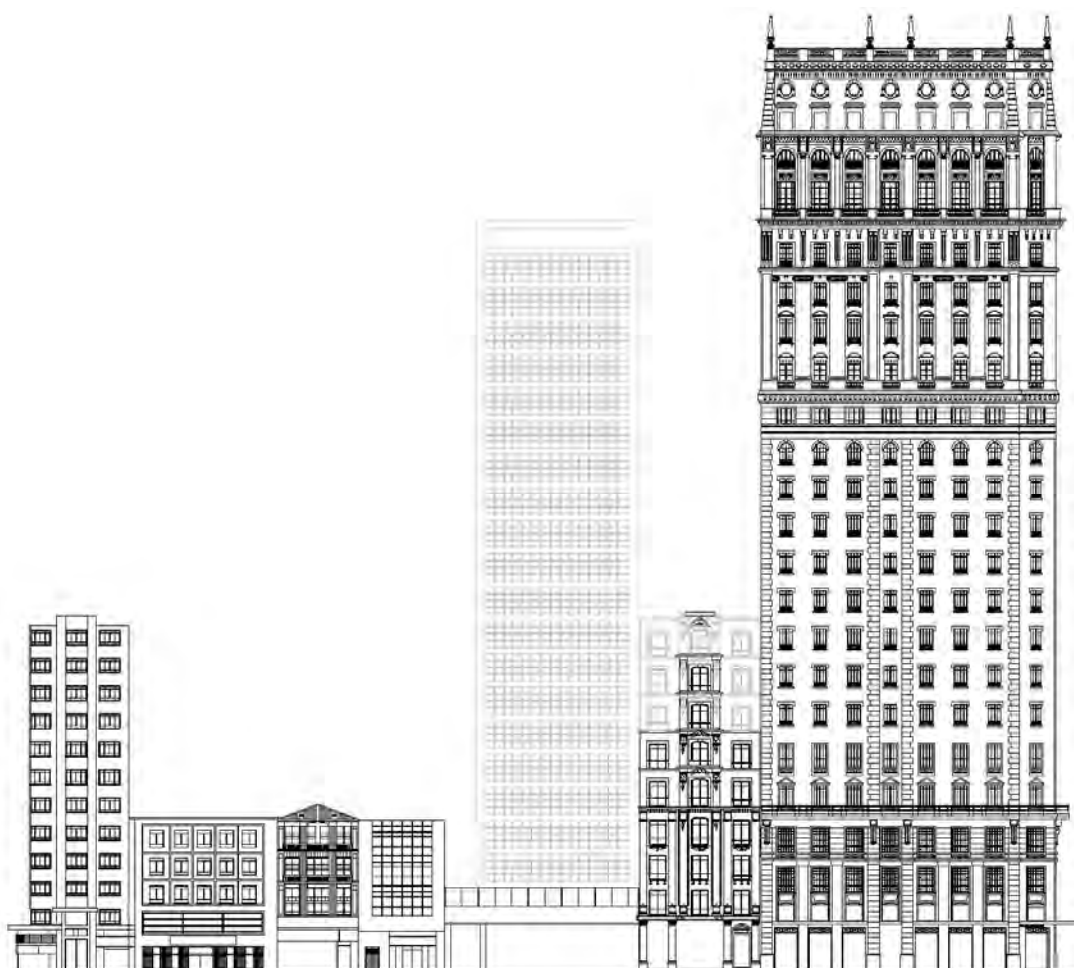


IMAGEM 277: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶⁷ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.9.1 N° 329, 333 Prédio Álvares Penteado

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: 953

Endereço: Rua São Bento, 329, 333

Numerações anteriores: 327, em 1936 / 39, em 1928 / 51 e/t, em 1910 / 0 alt, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 12 + zelador

Frente: 7.10 m (São Bento), 7.10 m chanfro, 29.70 m (Miguel Couto)

Estilo Arquitetónico: Art-déco

Ano: 1939 expedição do habite-se, 1940 Inauguração

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Tamboré S/A

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 278 e 279: Fachada para a rua São Bento, altura do Largo do Café.

Plantas/Cortes/Elevações:

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

A entrada principal é para a rua São Bento em frente ao Largo do Café.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

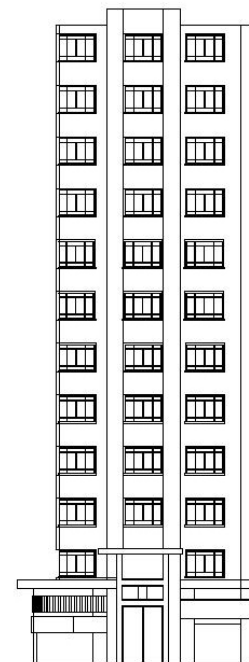


IMAGEM 280: Elevação para a rua São Bento.

6.9.2 N° 341

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: 3731

Endereço: Rua São Bento, 341

Numerações anteriores: 341, em 1936 / 41, em 1928 / 53, em 1910 / 0 alt, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 3 + 3 com recuo superior

Frente: 12.80 m (São Bento), 5.05 m (Miguel Couto)

Estilo Arquitetônico:

Ano: 1942 habite-se, solicitado por Francisco Matarazzo Neto.

Processo: N. 62962/42

Projeto de:

Proprietários: Pejan Empreendimentos e Participações Ltda.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 281: Nesta observar edifício à direita, com o recuo escalonado nos pavimentos superiores. Foto tomada em julho de 2006. IMAGEM 282: Elevação para a rua São Bento adequada à Lei da “Cidade Limpa”. Foto tomada em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

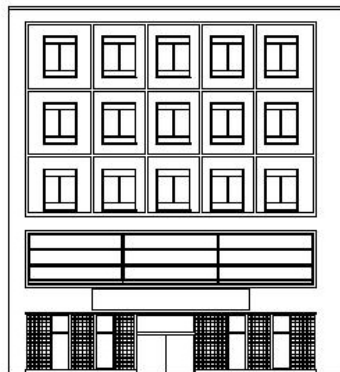


IMAGEM 283: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Este edifício possui duas frentes, uma pequena para a rua Miguel Couto, por onde é feito o acesso aos pavimentos superiores e a principal para a rua São Bento, quase em frente ao Largo do Café. Este lote abraça o lote vizinho onde está o Prédio Álvares Penteados.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.9.3 N° 351, 355

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: 937

Endereço: Rua São Bento, 351, 355

Numerações anteriores: 355, em 1936 / 43 a sob, em 1928 / 55 e/s, em 1910 / 55 bx tin, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 3

Frente: 7.30 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1958 habite-se

Processo: N. 175001/58

Projeto de:

Proprietários: Salim Abraao Kalim

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 284: Foto da fachada tomada em dez de 2007. IMAGEM 285: foto do térreo deste edifício antes da lei da “Cidade Limpa”.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 286: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.9.4 N° 357, 359

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: 929

Endereço: Rua São Bento, 357, 359

Numerações anteriores: 359, em 1936 / 45 sob, em 1928 / 57 e/s, em 1910 / 57^a alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 3

Frente: 7.77 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1956 habite-se

Processo: N.101987/56

Projeto de:

Proprietários: DMSJ - Administração e Participações Ltda.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 287: Foto tomada em julho de 2006. IMAGEM 288: Fachada com o espaço publicitário ajustada à lei da “Cidade Limpa”, em agosto de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

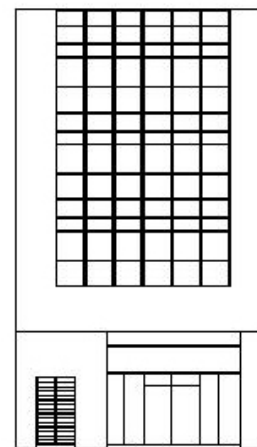


IMAGEM 289: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Em 1928, nesse endereço funcionou a Casa Pratt.

Dados de Ambiência:

O edifício compõe o gabarito com o entorno.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.9.5 Nº 365, 371, 373 Edifício Gerbur

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 365, 371, 373

Numerações anteriores: 365, em 1936 / 47 sob, em 1928 / 59 e/s, em 1910 / 59 bx, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T (São Bento) + 20 (Líbero Badaró)

Frente: 17.44 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1937 habite-se, solicitado por. Pilon & Matarazzo Ltda.

1968 habite-se, solicitado por GERBUR S/A Adm. E Comércio.

Processo: N. 13907/33 elevador, N.46037/37, N. 194873/68

Projeto de:

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 290 e 291: Fachada da rua São Bento. Dezembro de 2007.



MAGENS 292 e 293: Fachada para a rua Líbero Badaró.

Plantas/Cortes/Elevações:

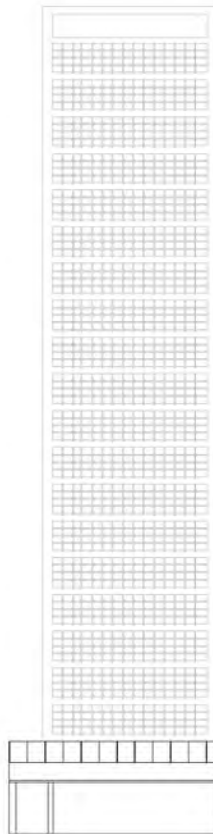


IMAGEM 294: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Germaine Lucie Burchard solicita na década de 1930 vários processos referente a um edifício neste lote que precedeu o atual.

Dados de Ambiência:

Por possuir apenas térreo e mezanino para a rua São Bento o atual edifício convive em harmonia com o entorno. Inclusive na sua frente para a rua Líbero Badaró.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.9.6 Nº 389 Condomínio Edifício Sant'Ana

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 389

Numerações anteriores: 389, em 1936 / 49 sob, em 1928 / 63 A, em 1910 / 63 bx, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolo

Número de pavimentos: T + 8 + zelador

Frente: 10.93 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: Década de 1930 habite-se, solicitado por Stela Penteado.

Processo: N. 30752/30, N. 12297/33 elevador

Projeto de: Siciliano e Silva engenheiros & construtores (construção)

Proprietários: vários, inclusive Stela Penteado.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 3 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGENS 295, 296, 297 e 298: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 299: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Nas primeiras décadas do século XX instalou-se nesse edifício a Cia Mogiana de Estrada de Ferro.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

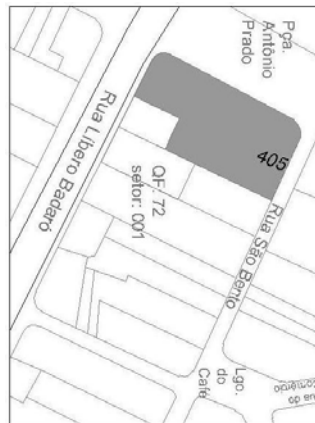
6.9.7 N° 405 Prédio Martinelli

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 72 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 397, 405, 413

Numerações anteriores: 405 em 1936/ 51 sob, 51 a, 51 b, em 1928 / 65, 67, 69, 71, em 1910 / 65 A alt, 67 alt, 0 bx, 0 bx, antigo (séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: 27 + 3 no ático

Frente: 27.30 m (São Bento), 3.75 m chanfro, 64.15 m (São João), 5.65 m chanfro, 18.15 m (Líbero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1929

Processo:

Projeto de: Giuseppe Martinelli

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/ serviços/ institucional

Estado de Conservação: Razoável

Proteção Existente: Z8 – 200 – 065

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 300: Porta de acesso para a rua São Bento.

IMAGEM 301: Vista do térreo na esquina da rua São Bento com a Praça Antônio Prado.



IMAGENS 302 e 303: Vista da fachada para a rua São Bento. Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

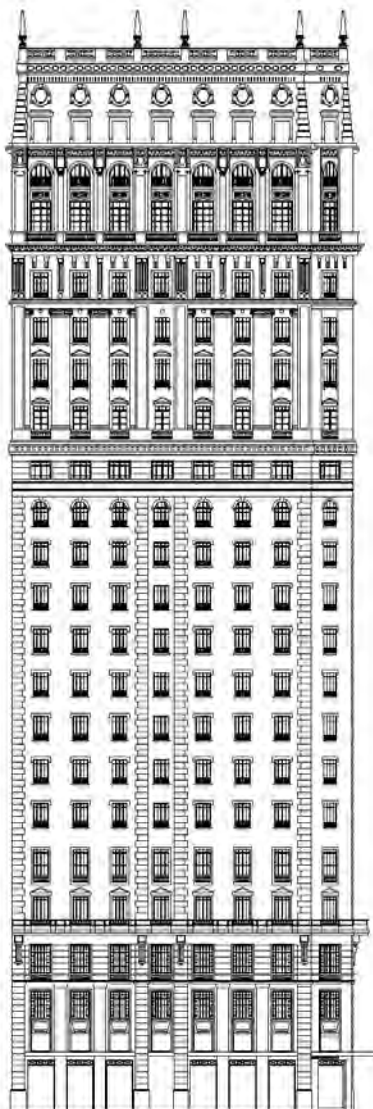


IMAGEM 304: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.10 Setor 001 Quadra 73: Largo do Café – Praça Antônio Prado



IMAGEM 305: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁸

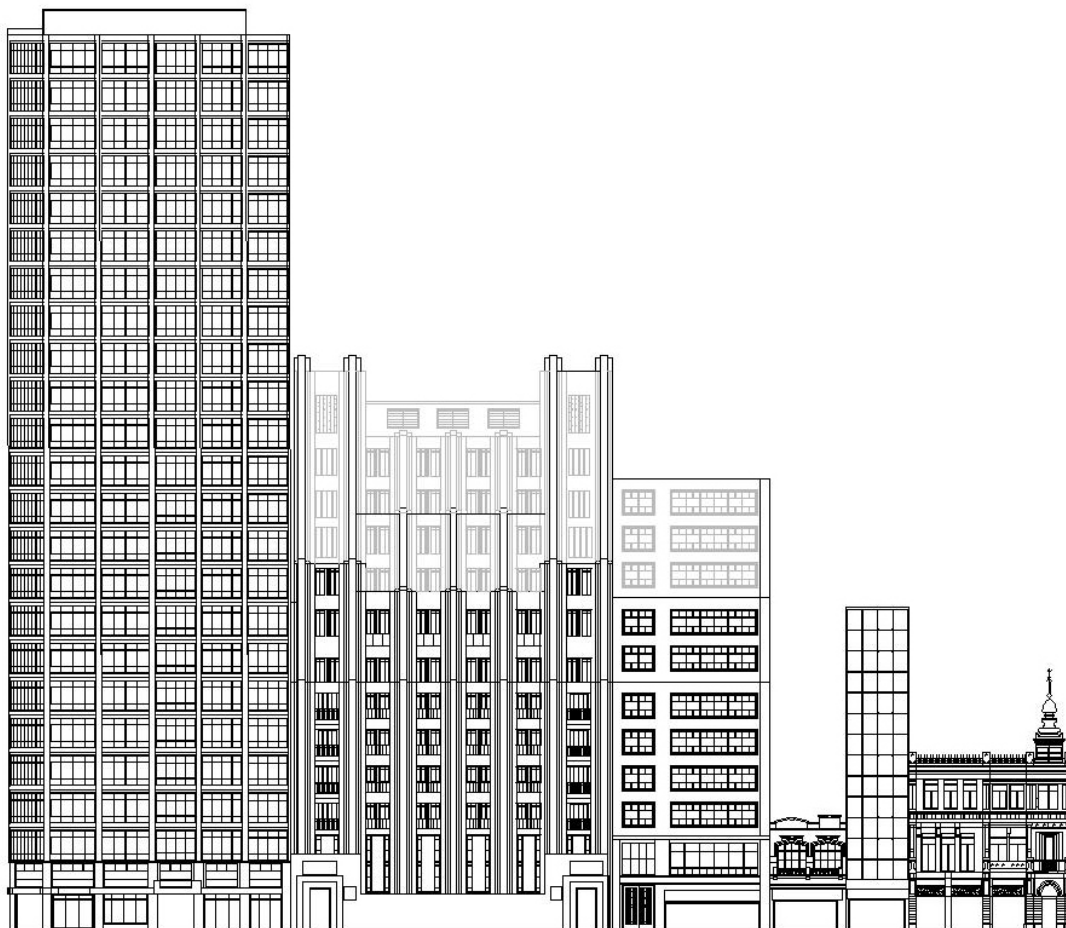


IMAGEM 306: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶⁸ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

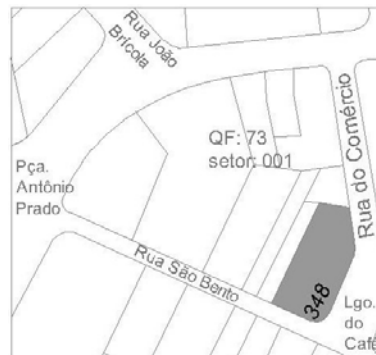
6.10.1 N° 344, 348 antigo anexo do Grande Hotel

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 73 LOTE: 133, 141, 151

Endereço: Rua São Bento, 344, 348

Numerações anteriores: 344, em 1936/ 40, em 1928/ 46, 48 A, em 1910/ 34 bx tin, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 2 + ático

Frente: 12.55 m (São Bento), 5.10 m chanfro, 24.85 m (Lgo Café), 10.40 m (Comércio)

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano:1907

Processo:

Projeto de: Oscar Kleinschmidt

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Regular

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 307: Dezembro 2007. IMAGEM 308: Março 2007. IMAGEM 309: Julho 2006.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 310: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Este edifício abrigou a sucursal do Grande Hotel.

Dados de Ambiência:

Sua arquitetura eclética e a baixa volumetria compõem o espaço a agradável do Largo do Café.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

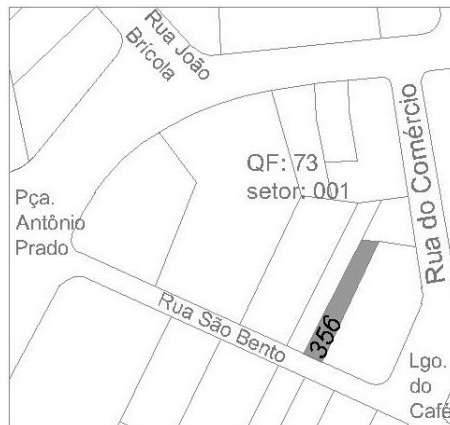
6.10.2 Nº 356

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 73 LOTE: 87

Endereço: Rua São Bento, 356

Numerações anteriores: 356, em 1936/ 42, em 1928/ 50, em 1910/ 38 tin, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 7 + 1/2 subsolo

Frente: 4.66 m

Estilo Arquitetônico:

Ano: década de 70, séc. XX

Processo: N. 221915/68 construção de prédio N. 183700/72 substituição de plantas

Projeto de:

Proprietários: Fotóptica S/A

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 311 e 312: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

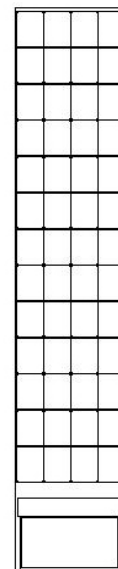


IMAGEM 313: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Este foi o endereço onde se estabeleceu a Loja Fotóptica.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

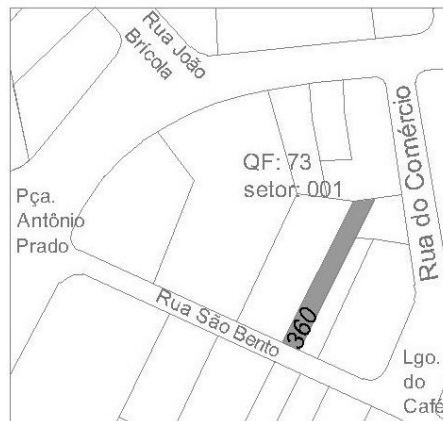
6.10.3 Nº 360

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 73 LOTE: 95

Endereço: Rua São Bento, 360

Numerações anteriores: 360, em 1936/ 44, em 1928/ 52, em 1910/ 40 bx, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 5.71 m

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1936 habite-se

Processo: N. 100001/36

Projeto de:

Proprietários: DMSJ - Administração e Participações Ltda.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 314: Antes da Lei da “Cidade Limpa”. IMAGEM 315: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

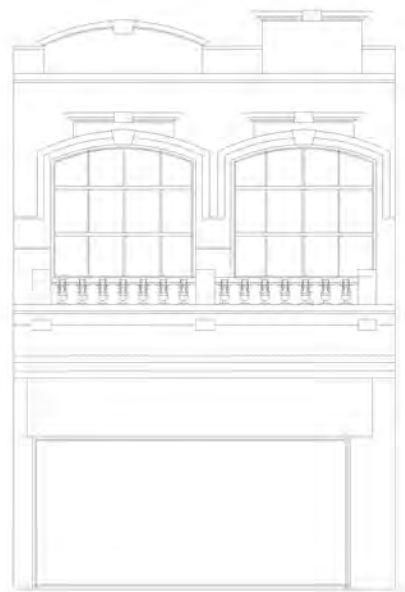


IMAGEM 316: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

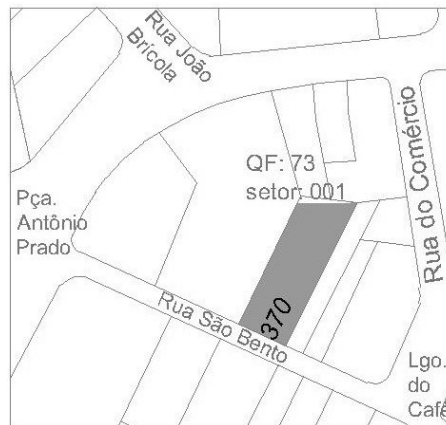
6.10.4 N° 366, 370 Condomínio Edifício Giesta

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 73 LOTE: 109

Endereço: Rua São Bento, 366, 370

Numerações anteriores: 366, em 1936/ 46 sob, em 1928/ 54 e/s, em 1910/ 42 alt, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 10 + zelador

Frente: 12.00 m

Estilo Arquitetônico:

Ano: 1954 habite-se

Processo: N. 112386/54

Projeto de:

Proprietários: Irmandade da Santa Casa de Misericórdia

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 317, 318 e 319: Dezembro de 2007. IMAGEM 320: Antes da Lei da "Cidade Limpa".

Plantas/Cortes/Elevações:

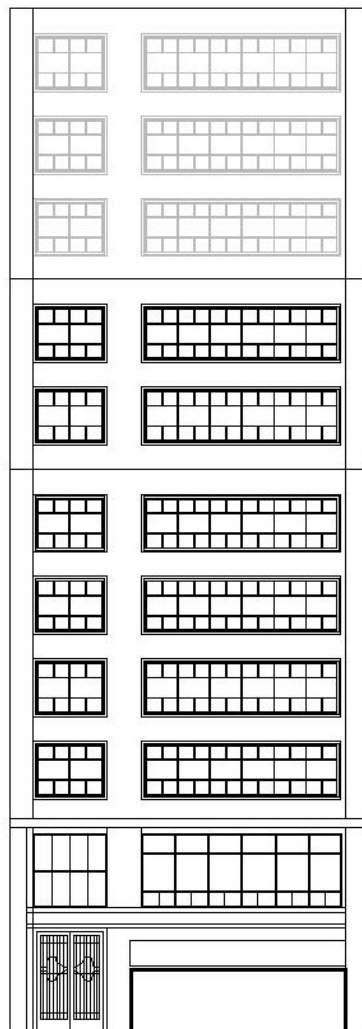


IMAGEM 321: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Este lote no início do séc. XX era ocupado pela Loja Japão.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

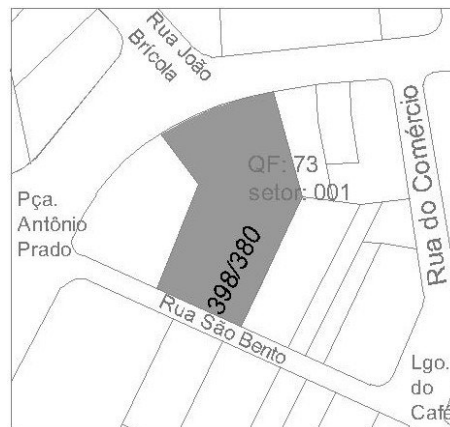
6.10.5 Nº 380, 398 Antigo Banco de São Paulo

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 73 LOTE:

Endereço: Rua São Bento, 380, 390

Numerações anteriores: 380, 396, em 1936/ 48, 50 sob, 50, 52, em 1928/ 56, 58 e/s, 58 A e/t, 60, em 1910/ 44 bx, 46 alt, 46 bx tin, 48 bx, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: 2 subsolos + T + 2 mezaninos + 14

Frente: 23.80 m (São Bento), 26.85 m (XV de Novembro)

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1935/36 Projeto, 1939 habite-se

Processo: N. 49955/34 N. 11489/39

Projeto de: Arquiteto Álvaro Botelho

Proprietários:

Usos do imóvel: institucional

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do proc. Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

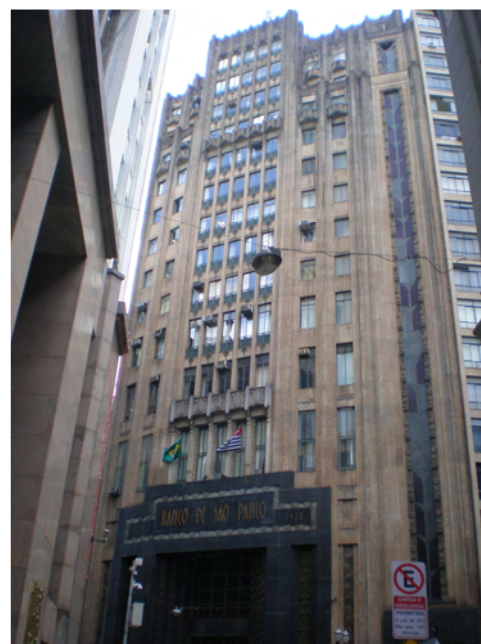
Iconografia:



IMAGENS 322 e 323: As duas portas de entrada para a rua São Bento.



IMAGENS 324 e 325: Vistas da fachada para a rua São Bento.



IMAGENS 326 e 327: Fachada da rua XV de Novembro. Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

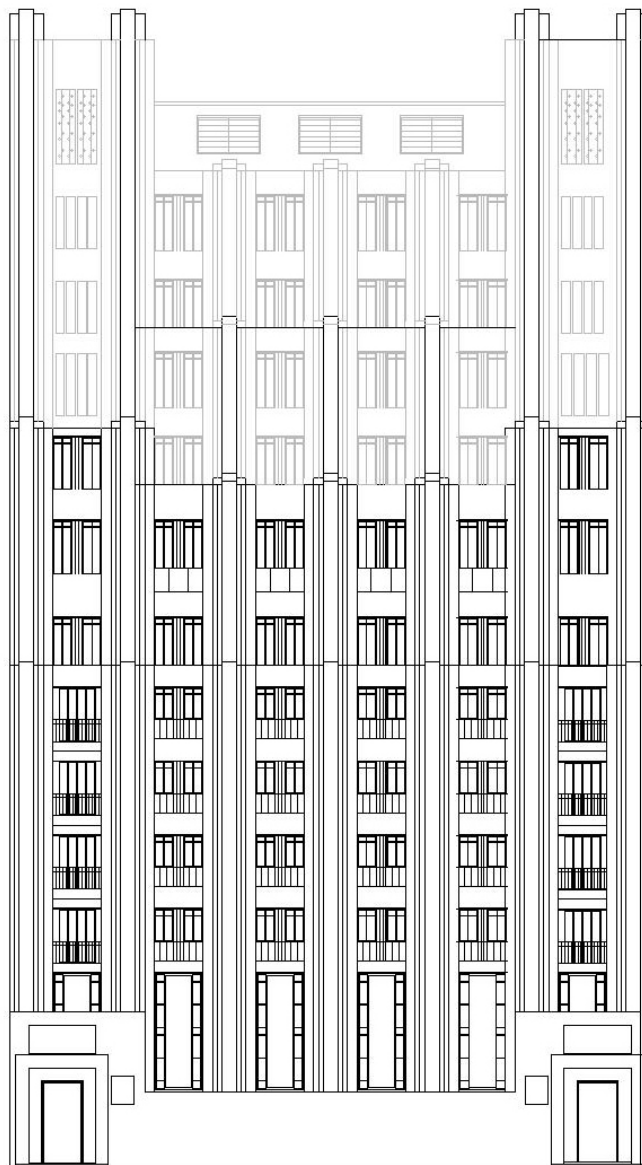


IMAGEM 328: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiente:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

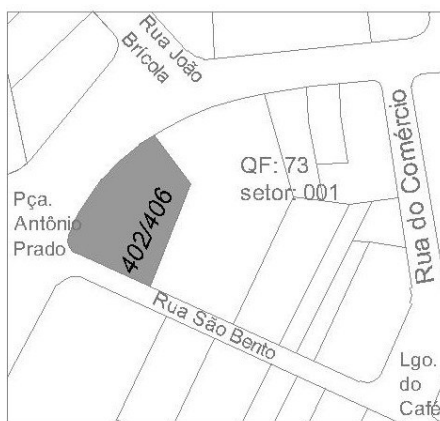
6.10.6 N° 402, 406 Edifício H. Lara

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 3 LOTE:

Endereço: Rua São Bento, 402, 406

Numerações anteriores: 406, 418, em 1936/ 54, 56, 56a, em 1928 / 62, 62a, 64, em 1910 / 50 alt, 52 bx, 54 bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: T + 23

Frente: 19.55 m (São Bento), 2.70 m chanfro, 36.50 m (Pça A Prado)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: década de 1950 habite-se

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 329: Ao lado, vista da fachada para a rua São Bento.

IMAGEM 330: Vista do térreo, tirada da esquina da rua São Bento com a Praça Antônio Prado.



IMAGEM 331: Vista tomada da Praça Antônio Prado.

IMAGEM 332: Portaria de acesso para os pavimentos superiores na Praça Antônio Prado.

Plantas/Cortes/Elevações:

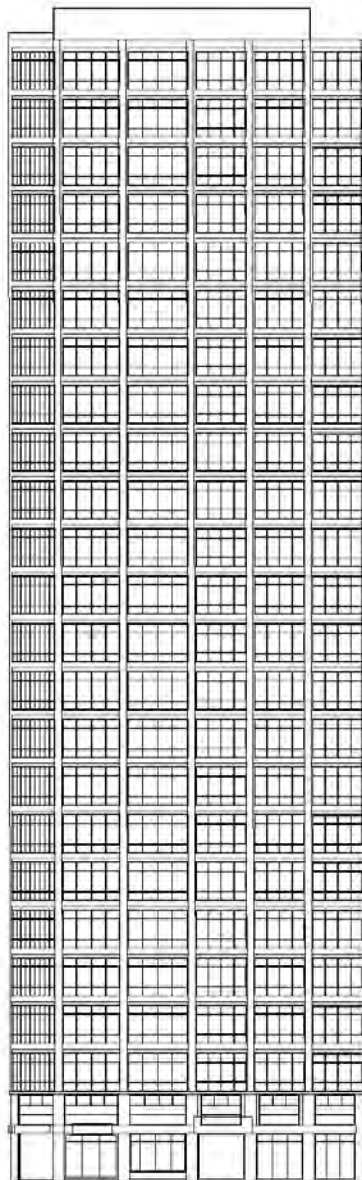


IMAGEM 333: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.11 Setor 001 Quadra 62: Praça Antônio Prado – Largo de São Bento



IMAGEM 334: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁶⁹

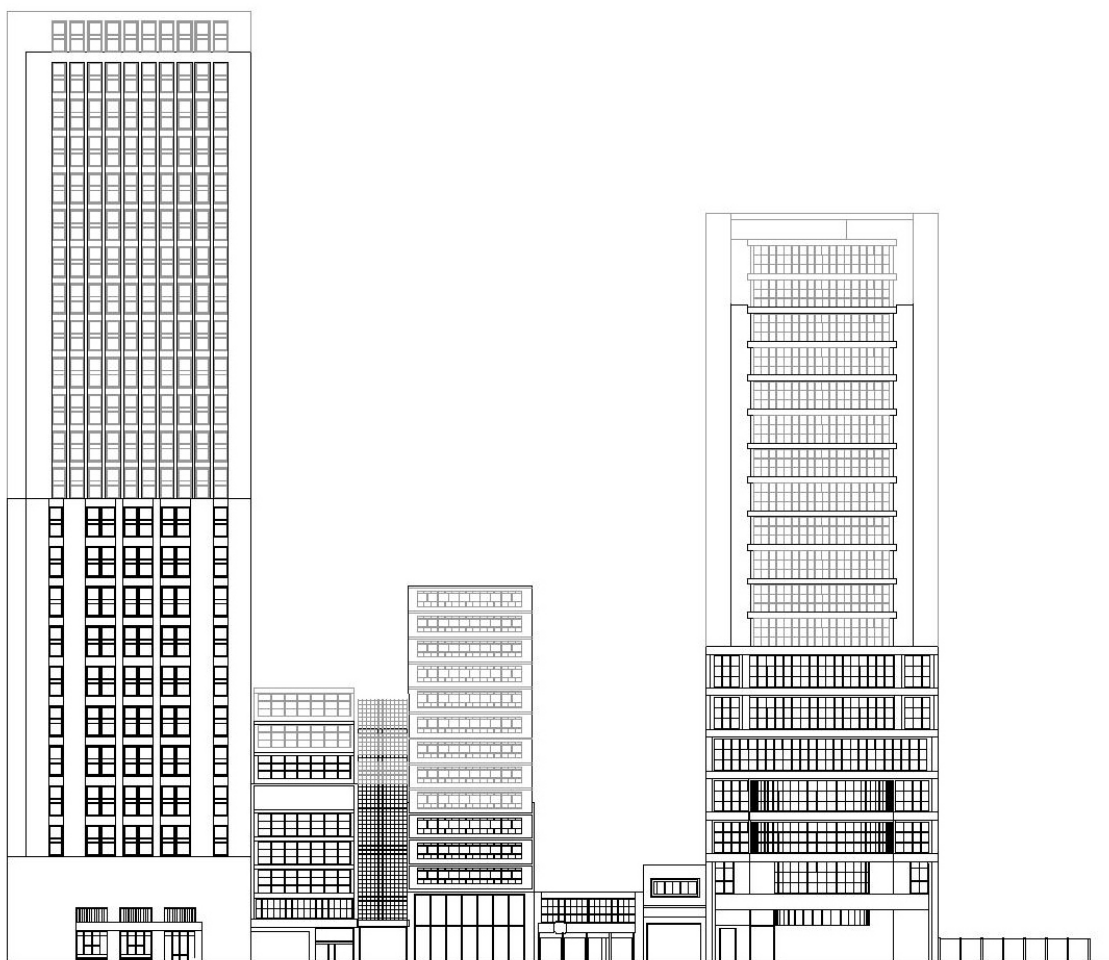


IMAGEM 335: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁶⁹ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

6.11.1 N° 465 Edifício Banco do Brasil

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 97

Endereço: Rua São Bento, 465

Numerações anteriores: 465, em 1936/ 53,55,57 sob, 57, em 1928/ 73, 75, 77 A, 77 e/t, em 1910/ 0 bx, 75 bx, 77 bx tin, 0 alt, antigo (século XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto Armado

Número de pavimentos: 3 subsolos + T (São Bento) + 11 + 11 escalonados

Frente: 22.60 m (São Bento), 3.50 m chanfro, 58.95 m (São João), 3.50 m chanfro, 18.00 m (Libero Badaró).

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano: 1955

Processo:

Projeto de: Serviço de engenharia do Banco do Brasil

Proprietários Banco do Brasil S/A

Usos do imóvel: serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do processo Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento NP 2 / Proc. n. 16.002.110-91*60

Iconografia:



IMAGEM 336 e IMAGEM 337: Fachada para a rua São Bento respectivamente antes e depois da lei da “Cidade Limpa”.



IMAGEM 338: Vista do Edifício do Banco do Brasil da Praça Antônio Prado, em 2006.

IMAGEM 339: Foto da fachada para a rua São Bento, em dezembro de 2007.

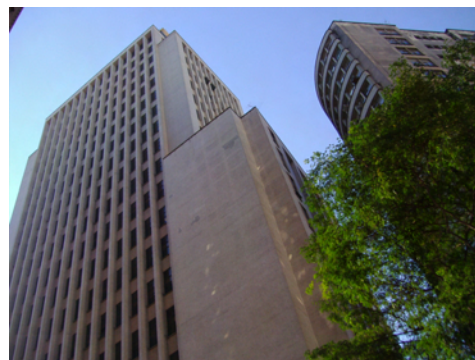
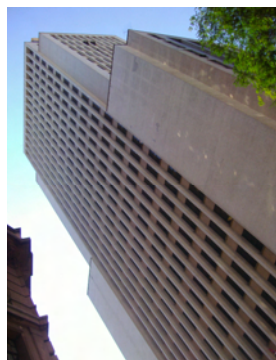


IMAGEM 340: Elevações do edifício para a Avenida São João e rua São Bento. O recuo escalonado nos pavimentos superiores aparece para as ruas Líbero Badaró e São Bento. À esquerda parte do Prédio Martinelli. E IMAGEM 341: As elevações do edifício, com mais ênfase para a rua São Bento. À direita o Edifício Dilan, vizinho de frente na rua São Bento.

Plantas/Cortes/Elevações:

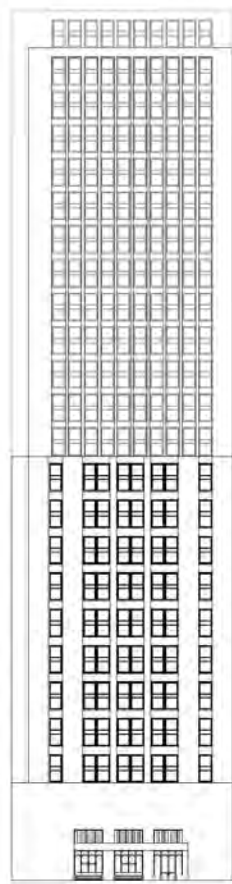


IMAGEM 342: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Compõe uma das laterais da Praça Antônio Prado, definindo com o Martinelli e o Banespa, a paisagem mais conhecida e de identidade da cidade.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Este edifício é composto por linhas retas e modernas com forte marcação das verticais. Revestimento em granito preto polido nos andares inferiores e pastilhado em cinza natural nos andares superiores, resultando numa arquitetura sóbria.

Documentação Existente:

Revista "Acrópole", n. 201, julho 1955

Observações:

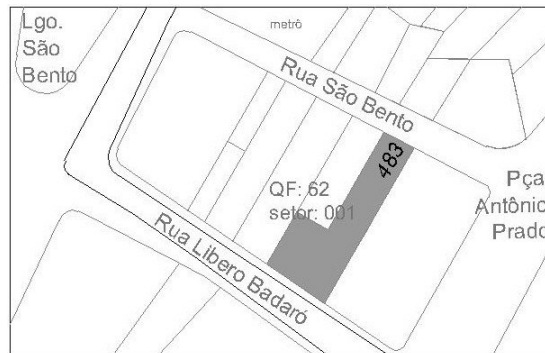
6.11.2 N° 481, 483 anexo ao Edifício Banco do Brasil

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 135

Endereço: Rua São Bento, 482, 483

Numerações anteriores: 477, 481, em 1936/ 59 sob, 59, em 1928/ 79 e/t, em 1910/ 79 alt, antigo (século XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: estrutura de concreto armado

Número de pavimentos: T + sobreloja + 3 + 7 escalonado

Frente: 10.80 m (São Bento), 22.10 m (Líbero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1955

Processo: N. 26466/55

Projeto de:

Proprietários: Banco do Brasil S/A

Usos do imóvel: serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 343: Antes da Lei da "Cidade Limpa". IMAGENS 344 e 345: Dezembro de 2007

Plantas/Cortes/Elevações:

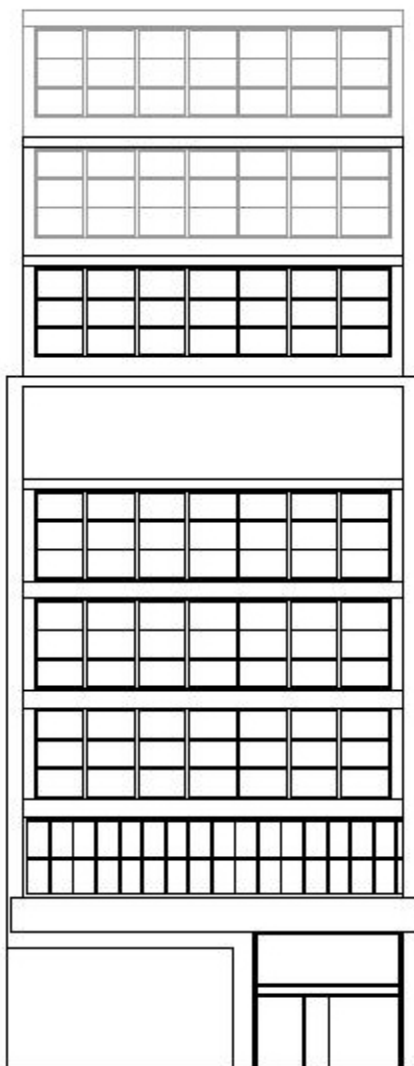


IMAGEM 346: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

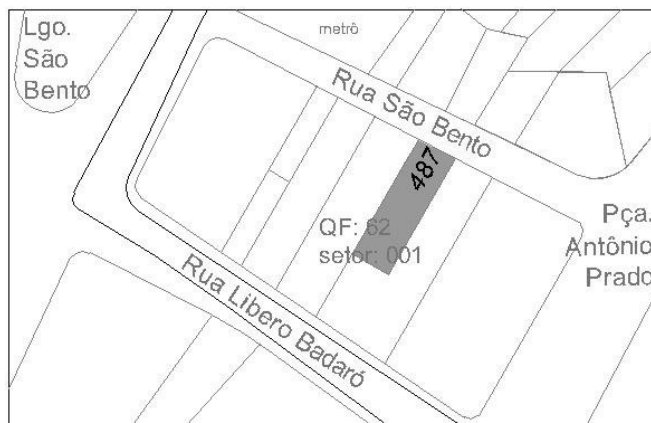
6.11.3 N° 487, 493

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 70

Endereço: Rua São Bento, 487, 493

Numerações anteriores: 487, 491, em 1936/ 61 sob, 61, em 1928/ 81 e/s, 81 e/t, em 1910/ 81 alt antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 3 + 7 escalonado

Frente: 11.16 m

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1939 habite-se

Processo: N. 47541/39

Projeto de:

Proprietários: Banco Nacional S/A

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação; Bom

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGEM 347 e IMAGEM 348: Antes e depois da Lei da "Cidade Limpa".



IMAGENS 349 e 350: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

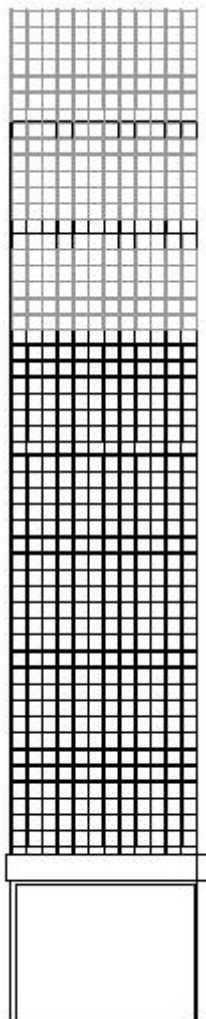


IMAGEM 351: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

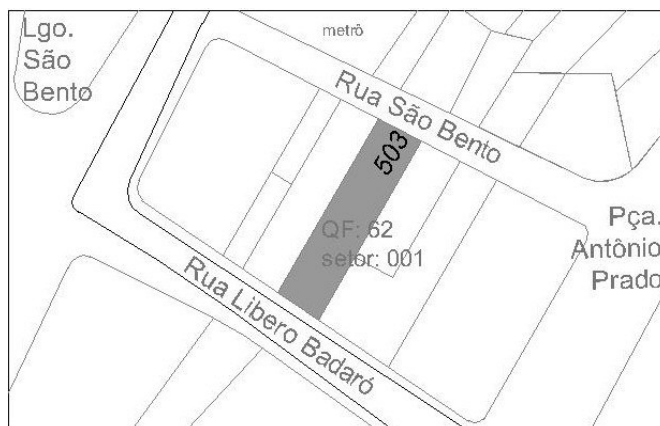
6.11.4 N° 503

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 62

Endereço: Rua São Bento, 503

Numerações anteriores: 503 / 63 / 83 / 83 alt

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Estrutura de concreto armado

Número de pavimentos: T + 4 + 8 escalonado para a rua São Bento

Frente: 12.80 m (São Bento), 13.20 m (Libero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1935 habite-se

Processo: N. 58190/35

Projeto do: Arquiteto Rino Levi

Proprietários: Governo do Estado de São Paulo

Usos do imóvel: fechado

Estado de Conservação: Regular

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGENS 352 e 353: Elevação para a rua São Bento.



IMAGEM 354: Elevação para a rua São Bento. e IMAGEM 355: Observar o recuo escalonado nos pavimentos superiores.



IMAGENS 356 e 357: Vista para a rua Líbero Badaró.

Plantas/Cortes/Elevações:

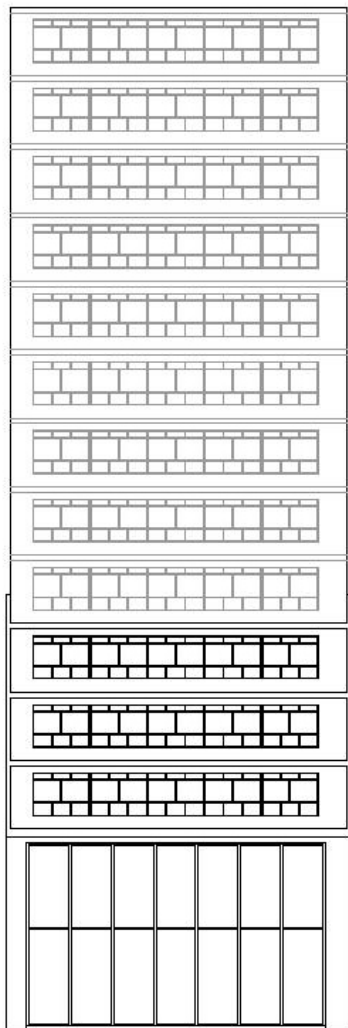


IMAGEM 358: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

No começo do século XX, funcionou a Casa Fuchs nesse lote.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Edifício Moderno, com elementos horizontais compondo a fachada e fazendo às vezes de brise.

Documentação Existente:

Observações:

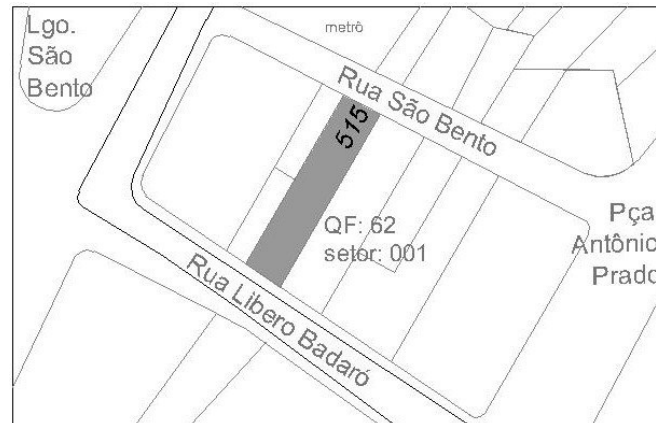
6.11.5 Nº 515 Agência do Itaú

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 54

Endereço: Rua São Bento, 515

Numerações anteriores: 515, em 1936/ 65, em 1928/ 85 A e/t, em 1910/ 0 bx, antigo (século XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Estrutura de concreto armado

Número de pavimentos: T + sobreloja + 10 (só Líbero Badaró)

Frente: 10.87 (São Bento), 11.60 (Líbero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: Década 60 (DPH), 1970 habite-se

Processo: N. 206978/70

Projeto de:

Proprietários: CMS Empreendimentos Imobiliários Ltda.

Usos do imóvel: serviços

Estado de Conservação; Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGEM 359: Foto em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

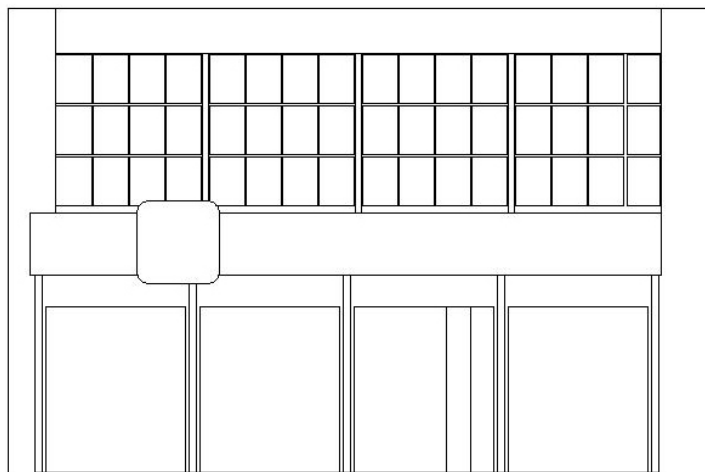


IMAGEM 360: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Em 1903, nesse lote funciono o Grand Bazar Parisien.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

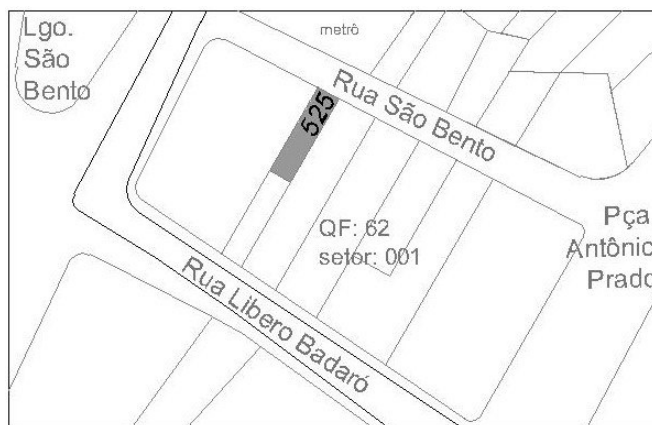
6.11.6 N° 525

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: 46

Endereço: Rua São Bento, 525

Numerações anteriores: 525, em 1936/ 67, em 1928/ 87, em 1910/ 87, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva:

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 6.30 m

Estilo Arquitetônico: Art-déco

Ano:1979 habite-se

Processo: N. 104652/79

Projeto de:

Proprietários: Isabel Sampaio Levy

Usos do imóvel: fechado

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 361: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

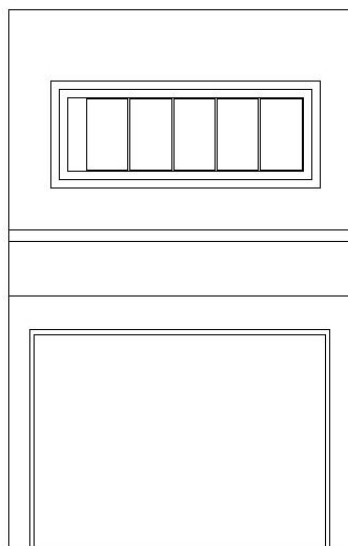


IMAGEM 362: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

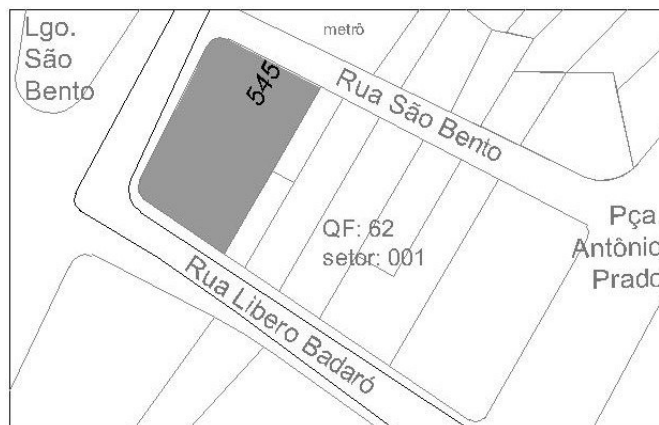
6.11.7 N° 545 Condomínio Edifício de Galerias São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 62 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 533, 545

Numerações anteriores: 533, 541, 545, em 1936/ 69, 71, 71 sob, em 1928/ 91, 93 e/t, 93 A e/t, em 1910/ 91 tin, 93 alt, 0 bx, antigo (século XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto Armado

Número de pavimentos: 5 sobrelojas + 15

Frente: 23.30 m (São Bento), 23.38 m (Líbero Badaró)

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1969 habite-se

Processo: N. 69585/69

Projeto de:

Proprietários: vários

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia



IMAGENS 363 e 364: Vistas para a rua São Bento.



IMAGEM 365: Vista para o Largo São Bento. e IMAGEM 366: Vista para a rua Líbero Badaró.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 367: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência: Lote lindeiro ao Largo São Bento onde funcionou a Casa de Banhos A *Sereia*, até o começo do século XX.



IMAGEM 368: Vista do lote lindeiro ao Largo de São Bento onde funcionou a Casa de Banhos A *Sereia*.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.12 Setor 001 Quadra 63: Praça Antônio Prado – rua Boa Vista



IMAGEM 369: Desenho das fachadas no começo do século XX.⁷⁰

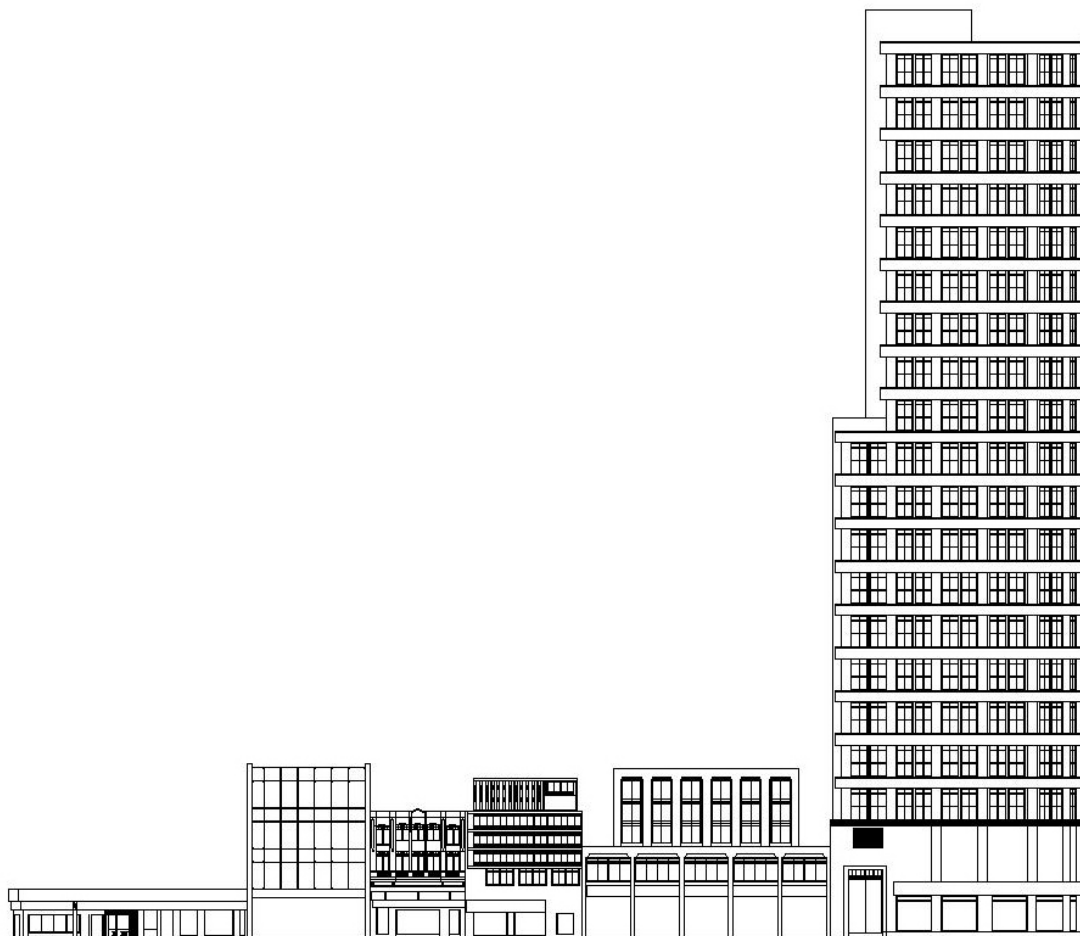


IMAGEM 370: Desenho feito sobre fotos em 2007.

⁷⁰ Heloisa Barbuy. A cidade-exposição. Anexo: 3 p.297 a 301.

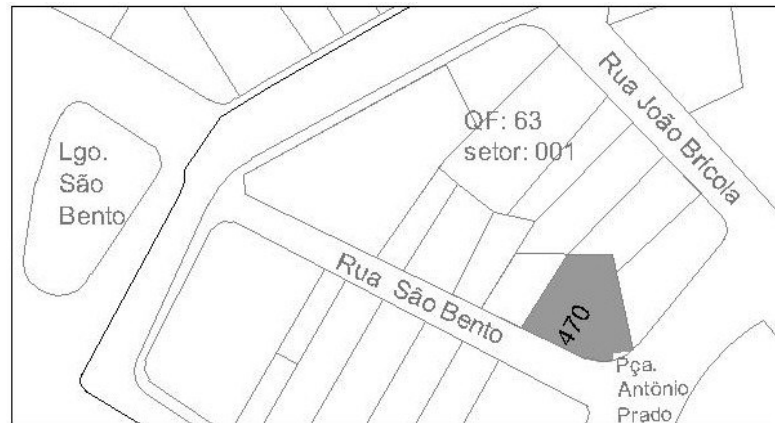
6.12.1 N° 470 Edifício DILAN

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: 13

Endereço: Rua São Bento, 470 e Praça Antônio Prado, 76.

Numerações anteriores: 470, em 1936 / 58 sob, em 1928 / 66 a e/s, em 1910 / 58 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto Armado e alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + sobreloja + 9 + 8 escalonado

Frente: 26,78 metros

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1951 habite-se

Processo: N. 179646/51

Projeto de:

Proprietários: Diogo de Toledo Lara Neto

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia :



IMAGEM 371: Foto da porta do Edifício DILAN, em 2006, antes da lei “Cidade Limpa”.



IMAGEM 372: Fachada para a rua São Bento, observar o recuo nos pavimentos superiores.

Plantas/Cortes/Elevações:

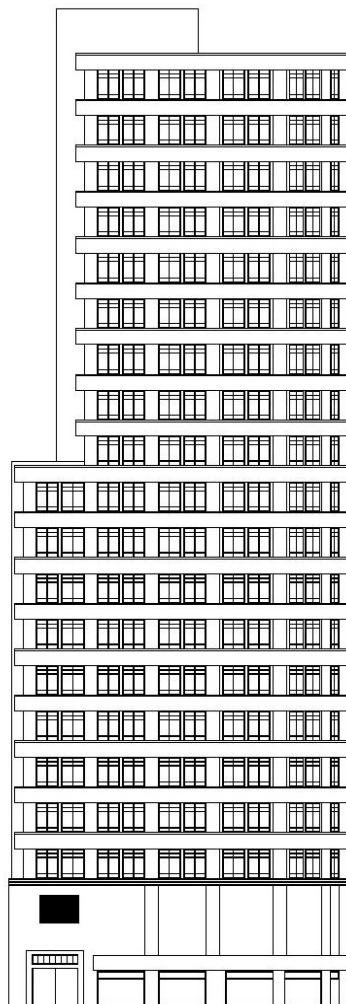


IMAGEM 373: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Neste lote foi o Edifício Martinico Prado.

Dados de Ambiência:

Compatibilidade volumétrica com os prédios vizinhos.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Edifício de linhas modernas e retas, os últimos pavimentos são escalonados com recuos laterais.

Documentação Existente:

Observações:

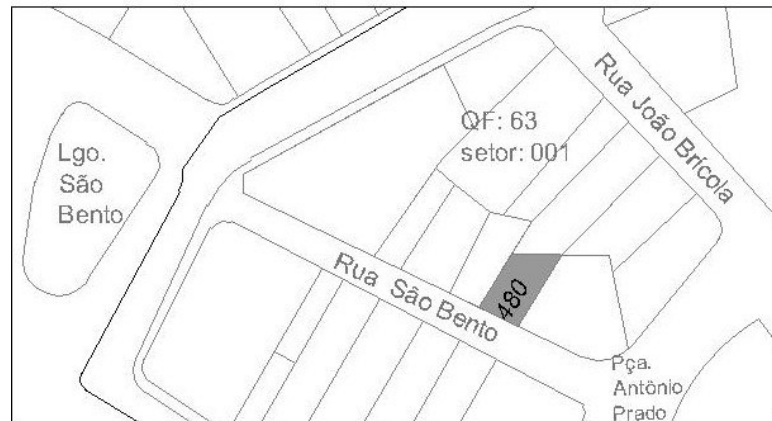
6.12.2 Nº 480 Banco Bradesco

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: 49

Endereço: Rua São Bento, 480

Numerações anteriores: 484, em 1936 / 62 sob, em 1928 / 68 b e/t, 70 e/s, 72, em 1910 / 60 bx, 64, antigo (no séc. XIX).

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto e alvenaria de tijolos.

Número de pavimentos: T + sobreloja + 4 pavimentos

Frente: 25,30 metros

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: década de 1970.

Processo:

Projeto de:

Proprietários: Banco Bradesco S/A.

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 374 e IMAGEM 375: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

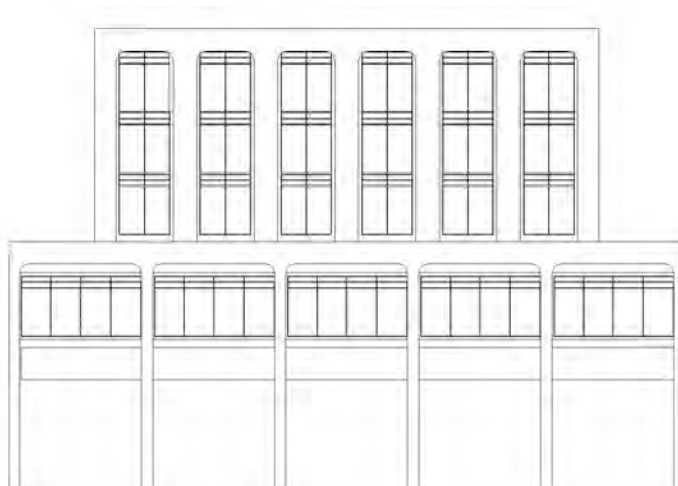


IMAGEM 376: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

No começo do século XX, endereçava a loja *Au Palais Royal*.

Dados de Ambiência:

Possui recuo nas laterais e na frente, no bloco superior.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

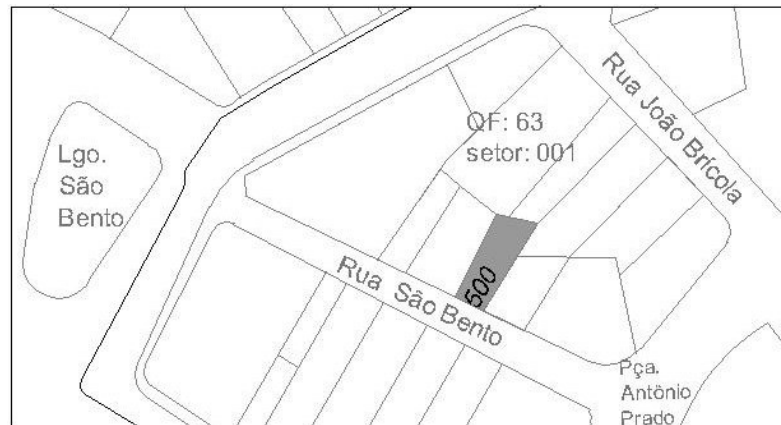
6.12.3 N° 500 Edifício Joaquim Gonçalves Moreira

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: 17

Endereço: Rua São Bento, 500, 506

Numerações anteriores: 500, em 1936 / 66, em 1928 / 74, 70, em 1910 / 66 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: T + 10 pavimentos + zelador na cobertura

Frente: 12,66 metros

Estilo Arquitetônico: Moderno

Ano: 1950 habite-se

Processo N. 73609/45 (construção de prédio) N. 113040/50 N. 86454/50

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação:

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 377 e 378: Fotos tomadas em 2006.



IMAGENS 379, 380 e 381: Fotos tiradas em dezembro de 2007.



Plantas/Cortes/Elevações:

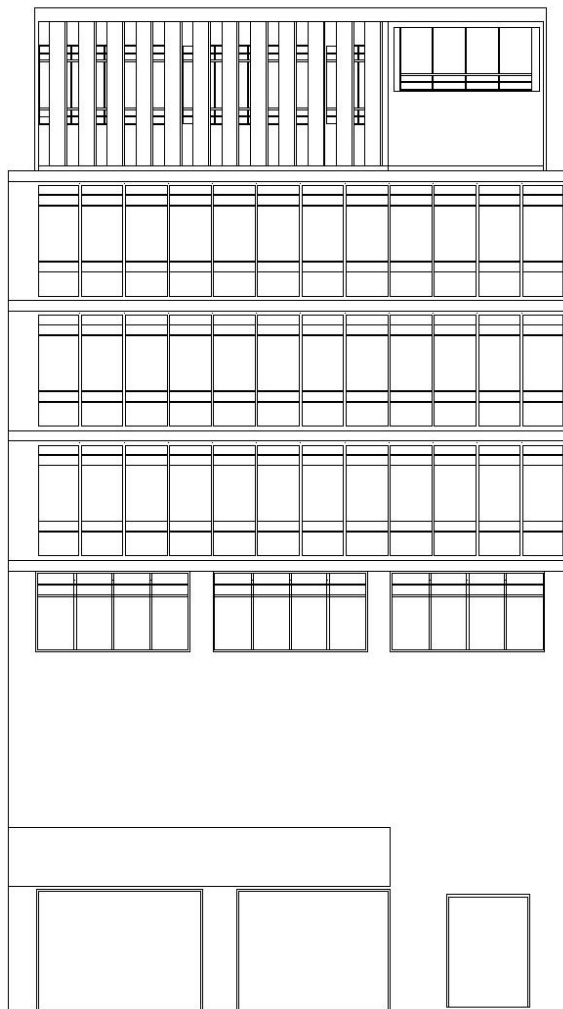


IMAGEM 382: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Construído pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos:

Dados históricos:

Documentação Existente:

Observações:

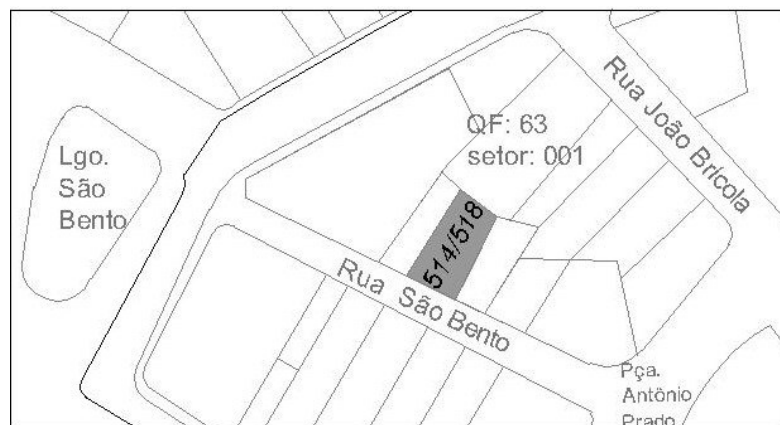
6.12.4 N° 514, 518

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: 18

Endereço: Rua São Bento, 514, 518

Numerações anteriores: 514, 518, em 1936/ 70, s/n, em 1928/ 78 e/t, em 1910/ 70
bx, antigo (séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: alvenaria de tijolos

Número de pavimentos: T + 2

Frente: 9,90 metros

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1906 (DPH), 1943 – habite-se

Processo:

Projeto de: J. J. Ferreira

Proprietários: Antônio de Paula Assis

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 383: Foto em 2006. IMAGENS 384 e 385: Fotos em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

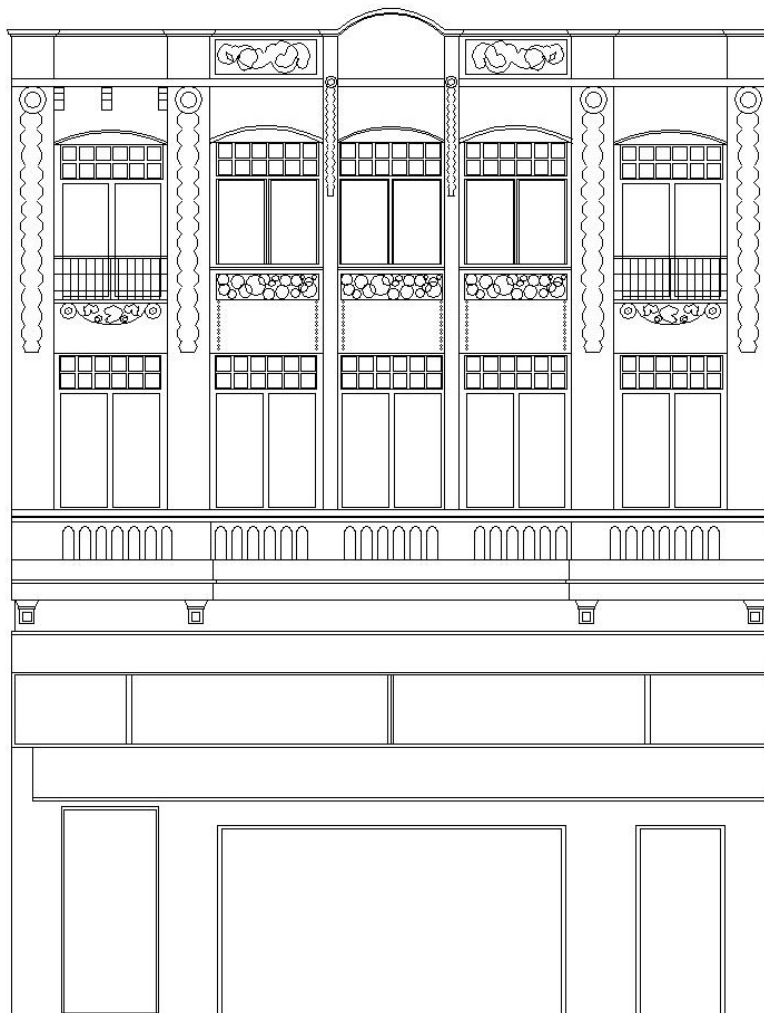


IMAGEM 386: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Em 1910, funcionava nesse lote a casa de bicicletas Peugeot. Posteriormente funcionou a Leitaria Pereira.

Dados de Ambiência:

No quarteirão em que se encontra é o único exemplar da arquitetura da virada do séc. XIX para o XX. Encontra-se bem entrosado com o entorno.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente:

Observações:

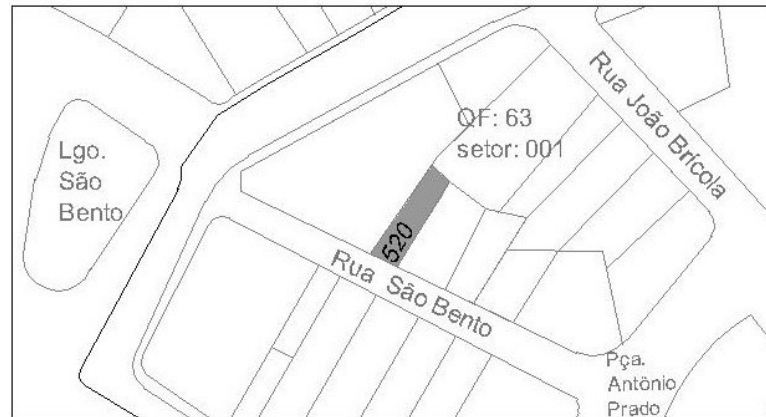
6.12.5 N° 520

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: 33

Endereço: Rua São Bento, 520

Numerações anteriores: 520, em 1936 / 70 sob, em 1928 / 80 e/s, em 1910 / 72 alt, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto com fachada revestida de vidro.

Número de pavimentos: T + 6 pavimentos tipo

Frente: 12, 80 metros

Estilo Arquitetônico:

Ano: 1955 habite-se

Processo: N. 91422/55

Projeto de:

Proprietários: Antonio Aib Chammas

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGEM 387: Foto tirada em 2006. IMAGENS 388 e IMAGEM 389: Fotos tomadas em dezembro de 2007.



Plantas/Cortes/Elevações:

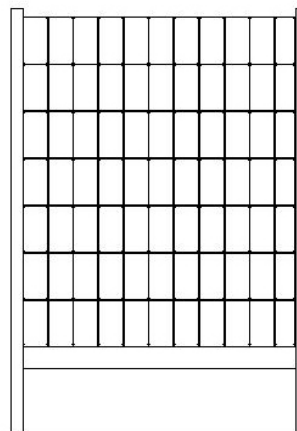


IMAGEM 390: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Era no começo do século XX a loja da SINGER.

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos:

Dados históricos:

Documentação Existente:

Observações:

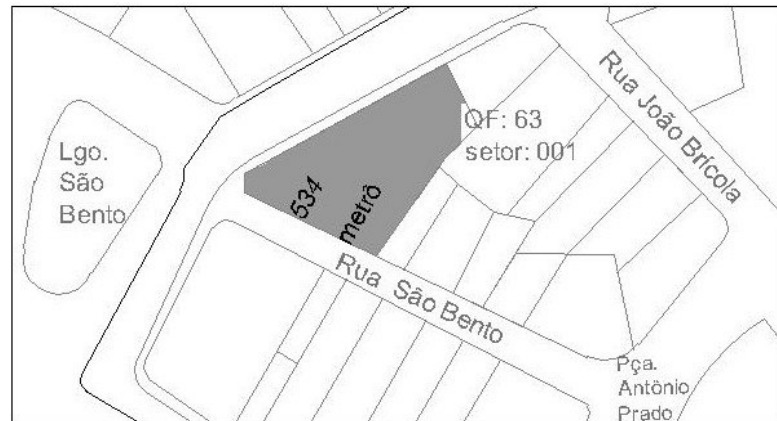
6.12.6 Nº 534 Metrô Estação São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 63 LOTE: vários

Endereço: Rua São Bento, 534

Numerações anteriores: 534, em 1936 / 74, em 1928 / 84 e/t, em 1910 / 76 bx, antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Concreto

Número de pavimentos: T + mezanino

Frente: 22,55 metros; 3,65 metros de chanfro; e 46,44 metros - rua Boa Vista.

Estilo Arquitetônico:

Ano: década de 1970

Projeto de: Metrô

Proprietários: Irmandade de Santa Casa de Misericórdia

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: ótimo

Proteção Existente:

Iconografia:



IMAGENS 391, 392, 393, 394 e 395: Dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

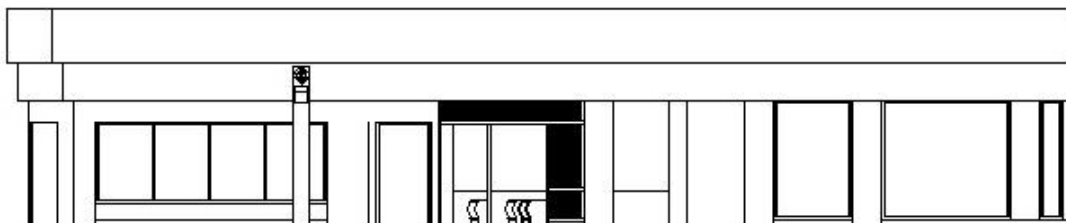


IMAGEM 396: Elevação para a rua São Bento.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

Dados Arquitetônicos:

Dados históricos:

Documentação Existente:

Observações:

6.13 Setor 001 Quadra 64: rua Largo São Bento



IMAGEM 397: Vista da quadra endereçada Largo São Bento que faz parte do último trecho da rua São Bento.



IMAGEM 398: Vista do terraço do coro da Igreja de São Bento, para o Largo de São Bento com os painéis de Maurício Nogueira Lima.

6.13.1 N° 10 - 40 Largo São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA:64 LOTE: 1

Endereço: Largo São Bento, 10 a 40 e rua Boa Vista, 368, 372.

Numerações anteriores: em 1936 / em 1928 / em 1910 / antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: alvenaria de tijolos, com vigas e colunas de ferro.

Número de pavimentos: T + 1

Frente:

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: início séc. XX - 1901

Processo:

Projeto de: Rossi e Branni

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Regular, as esquadrias originais alteradas.

Proteção Existente: CONPRESP Res. 06/91, aditamento Res. N.11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 3

Processo n. 16.002.110-91*60 (efetivação do Processo de Tombamento)

Iconografia:



IMAGENS 399, 400, 401 e 402: Tomadas em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 403: Elevação Principal

Notas Complementares:

Uso original Hotel D´Oeste

Dados de Ambiência:

O edifício situado na esquina da rua São Bento com a rua Boa Vista, em frente ao Largo São Bento, tem boa visibilidade, compõe um conjunto arquitetônico com as demais edificações da quadra, pois possuem o mesmo gabarito.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Imóvel com alterações nas esquadrias no pavimento superior, alteração nos vãos do andar térreo. Construção eclética do início do século XX projeto atribuído a Rossi e Branni, data de 1901.

Documentação Existente: Fichas das Z8-200/COGEP – Pasta 32, ficha 02

Observações:

6.13.2 N° 48 – 54 Largo São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 64 LOTE: 2

Endereço: Largo São Bento, 48 a 54

Numerações anteriores: em 1936 / em 1928 / em 1910 / antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente:

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: 1887

Processo:

Projeto de: arquiteto Morisim

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial/serviços

Estado de Conservação: Bom, com alteração dos vãos no andar térreo

Proteção Existente: CONPRESP Res.06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Res. N. 37/92 – Tombamento – NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60 (efetivação do Processo de Tombamento)

Iconografia:



IMAGEM 404: Foto tirada em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:



IMAGEM 405: Elevação Principal.

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O edifício compõe um conjunto arquitetônico com as demais edificações da quadra, pois possuem o mesmo gabarito.

Dados Arquitetônicos e históricos:

O sobrado é datado de 1887 tem o projeto atribuído ao arquiteto Morisim.

O edifício de estilo eclético, característico da virada do século, com comércio no térreo e uso residencial no pavimento superior. Apresenta platibanda com pequeno frontão curvo, cornijas, poucos ornamentos e janelas de verga reta.

Documentação Existente:

Fichas das Z 8 – 200/ COGEP / Pasta 32, ficha 02

Programa Toledo / Lemos para preservação de Bens Culturais Arquitetônico da Área Central de São Paulo

Observações:

6.13.3 N° 58 Largo São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 64 LOTE: 3

Endereço: Largo São Bento, 58

Numerações anteriores: em 1936 / em 1928 / em 1910 / antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + 1

Frente:

Estilo Arquitetônico: Eclético

Ano: final do século XIX

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: comercial

Estado de Conservação: Bom, com alteração nos vãos do andar térreo

Proteção Existente:

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Processo de Tombamento) / Res. N. 37/ 92 – Tombamento – NP 3

Proc. n. 16.002.110-91*60 (efetivação do proc. de tombamento)

Iconografia



IMAGEM 406: Foto tirada em dezembro de 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

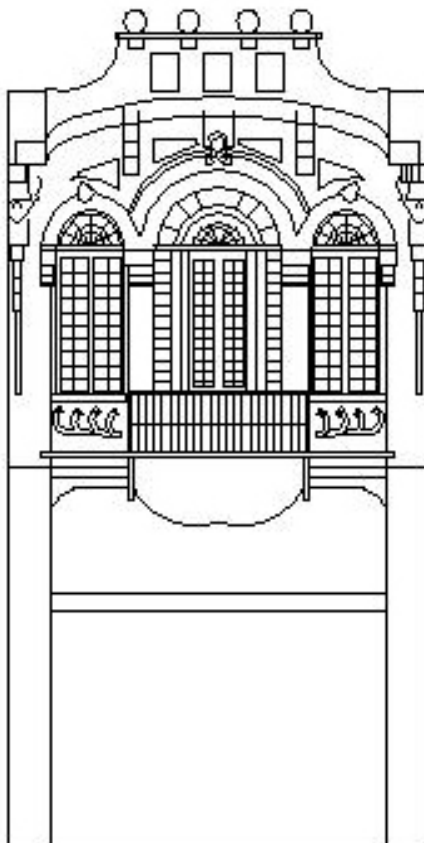


IMAGEM 407: Elevação Principal

Notas Complementares:

Dados de Ambiência:

O edifício compõe um conjunto arquitetônico com as demais edificações da quadra, encontra-se integrado em termos das características arquitetônicas, gabarito, e volumetria na paisagem do Largo São Bento.

Dados Arquitetônicos e históricos:

O edifício possui características ecléticas, ornamentado na fachada com frontão curvo, a porta-balcão do andar superior tem guarda-corpo em ferro batido e as sobrevergas das janelas curvas.

Documentação Existente:

Observações:

6.14 Igrejas de Ordem Primeira e Terceira de São Francisco e a Igreja e Mosteiro de São Bento.

Esse subtítulo por ser sobre as duas referências desta pesquisa, os limites do percurso, e serem em quadras distintas e distantes não possui os desenhos da quadra onde estão implantadas.

6.14.1 Nº 133 e 173: Igreja da Ordem Primeira de São Francisco e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.

Localização: SETOR: 05 QUADRA: 13 LOTE: 6 e 5, respectivamente.

Endereço: Largo de São Francisco, 133 e 173

Numerações anteriores: em 1936 / em 1928 / em 1910 / antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Taipa de Pilão e embasamento de pedra

Número de pavimentos: T + 1

Frente: 17.36 m e 33.34 m, respectivamente.

Estilo Arquitetônico: Barroco

Ano: 1644/47 e 1643, respectivamente.

Processo:

Projeto de:

Proprietários:

Usos do imóvel: culto religioso

Estado de Conservação: Bom

Proteção Existente: Lei n. 8328/75 (CONDEPHAAT)

Iconografia



IMAGEM 408: Vista das duas Igrejas, em 2007.

Plantas/Cortes/Elevações:

Notas Complementares: A Igreja de Ordem Primeira de São Francisco está sendo restaurada.

Dados de Ambiência: As duas Igrejas, o convento, a Faculdade de Direito, compõem o Largo São Francisco nesse lado.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Essas duas Igrejas abrigam as taipas mais antigas da cidade. A Igreja de Ordem Primeira teve sua construção iniciada em 1644 e foi inaugurada em 1647. E a Igreja de Ordem Terceira data de 1643. Em 1827 foi instalado no Convento o Curso Jurídico. Na ocasião da remodelação em 1860 foram ampliadas as salas de aula, destruídas as celas do pavimento superior e o antigo quintal do convento deu lugar ao Largo de São Francisco.

Em 1935, o Convento foi demolido e em seu lugar foi construído o edifício da Faculdade de Direito que foi concluído em 1938. A Ordem Franciscana perde o direito da propriedade do edifício, perante o Supremo Tribunal Federal em 1940.



IMAGENS 409 e 410: Fotos tomadas em dezembro de 2007, enquanto estava em obras de restauração

Documentação Existente: Z-8 200-67/ COGEP/ pasta 8/ fichas 1 e 2, respectivamente.

Observações:

6.14.2 Igreja e Mosteiro São Bento

Localização: SETOR: 1 QUADRA: 49 LOTE: 1 e 62

Endereço: Largo São Bento,

Numerações anteriores: em 1936 / em 1928 / em 1910 / antigo (no séc. XIX)

Planta de Situação:



Técnica Construtiva: Alvenaria de Tijolos

Número de pavimentos: T + 2 pavimentos.

Frente:

Estilo Arquitetônico: Eclético, tendência Neo-Românico

Ano: projeto 1911, construção em 1912.

Processo:

Projeto de: Richard Berndl

Proprietários:

Usos do imóvel: culto religioso

Estado de Conservação: Ótimo

Proteção Existente: Z8-200/086 – Lei 8328/75

CONPRESP Res. N. 06/91, aditamento Res. N. 11/91 (abertura do Proc. de Tombamento)

Resolução N. 37/92 Tombamento – NP 1

Processo n. 16.002.110-91*60 / Iconografia



IMAGEM 411 e IMAGEM 412: dezembro de 2007.



IMAGEM 413: Vista das torres da Igreja do claustro.

Plantas/Cortes/Elevações:

Notas Complementares: Esteve com obras de restauro no Mosteiro no começo de 2007. Hospedou o Papa Bento na ocasião da visita em maio de 2007.

Dados de Ambiência: A Igreja e o Colégio de São Bento compõem o Largo de São Bento com alguns imóveis de um lado e do outro lado há o acesso ao Viaduto Santa Ifigênia que atravessa o Vale do Anhangabaú.

Dados Arquitetônicos e históricos:

Documentação Existente: Z8- 200/ 086

Observações:

7. *Promenade*⁷¹ pela rua São Bento.

Caminhar, vagar, pelas ruas do centro velho, o “burgo” natural da cidade de São Paulo é propício para pesquisar sobre a história da urbanização da cidade e fazer a leitura da paisagem urbana construída. Averiguar as mudanças ocorridas na transformação dos lotes, bem como na volumetria dos edifícios. Ao transitar, pelo centro velho, nas ruas XV de Novembro e Anchieta, Pátio do Colégio, Praça da Sé, ruas Álvares Penteado e do Comércio, Largo do Café, travessa Miguel Couto, rua Líbero Badaró, Praça do Patriarca, ruas da Quitanda, José Bonifácio e Benjamin Constant, Largo São Francisco e rua Direita, destaca-se uma rua plana com duas referências nos pontos extremos da paisagem: a rua São Bento, com a Igreja de São Francisco numa extremidade e a Igreja de São Bento na outra.

Ao fazer mais vezes essa caminhada aos domingos, durante os últimos anos, foi observado que nessa área melhorou a qualidade do espaço urbano. No começo parecia um centro absolutamente fantasma, certas vezes muito sujo e com muitos moradores de rua. Um ar de insegurança planava no ar. Nos últimos dois anos, o centro melhorou muito, está mais limpo e a cada vez há mais paulistanos indo conhecê-lo, passear ou até mesmo indo reviver bons momentos. Atualmente se se quiser almoçar aos domingos no centro, há bons restaurantes abertos, são vistas famílias caminhando com crianças, ciclistas pedalando, atletas treinando corrida. Claro que ainda há os moradores de rua, mas esse não é assunto desta pesquisa.

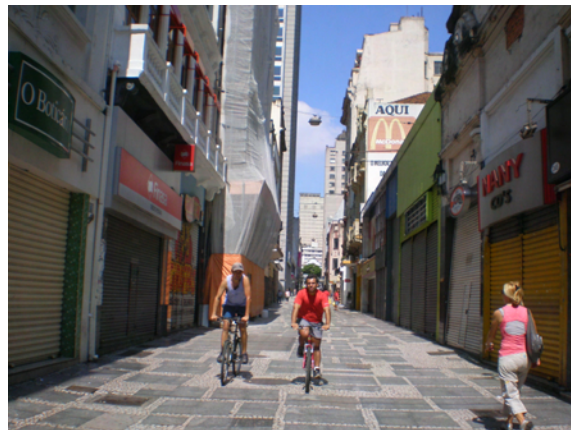


IMAGEM 414: ciclistas na rua São Bento. Foto da autora em Março de 2007.

⁷¹ Conforme o dicionário Michaelis de francês significa passeio.

Essa *promenade* será iniciada saindo do Largo São Francisco em direção ao Largo São Bento. O percurso não é muito extenso, mas devido às transformações temporais no espaço urbano tornou-se muito mais longo. O Largo São Francisco é mais próximo do Marco Zero, sendo o começo da numeração da rua iniciado desse ponto. O lado ímpar, como via de regra, está voltado para a esquerda, o lado do Vale do Anhangabaú. E o lado par para a direita, o lado da Praça da Sé.



IMAGENS 415 e 416: Marco Zero, ponto onde convergem todas as estradas, antigos caminhos, que cruzam a cidade de São Paulo. Na Praça da Sé, em frente a Catedral da Sé, em 2007. Fotos da autora.

A leitura da paisagem urbana do fragmento selecionado para estudo será feita quadra por quadra. Lendo o espaço construído existente hoje, complementado com o levantamento do ano dos edifícios, foram constatadas diferentes ocasiões das construções numa mesma quadra.

A rua, considerando o começo na porta da Igreja de Ordem Primeira de São Francisco é composta por doze quadras e a quadra do Largo São Bento, que mesmo recebendo este endereço é ainda considerado um trecho da rua, pois esta se estende até a porta da Igreja de São Bento. Segundo o professor José Eduardo de Assis Lefèvre, a rua São Bento, tem 725 metros de distância entre as fachadas

das igrejas São Bento e São Francisco⁷². Para ficar mais clara essa *Promenade*, foi dividida em três trechos: São Francisco até a rua Direita; rua Direita até a avenida São João; e avenida São João até a São Bento.



IMAGEM 417: *Faire une promenade* Foto da autora saindo da Igreja de Ordem Primeira de São Francisco.

⁷² LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. *Entre o discurso e a Realidade. A Quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução.* p. 22.

7.1 São Francisco à rua Direita

Iniciando no Largo São Francisco, vamos antes conhecer as Igrejas de São Francisco, da ordem primeira e da ordem terceira. Ambas são de taipa de pilão com embasamento de pedra. Esse conjunto reúne as taipas mais antigas da cidade, tiveram início de construção em 1644, e foram inauguradas em 1647. A igreja de ordem primeira está atualmente sendo restaurada.



IMAGEM 418: Vista aérea do Largo São Francisco, com as duas Igrejas de Ordem Terceira e Primeira e a Faculdade de Direito. No alto do centro para a esquerda parte da cúpula e da torre da Catedral da Sé. Foto do acervo da biblioteca da FAUUSP.

A primeira quadra, também conhecida como o Largo do Ouvidor, para o lado ímpar, encontra-se como terreno livre e descreve o perímetro do Largo do Ouvidor com a rua José Bonifácio, rua Líbero Badaró e Largo São Francisco. Esse terreno pertence ao Jockey Clube de São Paulo, segundo informação obtida, e atualmente é utilizado como estacionamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Na imagem acima pode-se ver no canto inferior esquerdo um pedaço do lote sendo utilizado como estacionamento.

Pelas plantas e registros iconográficos levantados antes do terreno pertencer ao Jockey Club de São Paulo havia imóveis térreos e sobrados, (edificações com dois pavimentos) onde esteve o Hotel des Voyageurs, que depois foi vendido e

recebeu o nome do novo proprietário, Hotel Palm, na segunda metade do século XIX. Ver as imagens 70 e 71, no capítulo 5.



IMAGEM 419: Vista do ponto inicial da *Promenade*, Igreja de Ordem Primeira de São Francisco. Observar o leito da rua São Bento com tráfego de veículos. Foto da Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento, s.d.

Na imagem acima, pelos automóveis e edifícios atrás da igreja calcula-se ser da década de 1940. À direita ainda havia edificações.

Em fevereiro de 1954, na Revista *O Jockey*, número 2, foram publicados dois artigos sobre a nova sede do Jockey Club. O primeiro intitulado “*Fundação Jockey Club de São Paulo*”, escrito por Paulo Duarte⁷³:

“Fabio Prado lançou em 1951 a idéia do Jockey Club empregar parte de sua renda na organização de um grande instituto que seria como dissemos atrás, uma espécie de Fundação Rockefeller em escala paulista. Ao lê-las não resistimos à tentação de comentá-las, chamando a atenção pública para a sua importância.

Acontece porém que depois se fez um longo silêncio, sobre idéia tão generosa, tão eloquentemente lançada em discurso oficial. Pensávamos mesmo que o Jockey Club não estivesse talvez à altura da idéia grandiosa do seu novo presidente e que iria ela como tantas

⁷³ Revista *O Jockey*, número 2, p.25

outras morrer afogada pela incompreensão, sepultura da maioria das idéias generosas em nosso país...”

E o segundo intitulado “A Sede Social em foco”, escrito por Antônio de Pádua Morse⁷⁴:

“... problemas administrativos que estão a exigir solução urgente. Um dêles é a construção da nova sede social. Já tivemos ensejo de ressaltar, em nosso último número, a necessidade de ser, o quanto antes, atacada a construção do edifício em que se localizará a futura sede. Não é concebível que uma entidade da projeção do Jockey Club tenha o centro de reuniões de seus sócios em prédio alheio, consoante ocorre atualmente, e, além do mais, desprovidos dos requisitos de conforto indispensáveis à sede de uma agremiação amiúde visitada por delegações de sociedades congêneres do país e do estrangeiro...”

A aquisição do terreno para o levantamento do edifício da nova sede, como sabem os leitores, foi efetuado no início deste ano, aliás em condições sobremodo vantajosas. A área do imóvel comprado abrange 1.600 metros quadrados, formando um quadrilátero contornado pelo Largo do Ouvidor e pelas ruas São Francisco, Líbero Badaró e José Bonifácio.

Mediante concorrência de que, com certeza, participarão os nossos mais destacados arquitetos, será escolhido o projeto da nova sede.”

O Jockey Club, em 1959, contratou o escritório de arquitetura Rino Levi para desenvolver um projeto para o seu edifício sede. Sobre pilotis, como ditava a Arquitetura Moderna, esse edifício teria 18 pavimentos, acima do térreo do Largo do Ouvidor (rua São Bento), mais três subsolos abaixo do térreo da rua Líbero Badaró. No *curriculum* oficial do escritório este projeto está classificado como Lazer e Esportes.

O programa desse edifício era composto de três subsolos de garagem, um térreo para a rua Líbero Badaró outro na cota da rua São Bento (Largo do Ouvidor), primeiro e segundo pavimentos para festas, terceiro e quarto para a secção cultural, com foyer para exposições e sala de conferências, quinto e sexto para restaurantes

⁷⁴ Revista *O Jockey*, número 2, p.96

e cozinha, sétimo e oitavo para estar e jogos (snooker e carteadado), nono e décimo para boate e grill, décimo primeiro e décimo segundo, secção médico esportiva, com a piscina sobre a boate. O décimo terceiro seria a diretoria, o décimo quarto teria apartamentos e do décimo quinto ao décimo oitavo haveria escritórios. Na cobertura seria apenas a laje, sem nenhum uso.

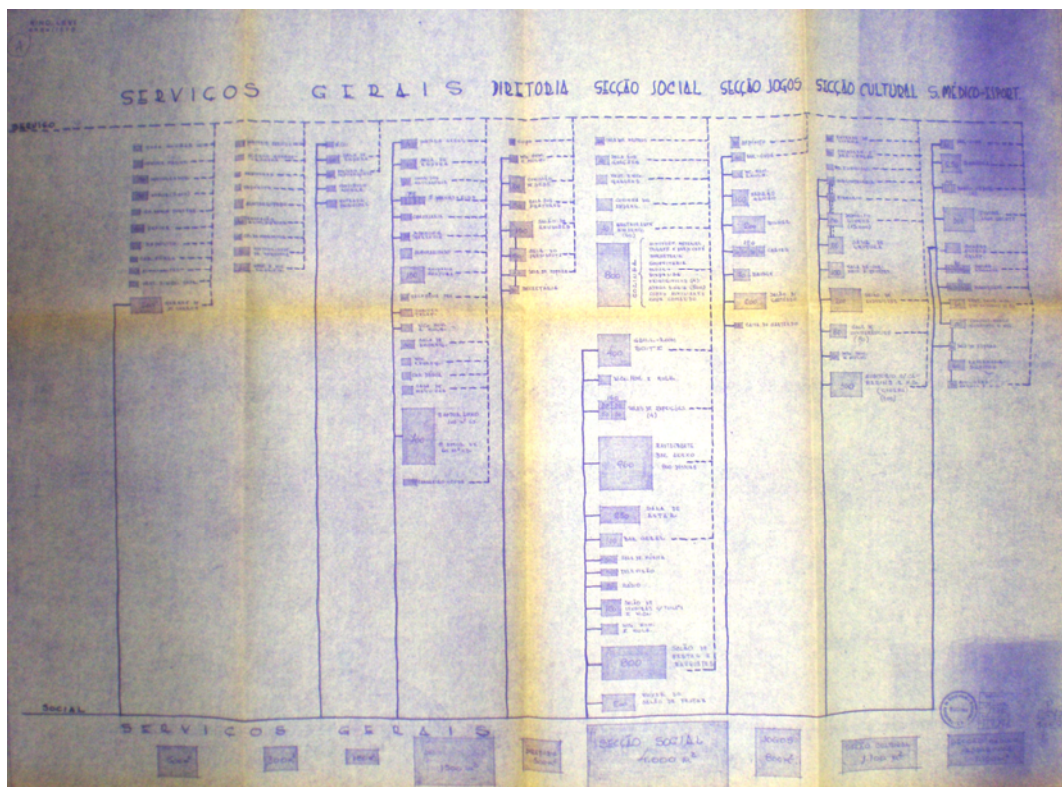
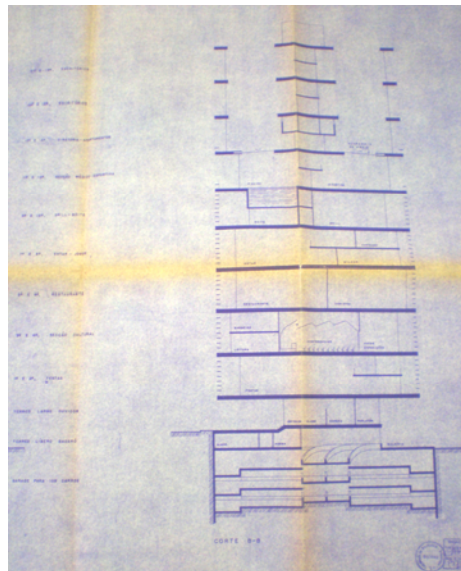
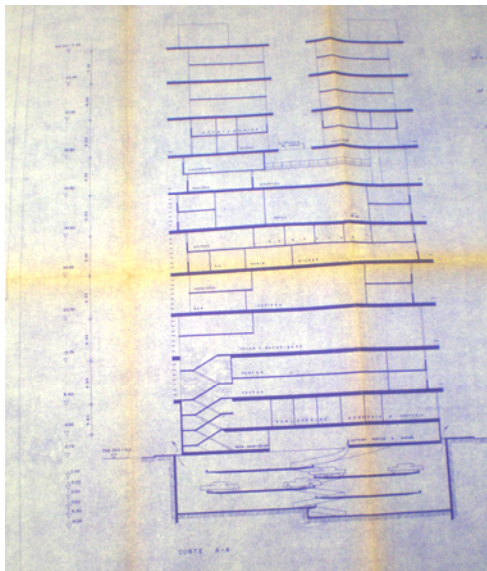


IMAGEM 420: Estudo do programa. Acervo FAU-USP.



IMAGENS 421 e 422: Desenhos do projeto, CORTE AA e CORTE BB. Acervo FAU-USP.

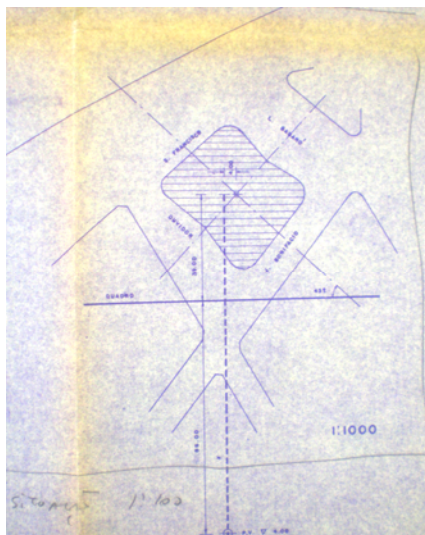


IMAGEM 423: Planta do ponto de vista da perspectiva da IMAGEM 424. O observador esta na esquina da rua José Bonifácio com a rua São Bento. Desenhos do projeto. Acervo FAU-USP

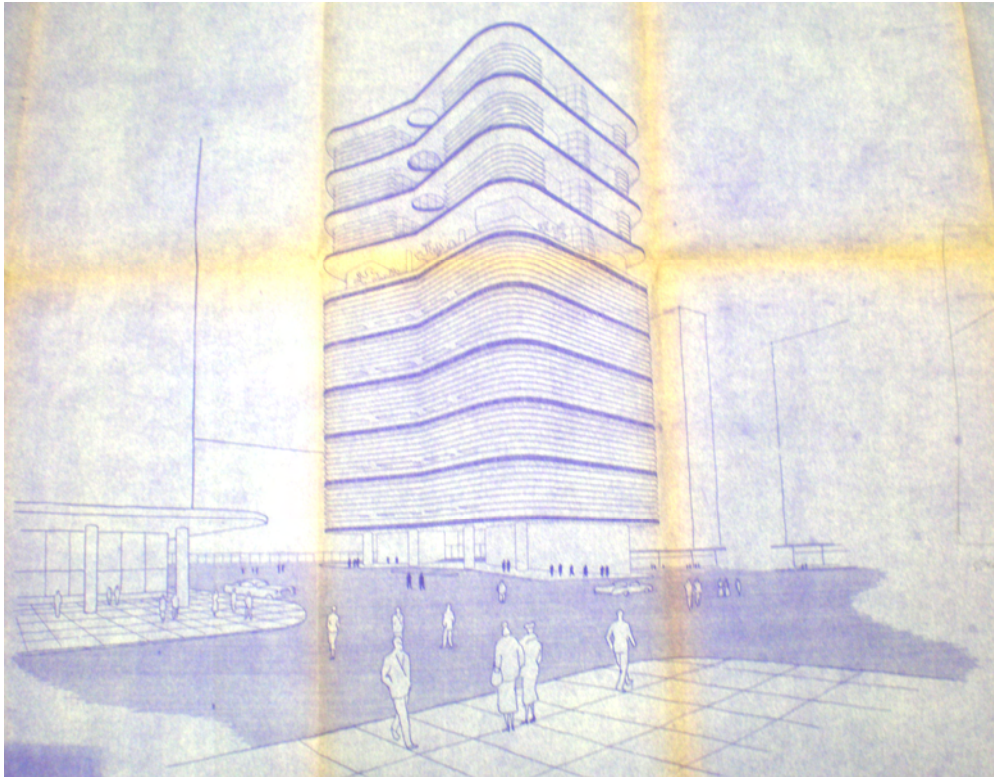


IMAGEM 424: Perspectiva, vista da esquina da rua São Bento com a rua José Bonifácio. Desenho do arquiteto Rino Levi. Acervo da Biblioteca da FAU/USP.



IMAGEM 425: Esta perspectiva está no ponto de encontro da ladeira São Francisco com a rua Libero Badaró. Desenho do arquiteto Rino Levi. Acervo da Biblioteca da FAU/USP.

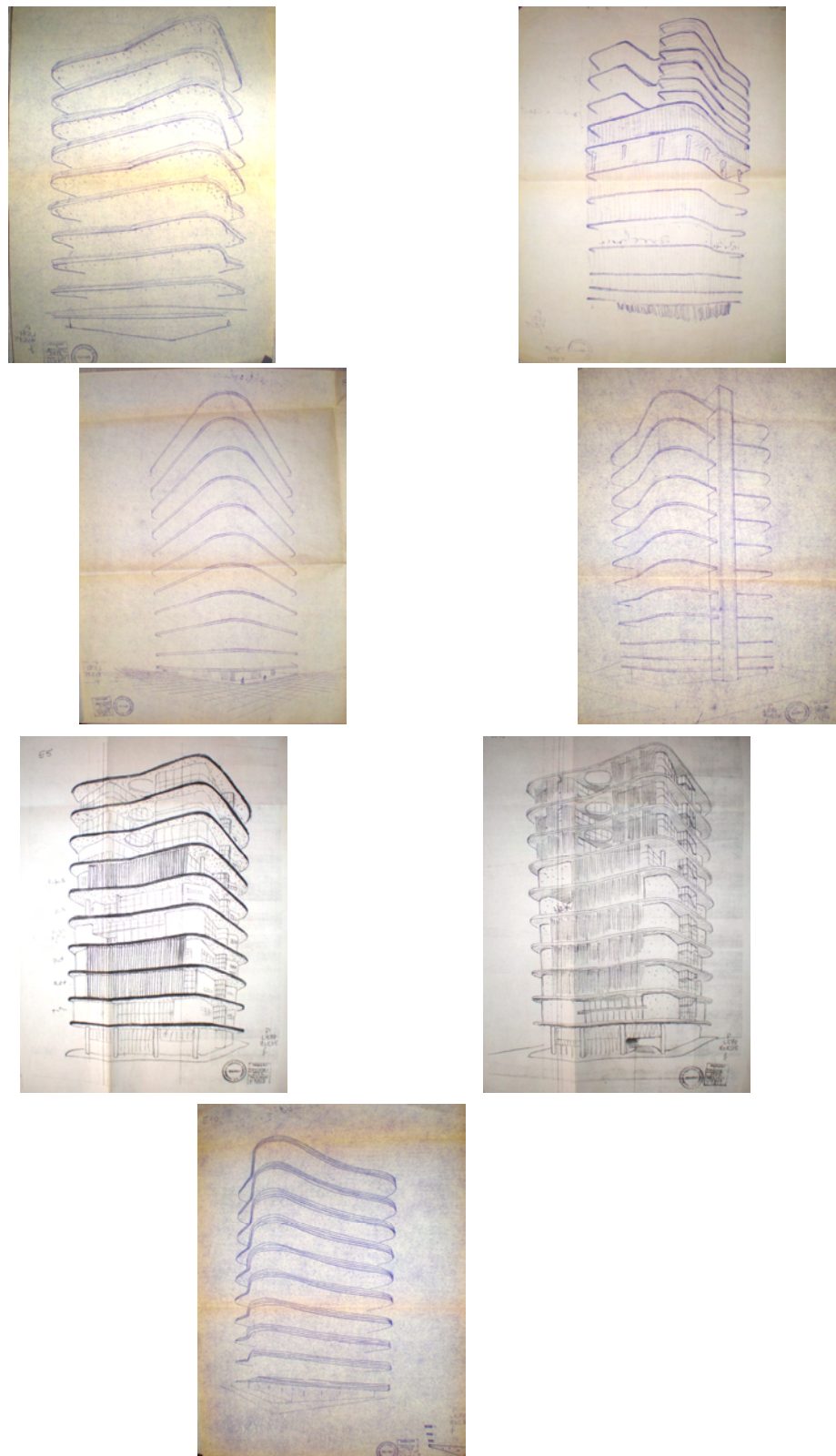


IMAGEM 426: Estudos realizados pelo arquiteto para o projeto da Sede do Jockey Clube de São Paulo. Acervo da Biblioteca da FAU-USP.

Esse mesmo terreno, em 1959 foi objeto de um concurso privado para dez equipes convidadas, segundo a pesquisa do arquiteto Sergio Matera⁷⁵, a comissão julgadora era composta pelos arquitetos Lauro de Costa Lima, Maurício Roberto, e Oswaldo Arthur Bratke. Nesta ocasião o presidente do IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil era o Arquiteto Ícaro de Castro Mello.

O edital, elaborado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, do Concurso Privado de Anteprojeto da Nova Sede do Jockey Clube de São Paulo, justifica:

“Considerando que o Jockey Clube de São Paulo, proprietário de um terreno sito às ruas José Bonifácio, Líbero Badaró, Largos São Francisco e Ouvidor, já tem um projeto para um edifício aprovado pela Prefeitura Municipal, anteriormente à vigência da Lei n. 5261, o qual, porém, já não atende às atuais necessidades do Clube, resolveu promover um Concurso – privado, entre arquitetos, para a elaboração do ante-projeto do novo Edifício-Sede. Uma vez elaborado o projeto definitivo pelo arquiteto vencedor do concurso, será requerida a substituição das plantas na Prefeitura.”

A Lei n. 5261 citada no seu *caput* diz: *“Estabelece coeficiente de aproveitamento de lotes, densidade demográfica, área mínima de lote por habitação e área mínima de espaços livres, e da outra providências.”*

A diretoria do Jockey Club foi presidida por Fábio Prado de 1951 a 1960, e seus sucessores foram Luis de Oliveira Barros de 1960 a 1964 e João Adhemar de Almeida Prado de 1964 a 1975.

O projeto da equipe escolhida por unanimidade pela comissão era formada pelos arquitetos Carlos Milan, Jorge Wilhein e Mauricio Tuck Schneider. O programa era similar ao do projeto do arquiteto Rino Levi.

⁷⁵ MATERA, Sergio. *Carlos Milan, um estudo sobre a produção em arquitetura*. p. 201 à 208.



IMAGEM 427: Esta perspectiva está no ponto de encontro da ladeira São Francisco com a rua Líbero Badaró. Desenho do arquiteto Carlos Millan. Imagem cedida pelo arquiteto Sergio Matera.

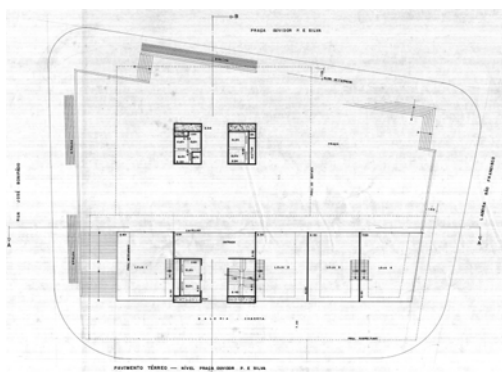


IMAGEM 428: Planta do pavimento térreo – acima Largo do Ouvidor (rua São Bento), à esquerda rua José Bonifácio, à direita Ladeira São Francisco, e abaixo rua Líbero Badaró. IMAGEM 429: A foto da maquete é no ângulo da ladeira São Francisco, a rua São Bento está à direita. Imagens cedidas pelo arquiteto Sergio Matera.

Esse projeto não foi executado. A justificativa dada à equipe vencedora pela nova Diretoria foi que o *Jockey Club* por estar num terreno próximo a Faculdade de Direito não seria conveniente o ambiente para os estudantes. Ouvi um depoimento, de um senhor que pediu para não ser identificado, dizendo que foi a Igreja de São Francisco que não aceitava um clube de jogo próximo aos cultos religiosos.

“Todavia, se na escalada do progresso o Hipódromo deslocou-se radicalmente, ascendendo da Moóca a Cidade Jardim, é comovente observar que a Sede Social do Jockey permaneceu sempre próxima ao perímetro do antigo Triângulo, nunca abandonando a vizinhança da Rua do Rosário, onde nasceu. De lá transfere-se à Rua São Bento, muda-se, mais tarde para a 15 de Novembro; ocupa depois, longos e elegantes anos, o majestoso arranha-céu “art-déco” da Praça Antônio Prado para nos anos 60 ir instalar-se nessa luxuosa, discreta como um clube inglês, sede atual da Rua Boa Vista.”

Trecho do texto publicado no Catálogo Geral de Seu Patrimônio Artístico. Jockey Club de São Paulo – 1875 – 110 anos – 1985. O prédio foi inaugurado na rua Boa Vista esquina com a ladeira Porto Geral dia 9 de dezembro de 1964. O projeto construído é do arquiteto Miguel Badra. O programa possui lojas para a ladeira Porto Geral, sete andares com estacionamento. O 7º, 8º, 9º e 10º pavimentos eram da sede do clube e a partir do 10º os andares possuem recuos laterais maiores, mas uniformes, e foram projetados para escritórios.



IMAGENS 430 e 431:O edifício à esquerda foi projetado pelo arquiteto Rino Levi para a sede do Banco Paulista do Comércio, em 1947. In: Rino Levi.*Rino Levi*. p. 74 Na IMAGEM 430 o prédio à direita possui apenas dois pavimentos. Na IMAGEM 431, o prédio à direita é a Sede Social do Jockey Club de São Paulo, na esquina da rua Boa Vista com a Ladeira Porto Geral. Foto tirada em dezembro de 2007.

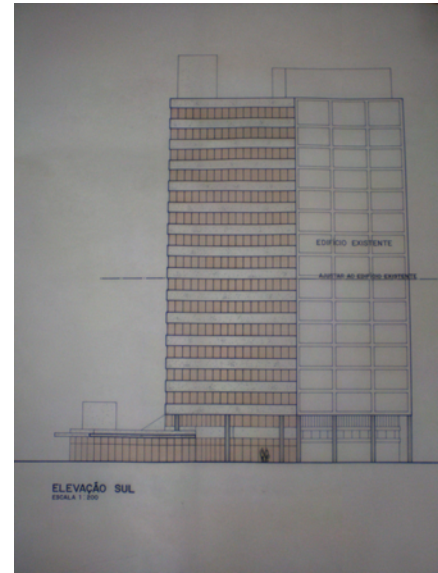
Enquanto para o lado par, onde existe hoje a Praça Paulo Duarte, com os respiradores da linha leste-oeste do metro, o terreno foi unificado, na década de 1970, por ocasião das obras do túnel até a estação Anhangabaú. Haveria uma estação São Francisco nessa área.

Há um projeto desenvolvido pela EMURB, do arquiteto Paulo Sergio Souza e Silva, para esse lote que receberia um centro comercial e de escritórios. O térreo organiza algumas lojas comerciais e o acesso aos demais pavimentos, na frente para a Rua José Bonifácio, as lojas possuem mezanino. O primeiro pavimento possui área para escritórios ou comércio menor que os demais quatorze pavimentos tipo para escritórios. A proposta era para ser construído em concreto armado, mas não foi executado. Como solução foi criada a praça pouco arborizada, como pode ser vista na imagem 432 e atualmente (novembro de 2007) encontra-se em reforma.



IMAGEM 432: Nessa foto avistam-se as duas primeiras quadras da rua São Bento, abaixo a quadra onde foram desenvolvidos os projetos para o Jockey Clube de São Paulo e acima o lote do projeto desenvolvido pela EMURB. Fonte: acervo da Biblioteca da FAUUSP.

IMAGEM 433: A elevação sul é a frente para a rua Benjamin Constant, e o Largo São Francisco.



Caso o projeto citado tivesse sido executado a elevação desta quadra seria a da imagem 434.

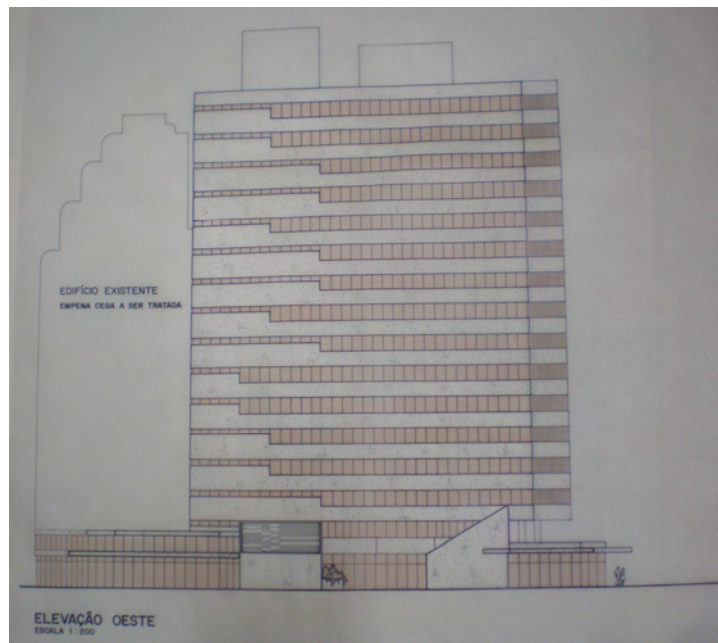


IMAGEM 434: Esta elevação faz frente para a rua São Bento. Imagem do projeto original que está no acervo técnico da EMURB.



IMAGEM 435: Foto aérea da Praça Paulo Duarte, em obras, dia 3 de janeiro de 2008.

Fazendo limite com essa praça, e frente para a rua Benjamin Constant há o Edifício CONDOR, com térreo sobre pilotis, marquise avançando sobre o passeio e mais 15 pavimentos, é um exemplar da arquitetura moderna.

O outro edifício limite com a praça faz frente para a rua José Bonifácio, é onde está a Justiça Federal, com térreo mais dez pavimentos e zeladoria na cobertura, possui recuo frontal escalonado a partir do sétimo andar. Em estilo Art-déco, construído por Martins Dobereiner e Cia. Ltda.

Linhas de bonde passaram pelo Largo do Ouvidor, depois automóveis e hoje é um calçadão com alguma arborização, criando um espaço de transição entre a rua edificada e o Largo São Francisco. (ver IMAGENS 67, 68 e 69 do capítulo 5)

Atravessando a rua do Jogo de Bola, atual rua José Bonifácio, na esquina com a ladeira do Ouvidor, começa a quadra fiscal 03, do setor 05. O edifício do Ouvidor com frente para a ladeira e a lateral para a rua São Bento recebe o número 250 da rua José Bonifácio, possui 16 andares com salas de escritórios, acima do térreo que é utilizado para comércio, em estilo Art-déco, com escalonamento lateral a partir do décimo primeiro andar.

Os dois próximos edifícios são baixos apenas com térreo mais um pavimento e compõem a volumetria da rua, entretanto não possuem valor arquitetônico. Recebem respectivamente os números 21, 23, 31 e 41, 43; ambos tem uso comercial.

O próximo lote é o antigo número 7 atual 45, é o prédio Azevedo Soares projeto do arquiteto Arquimedes de Barros Pimentel. Este possui térreo mais 5 pavimentos e zeladoria na cobertura. Com o habite-se⁷⁶ de 1934, o estilo arquitetônico é Art-déco. O arquiteto contou-nos como era diferente a obra de concreto armado quando foi feito este, da técnica que vem sendo utilizada hoje, eram super-dimensionadas as armaduras de ferro. Nas décadas de 1960 e 1970, no térreo desse endereço funcionou a loja de roupas masculina Casa José Silva.

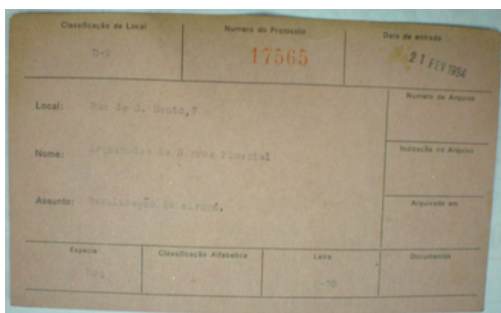


IMAGEM 436: Foto da ficha de cadastro dos processos no Arquivo Municipal do Piqueri. O arquiteto Arquimedes de Barros Pimentel está solicitando a revalidação do alvará. Datada de 21 de fevereiro de 1934. Processo n. 17.565.

IMAGEM 437: Fachada do edifício Azevedo Soares. Foto tomada em novembro de 2007, pela autora.

Vizinho a este há o edifício Kosmos nos números 59 e 63 com térreo mais dez pavimentos e zeladoria. Possui habite-se de 1959. O recuo nos pavimentos superiores acontece a partir do sexto andar, em estilo arquitetônico moderno.

Com a mesma grafia do atual edifício, segundo Heloisa Barbuy⁷⁷, em 1908, a Casa Kosmos, esteve com uma vitrine na Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Inicialmente aberta, em 1907, como alfaiataria SK, de Smith Kessler & Co., à rua Direita, n. 12.

⁷⁶ Processo N. 17.565/34.

⁷⁷ BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*. p. 182.



IMAGEM 438: Série de anúncios da Casa Kosmos publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 1911. In: Heloisa Barbuy. *A cidade exposição*. p. 184. E IMAGEM 439: Edifício Kosmos, em 2007.

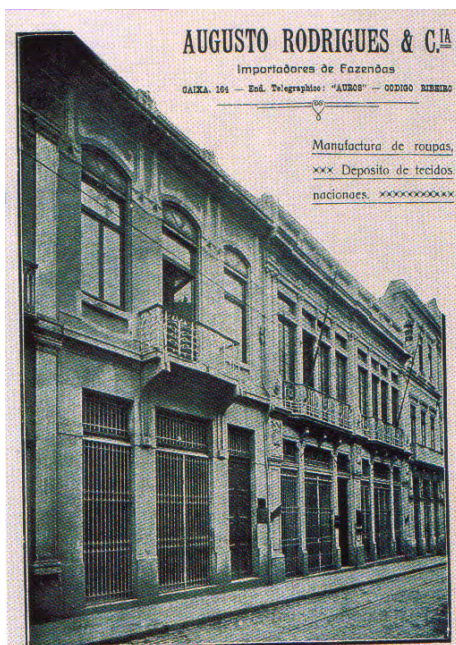


IMAGEM 440: Fachada dos armazéns da importadora e manufatura de tecidos Augusto Rodrigues, na rua São Bento, n. 13-19. Página de anúncio publicado no Álbum de Vistas de São Paulo e Rio de Janeiro, editado por Portella e Puente, 1914. Coleção Benedito Lima de Toledo. In Heloisa Barbuy. *A cidade-exposição* p. 183. e IMAGEM 441: Registro feito em 2007 no mesmo ângulo para esta pesquisa pela autora.

Na imagem 440 acima, temos os imóveis dos antigos números 13, 15, 17 e 19, que são atualmente os números os números 59, 67, 73, e 81, o primeiro da seqüência na foto, é hoje o Edifício Kosmos citado acima. As demais edificações são as mesmas atualmente, porém com algumas descaracterizações recuperáveis.

O antigo número 21, atual 87, 93, 95, 101, e 103, data de 1908 de acordo com a pesquisa realizada por Heloisa Barbuy. O projeto é do arquiteto Augusto Fried, em estilo eclético, com térreo e dois pavimentos.

Esse edifício é todo comercial no térreo e possui lojas tradicionais como a *Trovão* que comercializa capas e guarda-chuvas. E a *Califórnia* tradicional casa de sucos naturais, caipirinhas, batidinhas, lingüiça de Bragança e canapés de aliche.

Na esquina com a Praça do Patriarca, um dos quatro cantos, há um edifício em estilo Art-déco, possui térreo mais dois pavimentos e terraço na cobertura. Seu endereço atual é o número 9 da Praça do Patriarca. Na década de 1950 e 1960, funcionou a loja *A Exposição*, roupas masculinas, da rede de *Magazines Clipper*, que tinha artigos femininos e funcionava no Largo Santa Cecília, na esquina com a rua das Palmeiras. Nessa mesma ocasião a loja *A Exposição* teve outra filial na Praça Antônio Prado. A loja ofertava transporte entre as lojas numa “Jardineira”, modelo similar ao da foto, mas da marca *Dodge*.



IMAGEM 442: “Jardineira” similar a que era utilizada, esta é da Ford – 1946. Foto tirada na loja de automóveis de colecionadores *Private Collections*, em 2007.

Neste lote da esquina, com frente de 26.40 metros, em 1908 o arquiteto Francesco Nataroberto projetou com térreo mais dois pavimentos o primeiro edifício em concreto armado calculado no Brasil, destinado a lojas comerciais. Na ocasião recebia o endereço para rua Direita número 53 – 55, vizinho à Igreja de Santo Antônio.

Sobre essa obra Candido Malta Campos e José Geraldo Simões Júnior⁷⁸ escreveram:

“A construção de arranha-céus, iniciada nessa época, trouxe, bem no seu início, a difusão do uso do concreto armado, que foi pioneiramente aplicado, em 1909, edificação de três pavimentos, na esquina das ruas Direita e São Bento. Contou logo em seguida, com incentivo da legislação urbanística, a qual estabelecia que nas ruas mais centrais as novas construções ou reconstruções deveriam ter no mínimo três andares. Ao lado dessas novas construções restavam, no entanto outras, velhas, deterioradas, que já constituíam verdadeiros cortiços”.



IMAGEM 443: A Casa do Enxoval, na rua Direita n. 53, por volta de 1920, à direita a Igreja de Santo Antônio. In: Heloisa Barbuy *A cidade exposição*. p. 192.

De volta à antiga rua do Jogo da Bola, na calçada à direita há os números pares, o antigo número 2, era o sobrado do Brigadeiro Luis Antônio e depois de seu filho, o Barão de Souza Queiroz, que deu espaço para o “palacete eclético”, projetado por Maximiliano Hehl, em 1908, onde hoje é o número 34, com térreo mais dois pavimentos. Ver imagens 77, 78 e 79 do capítulo 5.

O Edifício Luzia Monteiro, da década de 70 do século XX, possui recuos em todos os lados, sendo térreo, sobreloja e seis pavimentos tipo para escritórios e

⁷⁸ CAMPOS, Candido Malta e SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. *Palacete Santa Helena*. p. 20

zelador, contrasta bastante com a arquitetura do palacete eclético, mas no contexto da quadra está em harmonia.

Os números 50, 56, 62 e 68, tem uma extensa frente com 20 metros, com apenas térreo e um pavimento utilizado com comércio. Em estilo Art-déco e habite-se⁷⁹ de 1957, teve antes um habite-se⁸⁰ de 1940.

O Edifício Vauthier Franco recebe número 86, em estilo Art-déco, possui térreo e 5 pavimentos e na cobertura casa de zelador. Data de 1950 o seu habite-se⁸¹. O imóvel ainda pertence à família Vauthier Franco. Neste lote funcionou a Leitaria Campo Bello, tradicional parada das compras para um chá ou café no centro da cidade.

Na esquina com a rua Direita, outro dos quatro cantos, nesse lote na planta de 1911 havia o Hotel França, ou Grande Hotel da França, segundo pesquisa realizada por Heloisa Barbuy⁸²:

“O casarão pertencia a Gertrudes Galvão d’Oliveira Lacerda Jordão, senhora da elite paulistana, que tinha ali residência e que, valendo-se do tamanho avantajado da casa e de sua posição social, a havia utilizado , em 1846, para oferecer um baile ao Conde D’eu e à Imperatriz Tereza Cristina, então de passagem por São Paulo. Continuou nas mãos da família, mas poucos anos depois foi arrendado para hotel, inaugurado em 1850, como Hotel das Quatro Nações. Depois se transformou em Hotel de Itália, sob a gerência de José Maria Maragliano. Na década de 1870, transformar-se-ia no Grande Hotel de França, estando nas mãos do francês Fretin e depois de sua viúva Amélie Fretin.” (IMAGEM 444).

Desde 1883/84, quem estivera à frente do estabelecimento foi Guilherme Lebeis Junior, que no final de 1900 vende-o a J. Barros, sucedido por Álvaro de Barros que em 1908 passa a administração para Antoine Daniel Souquieres. Ele já era proprietário do Hotel Sportsman. Após alguns esforços para conservação do edifício, em 1912, o sobrado é demolido, e os proprietários do imóvel, Leonor de Moura Jordão e Eduardo Carlos Pereira de Magalhães, apresentaram um projeto de

⁷⁹ Processo n. N. 115708/57

⁸⁰ Processo n. N. 42038/40

⁸¹ Processo n. N. 14505/50

⁸² BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*. p.97 e 98.

um novo edifício para comércio com porão, térreo, sobreloja, primeiro e segundo andares projetado por José Rossi. Ver à direita na imagem 445.



IMAGEM 444: Esquina das ruas Direita e São Bento em 1887, foto Militão Augusto de Azevedo. À direita Casa Tollon, baixo do Grande Hotel de França. *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*.



IMAGEM 445: À esquerda a Casa Mappin e à direita Casa Bonilha. Observar automóveis trafegando na rua Direita, o mesmo acontecia na rua São Bento. In: *São Paulo anos 20. Andar, Vagar, Perder-se* p. 131.

O antigo número 45-51 da rua Direita, deu espaço para o prédio construído na década de 1940, com térreo mais um pavimento e um subsolo. Na década de 1970 havia marquise onde é hoje vitrine. É hoje, 2007, o número 225, 259, 263 da rua Direita, onde funciona a loja de roupas Marisa. As duas fotos a seguir são deste

estabelecimento antes e depois da lei da “Cidade Limpa”, estabelecida em setembro de 2006, com adesão dos comerciantes.



IMAGENS 446 e 447: Esquina da rua São Bento com a rua Direita. Lojas Marisa, antes e depois da lei da “Cidade Limpa”. Observar o recuo escalonado superior do vizinho, Edifício Vauthier Franco. Fotos da autora em 2006 e 2007, respectivamente.

A Igreja de Santo Antônio é um marco secundário nessa pesquisa, mas muito importante para a historiografia da cidade. Teve início como uma capela fundada em 1592. Para não ficar abandonada teve obras de reparo e conservação da taipa, organizadas pelos moradores devotos, em 1717. Em 1891, a Igreja foi danificada por um incêndio, e muitos documentos e objetos da Confraria foram perdidos.

A prefeitura intima a Provedoria da Confraria a demolir a torre, em 1899, pois esta ameaçava ruir. Procedeu-se à demolição e à reconstrução no alinhamento da rua Direita, da fachada e da torre, em alvenaria de tijolos e cimento, não mais de taipa. Esta já estava no alinhamento pronta para a abertura da Praça do Patriarca.

Em 1991, um novo incêndio ataca a igreja, danificando o altar-mor, e a parede do altar. O restauro foi realizado nos anos seguintes, e a partir de 2000, foi iniciada a restauração geral da igreja, onde permanecem de taipa as paredes internas. A fachada principal para a Praça é composta por um frontispício e torre central.



IMAGEM 448: Praça do Patriarca, década de 1920, ao centro, o monumento popularmente conhecido como “Cabide”. E à direita a Igreja de Santo Antônio. In: Gerodetti e Cornejo, p. 52

7.2 Rua Direita à Avenida São João.



IMAGEM 449: Rua São Bento, no cruzamento com a Rua da Quitanda, em 1929. Cartão postal colorizado. A torre à esquerda é a cúpula do anexo do Grande Hotel no Largo do Café. Essa imagem ilustra o lado par desse trecho. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo.

O cruzamento das ruas São Bento com a Direita foi conhecido como a esquina dos “Quatro Cantos”, pois é o único cruzamento do “centro velho” onde as duas ruas cruzam em ângulo reto. Por esse cruzamento já passaram, carroças, automóveis, bondes e inúmeros pedestres. Nas imagens abaixo é visto a ocasião das obras da colocação dos trilhos para os bondes elétricos, por volta de 1900 e a seguinte na ocasião da obra do calçadão, na década de 1970.



IMAGENS 450 e 451: Acima o cruzamento dos “Quatro Cantos”, por volta de 1900, ocasião da instalação dos trilhos para o Bonde Elétrico, à direita o solar do Barão de Iguape, à esquerda o casarão do Barão de Tatuí que foi demolido para a abertura da praça do Patriarca. A rua em perspectiva é a rua São Bento. Abaixo o mesmo cruzamento, com uma pequena diferença do ponto focal, na década de 1970, durante as obras do calçamento que foram realizadas à noite, à direita o Edifício Barão de Iguape, à esquerda a Praça do Patriarca. Fonte: Fundação do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento de São Paulo e Biblioteca da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização, respectivamente.

Considerando o canto onde hoje é a Praça do Patriarca, em 1911, a lei municipal n. 1473, “declarava de utilidade pública” os lotes que seriam desapropriados para a abertura da praça. A obra iniciou-se em 1913, e só foi inaugurada em 1924. O lote da esquina endereçava rua Direita número 36, a Casa do Barão de Tatuí, só após disputa judicial e muita polêmica foi demolido para a construção do Viaduto do Chá, inaugurado em 1892, já comentado no capítulo 5.

O primeiro Viaduto do Chá era alinhado com a rua Direita, conforme plantas das imagens 44 e 45 do capítulo 3, e imagens 98, 101 e 103 do capítulo 5, enquanto o segundo e atual Viaduto do Chá encontra-se alinhado com o eixo da Praça do Patriarca, de acordo com a planta da imagem 46 do capítulo 3, e imagens 102 e 104 do capítulo 5.

A quadra entre as ruas Direita e da Quitanda é formada por um lote, generosamente diante da Praça do Patriarca e do Viaduto do Chá. Endereço com grande visibilidade, e que ficou muito conhecido na cidade pela sua historiografia. Foi o solar do Barão de Iguape, permanecendo esse o nome no edifício inaugurado em 1956, com térreo e trinta e um pavimentos tipo, além de três subsolos e na cobertura heliponto. Projetado por Jaques Pilon, Giancarlo Gasperini e Jerônimo Bonilha Esteves, em estilo moderno, data de 1956, faz frente para a rua Direita número 250, mas possui acesso pela rua da Quitanda e agência para a rua São Bento, na altura da Praça do Patriarca. É todo utilizado pelo Banco Unibanco.

O edifício que foi chamado de “segunda casa do Barão de Iguape”⁸³, foi projetado pelo escritório Ramos de Azevedo, em 1910, número 34A da rua Direita, com térreo, sobreloja, cinco pavimentos e ático, já em 1911 abrigava o Hotel e Rotisserie Sportsman. Segundo Heloisa Barbuy, o andar térreo foi utilizado por lojas voltadas ao consumo de elite como Mappin & Webb, de pratas e cristais, que também tinha uma loja na rua XV de Novembro. Além da casa de enxoval de tapeçaria e móveis de luxo de Clautsner & Cia.

A loja de magazines Mappin Stores estabeleceu-se em São Paulo em 1913, e em 1919, com a mudança de endereço do Hotel Sportsmann, passou a ocupar totalmente a segunda casa do Barão de Iguape, permanecendo lá até 1939.

⁸³ Cf. Pedro Luís Pereira de Sousa, Casa Barão de Iguape, 1959, p. 16-17. In Heloisa Barbuy. *A cidade-exposição*. p. 108 e 109.



IMAGEM 452: A loja na esquina dos “Quatro Cantos”.



IMAGEM 453: A Praça do Patriarca na Revolução de 1930.



IMAGEM 454: O anúncio da mudança da Lojas Mappin para o outro lado do Vale do Anhangabaú.
 IMAGEM 455: O prédio Art-déco na Praça Ramos onde esteve até a década de 1990, quando fechou.
 Fonte: In Zuleika Maria Forlioni ALVIM e Solange PEIRÃO. *Mappin setenta anos*. P. 12, 89, 104 e 105.

Compondo a monumentalidade desse espaço, o Vale do Anhangabaú também passava por obras, do outro lado, o Teatro Municipal foi inaugurado em 1911, e em 1922 foi construído o Hotel Esplanada. Houve também os prédios do Automóvel Clube, da Prefeitura e o novo endereço do Hotel e Rotisserie Sportsmann, junto ao Viaduto do Chá. Segundo Maria Cecília Naclério Homem, edifícios conhecidos como “sentinelas”.

Com a abertura da Praça do Patriarca, o lote lindeiro a esta recebeu novo projeto. Um conjunto arquitetônico da década de 20, século XX, em arquitetura eclética, com estrutura de concreto e alvenaria de tijolos, se estende da rua São Bento à rua Líbero Badaró. Seu gabarito é de térreo mais oito pavimentos. No centro da quadra fica a Casa Lutetia, que hoje pertence à FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, que o restaurou. O térreo é alugado para comércio, o primeiro pavimento é um espaço para exposições de arte e os demais pavimentos foram adaptados para lofts e recebe artistas que vêm a São Paulo. Na esquina com a rua São Bento, números 177, 185 fica o Edifício Patriarca, para escritórios e comércio no

térreo. Tais imóveis são tombados pelo CONPRESP, visto sua importância arquitetônica para o espaço urbano onde estão situados. Ver imagem abaixo.

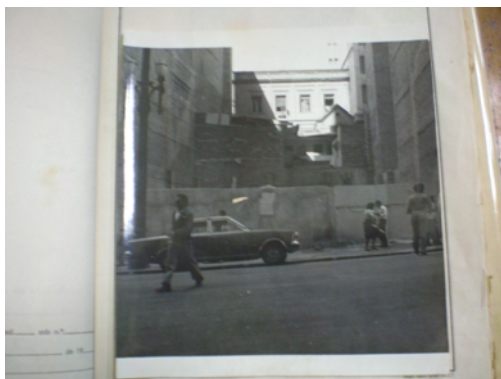


IMAGEM 456: Praça do Patriarca por volta de 1930, em que se vêem os primeiros ônibus. Fonte: Coleção particular de A. Salatini. In: *São Paulo Vila Cidade Metrópole*. Nestor Goulart Reis Filho p.197.

Nesse lote no final dos anos 1870, funcionou a Cervejaria Stadt Bern, que segundo a pesquisa de Heloisa Barbuy, era um jardim com caramanchões, espaço para tiro ao alvo e jogos de bola, além de servir a tradicional cerveja alemã.

Construído no final do século XIX, a antiga residência de Elias Chaves recebe atualmente os números 189, 195, 197, datado de 1885. Foi projetado pelo arquiteto italiano Cláudio Rossi, com características neoclássicas em alvenaria de tijolos. Com térreo e dois pavimentos, as esquadrias são de madeira e em seu interior encontram-se detalhes construtivos nos forros, piso e escada. É um exemplar residencial da elite cafeeira paulista. Quando Elias Chaves mudou-se para o seu Palacete no Campos Elíseos, este imóvel abrigou a sede do escritório Prado e Chaves & Cia.

O processo de tombamento desse imóvel foi aberto em 1976, pelo professor arquiteto Carlos Lemos, no CONDEPHAAT – Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Histórico Artístico Arquitetônico e Turístico, mas a resolução só foi publicada no Diário Oficial em 1983.



IMAGENS 457 e 458: Foto tomada da rua Líbero Badaró, elevação dos fundos. E fachada principal para a rua São Bento. Fotos do processo de tombamento do CONDEPHAAT.



IMAGENS 459 e 460: Porta de entrada e escada da residência Elias Chaves. Acervo da biblioteca da FAU-USP.

Da década de 20 do século XX é o próximo edifício eclético, com apenas dois pavimentos acima do térreo, e construído em alvenaria de tijolos, dialoga bem com os vizinhos citados. Hoje funcionam estabelecimentos comerciais nos números 201, 203, 207.



IMAGEM 461: Foto tomada em 2007, pela autora.

Os números 215, 219, 227, 231, 235, são parte de um lote que faz frente para a rua Líbero Badaró, número 318 e endereça o Edifício Campos de Piratininga. Para a rua São Bento ele possui apenas térreo mais mezanino, e encontra-se no alinhamento da rua, em harmonia volumétrica com os edifícios da quadra. Enquanto para a rua Líbero ele possui um subsolo, térreo, mais treze pavimentos tipo e dois pavimentos de caixa de máquinas. Construído na década de 1970, foi projetado com a frente voltada para a rua Líbero Badaró, por essa razão manteve recuo para a rua São Bento, também possui recuos laterais e de frente. É atualmente um edifício administrativo da Nossa Caixa.

O antigo Cinema São Bento, atualmente está dividido em três lojas comerciais, os números 241, 243, 245. Eclético, porém não muito rebuscado, possui apenas um pavimento, construído em alvenaria de tijolos e cobertura com telha de barro. Foram encontradas no Arquivo Municipal de Processos do Piqueri, duas fichas de processos⁸⁴, uma solicitando a construção e a outra solicitando o alvará de funcionamento do cinema, ambas de 1927.

⁸⁴ Processos N.42364/27, e N. 200/27



IMAGEM 462: Situação do edifício do Cine São Bento em 2007. Foto da autora.

Compondo a volumetria, os dois edifícios vizinhos possuem apenas um pavimento acima do térreo, e meio subsolo. Ambos com fachadas em Art-déco tiveram suas fachadas descobertas recentemente, devido à lei “Cidade Limpa”. Recebem os números 259 e 267, com habite-se⁸⁵ de 1948 e 1957 respectivamente.



IMAGEM 463: Edifícios números 259 e 267.

Confrontando as informações aqui obtidas com a pesquisa de Heloisa Barbuy, esses dois lotes que recebem os números 259 e 267 hoje, eram a Loja da China e a Casa Nathan, respectivamente, ver imagem 464.

⁸⁵ Processos N. 53690/48, e N. 150100/57, respectivamente.



IMAGEM 464: Em primeiro plano, aparece parte da Loja da China e o vizinho é a Casa Nathan, com projeto de Max Hehl, construído em 1902. O lote seguinte é o atual Edifício LAMIA. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade Exposição*. p.160.

Quebrando a baixa volumetria da paisagem, o próximo edifício está num lote com frente para São Bento e fundos para a rua Líbero Badaró, n. 382. Projetado pelo arquiteto Gregori Warchavchik. A ousadia da arquitetura moderna tirou partido da pequena marquise avançando no passeio nos pavimentos lindeiros a rua. São treze pavimentos, e zeladoria na cobertura, sendo o térreo para a rua Líbero Badaró e o primeiro para a São Bento, onde fica a portaria principal. O recuo de frente, escalonado para a rua São Bento começa a partir do sétimo andar, o equivalente ao sexto e segue exatamente o Código Arthur Sabóia. A construção do edifício de escritórios é de 1953/1954 e o habite-se⁸⁶ de 1955. O edifício LAMIA recebe a numeração 279 e 283 para São Bento, imagem 465.

⁸⁶ Processos N. 149514/55



IMAGEM 465: Edifício LAMIA, em 2006.

A composição da paisagem retorna a arquitetura eclética, com um projeto de década de 1920, o edifício de térreo mais dois pavimentos, possui janelas com verga em arco abatido no primeiro pavimento e em arco pleno no segundo pavimento, e sacada com guarda-corpo balaustrado no tramo central. O imóvel número 293 é tombado pelo CONPRESP – Conselho de Preservação do Patrimônio da Cidade de São Paulo, ver imagem 464.



IMAGEM 466: Imagem dos detalhes

Completando essa quadra, na esquina com a rua Miguel Couto, há a Galeria Prefeito Firminiano Pinto, atual número 315, antigo número 51, onde ficava a sede do Grande Hotel que iniciava sua construção em 1877, cujo o arquiteto foi o alemão Hermann von Puttkamer, com estilo arquitetônico eclético. Os proprietários do hotel eram o Frederico Glette e o Victor Nothmann e o gerente era Guilherme Lebeis Junior, que depois foi proprietário do Grande Hotel de França (1883/84). Foi um dos melhores hotéis da cidade na virada dos séculos XIX – XX, imagem 467.

“Era um estabelecimento que não tinha igual na Corte nem nas outras capitais de província [...] Até o príncipe Henrique da Prússia, irmão de Guilherme II, esteve hospedado nele. Koseritz, que conheceu a cidade em 1883, disse que era um edifício magnífico, com um estilo soberbo. Achou mesmo que ele era o melhor do Brasil, nenhum hotel do Rio podendo se comparar com o de Glette no luxo e nos serviços da cozinha e de adega. Candelabros a gás iluminavam o vestibulo e por uma escada de mármore branco subia-se ao primeiro andar, onde um empregado de irrepreensível estilo e toaleta”, avisado pelo porteiro por uma campainha elétrica, recebia o recém-chegado. Koseritz salientou ainda que o hotel tinha quartos bonitos, com mobílias elegantes, camas excelentes e mais “banho, correio e telégrafo em casa”.⁸⁷

O projeto atual ocupa parte do lote do antigo edifício eclético, possui um subsolo para a rua Miguel Couto, térreo para a São Bento, sobreloja e mais dois pavimentos voltados apenas para a São Bento, criando uma grande marquise com alto pé-direito para esta rua, ver imagem 466. Dele foi encontrada a ficha solicitando o habite-se⁸⁸ em 1957.

⁸⁷ BRUNO, Ernani Silva. História e Tradições da cidade de São Paulo. p. 1150.

⁸⁸ Processo N. 10956/57.

IMAGEM 467: Abaixo o Grande Hotel visto da esquina da rua São José (atual rua Líbero Badaró) com a travessa do Grande Hotel (atual rua Miguel Couto). Fotografia de Benedito Lima de Toledo. In Heloisa Barbuy *A cidade exposição*. p.99.



IMAGEM 468: Este é o edifício da Galeria Firminiano Pinto, na esquina da rua São Bento com a travessa do Grande Hotel (atual rua Miguel Couto). O Grande Hotel ocupava a quadra toda da travessa que recebia seu nome, que se estende da rua São Bento à rua Líbero Badaró. Foto tomada em dezembro de 2007.

Nessa mesma quadra, mas fazendo frente somente para a rua Líbero Badaró, atual número 346, encontra-se o Edifício Sampaio Moreira, projetado por Samuel e Cristiano Stockler Neves, em 1924. Possui porão, térreo e mais catorze pavimentos.

Segundo Benedito Lima de Toledo⁸⁹ o “avô dos arranha-céus”, por ter sido o mais alto de sua época, imagem 469.

O “bisavô dos arranha-céus”, o Edifício Guinle, situado na rua Direita, número 49, possui térreo, sobreloja, cinco pavimentos e ático. Foi projetado, calculado e executado em concreto armado, pelo engenheiro arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Júnior, em 1912, imagem 470.

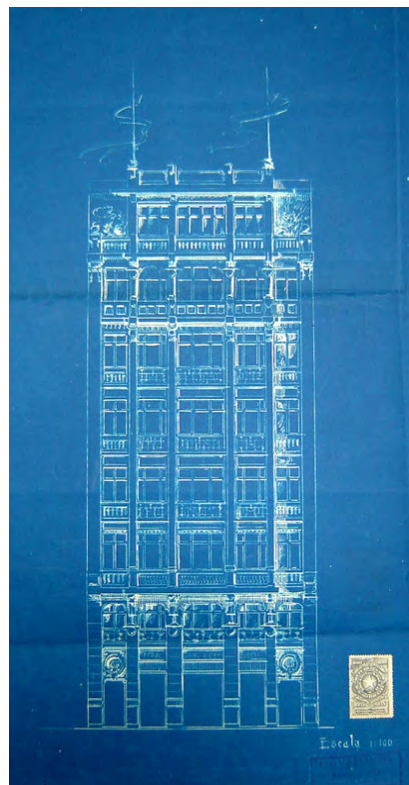


IMAGEM 469: No centro da foto o Edifício Sampaio Moreira, um dos primeiros arranha-céus de São Paulo, à rua Líbero Badaró, nos anos 30. Fonte: Coleção particular de A. Salatini, in *São Paulo Vila Cidade Metrópole*. Nestor Goulart Reis Filho, p. 197.

IMAGEM 470: Edifício Guinle, à rua Direita. Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico da PMSP.

Também da década de 20, inaugurado em 1925, é a construção do Palacete Santa Helena, implantado entre as Praças da Sé e Clóvis Beviláqua. Na ocasião foi considerado um dos maiores edifícios da cidade, tanto em altura quanto em área construída. A obra foi empreitada pela empresa dos Irmãos Asson, imagens 471, 742 e 473.

⁸⁹ BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*. p. 64



IMAGEM 471: Edifício Santa Helena na Praça da Sé, à direita a Catedral inacabada. In *Palacete Santa Helena*. p. 123.



IMAGEM 472: Corte transversal. Fonte: *Palacete Santa Helena*. p. 21

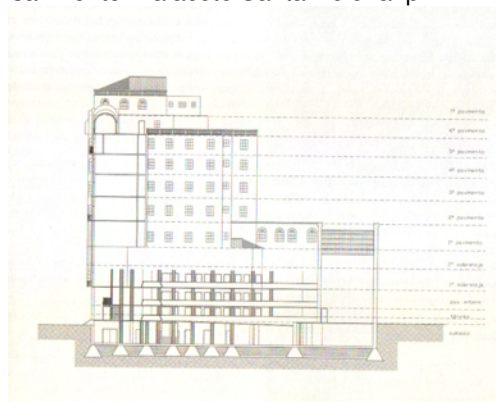


IMAGEM 473: Corte longitudinal. Fonte: *Palacete Santa Helena*. p. 22

Na pesquisa organizada por José Geraldo Simões Jr. e Candido Malta Campos⁹⁰, após muitas buscas no Arquivo Municipal, localizou processos modificativos de 1921 e 1922, solicitando inclusão de mais pavimentos, referente ao quinto, sexto e sétimo andar, e do cine-teatro.

O programa arquitetônico do edifício incluía diversos usos: comércio, escritórios, lazer com cinema e teatro. O resultado foi um edifício com subsolo, térreo, um pavimento intermediário, dois pavimentos de sobreloja e mais sete pavimentos sendo quatro deles pavimentos tipo.

De volta à Praça do Patriarca, na esquina das ruas São Bento com a da Quitanda há o número 176, que deixou de ser há pouco tempo a loja da Casa Fretin e onde funciona hoje uma agência do banco Fininvest. A Casa Fretin funcionou nesse imóvel desde 1924. O edifício possui seis andares mais ático. No encontro das duas ruas, o edifício tem um chanfro, com a porta abrindo para a Praça.



IMAGEM 474: Tomada na esquina da rua São Bento com a rua da Quitanda, em direção ao Largo São Bento. Atribuída a 1928. Foto de Raul Almeida Prado. Acervo do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento de São Paulo.

⁹⁰ CAMPOS, Candido Malta e SIMÕES Jr., José Geraldo. *Palacete Santa Helena. Um pioneiro da modernidade em São Paulo.*

Sobre a Casa Fretin, Heloisa Barbuy⁹¹ escreveu:

“... inaugurada em 1895, é interessante observar que seu fundador Luis Bauber Fretin, era nascido no Brasil, pertencendo à segunda geração de franceses imigrantes que chegaram em São Paulo, em meados do século XIX. Na década de 1860, sua mãe Victorine Amelie Fretin, tinha sido proprietária de uma loja na rua da Imperatriz. (15 de Novembro).[...] Louis Fretin, 1895, fundou seu próprio estabelecimento na rua São Bento, n. 10 (depois n. 20), na mesma quadra que esteve até recentemente.”

No lote vizinho ao atual n. 176 foi o primeiro endereço da Casa Fretin, imagem 475. Em 1906, a Casa Fretin instalou um escritório de compras em Paris, e mantinha outro em Nova York, foi uma ocasião de “novos tempos”.

O estabelecimento anterior, número 10, quando reformado, teve projeto de Manuel Asson, um sobrado eclético, que em 1910 passaria novamente por reforma recebendo uma fachada mais cosmopolita, como observou Heloisa Barbuy.



IMAGEM 475: Primeiro endereço da Casa Fretin, à rua São Bento, n 10 (depois 20), em 1913. Acervo da Casa Fretin. In: *A cidade Exposição*. Heloisa Barbuy. p. 146

⁹¹ BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição*. p.141,142 e 143.

O atual vizinho da casa Fretin, número 198, é o lote que tem um edifício moderno com habite-se⁹² de 1941. Fica ali a livraria Saraiva, no térreo e serviços.

O Edifício São Bento, número 200, 208, possui cinco pavimentos sendo térreo mais quatro andares e a zeladoria na cobertura. A data na fachada indica ser o edifício de 1926, e é outro exemplar da arquitetura eclética.

O Edifício Ana Maria Nogueira, números 216 e 220, também eclético, teve habite-se⁹³ de 1938. Este edifício possui cinco pavimentos, sendo térreo mais quatro andares e a zeladoria deste encontra-se no 1º pavimento. Este edifício é onde hoje em grande parte do térreo funciona a Botica Ao Veado D'Ouro.



IMAGEM 476: Logomarca da Botica Ao Veado D'Ouro.

O edifício número 230 tem altura de cinco pavimentos, recebeu habite-se⁹⁴ em 1944. Em estilo moderno, passou por grande obra de requalificação recentemente, e ali funciona a Loja Marabraz.

Compondo a volumetria da quadra, os próximos três edifícios possuem térreo mais um pavimento, o que permite uma boa insolação e ventilação nesse miolo de quadra.

O edifício de números 238, 248 teve habite-se⁹⁵ em 1938, e é onde funciona a lanchonete "Giraffas". O número 250 é onde funciona hoje a loja de perfumaria

⁹² Processo N. 66744/41.

⁹³ Processo N. 52423/38.

⁹⁴ Processo N. 32753/44.

Boticário. E o número 256, que tem estampado na fachada 1922. Ambos são em estilo eclético.

Os números 260 – 276 é um edifício de 1907, construído com o benefício do incentivo previsto na Lei n. 1.011/1907. Projetado por Jorge Krug, um conjunto eclético de duas edificações, cada uma possui um tramo central com porta-janelas com vergas em arco. Nas janelas laterais as vergas são retas. A platibanda destaca os dois tramos centrais com arco e decoração. O conjunto tem térreo mais três pavimentos, ver imagem 478.

Foi neste endereço que funcionou no princípio a Botica Ao Veado D'Ouro. Na ocasião pertencia ao farmacêutico Gustav Schaumann e seu sócio Gustav Gravenhorst. Em 1922, o farmacêutico Edgard Helbic vai trabalhar na Botica, vindo posteriormente a ser sócio. Seu filho, Edgar Helbic entra na empresa em 1959, trabalhando como químico, e até hoje permanece na sociedade.



IMAGEM 477: Rua São Bento, à esquerda em primeiro plano a fachada da Botica com o Veado ao centro, no seu primeiro endereço. À direita em primeiro plano o Grande Hotel. O original deve ser de 1887. Esta imagem foi copiada de uma cópia pertencente ao acervo da Botica Ao Veado D'Ouro.

⁹⁵ Processo N. 90899/38.



IMAGEM 478: Edifício números 260 – 276. Foto da autora para esta pesquisa, 2007.

O Edifício York, antigo Palacete da Família Crespi na década de 1920, atual número 290 e 300, em estilo Eclético, possui térreo, dois andares com sobrelojas e seis pavimentos, há também porão. Foi um dos principais arranha-céus de São Paulo, com 29 metros de altura. Este edifício faz frente também para a rua Álvares Penteado.

O Conde Rodolpho Crespi solicitava em 1921 ligação de esgoto para os números 30 à 40, e em 1925 pedia vistoria no elevador. A fachada é bastante rebuscada nos detalhes, conforme imagem 479.



IMAGEM 479: Detalhe da fachada do Palacete Crespi, Edifício York. Foto da autora, 2007.

Terminando essa quadra para o Largo do Café, fica o Edifício INDULSEG, que tem frente para o Largo do Café número 11, para a rua Álvares Penteado número 231, e para a São Bento número 308. Possui térreo com sobreloja interna, dez pavimentos tipo, mais três escalonados e zeladoria na cobertura. Sua fachada é Art-déco. Tem uso comercial, no térreo, lanchonete e nos demais pavimentos funciona uma Faculdade.

O Largo do Café tem o encontro das ruas Álvares Penteado, e do Comércio, é um espaço agradável lindeiro à rua São Bento, e quase em frente à rua Miguel Couto.



IMAGENS 480 e 481: Largo do Café visto do meio da rua Álvares Penteado, à esquerda em 1887, ainda rua do Comércio, e à direita em 2003. Fotos publicadas em *São Paulo Relembrada*, p.130 e 131.

Após atravessar o Beco da Lapa, nome primitivo da antiga travessa do Grande Hotel, atual rua Miguel Couto, há na esquina, com frente para o Largo do Café, o Prédio Álvares Penteado, em estilo Art-déco, com doze pavimentos de escritórios acima do térreo e zeladoria na cobertura. Possui recuo lateral escalonado a partir do décimo primeiro pavimento. O escritório Severo & Vilares solicitou habite-se em 1939, mas na ficha do arquivo não consta o número do processo. Foi inaugurado em 1940, com o número 333, segundo consta na administração do condomínio.

Esse mesmo endereço, na pesquisa de Heloisa Barbuy, consta como o segundo endereço da *Casa Tallon*, loja de roupas femininas. O primeiro endereço era a rua São Bento, nos baixos do Hotel França (IMAGEM 444 deste capítulo), além de uma loja na rua Direita. Sua proprietária Mme. A. Oppenheim ao retornar de Paris abriu a segunda loja com o nome Grand Maison de Couture, imagem 482.

Neste endereço antes funcionou a loja de Henrique Bamberg, *La Saison*, também de artigos femininos, ver imagem 483 o anúncio da loja. Que saiu deste endereço para a rua São Bento, 14.



IMAGEM 482: Observar a fachada do edifício para a rua São Bento com apenas térreo e um pavimento. Desenho integrante da Revista Industrial, elaborado por Jules Martin, 1900. Do acervo do Museu Paulista, in Heloisa Barbuy, *A cidade-exposição*. p. 187.

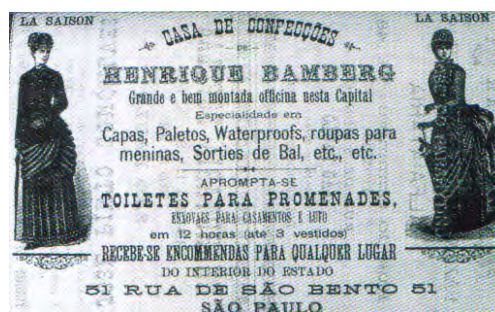


IMAGEM 483: Anúncio da Loja La Saison, que esteve antes neste endereço. Publicado no almanaque de 1890. In: Heloisa Barbuy, *A Cidade Exposição*. p. 189.

Os próximos três edifícios compõem o espaço da rua com o Largo do Café, possuem apenas três pavimentos acima do térreo. O número 341, com habite-se⁹⁶ de 1942, solicitado por Francisco Matarazzo Neto, seu lote faz um “L”, com uma pequena frente para a travessa do Grande Hotel, atual rua Miguel Couto.

⁹⁶ Processo N. 62962/42.

O número 351/355, em Art-déco, com telhado de duas águas para os vizinhos, teve habite-se⁹⁷ em 1958, solicitado por Archimedes Pettri.

O atual número 357/359, onde funciona o Banco Losango, teve habite-se⁹⁸ em 1956, era o antigo número 45 que teve um projeto do arquiteto Rino Levi em 1928, onde funcionou a Casa *Pratt*.

O Edifício Gerbur, com fundos para a rua Líbero Badaró número 462, tem a entrada principal para a rua São Bento, 365. Para esta possui apenas térreo e mezanino, os demais vinte pavimentos tipo possuem recuos laterais e são voltados para a rua Líbero Badaró. Teve habite-se⁹⁹ em 1968, solicitado por GERBUR S/A Adm. & Comércio. Nesse lote, o antigo número 57, 59 e 61 da rua São Bento, foi o primeiro endereço do Hotel Sportsmann.

Na década de 1930, ou seja, após o prédio do Hotel e antes do edifício existente, para este lote foi solicitado por Germaine Lucie Burchard¹⁰⁰, aprovação de planta, licença para elevador (1933), e habite-se (1937).

O atual 389, o Condomínio Edifício Sant'Ana, com térreo, mais oito pavimentos e zeladoria, possui recuo de frente, escalonado a partir do quarto pavimento. Tem entalhado na fachada Eng e Construção Siciliano & Silva, imagem 484. Era o antigo número 49, para o qual em 1928 se solicitava na prefeitura processo para aprovação de planta, em 1929 se solicitava visto e alinhamento e em 1930, Stela Penteadó¹⁰¹ solicitou o habite-se para este edifício eclético.



IMAGEM 484: Entalhe na fachada do Edifício Sant'Ana.

⁹⁷ Processo N. 175001/58.

⁹⁸ Processo N.101987/56.

⁹⁹ Processo N. 194873/68

¹⁰⁰ Processo N. 13907/33 elevador, e N.46037/37.

¹⁰¹ Processo N. 30752/30.



IMAGEM 485: Rua São Bento em direção ao Largo São Francisco, o terceiro edifício à direita, é o antigo número 61, o primeiro endereço do Hotel e Rôtisserie Sportsman. O segundo edifício à direita era o edifício da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Foto de Guilherme Gaensly, em 1902. Acervo da Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.

Com três frentes, o próximo edifício é o “pai dos arranha-céus”, inaugurado em 1929, construído com a técnica inovadora da ocasião, o concreto armado. O prédio foi tema de pesquisa de Maria Cecília Naclério Homem. Possui trinta pavimentos, sendo vinte e seis pavimentos, e três pisos de acesso: São Bento, São João e Líbero Badaró, e o ático, onde seria a residência do Conde Martinelli. O trigésimo piso é um terracinho onde se hasteavam as bandeiras do Brasil e da Itália. As três entradas principais no Prédio Martinelli são: a rua São Bento, 405, equivalente ao terceiro andar, a Avenida São João, pelo número 61, correspondente ao segundo andar e considerada a mais importante dando acesso ao Salão Mourisco, utilizado também para comemorações. E a terceira entrada principal para

a rua Líbero Badaró, 500, já primeiro subsolo. No segundo subsolo ficam os reservatórios d'água, com 150.000 litros e o centro de medição elétrica. As casas de máquinas dos elevadores ficam no 25º, 26º, e 28º pavimento. As caixas d'água ficam uma no 17º andar, com 17.000 litros e a outra no 29º andar, com 30.000 litros.

Os estudos preliminares do Prédio Martinelli foram feitos em 1923, com apenas doze pavimentos, pelo engenheiro arquiteto Willian Fillinger, formado na Imperial e Real Escola Superior de Artes e Ofícios de Viena. O edifício eclético teve influência visível da Escola de Belas Artes de Paris, como o coroamento e as reentrâncias. Assim como o Hotel Astor em Nova Iorque, e o Hotel Hilton em Chicago, da mesma ocasião. A cor rosa é referente à cor da casa do Comendador Martinelli, nascido em Luca, sendo esta cor muito freqüente na Itália.



IMAGEM 486: Foto tirada pela autora em 2006.

O prédio foi o mais alto do mundo em concreto armado, implantado num terreno com 2.000 m², suas dimensões eram assustadoras como 46.123 m² de área construída, e peso de 585.000 toneladas. Possuía 60 salões, 960 salas, 247 apartamentos, 1.057 degraus e 2.133 janelas. O programa arquitetônico era bastante complexo, possuía restaurantes, salões de chá, cinema, cassinos, *night clubs*, escritórios, barbearias, um Hotel de Luxo e lojas no térreo.

Neste edifício, na década de 1930, funcionou o Hotel São Bento e também o Cine Rosário. Nos primeiros anos da década de 1970, o Prédio Martinelli, que ostentou tanto *glamour*, encontrava-se encortiçado. Em 1976 o prefeito Olavo Setúbal, diante da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização, assumiu o desafio de desapropriações e obras de restauro do edifício. Em 1979 é reinaugurado o Martinelli. E desde então, o térreo das três ruas é utilizado para comércio e serviços, e nos demais pavimentos funcionam várias secretárias da prefeitura, além da própria EMURB.



IMAGEM 487: Prédio Martinelli na década de 1930, observar a sinalização do Hotel São Bento. Foto pertencente ao acervo particular de Sebastião Martins Vieira.

De volta ao agradável Largo do Café, o antigo número 46 era o anexo do Grande Hotel, construído em 1907, projetado por Oscar Kleinschmidt, com térreo, dois pavimentos e ático. Possui frente para a travessa do Comércio, para o Largo do Café e para a rua São Bento, hoje número 344/348. É a referência do Largo do Café, todos os demais lotes lindeiros tiveram seus prédios substituídos por novas

construções. No térreo há hoje restaurantes e lanchonete. No final de tarde acontece animado “*happy hour*”, com mesas espalhadas no largo.

O número 356 é o prédio dos escritórios da Loja *World Tennis*, possui uma pequena frente, quase cinco metros. Com sete pavimentos tipo, loja no térreo e subsolo. A fachada é um pano de vidro espelhado. Neste endereço o húngaro Desidério Farkas e sua esposa Tereza abriram uma pequena loja de produtos fotográficos, a *FOTÓPTICA*, em 1920. Thomas Farkas, filho do casal, desde criança teve como passatempo predileto fotografar. Formado em engenharia, dirigiu a rede *Fotóptica* após a morte de seu pai, vendendo-a para o banco credor.

Outro exemplar Eclético, com apenas dois pavimentos, é o número 360, que teve habite-se¹⁰² em 1936.

O Edifício Giesta teve habite-se¹⁰³ em 1954, em estilo moderno, com térreo mais dez pavimentos e zeladoria na cobertura, possui recuo superior escalonado a partir do sexto pavimento. Este lote no início do século XX era ocupado pela Loja Japão, número 54, ver imagem 488.



IMAGEM 488: Fachada da Loja Japão, onde hoje é o Edifício Giesta. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade Exposição*. p. 171

¹⁰² Processo N. 100001/36.

¹⁰³ Processo N. 112386/54.

O Edifício do Antigo Banco São Paulo, onde hoje funciona a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer. Foi projetado pelo arquiteto Álvaro Botelho, em estilo Art-déco, com estrutura de concreto e alvenaria de tijolos. Possui treze pavimentos, o recuo superior é a partir do sexto piso. O projeto é de 1935/6 e o habite-se¹⁰⁴ é de 1939. Recebe os números 380/398 para a rua São Bento, e faz frente também para a rua XV de Novembro.

Na esquina com a Praça Antônio Prado, números 402 e 406, fica o Edifício H. Lara, com térreo, vinte e três pavimentos, e recuos nos pavimentos superiores a partir do décimo primeiro. Observar na imagem 489, à direita a ocasião de sua construção.



IMAGEM 489: Vista da Praça Antônio Prado, em 1957. Observar à direita o Edifício H. Lara em obras. Foto do acervo particular de Sebastião Martins Vieira.



IMAGEM 490: Vista da Praça Antônio Prado após 50 anos. O rapaz à esquerda da foto acima é o simpático senhor nesta foto.

¹⁰⁴ Processo N. 49955/34, e N. 11489/39.



IMAGEM 491: Vista do Edifício H. Lara da Praça Antônio Prado, em 2007.

Na Praça Antônio Prado há o relógio “De Nichile”, que foi doado à prefeitura em 1935, e é um equipamento urbano que compõe a paisagem. É tombado pelo CONPRESP – Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.



IMAGEM 492: O relógio "De Nichile" na Praça Antônio Prado. Foto em 2007.

7.3 Avenida São João ao Largo de São Bento.

A Praça Antônio Prado, foi aberta com o alargamento da Avenida São João e o realinhamento da rua XV de Novembro. No local antes havia o Largo do Rosário, já citado antes, alguns lotes foram desapropriados para a execução das obras. Um exemplo é o lote da Confeitaria Castelões, na imagem abaixo.



IMAGEM 493: Largo do Rosário, 1902, à esquerda a filial da Confeitaria Castelões, vizinho a esta há a Casa Mathias, onde no frontão está escrito *Bon Marché* e à direita a Brasserie Paulista. Foto de Guilherme Gaensly. Acervo Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo. In Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição*. p. 127.



IMAGEM 494: Antigo número 73. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade Exposição*. p. 179.

Alguns lotes vizinhos à Confeitaria Castelões também seriam desapropriados para a abertura da praça, enquanto outros foram unificados para compor um lote maior fazendo frente para a rua São Bento, a avenida São João e a rua Líbero Badaró, para o futuro Edifício do Banco do Brasil.

A pedra fundamental do Edifício do Banco do Brasil S. A. foi lançada em 5 de novembro de 1941. No ano da realização da sondagem do solo. Pelas fotos do acervo do Banco do Brasil foram localizados os engenheiros responsáveis pelas fundações do edifício, Jonathas Castellar e Gastão Motta. As escavações datam de 1942. Posteriormente, na placa da obra a construtora responsável passou a ser Leão Ribeiro Engenheiros – Empreiteiros, e os engenheiros civis responsáveis Mario Dorsa e Rubens Garcia. Quando a obra estava na segunda e terceira laje, em 1947, foi incendiada. Em 1950, foi solicitada vistoria da obra já na vigésima primeira laje.

O edifício em estilo Art-déco foi inaugurado em 1955. Possui três subsolos, sendo um na cota da rua Líbero Badaró, outro da Avenida São João. O térreo para a rua São Bento, número 465 e mais vinte e dois pisos. O recuo escalonado nos pavimentos superiores começa a partir do décimo primeiro pavimento. Imponente na paisagem dialoga e discute com o Edifício Martinelli do outro lado da avenida, e completa um triângulo visual com o Edifício Altino Arantes.

O Edifício Altino Arantes, conhecido como Banespão, fica na rua João Brícola, 24. Ponto mais alto do centro velho, onde começa a Avenida São João e limita a Praça Antônio Prado. Foi construído na década de 1940, possui 35 andares, 900 degraus, 1119 janelas, 14 elevadores, com 161,22 metros de altura, é tido como a *Empire State* de São Paulo.

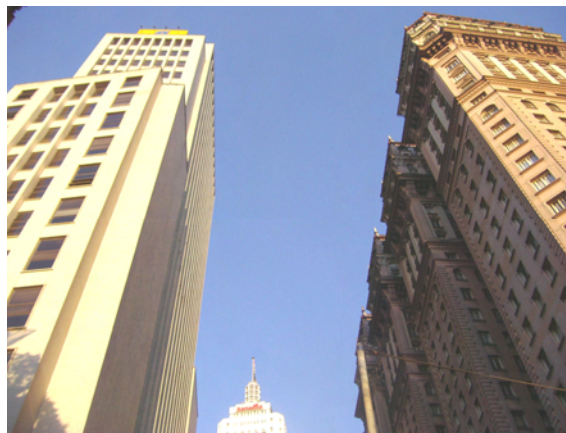


IMAGEM 495: Foto tomada pela autora em 2006.



IMAGENS 496 e 497: Cartão Postal do Prédio Martinelli, antes e depois da construção do “Banespão”. Observar que em ambos não havia o Banco do Brasil. Acervo particular de Sebastião Martins Vieira.



IMAGEM 498: Banco do Brasil, em 2007

Vizinho ao Edifício do Banco do Brasil fica o lote com os números 481. e 483. É um edifício anexo ao Banco do Brasil, com térreo, mezanino e mais três pavimentos. Teve habite-se¹⁰⁵ na década de 1950.

Com habite-se¹⁰⁶ de 1939 é o número 487, com apenas térreo e três pavimentos, e sem recuo nas laterais está em harmonia com o entorno.

Projetado pelo arquiteto Rino Levi, o número 503, é o antigo 63, e antes 83, onde funcionou a Casa Fuchs. É um exemplar da arquitetura moderna com elementos horizontais na fachada fazendo às vezes de brises. Possui térreo mais doze pavimentos, com recuo escalonado para a rua São Bento a partir do quarto andar, faz fundos para a rua Líbero Badaró. Possui habite-se¹⁰⁷ de 1935, funcionou a Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública e encontra-se hoje fechado.

Classificação de Local B-9	Numero do Protocolo 58190	Data de Entrada 2- AGO 1935		
LOCAL: R.S. BENTO 63		Numero de Arquivo		
NOME: RINO LEVI		Indicação no Arquivo		
ASSUNTO: PEDE HABITE-SE		Arquivado em		
Especie RQ	Classificação Alfabética L-14	Letra R	Documentos 2	Folhas

IMAGEM 499: ficha de catalogação dos processos do Arquivo Municipal do Piqueri. Nesta o arquiteto Rino Levi solicita o habite-se do projeto endereçado à rua S. Bento, 63, em 2 de agosto de 1935.

Este projeto foi aprovado nos padrões exigidos do Código Arthur Saboya, o que permite ao edifício insolação e ventilação em todos os pavimentos. Da busca nos desenhos não foi encontrado nenhuma elevação, apenas pranchas com as plantas, o corte de estudo e o cálculo das áreas. Abaixo o estudo preliminar dos recuos, em corte, do arquiteto Rino Levi.

¹⁰⁵ Processo N. 26466/55.

¹⁰⁶ Processo N. 47541/39.

¹⁰⁷ Processo N. 58190/35

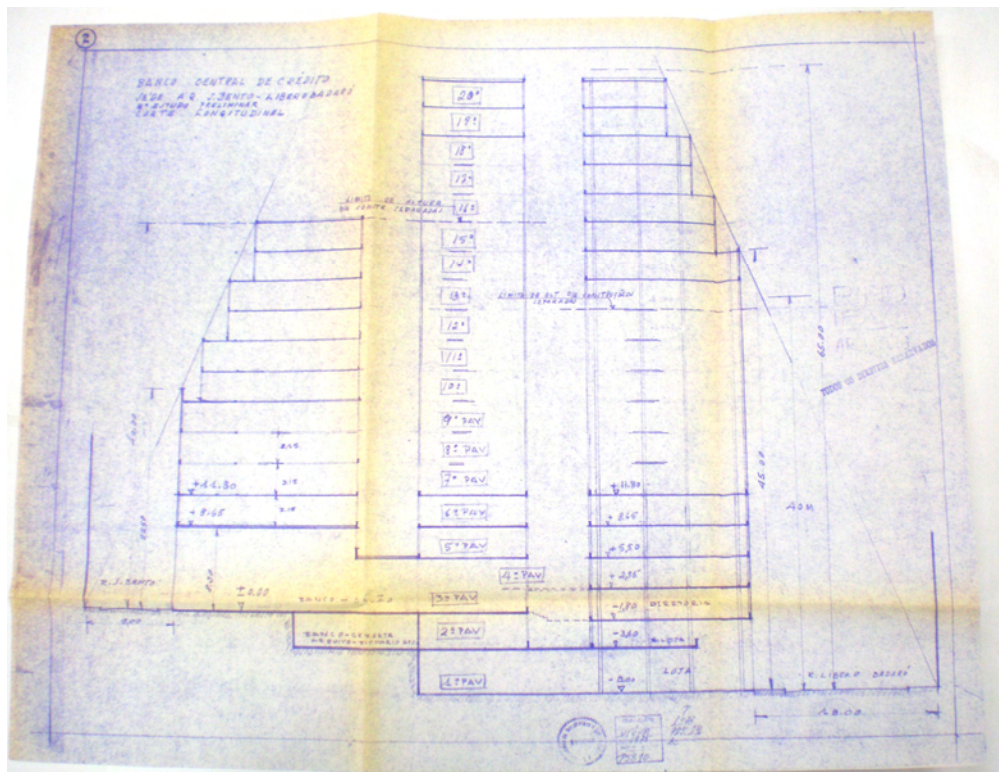


IMAGEM 500: Estudo preliminar. Acervo da biblioteca da FAU-USP.

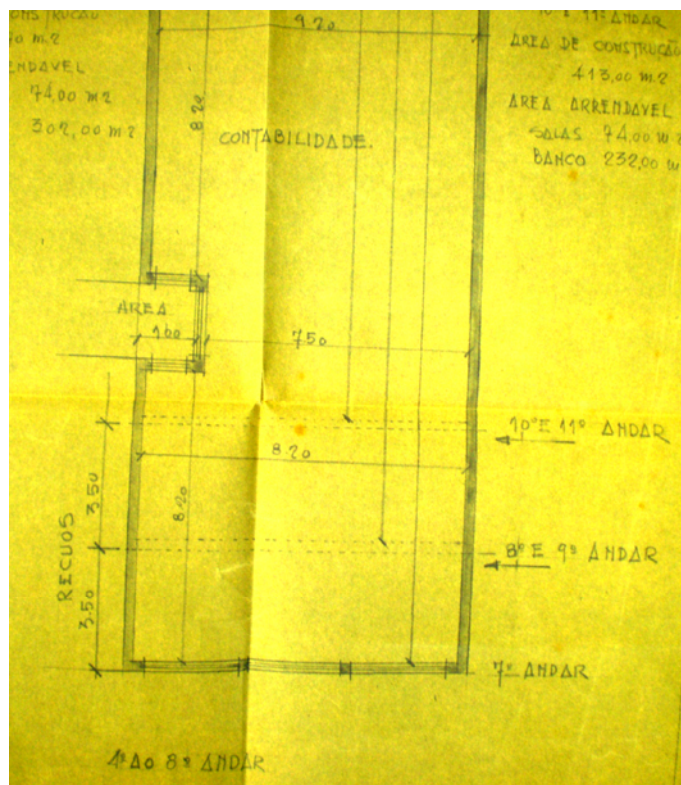
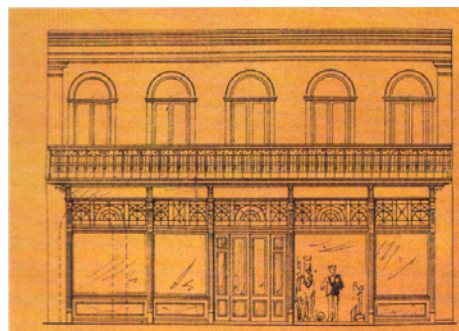


IMAGEM 501: Um detalhe da planta, com cota indicando o recuo escalonado superior.

No começo do século XX este lote recebia o número 83, e ali, segundo a pesquisa de Heloisa Barbuy funcionou a Casa Fuchs, que em 1911, solicitava reforma da fachada. Ver imagens abaixo.



IMAGENS 502, 503 e 504: Antigo número 83. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição*. p. 161.

O número 515, onde hoje funciona uma agência do Banco Itaú, compõe a volumetria da quadra com seu térreo e mais um pavimento, e pé-direito alto. Possui habite-se¹⁰⁸ de 1970. Era o antigo número 65, antes 85, onde em 1903 funcionava o Grand Bazar Parisien.



IMAGEM 505: Anúncio do Grand Bazar Parisien, c. 1903, à rua São Bento 87. Fotografia impressa por Duprat & Cia., no *Álbum Artístico Commercial*, organizado por Eduardo Scala, da Empresa Anunciadora (sic). Coleção Benedito Lima de Toledo. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição*. p. 85.

¹⁰⁸ Processo N. 206978/70.

O número 525 também possui térreo mais um pavimento, mas com pé direito comum, teve habite-se¹⁰⁹ em 1979. Era o antigo número 67 e antes 87, onde funcionou a Casa Grumbarch no começo do século XX. Em 1930, era solicitado por L. Grumbach & Cia¹¹⁰ aprovação de planta, e em 1931 solicitava prazo para adaptar elevador.



IMAGEM 506: Fotografia impressa por Duprat & Cia. No Album Artístico Commercial, da Empresa Anunciadora, organizado por Eduardo Scala, c. 1903. Coleção Benedito Lima de Toledo. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição*. p. 151.



IMAGEM 507: Nesta imagem podem ser vistos os três últimos lotes ocupados da esquerda, lado ímpar, da rua São Bento antes de chegar ao Largo de mesmo nome. São respectivamente os números 515, Itaú, 525 e 545, observar os recuos deste edifício. Foto da autora em 2006.

¹⁰⁹ Processo N. 104652/79.

¹¹⁰ Processos N. 15617/30, e N. 1194/31.

O Condomínio Edifício de Galerias São Bento, número 545, é o último lote ocupado da rua, com frente também para a rua Líbero Badaró. Recebeu habite-se¹¹¹ na década de 1960, possui cinco sobrelojas mais quinze pavimentos de escritórios, está implantado no centro do lote com recuo uniforme para as duas ruas.

Há o último lote que também faz frente para o Largo São Bento, pertence ao metro, é o lote que abrigou a Casa de Banho “A Sereia”. (Ver imagem 81 no capítulo 5).

De volta à Praça Antônio Prado, onde ficava a antiga Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, é hoje a Praça e um pedaço do Edifício da Bolsa Mercantil & Futuro (BM&F). Com 13 Pavimentos, sendo quatro subsolos.



IMAGEM 508: Praça Antônio Prado, aos fundos o Edifício Altino Arantes, à esquerda de cima para baixo, o Edifício da BM & F, o Edifício Dilan que está na esquina com a rua São Bento. E um pedaço do Edifício do Banco do Brasil. À direita há um pedaço do Prédio Martinelli e um pedaço do Edifício H. Lara. Foto para esta pesquisa.



IMAGENS 509 e 510: Ambas são do mesmo trecho da rua São Bento na esquina com a Avenida São João, a da esquerda no começo do século XX, antes da demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A segunda uma planta atual com o desenho urbano após o alargamento da Avenida São João e da abertura da Praça Antônio Prado.

¹¹¹ Processo N. 69585/69.

O lote vizinho à Bolsa faz esquina com a rua São Bento. Recebe o número 470 para esta, é o Edifício DILAN, com pilotis no térreo recebe 17 pavimentos e zeladoria na cobertura. Possui recuo escalonado a partir do nono pavimento. Teve habite-se em 1951. Neste lote antes havia o Edifício Martinico Prado, e antes existiu o sobrado da imagem abaixo, à direita em primeiro plano. Podemos observar aos fundos a antiga Igreja de São Bento.



IMAGEM 511: Trecho do lado par da rua São Bento, entre a Avenida São João e o Largo São Bento, em 1900. Autoria desconhecida. Acervo da Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.

O número 480, que abriga uma agência do Banco Bradesco, é composto de térreo, sobreloja mais quatro pavimentos. Possui um volume com recuos em todos os lados, o que demonstra que foi construído mais recentemente. Aparece uma ficha para este endereço de um processo solicitado por Pilon & Matarazzo em 1940¹¹².

Neste lote no começo do século XX, o número 68a, funcionava a loja Fujisaki & Cia, e no número 64 (depois 72), funcionava a casa de modas *Au Palais Royal*, ver imagem 512.



IMAGEM 512: Fachada Au Palais Royal, c. 1903. In: Heloisa Barbuy. *A Cidade-Exposição*. p. 191.

¹¹² Processo N.33588/40

O Edifício Joaquim Gonçalves Moreira, número 500, com data de MCML escrito na placa do hall de entrada, possui térreo mais dez pavimentos e zeladoria na cobertura. Foi construído pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, seu estilo arquitetônico é moderno, e seu habite-se¹¹³ data de 1950.

O número 514 e 518 é o único exemplar Eclético nesta quadra. Possui térreo mais dois pavimentos, com salas comerciais. Neste endereço funcionou em meados do século XX outra das tradicionais leiterias paulistanas, a Leiteria Pereira, cujo proprietário era Nicola Sola Ares. O edifício data de 1906, e foi construído por J. J. Ferreira.

Na seqüência, temos o número 520, que é um prédio com térreo mais 6 pavimentos, teve um habite-se¹¹⁴ em 1955 solicitado por Leôncio Ferraz Junior e um anterior em 1938, solicitado por João Falco e Elvira Matos do Amaral mas sem número. Atualmente funciona no edifício o Banco Fininvest.

Nesses três últimos endereços, segundo a pesquisa de Heloisa Barbuy, *A Cidade-Exposição - Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*, funcionavam nos números 74/70 a Casa de Ferragens Fischbacher, no número 78 e/t a casa de bicicletas Peugeot e no número 80 e/s a loja da SINGER, respectivamente.

Na esquina com a rua Boa Vista, com frente também para o Largo São Bento fica o número 534, que hoje é parte da estação do Metrô – Estação São Bento. O espaço é comercial com restaurantes e lojas, como o tradicional Café Girondino, que já esteve na Praça da Sé e a loja de calçados Bongusto.

Este lote possuía, de acordo com a foto de 1862, imagem 81 do capítulo 5, a Grande Agenzia (sic) de comércio agrícola, num imóvel térreo, provavelmente construído de taipa. Posteriormente, por volta de 1890, imagem 82 do capítulo 5, e em 1902, conforme imagem 83 no capítulo 5, nesse mesmo endereço uma nova edificação, já em alvenaria de tijolos, com térreo mais dois pavimentos abrigou o Grande Hotel Paulista.

Atravessando a rua Boa Vista temos o conjunto arquitetônico eclético que compõe os imóveis endereçados para o Largo São Bento, do final do século XIX,

¹¹³ Processos N. 73609/45 (construção de prédio), N. 113040/50, e N. 86454/50.

¹¹⁴ Processos N. 91422/55.

com volumetria baixa, pois possuem apenas um pavimento acima do térreo. Foram construídos em alvenaria de tijolos, com vigas e colunas de ferro.

Os atuais números 10 a 40 do Largo São Bento e 368, 372 da rua Boa Vista, hoje utilizado para algumas lojas comerciais, era o Hotel D'Oeste, edifício projetado pelo escritório Rossi & Branni, ver imagem 81 do capítulo 5.

Os números 48, 54 e 58 do Largo São Bento, são imóveis característicos da virada do século XIX para o XX, em que no térreo havia o comércio e no piso superior residência.

Do outro lado do Largo São Bento, imagem 88 do capítulo 5, houve o prédio onde funcionaram os escritórios da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construído em 1886 e demolido em 1932. Este lote em 1939/40 recebeu um projeto do arquiteto Rino Levi, para um Conjunto Comercial para o IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, como fundo gerador de renda. Este Conjunto estaria sobre o túnel que ligaria o Vale do Anhangabaú à rua Vinte e Cinco de Março. Nos níveis do Largo São Bento e do Vale do Anhangabaú haveria lojas, e tirando partido da topografia teria dois pavimentos intermediários de estacionamento. Os três edifícios de escritórios se elevariam acima das lojas implantadas na cota do Largo São Bento e estariam dispostos paralelamente.

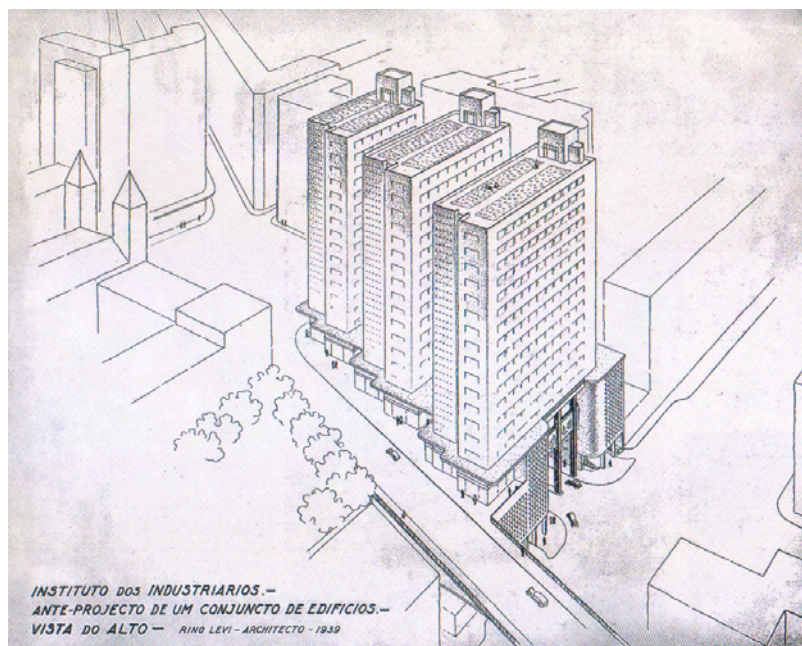


IMAGEM 513: Conjunto Comercial para o IAPI. In: *Rino Levi. Arquitetura e cidade*. Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon. p. 110.

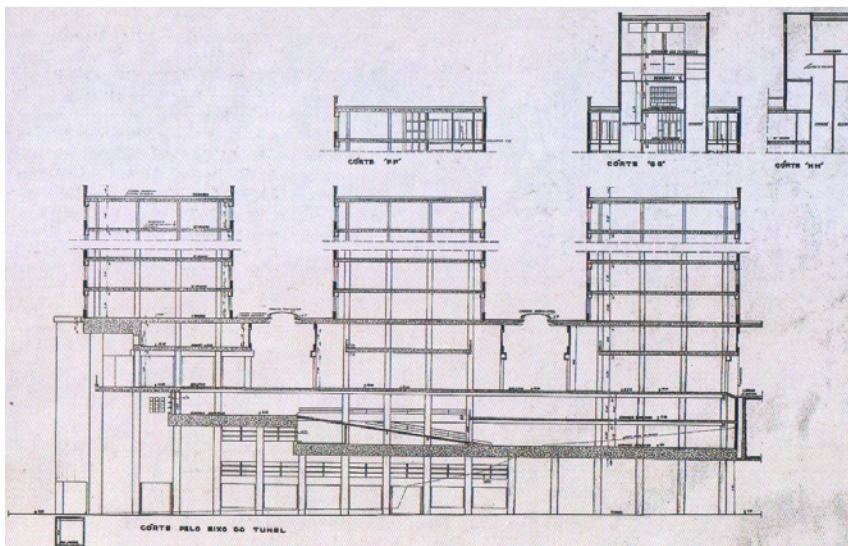


IMAGEM 514: Desenho do corte. Observar o aproveitamento da topografia. Idem. p 111



IMAGEM 515: Foto do Largo São Bento, à esquerda o Viaduto Santa Ifigênia, as torres são da Igreja de São Bento, à direita os baixos edifícios endereçados para o Largo São Bento, construídos no final do século XIX e começo do XX. O ângulo de vista está 90° virado da imagem 511 e apresenta a situação na década de 1970. Acervo da biblioteca da FAU-USP.

Enfim chegamos à Igreja de São Bento. O mosteiro foi estabelecido em 1598, no local onde se supõe que ficava a antiga aldeia do cacique Tibiriçá. A primeira igreja, construída de taipa, ficou pronta em 1600. O edifício atual projetado pelo arquiteto alemão Richard Berndt em 1911, ficou pronto em 1914.

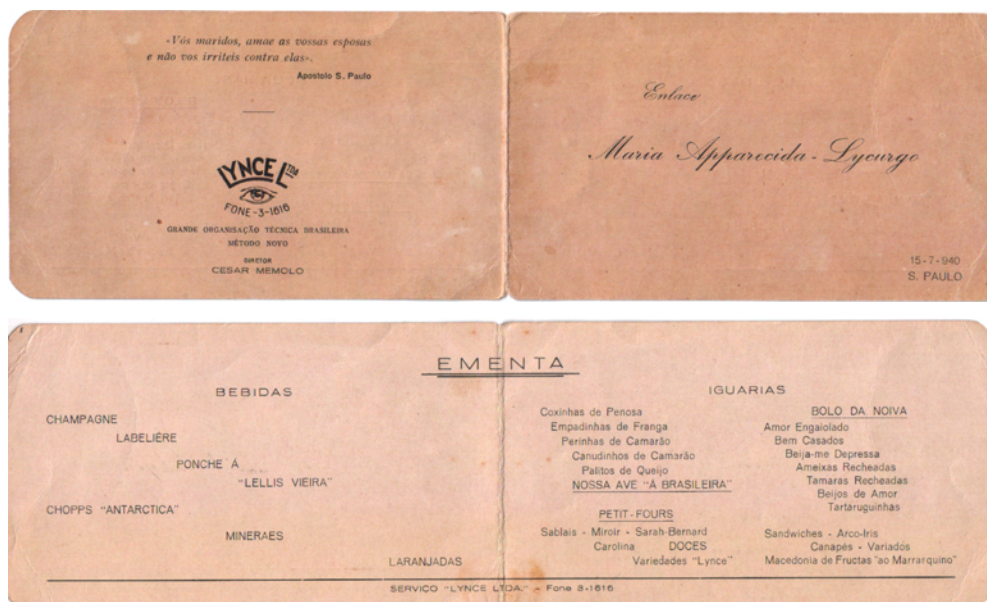


IMAGENS 516 e 517: Igreja e Mosteiro de São Bento, 1862 e 2003. In: Eduardo Magossi. *São Paulo Relembrada*, p. 140 e 141.

Nesta Igreja são celebradas missas diariamente com canto gregoriano. E cerimônia de casamentos como a de Maria Aparecida Lellis Vieira e Lycurgo Santos, meus avós paternos, realizada às 17:30 horas, do dia 15 de julho de 1940, conforme o convite e o *menu* da festa.



IMAGEM 518: Convite do casamento citado.



IMAGENS 519 e 520: Frente e Verso do *menu* da festa.

Conclusões

Esta pesquisa procurou fazer a leitura da paisagem urbana a partir do espaço construído hoje, do fragmento selecionado para estudo, e o processo para chegar a esta realidade. No começo foram apresentados os conceitos utilizados, em seguida foi introduzida a periodização para referenciar os fatos ocorridos e fornecer as plantas da cidade de São Paulo, sendo eleitas as cadastrais na escala do lote. Essas foram posteriormente pormenorizadas no capítulo da cartografia, que viabilizou a visualização dos lotes implantados ao longo da via de estudo.

A legislação urbana foi instrumento para a compreensão da atual configuração da paisagem urbana. E a iconografia revela as transformações ocorridas, nem sempre positivas para o espaço urbano.

O inventário de todos os imóveis mostrou-se uma forma adequada de documentar esse momento da rua São Bento e foi fundamental para a biografia desta. *Faire une promenade*, um passeio ao longo da rua São Bento explorando o conhecimento construído ao longo da realização desta pesquisa foi o caminho encontrado para realizar a leitura da paisagem urbana.

Conforme escreveu Nestor Goulart Reis Filho¹¹⁵ sobre a transformação dos lotes:

“... não é difícil constatar que os lotes urbanos têm correspondido, em princípio, ao tipo de arquitetura que irão receber: os lotes medievos-renascentistas à arquitetura daqueles tempos, os lotes mais amplos do século XIX e início do século XX às casas com jardins particulares e, finalmente, as superquadras à complexidade dos programas residenciais recomendados pelo urbanismo contemporâneo. As mudanças ocorridas em ambos os setores, através da História, são de molde a iniciar a persistência de um conjunto de inter-relações, cujo conhecimento é sempre da maior importância, seja para o estudo da arquitetura, seja para o estudo dos aspectos urbanísticos. Com ressalva, apenas será de notar que a arquitetura é mais facilmente adaptável às modificações do plano econômico-social do que o lote urbano, pois as modificações deste exigem, em geral, uma alteração do próprio traçado urbano”.

¹¹⁵ Reis Filho, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. p.16

Como observou Ernani Silva Bruno, São Paulo, nos seus três primeiros séculos de existência, não passou de arraial de sertanistas. Com a vinda do curso de Direito, tornou-se burgo de estudantes, passando timidamente por algumas transformações: apareceram as repúblicas estudantis, os hábitos tiveram algumas mudanças, mas a transformação mesmo só veio com o advento da implantação das ferrovias. A primeira foi a São Paulo Railway ligando Jundiaí e Campinas ao porto de Santos. Ao longo da ferrovia que atravessa a capital surgiram novos bairros e o centro passou a ser o pólo de comércio e serviços. Produtos importados passaram a ser comercializados em lojas distribuídas nas ruas do triângulo. Bancos atendiam aos negociantes, fazendeiros que aos poucos foram morar em casas nos bairros novos que estavam sendo abertos, como Santa Ifigênia, Morro do Chá, Campos Elíseos, Santa Cecília e Vila Buarque.

As primeiras preocupações urbanísticas vieram na administração do prefeito João Teodoro Xavier, como a abertura, melhoria, e alargamento de vias; regularização, remodelação e implantação de praças; novo meio de condução o bonde puxado por animais, foi instalado em 1872. É desta administração o Código de Posturas de 1875. Data desta ocasião a litografia do Viaduto do Chá, que após um tempo se concretizou, sendo um marco na ocupação urbana da cidade para “além das pontes”, extrapolando o burgo natural. Alguns autores adotam essa administração como a segunda fundação da cidade.

O crescimento populacional reflete no aumento da mancha urbana. Após a Proclamação da República, a agitação na cidade era grande. Assumiu a administração da cidade Antônio Prado, exercendo seis mandatos, de 1898 a 1911 quando passa a prefeitura para Raimundo Duprat. Durante essa longa administração a cidade vivenciou um “bota abaixo” nas construções, para serem edificadas novas ou para alargamento de vias ou ainda para abertura de praças.

Os Planos de Melhorias para São Paulo, sempre foram propostas contemplando o centro, enquanto novos bairros iam surgindo sem continuidade e excluindo o proletariado. Os prefeitos que sucederam Antônio Prado deram continuidade a essa política (Raimundo Duprat, Washington Luis e Firminiano de Moraes Pinto), tendo o engenheiro Vítor Freire presente na prefeitura em todas essas administrações.

Data de 1929 o Código Arthur Saboya, sendo este aplicado na aprovação dos projetos analisados. Os prefeitos que sucederam Firminiano de Moraes Pinto foram Pires do Rio, Prestes Maia, Ulhôa Cintra, formando uma nova geração que traçou melhorias para a cidade, enquanto esta passava por explosão no crescimento populacional. O processo de verticalização acompanhou o adensamento e valorização do solo, nos centros velho e novo da cidade.

Contando o número de lotes com frente para a rua São Bento sobre as plantas cadastrais: hoje, 2007 há 68 lotes, em 1972 e 1954 havia 71 e 82, em 1930 eram 87. Na planta de 1911 havia 110 lotes; e 104 e 88, em 1881 e 1841 respectivamente. Essa diferença do número de lotes num trecho que permaneceu o mesmo durante todo esse período explica os desmembramentos e unificações de lotes para as intervenções urbanas públicas ou privadas que aí aconteceram.

O ecletismo acadêmico, o art-déco, e a arquitetura moderna compõem a paisagem arquitetônica da rua. Do final do século XIX até a década de 1930 há exemplares ecléticos. O art-déco aparece principalmente na década de 1930, mas ainda de 1955 há um exemplar. Enquanto a arquitetura moderna tem um projeto do escritório do arquiteto Rino Levi projetado em 1935, e outros dois não executados, um no Largo do Ouvidor e o outro no Largo São Bento, respectivamente 1959 e 1939/40. Os outros edifícios modernos são das décadas posteriores a 1940 até o final da década de 1970, tendo um projeto do arquiteto Gregori Warchavchik de 1953.

Um fato fica provado ao comparar três pesquisas. A primeira, da historiadora Beatriz Piccoloto Siqueira Bueno, com base na Décima Urbana de 1809 – primeiro imposto predial das cidades brasileiras, sobre o tecido urbano e mercado imobiliário de São Paulo, espacializada na planta de 1841-47, como referência do início do século XIX. A historiadora documentou três plantas: tipologias (térreas, sobrados, terrenos); finalidade (aluguel ou uso próprio); e usos (residencial, comércio ou misto). Pesquisa publicada nos Anais do Museu Paulista, volume 13, janeiro-julho de 2005. Páginas 59 à 97. O uso predominante da rua São Bento era residencial, apenas um imóvel era de uso comercial e sete imóveis com uso misto.

Com a segunda pesquisa, de Heloisa Barbuy, sobre o comércio no final do século XIX e começo do XX, espacializada na planta cadastral assinada pelo Engenheiro Civil Antonio Manuel Bueno de Andrade e copiada pelo engenheiro V.

Huet de Bacellar, de 1893, pertencente à Coleção particular de Benedito Lima de Toledo, uma segunda referência é a Planta Cadastral e commercial da cidade de São Paulo, editada por Thomas & Cia. e impressa no Estab. Gráfico Weissflog Irmãos, São Paulo, c. 1911, pertencente ao Acervo do Museu Paulista, coleção Aguirra. Essa planta apresenta uma situação diversa da anterior com muito mais uso comercial e misto ao longo do fragmento de pesquisa.

E a terceira pesquisa, realizada sobre a planta cadastral de 2006, da Prefeitura Municipal de São Paulo, realizada sobre a foto aérea de 2003, em que o uso do solo dos imóveis lindeiros à rua São Bento é todo comercial. Salvo poucos edifícios que ainda mantêm a residência do zelador. Em suma, uma rua que foi residencial, após dois séculos é absolutamente local de trabalho.

A cidade não é mais o que foi, nem nunca será. O passado já não nos pertence mais. A realidade está aqui no presente, e esse trabalho registra um momento de uma rua. Uma rua que seu estudo mostra sua grande permanência, o traçado do seu leito, e aponta suas transformações de cinco séculos de existência para a civilização do europeu que aqui se estabeleceu. Espero que essa pesquisa venha contribuir para futuras pesquisas e trabalhos, não só sobre a rua São Bento, mas também sobre a urbanização da cidade de São Paulo.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Maria Beatriz Portugal. Luz, Ar e Sol na São Paulo Moderna – Alexandre Albuquerque e a Insolação em São Paulo, 1916 – 1934. São Paulo, dissertação de mestrado apresentada à FAU/USP, 2006.

ALVIM, Zuleika Maria Forlioni e **PEIRÃO**, Solange. *Mappin setenta anos*. São Paulo, Ex Libris, 1985.

ANELLI, Renato L. S.; *Rino Levi, 1901 – 1965. Arquitetura e Cidade*. São Paulo, Romano Guerra Editora, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. São Paulo, EDUSP, 2006.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo, Tese de doutorado apresentada à FAU/USP, 1994.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo, VOL I, II, III. José Olympio, 1954.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809*. in Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material. V.13, p.59 - 97. São Paulo, USP, 2005.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2002.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo. UNESP, 2001.

CORONA, Eduardo e **LEMOS**, Carlos A.C. *Roteiro Arquitetura Contemporânea São Paulo*. São Paulo, Separata Revista Acrópole 295,296.1963.

CULLEN, Gordon. *Townscape*. London. The Architectural Press. 1961.

DUARTE, Paulo. *Fundação Jockey Club de São Paulo*. São Paulo, Revista O Jockey, número 2, 1954.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo, Perspectiva, 1991. Original: *Como se fa una tesi di laurea*. Casa Editrici Valentino Bompiani & C.S.p.A.,1977.

- ELETROPAULO**, *A Cidade da Light. 1899/1930*. Departamento de Patrimônio Histórico/Eletropaulo, 1990.
- EMPLASA**, Memória Urbana. *A grande São Paulo até 1940*. vols. 1, 2 e 3. São Paulo, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001
- EMPLASA**. *Bens culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo*. São Paulo, Sempla, 1984.
- FISHMAN**, Robert. *URBAN UTOPIAS IN THE TWENTIETH CENTURY: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. seventh printing, 1999. 1st., 1946, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts – London, England
- GAMA**, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo, Editora SENAC, 1998.
- GERODETTI**, João E. e **CORNEJO**, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A capital paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo, Studio Flash Produções Gráficas, 1999.
- GONÇALVES**, Daniel Issa. *O Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo*. São Paulo. Cadernos de Pesquisa do LAP n. 24, 1998.
- HARVEY**, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo. Edições Loyola, 1992.
- HOMEM**, Maria Cecília Naclério. *O prédio Martinelli, a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. São Paulo, Projeto, 1984.
- IDOETA**, Irineu, **IDOETA**, Ivan Valeije e **CINTRA**, Jorge Pimentel. *São Paulo Vista do Alto: 75 anos de aerofotogrametria*. São Paulo, Érica. 2004.
- INTRAURBE**, Grupo. “Os Planos Urbanísticos elaborados desde 1880 a 1980. Inclusive diagnósticos setoriais e globalizantes”, coordenado por **CAMPOS FILHO** Candido Malta, **GROSTEIN**, Marta Dora, **SCHERER**, Rebeca e **RUMMEL**, Cibele Riva, São Paulo. FAUUSP, 1983/5.
- JACOBS**, Jane. *The death and life of great American cities*. New York, 1st Vintage Books, 1992.
- JARDIM**, Eduardo Carlos; **MUSA**, João Luiz; **MENDES**, Ricardo; *São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se*. São Paulo, Melhoramentos de São Paulo Livrarias, 2003.
- LAGO**, Pedro Corrêa do. *Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860*. Rio de Janeiro, Capivari, 2001.
- LEFÈVRE**, José Eduardo de A.. *A quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução*. São Paulo, Tese de doutorado apresentada à FAU/USP, 1999.

_____. *O Centro de São Paulo: perspectivas para o século XXI*. In: São Paulo Centro XXI entre história e projetos. São Paulo, Associação Viva o Centro, 1994.

LEMOS, Carlos A.C. *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*. São Paulo, FAU-USP, 1984.

_____. *Arquitetura brasileira*. São Paulo, Melhoramentos Edusp, 1979.

LEVI, Rino. *Rino Levi Introduzioni di Roberto Burle Marx e Nestor Goulart Reis Filho*. Milano. Edizioni di Comunità. 1974

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo. Martins Fontes. 1988.

MACHADO, Lúcio Gomes. *Rino Levi e a Renovação da Arquitetura brasileira*. São Paulo. Tese de doutorado apresentada à FAU/USP, 1992.

MACHADO, Lúcio Gomes. *Comunicação Visual emergente*. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP, 1981.

MAGOSSI, Eduardo; **LUQUET**, Mara; **PESSOA**, Jalber; São Paulo Relembra. Militão um novo álbum comparativo (1862 – 1887 e 2003), São Paulo, JSN Editora, 2003.

MARINS, Paulo César Garcez. *Através da Rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo. FFLCH/USP, 2001.

MATERA, Sergio. *Carlos Milan: um estudo sobre a produção em arquitetura*. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP, 2005.

MEYER, Regina M. P. *Metrópole e Urbanismo: São Paulo dos anos 50*. São Paulo, Tese de doutorado apresentada à FAU/USP, 1991.

MORSE, Antônio de Pádua. *A Sede Social em foco*. São Paulo, Revista *O Jockey*, número 2, 1954.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1970.

PINON, Pierre. *Paris, biographie d'une capitale*. Paris, Hazan, 1999.

PORTA, Paula. Org. *A História da Cidade de São Paulo*. V. 1,2,3. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

PORTO, Antônio Rodrigues. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 – 1988)*. São Paulo, Carthago & Forte, 1992.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo Vila Cidade Metrópole*. São Paulo, Takano Editora Gráfica, 2004.

_____. *Evolução Urbana do Brasil 1500 / 1720*. São Paulo, Pini, 2000.

- _____. *São Paulo e outras cidades*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- _____. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- RICCA Jr.**, Jorge. *Anhangabaú: construção e Memória*. Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP, 2003.
- ROCHA FILHO**, Gustavo Neves da, *Trilha do Peabirú*. São Paulo, LAP 24 (p.46), 1992.
- ROLNIK**, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel, Fapesp, 1997.
- SABOYA**, Arthur. *Código de Obras*. São Paulo, Edições Lep, 3.ed., 1950.
- SAIA**, Luís. *Morada paulista*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- _____. *Notas para teorização de São Paulo*. São Paulo: Revista acrópole, 295,296, p.213, 1963.
- SÃO PAULO, (Cidade)**. *São Paulo Antigo - Coleção de onze mapas históricos da cidade*. Comissão do IV CENTENÁRIO e Cia Melhoramentos, 1954.
- SEGAWA**, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900- 1990*. EDUSP, 2^a edição, 2002.
- _____. *Prelúdio da Metrópole*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- SIMÕES JUNIOR**, José Geraldo. *Anhangabaú: história e urbanismo*. São Paulo. Senac/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- SOMEKH**, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo, Nobel, Fapesp, 1997.
- SOMEKH**, Nadia. *A (des) verticalização de São Paulo*. São Paulo, Dissertação de mestrado apresentada à FAU/USP, 1987.
- TOLEDO**, Benedito Lima de; **KOSSOY**, Boris; **LEMOS**, Carlos A. C.. *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862 – 1887. Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo, 1981.
- TOLEDO**, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo, Empresa das Artes, 1996.
- _____. *Anhangabahú*. São Paulo. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1989.
- _____. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- VILLARES**, Henrique Dumont. *Urbanismo e indústria em São Paulo*. São Paulo, 1946.

XAVIER, Alberto Fernando Melchíades; **LEMOS**, Carlos Alberto Cerqueira de & **CORONA**, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo, Pini, 1983.

WEBER, Max. *Conceito e Categorias de Cidades*. Reimpressão São Paulo, USP/FAU - Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 1971.

WILHEIM, Jorge. *São Paulo Metrópole 65*. São Paulo, Edipe Artes Gráficas, 1965.

Fontes iconográficas e documentais:

Arquivos Institucionais:

- Arquivo Histórico Municipal Washington Luís
- Arquivo Geral de Processos – PMSP
- Arquivo de Negativos – Departamento de Patrimônio Histórico – PMSP
- Arquivo do Museu Paulista - USP

Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo / IAB-SP

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP

Biblioteca da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização.

Biblioteca do Jockey Club de São Paulo.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Sites:

Instituto Moreira Salles: www.ims.com.br

Fundação Energia e Saneamento: www.fphesp.org.br

Prefeitura Municipal de São Paulo: www.capital.sp.gov.br

Índice de Imagens:

IMAGEM 1: CROQUI elaborado para essa pesquisa pela autora.....	22
IMAGEM 2.....	36
IMAGEM 3.....	36
IMAGEM 4.....	37
IMAGEM 5.....	37
IMAGEM 6.....	38
IMAGEM 7: Planta da Restauração. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. In <i>São Paulo Vila Cidade Metr�pole</i> , de Nestor Goulart Reis Filho, p.66 e 67.....	39
IMAGEM 8.....	39
IMAGEM 9.....	40
IMAGEM 10.....	41
IMAGEM 11.....	42
IMAGEM 12.....	43
IMAGEM 13 “Mappa da cidade de São Paulo e seus <i>subúrbios</i> ”, realizada pelo engenheiro civil Carl Abraham Bresser , ca. 1841-7.	45
IMAGEM 14: Pormenor do “ <i>Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios</i> ”, realizada pelo engenheiro civil Carl Abraham Bresser , ca. 1841-7.	46
IMAGEM 15.....	47
IMAGEM 16.....	48
IMAGEM 17.....	49
IMAGEM 18: “Planta da Cidade de São Paulo”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos (sic), 1881.....	51
IMAGEM 19: Pormenor da “Planta da Cidade de São Paulo”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos (sic), 1881.....	52
IMAGEM 20.....	53
IMAGEM 21.....	54
IMAGEM 22.....	55
IMAGEM 23: Cópia da <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , 1893, popula�o 130.775 habitantes. Escala 1: 2000. Folha da S� 1/4. Assinada pelo Engenheiro Civil Antonio Manuel Bueno de Andrade em 17 de maio de 1893, e copiada pelo Engenheiro V. Huet de Bacellar. O original pertence � cole�o particular de Benedito Lima de Toledo, fornecida pela pesquisadora Heloisa Barbuy.	56
IMAGEM 24: Pormenor do carimbo � esquerda da planta citada na imagem 23.....	57
IMAGEM 25: Desenho feito, em autoCAD, sobre o arquivo da imagem 23.....	57
IMAGEM 26: Pormenor da área desta pesquisa feito sobre a planta da imagem 25.	58
IMAGENS 27 e 28: Montagem e pormenor das folhas: 07 e 08 / 51, das plantas publicadas pela SARA Brasil S.A., em 1930.	60
IMAGEM 29: Pormenor da Planta publicada, em 1930, pela SARA Brasil S. A.....	60
IMAGEM 30: Pormenor da Planta publicada, em 1930, pela SARA Brasil S. A.....	61
IMAGEM 31: Folha 13/15 utilizada na.....	62
IMAGEM 32: Folha 13/20 também utilizada.....	62
IMAGEM 33: Folha com a rua São Bento.....	62
IMAGEM 34: Pormenor da Planta publicada, em 1954, VASP/Cruzeiro.....	63
IMAGENS 35, 36 e 37: Montagem das folhas 22 e 23 /139. GEGRAN 1972.	64
IMAGEM 38: Pormenor da planta realizada em 1972.....	65

IMAGEM 39: Folha 3314/1981. EMPLASA - Empresa Metropolitana da Grande São Paulo.	66
IMAGEM 40: Folha 3314/1995. EMPLASA - Empresa Metropolitana da Grande São Paulo.	66
IMAGEM 41: Aerofotogramétrico de 2003.	67
IMAGEM 42: Pormenor na área de estudo, da Planta Cadastral de 2006 – SQL (Setor/Quadra/Lote), baseada no levantamento aerofotogramétrico de 2003.	68
IMAGEM 43: Ampliação da IMAGEM 42.	69
IMAGEM 44: Observar nessa planta, c. 1911, os lotes na frente da Igreja de Santo Antônio, entre as ruas São Bento e São José. No lado direito, lado para o Vale do Anhangabaú, há a presença de lotes e no alinhamento da rua São José. Nota-se o acesso para Viaduto do Chá.	76
IMAGEM 45: Nesta planta elaborada pela SARA Brasil S/A, de 1930, observar que as alterações urbanas ocorridas estão registradas, como o alargamento da rua São José (Líbero Badaró) e a abertura da Praça do Patriarca. Porém o acesso ao Viaduto do Chá ainda está alinhada com a rua Direita.	76
IMAGEM 46: Observar nesta planta, 1954, o alinhamento do Viaduto do Chá centralizado com a Praça do Patriarca.	77
IMAGEM 47: Pormenor da planta c. 1911. Observar a Igreja e Largo do Rosário, e a ladeira de São José ainda sem alargar. Na esquina da São Bento com a Ladeira e a rua São José, lado sul, ver a quantidade de lotes implantados.	78
IMAGEM 48: Observar nessa planta, 1930, a Avenida São João alargada e a abertura da Praça Antonio Prado. Um pedaço do Largo São Bento remodelado. Na Praça Antonio Prado esquina com a rua São Bento e a rua Líbero Badaró, já alargada, um lote único, onde foi construído o Prédio Martinelli. Mas do outro lado da praça, lado norte, os lotes ainda são pequenos.	78
IMAGEM 49: Largo São Francisco e rua Christovam Colombo.	79
IMAGEM 50: Observar na planta, 1954, na esquina da Praça Antonio Prado com a rua São Bento, lado sul, o lote encontra-se unificado e pontilhado, que indicava estar em obras.	80
IMAGEM 51: Pormenor da planta de 1972, da quadra entre o Largo São Francisco e a rua José Bonifácio.	81
IMAGEM 52: Observar nessa planta de 1972, o trecho entre a Praça Antonio Prado e o Largo São Bento. O lote do Edifício do Banco do Brasil unificado, o lote na esquina da rua São Bento com a rua Boa Vista sem nenhuma demarcação de lote, apenas com o levantamento topográfico, o que indica o estudo para as obras do Metrô.	81
IMAGEM 53: Pormenor da planta de 2006, da quadra entre as ruas Benjamin Constant e José Bonifácio.	82
IMAGENS 54 e 55: Tipologias: térreo – azul; sobrado – verde; vermelho – principais prédios da cidade; amarelo – terrenos; e branco – lotes sem informações disponíveis, em “obras”, etc.	92
IMAGENS 56 e 57: Finalidade: roxo – uso próprio; azul – aluguel; vermelho – principais prédios da cidade;; amarelo – terrenos e branco – lotes sem informações disponíveis.	93
IMAGENS 58 e 59: Uso do solo: verde claro – residencial; marinho – comercial; verde escuro – misto; vermelho – principais prédios da cidade; amarelo – terrenos; e branco – lotes sem informações disponíveis.	94
IMAGEM 60: Litografia feita por Jules Martin sobre a desapropriação e demolição da casa do Barão de Tatuí.	106

IMAGEM 61: Planta desenhada sobre a cópia da <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , 1893, população 130.775 habitantes. Escala 1: 2000. Folha da Sé ¼. Assinada pelo Engenheiro Civil Antonio Manuel Bueno de Andrade em 17 de maio de 1893, e copiada pelo Engenheiro V. Huet de Bacellar. O original pertence à coleção particular de Benedito Lima de Toledo. Os principais estabelecimentos comerciais citados por Heloísa Barbuy estão destacados de laranja.....	111
IMAGEM 62: Planta da Zona Central, com o perímetro e logradouros situados fora do perímetro, do Código de Obras de 1941.	115
IMAGEM 63: PLANTA da área Central da Cidade de São Paulo delimitando em vermelho o Perímetro da Operação Urbana Centro, e destacado em amarelo a rua São Bento inserida na Z – 5 (lilás).	120
IMAGEM 64: “ <i>Imagem sem título</i> ”, de 1787, autoria desconhecida. In São Paulo Vila Cidade MetrÓpole, de Nestor Goulart Reis Filho, p. 78.	125
IMAGEM 65: Mosteiro de São Bento, visto da margem do Tamanduateí. Foto de Militão Azevedo, em 1862. In Anhangabaú de Benedito Lima de Toledo, p. 10.	126
IMAGEM 66: Imagem sem título; autoria de Arnauld Julien Pallière, 1821. Fonte: Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. In São Paulo Vila Cidade MetrÓpole, de Nestor Goulart Reis Filho, p.94.	126
IMAGEM 67: Igreja de São Francisco, e Largo do Capim (1862). Observar o Cruzeiro na frente da Igreja. Foto de Militão de Azevedo. In: MAGOSSÍ, Eduardo. <i>São Paulo Relembrada</i> . p. 90.	130
IMAGEM 68: Em frente as igrejas de São Francisco de Ordem Primeira observa-se a estátua em homenagem a José Bonifácio. In: Andar, Vagar, Perder-se. São Paulo anos 20. Evandro Carlos Jardim, João Luiz Musa e Ricardo Mendes, p. 135.	131
IMAGEM 69: Foto realizada para essa pesquisa pela autora em 2007.	131
IMAGEM 70: Hotel des Voyageurs (1858), de Pedro Imbert. Gravura publicada no jornal <i>Correio Paulistano</i> , em 1858. Heloisa Barbuy. <i>A cidade exposição</i> . p.52.	132
IMAGEM 71: Hotel Palm, 1862, foto Militão Augusto de Azevedo, cópia da biblioteca da FAUUSP.....	132
IMAGEM 72: Ladeira do Ouvidor. In <i>São Paulo Vila Cidade MetrÓpole</i> , de Nestor Goulart Reis Filho, p.52.....	133
IMAGEM 73: Rua José Bonifácio na esquina com a rua São Bento, em direção à rua Líbero Badaró. In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo; <i>São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se</i> . p.135.....	133
IMAGEM 74: O mesmo ângulo em 2007. Foto da autora.	134
IMAGEM 75: Aos fundos em obras o Prédio Saldanha Marinho, em construção no final dos anos 20. In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo; <i>São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se</i> . p.135.	135
IMAGEM 76: No mesmo ângulo em 2007. Foto da autora.....	135
IMAGEM 77: A casa grande, o sobrado, à direita foi do Brigadeiro Luis Antônio e depois de seu filho, o Barão de Souza Queiroz. Foto de Militão de Azevedo 1862/3. In: LAGO, Pedro Corrêa do. <i>Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860</i> . p. 95.	139
IMAGEM 78: Foto tirada com alguns minutos de diferença, observar o movimento das pessoas em frente a casa do Brigadeiro. Foto de Militão de Azevedo 1862/3. In: LAGO, Pedro Corrêa do. <i>Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860</i> . p. 97.	139
IMAGEM 79: Foto tomada no mesmo ângulo para esta pesquisa pela autora, em 2007.	140

IMAGEM 80: Estrutura Metálica do Viaduto do Chá sobre o Parque do Anhangabaú em 1929. Cartão postal, coleção particular de Elíseo Belchior, In São Paulo Vila Cidade Metr�pole, de Nestor Goulart Reis Filho, p.153.	141
IMAGEM 81: Largo São Bento, 1862. Foto Militão Augusto de Azevedo. Fonte: Arquivo de Negativos do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.	143
IMAGEM 82: Largo São Bento, por volta de 1890. Boris Kossoy, <i>�lbum de Photographias do Estado de São Paulo 1892, 1984</i> . p. 59.	144
IMAGEM 83: Largo São Bento, 1902. Foto: Guilherme Gaensly. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.	144
IMAGEM 84: Largo São Bento, década de 1920. In: JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo; São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se. p.77 e 129.	145
IMAGEM 85: Largo São Bento, por volta de 1930. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.	145
IMAGEM 86: Largo São Bento, 2007. Foto tomada pela autora da Igreja de São Bento.	146
IMAGEM 87: Vista da rua São Bento do Largo São Bento, a direita o Hotel Rebecchino. Departamento do Patrimônio Histórico. Prefeitura Municipal de São Paulo.	147
IMAGEM 88: Foto tomada do Largo de São Bento com vista para a Igreja de Santa Ifigênia, por volta de 1920. � direita parte do Mosteiro de São Bento; ao centro o Viaduto Santa Ifigênia, inaugurado em 1913. � esquerda, o prédio onde funcionavam os escritórios da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construído em 1886 e demolido em 1932. Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.	148
IMAGEM 89: Avenida São João esquina com rua São Bento, na parte superior, a Praça Antônio Prado, � esquerda o Palacete Martinico Prado. Fonte: Cartão Postal, cole�o particular de Elíseo Belchior. In São Paulo Vila Cidade Metr�pole, de Nestor Goulart Reis Filho, p.180.	150
IMAGEM 90: Avenida São João esquina com rua São Bento, em 2007, na esquina o Ed�f�cio Dilan, vizinho a BM & F, e aos fundos o Ed�f�cio do Banespa.	150
IMAGEM 91: Largo do Café, com vista para a rua São Bento em dire�o ao Largo São Francisco, em 1914, � direita rua do Grande Hotel. Observar os trilhos no leito, e t�lburi estacionado � esquerda. Fonte original: <i>São Paulo em Três Tempos</i> . In EMPLASA. <i>Memória Urbana</i> p. 12.	152
IMAGEM 92: No mesmo ângulo que a imagem 91, mas em dia de semana, observar o uso do calçadão para o comércio informal desqualifica o espaço. Fotografia tirada em 2007.	152
IMAGEM 93: Largo do Café, com vista para a rua São Bento, � direita rua Miguel Couto. Essa foto foi retirada num domingo.	153
IMAGEM 94: Na esquina o Ed�f�cio do anexo do Grande Hotel. Foto tomada em 2007.	153
IMAGEM 95: Rua São Bento na altura do Largo do Café, em dire�o ao Largo São Bento. O Ed�f�cio na esquina � o anexo do Grande Hotel. In: Heloisa Barbuy. <i>A cidade exposi�o</i> . p.100.	154
IMAGENS 96: Rua São Bento na altura do Largo do Café, em dire�o ao Largo São Bento. O Ed�f�cio na esquina � o anexo do Grande Hotel. Fotografia tirada em 2007.	154

IMAGEM 97: Abertura da Praça do Patriarca, foto da ocasião da obra. <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 160.....	156
IMAGEM 98: Praça do Patriarca em 1925, recém inaugurada. <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 157.....	156
IMAGEM 99: A Praça do Patriarca em 1927. <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 161.	157
IMAGEM 100: No mesmo ângulo em 2007. Em branco, à direita no primeiro plano, parte do pórtico projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.....	157
IMAGEM 101: Observar o Viaduto do Chá, projeto de Jules Martin, chegando à Praça do Patriarca, na direção da rua Direita, 1927. <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 192, pormenor da imagem.	158
IMAGEM 102: Observar o Viaduto do Chá, projeto de Elisiário da Cunha Bahiana, chegando centralizado à Praça do Patriarca.....	158
IMAGEM 103: Observar o volume, a altura, gabarito, dos edifícios do entorno da Praça do Patriarca, nesta vista aérea. <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 162.	159
IMAGEM 104: Comparar o volume, a altura, gabarito dos edifícios com a imagem 103. Na Praça do Patriarca o Pórtico com a cobertura do acesso a Galeria Prestes Maia, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha.	159
IMAGENS 105 e 106: Fotos tiradas no mesmo ângulo da cabeceira do Viaduto do Chá com vista para a rua Direita, observar que a acima é o primeiro viaduto, com trilhos de bonde no começo do século XX, enquanto a foto abaixo é do começo do século XXI. Acima: <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 159 e abaixo foto da autora em 2007.	160
IMAGEM 107: da rua Direita avista-se a torre da Igreja de Santo Antônio aos fundos à esquerda e ainda o Casarão do Barão de Tatuí, ou seja antes do Viaduto do Chá. Foto de Militão Augusto de Azevedo, 1862. In: MAGOSSÍ, Eduardo. <i>São Paulo Relembrada</i> . p. 110.	161
IMAGEM 108: No mesmo ângulo que a imagem anterior na década de 1920. Foto Guilherme Gaensly. Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.....	161
IMAGEM 109: No mesmo ângulo que a anterior em 2007, a torre da igreja quase não se vê, perdida na atual paisagem urbana. Foto da autora.	162
IMAGEM 110: Edifício Martinelli. Cartão Postal - Imprensa Oficial.	163
IMAGEM 111: Largo do Rosário antes do alargamento da Avenida São João. Edifícios como da Rotsserie Castelões, Casa Mathias foram demolidos para a abertura da Praça Antônio Prado. In EMPLASA. <i>Memória Urbana</i> p.41.....	164
IMAGEM 112: Rua São João antes de ser alargada, 1887. In: MAGOSSÍ, Eduardo. <i>São Paulo Relembrada</i> . p. 144.	164
IMAGEM 113: O Café Brandão na esquina onde existiu o Hotel Itália Brazil, c. 1910. Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.....	165
IMAGEM 114: Avenida São João alargada neste trecho. Provavelmente entre 1927 e 1929. À direita parte do Prédio Martinelli em obras e à esquerda o edifício dos Correios. In: Andar, Vagar, Perder-se. São Paulo anos 20. p. 130.	165
IMAGEM 115: Foto da autora tomada no mesmo ângulo em 2007.	166
IMAGENS 116 e 117: Rua Líbero Badaró na esquina com a Avenida São João. Acima: <i>Anhangabaú</i> . Benedito Lima de Toledo, p. 97. E abaixo: Foto da autora em 2007.	167
IMAGEM 118: O novo Viaduto do Chá.....	168
IMAGEM 119: A Praça do Patriarca em 2007.....	168

IMAGEM 120: Coleção Livraria Sereia. In: Nestor Goulart Reis Filho. São Paulo Vila, Cidade Metr�pole, p152	169
IMAGEM 121: Edifício Sampaio Moreira, década de 1920. Francisco Prestes Maia. <i>Introdu�o ao estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo</i> . In: Candido Malta Campos. <i>Palacete Santa Helena</i> , p. 61.	169
IMAGEM 122: Zeppelin sobrevoando São Paulo em 1933. Foto do acervo do Prédio Martinelli.	170
IMAGEM 123: Foto tirada do terraço do Teatro Municipal em 2007, para esta pesquisa pela autora.	170
IMAGEM 124: Foto do lote lindeiro ao Largo do Ouvidor, em 2007.	174
IMAGEM 125: Eleva�o para a rua São Bento.	174
IMAGEM 126: Março de 2007.	176
IMAGEM 127: Eleva�o para a rua São Bento.	176
IMAGEM 128: Desenho das fachadas no começo do século XX.	177
IMAGEM 129: Desenho feito sobre fotos em 2007.	177
IMAGEM 130: Observar as vitrines avançando no passeio, antes da Lei da “Cidade Limpa”.	179
IMAGEM 131: Vista da rua São Bento.	179
IMAGEM 132: Acesso ao Edifício Ouvidor pelo Largo do Ouvidor.	179
IMAGEM 133: Observar a fachada sem as vitrines, após a Lei da “Cidade Limpa”.	179
IMAGEM 134: Eleva�o para a rua São Bento.	180
IMAGEM 135: Dezembro de 2007.	182
IMAGEM 136: Eleva�o para a rua São Bento.	182
IMAGEM 137: Dezembro de 2007.	184
IMAGEM 138: Eleva�o para a rua São Bento.	184
IMAGENS 139, 140 e 141: Dezembro de 2007.	186
IMAGEM 142: Eleva�o para a rua São Bento.	187
IMAGENS 143, 144 e 145: Dezembro de 2007.	189
IMAGEM 146: Eleva�o para a rua São Bento.	190
IMAGEM 147: Dezembro de 2007.	192
IMAGEM 148: A metade esquerda � o número 67. Eleva�o para a rua São Bento.	192
IMAGEM 149: Dezembro de 2007.	194
IMAGEM 150: A metade direita são os números 73 e 75. Eleva�o para a rua São Bento.	194
IMAGEM 151: Dezembro de 2007.	196
IMAGEM 152: Eleva�o para a rua São Bento.	196
IMAGEM 153: Dezembro de 2007.	198
IMAGEM 154: Eleva�o para a rua São Bento.	198
IMAGENS 155, 156 e 157: Dezembro de 2007.	200
IMAGEM 158: Eleva�o para a rua São Bento.	200
IMAGEM 159: Desenho das fachadas no começo do século XX.	201
IMAGEM 160: Desenho feito sobre fotos em 2007.	201
IMAGEM 161 e IMAGEM 162: Fotos da esquina das ruas São Bento e José Bonifácio, antes e depois das altera�es na fachada em fun�o da lei da “Cidade Limpa”.	203
IMAGEM 163 e IMAGEM 164: Dezembro de 2007.	203
IMAGENS 165 e 166: Detalhes.	204
IMAGEM 167: Eleva�o para a rua São Bento.	204

IMAGENS 168 e 169: Dezembro de 2007.....	206
IMAGEM 170: Elevação para a rua São Bento.	206
IMAGEM 171: Antes da Lei da “Cidade Limpa”. IMAGEM 172: Dezembro de 2007.	208
IMAGENS 173, 174 e 175: Detalhe das três lojas deste edifício. Dezembro de 2007.	208
IMAGEM 176: Elevação para a rua São Bento.	208
IMAGENS 177 e 178: Fotos tiradas antes da lei “Cidade Limpa”.....	210
IMAGENS 179 e 180: Fotos tiradas em dezembro de 2007, após a aplicação da lei.	210
IMAGENS 181 e 182: Fotos do Edifício Vautier Franco.....	210
IMAGEM 183: Elevação para a rua São Bento.	211
IMAGEM 184: Foto tomada antes da fachada adequada a lei “Cidade Limpa”.....	213
IMAGEM 185: Foto tomada em dezembro de 2007.	213
IMAGEM 186: Elevação para a rua São Bento.	213
IMAGEM 187: Desenho das fachadas no começo do século XX. Esse é o desenho dos imóveis que foram demolidos para a abertura da Praça do Patriarca.	214
IMAGEM 188: Desenho feito sobre foto da Praça do Patriarca em 2007. Pórtico de cobertura ao acesso à Galeria Prestes Maia. Projeto do Arquiteto Paulo Mendes da Rocha.	214
IMAGEM 189: Detalhe da Taipa deixado aparente após trecho restaurado.	216
IMAGEM 190: Fachada em novembro de 2007.	216
IMAGEM 191: Inserção da Igreja na Praça do Patriarca. À direita o pórtico, cobertura do acesso a Galeria Prestes Maia.....	216
IMAGEM 192: Desenho da fachada do Edifício Barão de Iguape durante os 20 anos que a loja <i>Mappin Stores</i> ocupou esse prédio inteiro.	217
IMAGENS 193 e 194: Edifício Barão de Iguape, em 2007.	219
IMAGEM 195: Elevação para a rua São Bento.	220
IMAGEM 196: Desenho das fachadas no começo do século XX.....	221
IMAGEM 197: Desenho feito sobre fotos em 2007.	221
IMAGEM 198: Vista da rua São Bento. Dezembro de 2007.....	223
IMAGEM 199: Vista da esquina da rua da Quitanda com a rua São Bento.	223
IMAGEM 200: Porta do Edifício Casa Patriarca. Dezembro de 2007.....	223
IMAGEM 201: Elevação para a rua São Bento.	224
IMAGEM 202 e IMAGEM 203: Vistas da Residência Elias Chaves.	226
IMAGEM 204: Elevação para a rua São Bento.	227
IMAGEM 205 e IMAGEM 206:Dezembro de 2007.	229
IMAGEM 207: Elevação para a rua São Bento.	230
IMAGENS 208, 209 e 210: Vista para a rua São Bento.	232
IMAGENS 211 e 212: Vistas para a rua Líbero Badaró.	232
IMAGEM 213: Elevação para a rua São Bento.	233
IMAGENS 214 e 215: Vistas para a rua São Bento.	235
IMAGEM 216: Detalhe do frontão.	235
IMAGEM 217: Elevação para a rua São Bento.	236
IMAGEM 218: Dezembro de 2007.	238
IMAGEM 219: Elevação para a rua São Bento.	238
IMAGEM 220 e IMAGEM 221: A mesma fachada antes e depois da lei da “Cidade Limpa”.	240
IMAGEM 222: Elevação para a rua São Bento.	240
IMAGENS 223, 224, 225, e 226: Vista da rua São Bento. Dezembro 2007.....	242

IMAGENS 227 e 228: Elevações para a rua São Bento em julho de 2006 e março de 2007, respectivamente.	243
IMAGENS 229, 230, 231, e 232: Vistas para a rua Líbero Badaró.	243
IMAGEM 233: Elevação para a rua São Bento.	244
IMAGEM 234: Dezembro de 2007.	246
IMAGEM 235: Elevação para a rua São Bento.	246
IMAGENS 236 e 237: Dezembro de 2007.....	248
IMAGEM 238: Elevação para a rua São Bento.	248
IMAGEM 239: Desenho das fachadas no começo do século XX.....	249
IMAGEM 240: Desenho feito sobre fotos em 2007.	249
IMAGENS 241 e 242: Vistas para a rua São Bento. Dezembro 2007.....	251
IMAGEM 243: Elevação para a rua São Bento.	251
IMAGENS 244 e 245: Vistas para a rua São Bento. Dezembro de 2007.....	253
IMAGEM 246: Elevação para a rua São Bento.	253
IMAGENS 247, 248 e 249: Vistas para a rua São Bento.	255
IMAGEM 250: Elevação para a rua São Bento.	256
IMAGEM 251: Dezembro 2007.	258
IMAGEM 252: Elevação para a rua São Bento.	258
IMAGENS 253 e 254: Dezembro 2007.	260
IMAGEM 255: Elevação para a rua São Bento.	260
IMAGENS 256 e 257: A mesma fachada antes e depois da Lei da Cidade Limpa.	262
IMAGEM 258: Elevação para a rua São Bento.	262
IMAGENS 259 e 260: Dezembro 2007.	264
IMAGEM 261: Elevação para a rua São Bento.	264
IMAGENS 262 e 263: Dezembro de 2007.....	266
IMAGEM 264: Elevação para a rua São Bento.	266
IMAGEM 265: Dezembro de 2007.	268
IMAGEM 266: Elevação para a rua São Bento.	268
IMAGENS 267, 268 e 269: Dezembro de 2007.....	270
IMAGENS 270 e 271: Elevação para a rua Álvares Penteado.....	270
IMAGEM 272: Elevação para a rua São Bento.	271
IMAGENS 273 e 274: Setembro de 2007.	273
IMAGEM 275: Elevação para a rua São Bento.	274
IMAGEM 276: Desenho das fachadas no começo do século XX.....	275
IMAGEM 277: Desenho feito sobre fotos em 2007.	275
IMAGENS 278 e 279: Fachada para a rua São Bento, altura do Largo do Café....	277
IMAGEM 280: Elevação para a rua São Bento.	277
IMAGEM 281: Nesta observar edifício à direita, com o recuo escalonado nos pavimentos superiores.Foto tomada em julho de 2006. IMAGEM 282: Elevação para a rua São Bento adequada à Lei da “Cidade Limpa”. Foto tomada em dezembro de 2007.	279
IMAGEM 283: Elevação para a rua São Bento.	279
IMAGEM 284: Foto da fachada tomada em dez de 2007. IMAGEM 285: foto do térreo deste edifício antes da lei da “Cidade Limpa”.	281
IMAGEM 286: Elevação para a rua São Bento.	281
IMAGEM 287: Foto tomada em julho de 2006. IMAGEM 288: Fachada com o espaço publicitário ajustada à lei da “Cidade Limpa”, em agosto de 2007.	283
IMAGEM 289: Elevação para a rua São Bento.	283
IMAGEM 290 e 291: Fachada da rua São Bento. Dezembro de 2007.....	285
IMAGENS 292 e 293: Fachada para a rua Líbero Badaró.	285

IMAGEM 294: Elevação para a rua São Bento.	286
IMAGENS 295, 296, 297 e 298: Dezembro de 2007.	288
IMAGEM 299: Elevação para a rua São Bento.	289
IMAGEM 300: Porta de acesso para a rua São Bento.	291
IMAGEM 301: Vista do térreo na esquina da rua São Bento com a Praça Antônio Prado.	291
IMAGENS 302 e 303: Vista da fachada para a rua São Bento. Dezembro de 2007.	291
IMAGEM 304: Elevação para a rua São Bento.	292
IMAGEM 305: Desenho das fachadas no começo do século XX.	293
IMAGEM 306: Desenho feito sobre fotos em 2007.	293
IMAGEM 307: Dezembro 2007. IMAGEM 308: Março 2007. IMAGEM 309: Julho 2006.	295
IMAGEM 310: Elevação para a rua São Bento.	296
IMAGENS 311 e 312: Dezembro de 2007.	298
IMAGEM 313: Elevação para a rua São Bento.	298
IMAGEM 314: Antes da Lei da “Cidade Limpa”. IMAGEM 315: Dezembro de 2007.	300
IMAGEM 316: Elevação para a rua São Bento.	300
IMAGENS 317, 318 e 319: Dezembro de 2007. IMAGEM 320: Antes da Lei da “Cidade Limpa”.	302
IMAGEM 321: Elevação para a rua São Bento.	303
IMAGENS 322 e 323: As duas portas de entrada para a rua São Bento.	305
IMAGENS 324 e 325: Vistas da fachada para a rua São Bento.	306
IMAGENS 326 e 327: Fachada da rua XV de Novembro. Dezembro de 2007.	306
IMAGEM 328: Elevação para a rua São Bento.	307
IMAGEM 329: Ao lado, vista da fachada para a rua São Bento.	309
IMAGEM 330: Vista do térreo, tirada da esquina da rua São Bento com a Praça Antônio Prado.	309
IMAGEM 331: Vista tomada da Praça Antônio Prado.	309
IMAGEM 332: Portaria de acesso para os pavimentos superiores na Praça Antônio Prado.	309
IMAGEM 333: Elevação para a rua São Bento.	310
IMAGEM 334: Desenho das fachadas no começo do século XX.	311
IMAGEM 335: Desenho feito sobre fotos em 2007.	311
IMAGEM 336 e IMAGEM 337: Fachada para a rua São Bento respectivamente antes e depois da lei da “Cidade Limpa”.	313
IMAGEM 338: Vista do Edifício do Banco do Brasil da Praça Antônio Prado, em 2006.	313
IMAGEM 339: Foto da fachada para a rua São Bento, em dezembro de 2007.	313
IMAGEM 340: Elevações do edifício para a Avenida São João e rua São Bento. O recuo escalonado nos pavimentos superiores aparece para as ruas Líbero Badaró e São Bento. À esquerda parte do Prédio Martinelli. E IMAGEM 341: As elevações do edifício, com mais ênfase para a rua São Bento. À direita o Edifício Dilan, vizinho de frente na rua São Bento.	313
IMAGEM 342: Elevação para a rua São Bento.	314
IMAGEM 343: Antes da Lei da “Cidade Limpa”. IMAGENS 344 e 345: Dezembro de 2007.	316
IMAGEM 346: Elevação para a rua São Bento.	317
IMAGEM 347 e IMAGEM 348: Antes e depois da Lei da “Cidade Limpa”.	319

IMAGENS 349 e 350: Dezembro de 2007.....	319
IMAGEM 351: Elevação para a rua São Bento.	320
IMAGENS 352 e 353: Elevação para a rua São Bento.	322
IMAGEM 354: Elevação para a rua São Bento. e IMAGEM 355: Observar o recuo escalonado nos pavimentos superiores.	322
IMAGENS 356 e 357: Vista para a rua Líbero Badaró.	322
IMAGEM 358: Elevação para a rua São Bento.	323
IMAGEM 359: Foto em dezembro de 2007.	325
IMAGEM 360: Elevação para a rua São Bento.	325
IMAGEM 361: Dezembro de 2007.	327
IMAGEM 362: Elevação para a rua São Bento.	327
IMAGENS 363 e 364: Vistas para a rua São Bento.	329
IMAGEM 365: Vista para o Largo São Bento. e IMAGEM 366: Vista para a rua Líbero Badaró.	329
IMAGEM 367: Elevação para a rua São Bento.	330
IMAGEM 368: Vista do lote lindeiro ao Largo de São Bento onde funcionou a Casa de Banhos <i>A Sereia</i>	330
IMAGEM 369: Desenho das fachadas no começo do século XX.....	331
IMAGEM 370: Desenho feito sobre fotos em 2007.	331
IMAGEM 371: Foto da porta do Edifício DILAN, em 2006, antes da lei “Cidade Limpa”.	333
IMAGEM 372: Fachada para a rua São Bento, observar o recuo nos pavimentos superiores.....	333
IMAGEM 373: Elevação para a rua São Bento.	334
IMAGEM 374 e IMAGEM 375: Dezembro de 2007.	336
IMAGEM 376: Elevação para a rua São Bento.	336
IMAGENS 377 e 378: Fotos tomadas em 2006.	338
IMAGENS 379, 380 e 381: Fotos tiradas em dezembro de 2007.....	338
IMAGEM 382: Elevação para a rua São Bento.	339
IMAGEM 383: Foto em 2006. IMAGENS 384 e 385: Fotos em dezembro de 2007.	341
IMAGEM 386: Elevação para a rua São Bento.	342
IMAGEM 387: Foto tirada em 2006. IMAGENS 388 e IMAGEM 389: Fotos tomadas em dezembro de 2007.	344
IMAGEM 390: Elevação para a rua São Bento.	344
IMAGENS 391, 392, 393, 394 e 395: Dezembro de 2007.....	346
IMAGEM 396: Elevação para a rua São Bento.	346
IMAGEM 397: Vista da quadra endereçada Largo São Bento que faz parte do último trecho da rua São Bento.	347
IMAGEM 398: Vista do terraço do coro da Igreja de São Bento, para o Largo de São Bento com os painéis de Maurício Nogueira Lima.	347
IMAGENS 399, 400, 401 e 402: Tomadas em dezembro de 2007.	349
IMAGEM 403: Elevação Principal	350
IMAGEM 404: Foto tirada em dezembro de 2007.....	352
IMAGEM 405: Elevação Principal.	353
IMAGEM 406: Foto tirada em dezembro de 2007.....	355
IMAGEM 407: Elevação Principal	356
IMAGEM 408: Vista das duas Igrejas, em 2007.....	358
IMAGENS 409 e 410: Fotos tomadas em dezembro de 2007, enquanto estava em obras de restauração	359

IMAGEM 411 e IMAGEM 412: dezembro de 2007.....	361
IMAGEM 413: Vista das torres da Igreja do claustro.....	362
IMAGEM 414: ciclistas na rua	363
IMAGENS 415 e 416: Marco Zero, ponto onde convergem todas as estradas, antigos caminhos, que cruzam a cidade de São Paulo. Na Praça da Sé, em frente a Catedral da Sé, em 2007. Fotos da autora.	364
IMAGEM 417: <i>Faire une promenade</i> Foto da autora saindo da Igreja de	365
IMAGEM 418: Vista aérea do Largo São Francisco, com as duas Igrejas de Ordem Terceira e Primeira e a Faculdade de Direito. No alto do centro para a esquerda parte da cúpula e da torre da Catedral da Sé. Foto do acervo da biblioteca da FAUUSP.....	366
IMAGEM 419: Vista do ponto inicial da <i>Promenade</i> , Igreja de Ordem Primeira de São Francisco. Observar o leito da rua São Bento com tráfego de veículos. Foto da Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento, s.d.	367
IMAGEM 420: Estudo do programa. Acervo FAU-USP.....	369
IMAGENS 421 e 422: Desenhos do projeto, CORTE AA e CORTE BB. Acervo FAU-USP.....	370
IMAGEM 423: Planta do ponto de vista da perspectiva da IMAGEM 424. O observador esta na esquina da rua José Bonifácio com a rua São Bento. Desenhos do projeto. Acervo FAU-USP.....	370
IMAGEM 424: Perspectiva, vista da esquina da rua São Bento com a rua José Bonifácio.....	371
IMAGEM 425: Esta perspectiva está no ponto de encontro da ladeira São Francisco com a rua	371
IMAGEM 426: Estudos realizados pelo arquiteto para o projeto da Sede do Jockey Clube de São Paulo. Acervo da Biblioteca da FAU-USP.	372
IMAGEM 427: Esta perspectiva está no ponto de encontro da ladeira São Francisco com a rua Líbero Badaró. Desenho do arquiteto Carlos Millan. Imagem cedida pelo arquiteto Sergio Matera.....	374
IMAGEM 428: Planta do pavimento térreo – acima Largo do Ouvidor (rua São Bento), à esquerda rua José Bonifácio, à direita Ladeira São Francisco, e abaixo rua Líbero Badaró. IMAGEM 429: A foto da maquete é no ângulo da ladeira São Francisco, a rua São Bento está à direita. Imagens cedidas pelo arquiteto Sergio Matera.	374
IMAGENS 430 e 431:O edifício à esquerda foi projetado pelo arquiteto Rino Levi para a sede do Banco Paulista do Comércio, em 1947. In: Rino Levi. <i>Rino Levi</i> . p. 74 Na IMAGEM 430 o prédio à direita possui apenas dois pavimentos. Na IMAGEM 431, o prédio à direita é a Sede Social do Jockey Club de São Paulo, na esquina da rua Boa Vista com a Ladeira Porto Geral. Foto tirada em dezembro de 2007.	376
IMAGEM 432: Nessa foto avistam-se as duas primeiras quadras da rua São Bento, abaixo a quadra onde foram desenvolvidos os projetos para o Jockey Clube de São Paulo e acima o lote do projeto desenvolvido pela EMURB. Fonte: acervo da Biblioteca da FAUUSP.	377
IMAGEM 433: A elevação sul é a frente para a rua Benjamin Constant, e o Largo São Francisco.	377
IMAGEM 434: Esta elevação faz frente para a rua São Bento. Imagem do projeto original que está no acervo técnico da EMURB.	377
IMAGEM 435: Foto aérea da Praça Paulo Duarte, em obras, dia 3 de janeiro de 2008.	378

IMAGEM 436: Foto da ficha de cadastro dos processos no Arquivo Municipal do Piqueri. O arquiteto Arquimedes de Barros Pimentel está solicitando a revalidação do alvará. Datada de 21 de fevereiro de 1934. Processo n. 17.565.....	379
IMAGEM 437: Fachada do edifício Azevedo Soares. Foto tomada em novembro de 2007, pela autora.	379
IMAGEM 438: Série de anúncios da Casa Kosmos publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 1911. In: Heloisa Barbuy. <i>A cidade exposição</i> . p. 184. E IMAGEM 439: Edifício Kosmos, em 2007.....	380
IMAGEM 440: Fachada dos armazéns da importadora e manufatura de tecidos Augusto Rodrigues, na rua São Bento, n. 13-19. Página de anúncio publicado no Álbum de Vistas de São Paulo e Rio de Janeiro, editado por Portella e Puente, 1914. Coleção Benedito Lima de Toledo. In Heloisa Barbuy. <i>A cidade-exposição</i> p. 183. e	
IMAGEM 441: Registro feito em 2007 no mesmo ângulo para esta pesquisa pela autora.	380
IMAGEM 442: “Jardineira” similar a que era utilizada, esta é da Ford – 1946. Foto tirada na loja de automóveis de colecionadores <i>Private Collections</i> , em 2007.	381
IMAGEM 443: A Casa do Enxoval, na rua Direita n. 53, por volta de 1920, à direita a Igreja de Santo Antônio. In: Heloisa Barbuy <i>A cidade exposição</i> . p. 192.....	382
IMAGEM 444: Esquina das ruas Direita e São Bento em 1887, foto Militão Augusto de Azevedo. À direita Casa <i>Tollon</i> , baixo do Grande Hotel de França. Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887.	384
IMAGEM 445: À esquerda a Casa Mappin e à direita Casa Bonilha. Observar automóveis trafegando na rua Direita, o mesmo acontecia na rua São Bento. In: São Paulo anos 20. <i>Andar, Vagar, Perder-se</i> p. 131.....	384
IMAGENS 446 e 447: Esquina da rua São Bento com a rua Direita. Lojas Marisa, antes e depois da lei da “Cidade Limpa”. Observar o recuo escalonado superior do vizinho, Edifício Vauthier Franco. Fotos da autora em 2006 e 2007, respectivamente.	385
IMAGEM 448: Praça do Patriarca, década de 1920, ao centro, o monumento popularmente conhecido como “Cabide”. E à direita a Igreja de Santo Antônio. In: Gerodetti e Cornejo, p. 52.....	386
IMAGEM 449: Rua São Bento, no cruzamento com a Rua da Quitanda, em 1929. Cartão postal colorizado. A torre à esquerda é a cúpula do anexo do Grande Hotel no Largo do Café. Essa imagem ilustra o lado par desse trecho. Prefeitura Municipal de São Paulo.....	387
IMAGENS 450 e 451: Acima o cruzamento dos “Quatro Cantos”, por volta de 1900, ocasião da instalação dos trilhos para o Bonde Elétrico, à direita o solar do Barão de Iguape, à esquerda o casarão do Barão de Tatuí que foi demolido para a abertura da praça do Patriarca. A rua em perspectiva é a rua São Bento. Abaixo o mesmo cruzamento, com uma pequena diferença do ponto focal, na década de 1970, durante as obras do calçadão que foram realizadas à noite, à direita o Edifício Barão de Iguape, à esquerda a Praça do Patriarca. Fonte: Fundação do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento de São Paulo e Biblioteca da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização, respectivamente.....	388
IMAGEM 452: A loja na esquina dos “Quatro Cantos”.	390
IMAGEM 453: A Praça do Patriarca na Revolução de 1930.	390
IMAGEM 454: O anúncio da mudança da Lojas Mappin para o outro lado do Vale do Anhangabaú. IMAGEM 455: O prédio Art-déco na Praça Ramos onde esteve até a década de 1990, quando fechou.	391

IMAGEM 456: Praça do Patriarca por volta de 1930, em que se vêem os primeiros ônibus. Fonte: Coleção particular de A. Salatini. In: São Paulo Vila Cidade Metr�pole. Nestor Goulart Reis Filho p.197.	392
IMAGENS 457 e 458: Foto tomada da rua L�berio Badaró, eleva�o dos fundos. E fachada principal para a rua São Bento. Fotos do processo de tombamento do CONDEPHAAT.	393
IMAGENS 459 e 460: Porta de entrada e escada da residência Elias Chaves. Acervo da biblioteca da FAU-USP.....	393
IMAGEM 461: Foto tomada em 2007, pela autora.	394
IMAGEM 462: Situa�o do edifício do Cine São Bento em 2007. Foto da autora...395	
IMAGEM 463: Edifícios números 259 e 267.....	395
IMAGEM 464: Em primeiro plano, aparece parte da Loja da China e o vizinho � a Casa Nathan, com projeto de Max Hehl, construído em 1902. O lote seguinte � o atual Edifício LAMIA. In: Heloisa Barbuy. A Cidade Exposi�o. p.160.....	396
IMAGEM 465: Edifício LAMIA, em 2006.	397
IMAGEM 466: Imagem dos detalhes.....	397
IMAGEM 467: Abaixo o Grande Hotel visto da esquina da rua São José (atual rua L�berio Badaró) com a travessa do Grande Hotel (atual rua Miguel Couto). Fotografia de Benedito Lima de Toledo. In Heloisa Barbuy <i>A cidade exposi�o</i> . p.99.	399
IMAGEM 468: Este � o edifício da Galeria Firminiano Pinto, na esquina da rua São Bento com a travessa do Grande Hotel (atual rua Miguel Couto). O Grande Hotel ocupava a quadra toda da travessa que recebia seu nome, que se estende da rua São Bento � rua L�berio Badaró. Foto tomada em dezembro de 2007.	399
IMAGEM 469: No centro da foto o Edifício Sampaio Moreira, um dos primeiros arranha-céus de São Paulo, � rua L�berio Badaró, nos anos 30. Fonte: Cole�o particular de A. Salatini, in São Paulo Vila Cidade Metr�pole. Nestor Goulart Reis Filho, p. 197.....	400
IMAGEM 470: Edifício Guinle, � rua Direita. Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico da PMSP.	400
IMAGEM 471: Edifício Santa Helena na Praça da S�, � direita a Catedral inacabada. In Palacete Santa Helena. p. 123.....	401
IMAGEM 472: Corte transversal. Fonte: Palacete Santa Helena. p. 21	401
IMAGEM 473: Corte longitudinal. Fonte: Palacete Santa Helena. p. 22	401
IMAGEM 474: Tomada na esquina da rua São Bento com a rua da Quitanda, em dire�o ao Largo São Bento. Atribuída a 1928. Foto de Raul Almeida Prado. Acervo do Patrimônio Histórico de Energia e Saneamento de São Paulo.	402
IMAGEM 475: Primeiro endereço da Casa Fretin, � rua São Bento, n 10 (depois 20), em 1913. Acervo da Casa Fretin. In: <i>A cidade Exposi�o</i> . Heloisa Barbuy. p. 146	403
IMAGEM 476: Logomarca da Botica Ao Veado D'Ouro.	404
IMAGEM 477: Rua São Bento, � esquerda em primeiro plano a fachada da Botica com o Veado ao centro, no seu primeiro endereço. � direita em primeiro plano o Grande Hotel. O original deve ser de 1887. Esta imagem foi copiada de uma cópia pertencente ao acervo da Botica Ao Veado D'Ouro.....	405
IMAGEM 478: Edifício números 260 – 276. Foto da autora para esta pesquisa, 2007.	406
IMAGEM 479: Detalhe da fachada do Palacete Crespi, Edifício York. Foto da autora, 2007.	406
IMAGENS 480 e 481: Largo do Café visto do meio	407
IMAGEM 482: Observar a fachada do edifício para a rua São Bento com apenas térreo e um pavimento. Desenho integrante da Revista Industrial, elaborado por	

Jules Martin, 1900. Do acervo do Museu Paulista, in Heloisa Barbuy, A cidade-exposição. p. 187.	408
IMAGEM 483: Anúncio da Loja La Saison, que esteve antes neste endereço. Publicado no almanaque de 1890. In: Heloisa Barbuy, p. 189.....	408
IMAGEM 484: Entalhe na fachada do Edifício Sant'Ana.....	409
IMAGEM 485: Rua São Bento em direção ao Largo São Francisco, o terceiro edifício à direita, é o antigo número 61, o primeiro endereço do Hotel e Rôtisserie Sportsman. O segundo edifício à direita era o edifício da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Foto de Guilherme Gaensly, em 1902. Acervo da Fundação Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.	410
IMAGEM 486: Foto tirada pela autora em 2006.....	411
IMAGEM 487: Prédio Martinelli na década de 1930, observar a sinalização do Hotel São Bento. Foto pertencente ao acervo particular de Sebastião Martins Vieira.....	412
IMAGEM 488: Fachada da Loja Japão, onde hoje é o Edifício Giesta. In: Heloisa Barbuy. A Cidade Exposição. p. 171.....	413
IMAGEM 489: Vista da Praça Antônio Prado, em 1957. Observar à direita o Edifício H. Lara em obras. Foto do acervo particular de Sebastião Martins Vieira.	414
IMAGEM 490: Vista da Praça Antônio Prado após 50 anos. O rapaz à esquerda da foto acima é o simpático senhor nesta foto.	414
IMAGEM 491: Vista do Edifício H. Lara da Praça Antônio Prado, em 2007.....	415
IMAGEM 492: O relógio "De Nichile" na Praça Antônio Prado. Foto em 2007.....	415
IMAGEM 493: Largo do Rosário, 1902, à esquerda a filial da Confeitaria Castelões, vizinho a esta há a Casa Mathias, onde no frontão está escrito <i>Bom Marché</i> e à direita a Brasserie Paulista. Foto de Guilherme Gaensly. Acervo Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo. In Heloisa Barbuy. A Cidade-Exposição. p. 127.	416
IMAGEM 494: Antigo número 73. In: Heloisa Barbuy. A Cidade Exposição. p. 179.	416
IMAGEM 495: Foto tomada pela autora em 2006.....	417
IMAGENS 496 e 497: Cartão Postal do Prédio Martinelli, antes e depois da construção do "Banespão". Observar que em ambos não havia o Banco do Brasil. Acervo particular de Sebastião Martins Vieira.....	418
IMAGEM 498: Banco do Brasil, em 2007.....	418
IMAGEM 499: ficha de catalogação dos processos do Arquivo Municipal do Piqueri. Nesta o arquiteto Rino Levi solicita o habite-se do projeto endereçado à rua S. Bento, 63, em 2 de agosto de 1935.	419
IMAGEM 500: Estudo preliminar. Acervo da biblioteca da FAU-USP.	420
IMAGEM 501: Um detalhe da planta, com cota indicando o recuo escalonado superior.	420
IMAGENS 502, 503 e 504: Antigo número 83. In: Heloisa Barbuy. A Cidade-Exposição. p. 161.....	421
IMAGEM 505: Anúncio do Grand Bazar Parisien, c. 1903, à rua São Bento 87. Fotografia impressa por Duprat & Cia., no Álbum Artístico Commercial, organizado por Eduardo Scala, da Empresa Annunciadora (sic). Coleção Benedito Lima de Toledo. In: Heloisa Barbuy. A Cidade-Exposição. p. 85.....	421
IMAGEM 506: Fotografia impressa por Duprat & Cia. No Album Artístico Commercial, da Empresa Annunciadora, organizado por Eduardo Scala, c. 1903. Coleção Benedito Lima de Toledo. In: Heloisa Barbuy. A Cidade-Exposição. p. 151.	422
IMAGEM 507: Nesta imagem podem ser vistos os três últimos lotes ocupados da esquerda, lado ímpar, da rua São Bento antes de chegar ao Largo de mesmo nome.	

São respectivamente os números 515, Itaú, 525 e 545, observar os recuos deste edifício. Foto da autora em 2006.....	422
IMAGEM 508: Praça Antônio Prado, aos fundos o Edifício Altino Arantes, à esquerda de cima para baixo, o Edifício da BM & F, o Edifício Dilan que está na esquina com a rua São Bento. E um pedaço do Edifício do Banco do Brasil. À direita há um pedaço do Prédio Martinelli e um pedaço do Edifício H. Lara. Foto para esta pesquisa.	423
IMAGENS 509 e 510: Ambas são do mesmo trecho da rua São Bento na esquina com a Avenida São João, a da esquerda no começo do século XX, antes da demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A segunda uma planta atual com o desenho urbano após o alargamento da Avenida São João e da abertura da Praça Antônio Prado.	423
IMAGEM 511: Trecho do lado par da rua São Bento, entre a Avenida São João e o Largo São Bento, em 1900. Autoria desconhecida. Acervo da Fundação do Patrimônio Histórico da Energia e Saneamento de São Paulo.	424
IMAGEM 512: Fachada Au Palais Royal, c. 1903. In: Heloisa Barbuy. <i>A Cidade-Exposição</i> . p. 191.....	424
IMAGEM 513: Conjunto Comercial para o IAPI. In: Rino Levi. <i>Arquitetura e cidade</i> . Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon. p. 110.....	426
IMAGEM 514: Desenho do corte. Observar o aproveitamento da topografia. Idem. p 111	427
IMAGEM 515: Foto do Largo São Bento, à esquerda o Viaduto Santa Ifigênia, as torres são da Igreja de São Bento, à direita os baixos edifícios endereçados para o Largo São Bento, construídos no final do século XIX e começo do XX. O ângulo de vista está 90º virado da imagem 511 e apresenta a situação na década de 1970. Acervo da biblioteca da FAU-USP.	427
IMAGENS 516 e 517: Igreja e Mosteiro de São Bento, 1862 e 2003. In: Eduardo Magossi. <i>São Paulo Relembra</i> , p. 140 e 141.	428
IMAGEM 518: Convite do casamento citado.....	429
IMAGENS 519 e 520: Frente e Verso do <i>menu</i> da festa.....	429

Anexo:

Este anexo consta da tabela que foi realizada com os dados da pesquisa durante seu andamento. Ela serviu de base para o inventário dos imóveis que foi apresentado no capítulo 6.

Na primeira coluna constam os setores, as quadras fiscais, e o respectivo subtítulo da quadra. Na segunda coluna aparece a numeração atual, em 2007. Logo na seqüência tem as numerações anteriores: em 1936, em 1928, em 1910, e o número antigo é o do final do século XIX, também utilizado na pesquisa da professora Heloisa Barbuy.

A próxima coluna refere-se ao nome do edifício quando esse o possui. A seguinte é o uso do solo atual, ou seja comércio, serviços, etc., mas citando o nome do estabelecimento.

Em seguida vem a coluna com o número de pavimentos, sempre considerando T (térreo) + pavimentos. O pavimento em que inicia o recuo superior é a próxima coluna. Em seguida vem a coluna com a frente do lote lindeira à Rua São Bento e quando faz frente para outra rua é citado.

Os imóveis tombados estão indicados na próxima coluna. O ano dos imóveis vem na coluna seguinte, na sua maioria indicada pelo ano do habite-se levantado nas fichas de catalogação dos processos no Arquivo Geral de Processos do Município de São Paulo no Piqueri.

Foi inserida uma coluna para observações, na seqüência uma coluna para estilo arquitetônico/técnica construtiva e outra para arquitetos/projetistas. A seguinte é referente ao número do processo levantado do habite-se, em seguida uma coluna para o requerente e outra para o proprietário. Finalizando tem a coluna S.Q.L. – Setor – Quadra – Lote individual.

Rua São Bento - Levantamento de USO do SOLO atual - 2007.

Setor/ Qua dra Fiscal	Número atual	número em 1936	número em 1928	número em 1910	número antigo	Nome do Edifício	uso do solo atual	número de pavimen tos	pavimen to recuo superior	Frete
5/013 - 6.13						Mosteiro de São Francisco				
Rua Benjamin Constant										
5/009 - 6.1	s/n						Estacionamento	0		
Largo do Ouidor Pacheco e Silva										
5/010 - 6.2	34 rua Benjamin Constant					Edifício CONDOR	comércio e escritórios	T + 15		
	233/237 rua José Bonifácio					Prédio Bom Jesus	Justiça Federal / escritórios	T + 7		
Praça Paulo Duarte / jan 87										
Rua José Bonifácio										
5/003 - 6.3	250 rua José Bonifácio	9	1	1e/t	1 alt	Edifício Ouidor	salas comerciais, comércio - bolsas	T + 16	recuo a partir do 11o.	16.90 m (José Bonifácio), 2.33 m chanfro, 11.97 m (São Bento)
	21/23/31	39	5sob	7A e/s	7bx		comércio - calçados BLINKE, restaurante La Bocca self-service	T + 1		13.34 m
	41/43	41	5a	7B e/t	7bx		comércio - roupas íntimas La Bibi, Som: Canção Nova	T + 1		12.00 m
	45/51	45/57	7	11 e/s	11alt	Prédio Azevedo Soares	comércio: Princesa cosméticos + escritórios	T + 5 + Zel.		13.35 m
	59/63	59	9	13e/t	13 alt	Edifício Kosmos	comércio - ótica + escritórios	T + 10 + Zel e oficina de bolsas	recuo a partir do 6o.	6.97 m
	67	67	11	15e/t	15 alt		comércio - roupas Colombo	T + 1		6.50 m
	73/75	75	11a	17e/t	17 alt		comércio	T + 1		6.70 m
	81/83	81	13	19 e/t	19 alt		comércio - Livraria SEBO, restaurante HORA do Almoço	T + 1		6.80 m
	87/93/95/101/103	87	15	21 e/t	0 alt		comércio - produtos ortopédicos Feet by Feet (gerente Jailson), loja de roupas, lanchonete Cia dos Lanches, loja Dr. Shape, artigos infantis Alvinha Baby	T + 2		22.72 m
	09, Praça do Patriarca	101/103	15sob	21A e/t	0 bx	funcionou a loja A Exposição, da rede de Magazines Clipper	comércio de calçados e modas HORA 25, salas comerciais	T + 2 + terraço na cobertura		8.00 m (São Bento), 3.00 m chanfro, 18.00 m (Pça)
Rua José Bonifácio										
5/004 - 6.4	16/28/28a/34	28/34	2sob	2A	0bx	Residência Brig. Luis Antônio	comércio - lotérica (34), roupas, fitas e DVD, lanchonete, banco GM money	T + 2		22.67 m (São Bento), 3.90 m chanfro, 33.04 m (José Bonifácio)
	38/44	44	6	8 Casa Érico, de Eric Mills	8p alt	Edifício Luzia Monteiro	38 - loja, comércio - roupas Spago Delta (T) + escritórios	T + sobreloja + 6 + zeladoria	recuo em todas as laterais a partir do 2o. Pav.	12.00 m
	50/56/ 62/68	62/68	10	10 e/t	8b alt		comércio - lanchonete doceria, calçados BRISTOL e roupas GARBO	T + 1		20.00 m
	70/74/82/ 86	86	14	14	2a tin	Vautier Franco	salas comerciais; comércio - aparelhos cirurgico, ótica, cabelereiro	T + 5 + ZEL		25.48 m
	225,259, 263 rua Direita	100	14 sob	14B e/t	2c tin	Marisa	comércio - roupas Marisa	subsolo + T + 1		22.58 m, 8.60 m chanfro, 22.21 m (Direita)

Rua São Bento - Levantamento de USO do SOLO atual - 2007.

Tombamento	ANO	Observações:	estilo/técnica construtiva	Arquitetos, projetista	Processo n.	Requerente	Proprietário	S. Q. L.
CONPRES								501300005 e 501300006
Rua Benjamin Constant								
	1956 projeto			há um projeto do Rino Levi			Jockey Clube de São Paulo	500900008
Largo do Ouidor Pacheco e Silva								
frente para o Largo São Francisco			Modernista					
frente para a rua José Bonifácio	déc. 40		Art-Déco					
Praça Paulo Duarte / jan 87								
Rua José Bonifácio								
CONPRES	década de 40, séc. XX	1943, HABITE-SE by Alfredo Mathias	Art-Déco	Alfredo Matias	N. 36410/41 e N. 18493/43			500300014
	déc. 50		descharacterizado				Heitor Giuliani	500300135
	déc. 50		descharacterizado				41 - Marwan K Al Obaid; 43 - Armando Barcat Kalim	41 - 00500302782; 43 - 00500302790
CONPRES	1934	1950/1953 HABITE-SE by Américo Ghiraldelli 1957 HABITE-SE by A Pettri Zelador: Sr. Antônio Martins	Art-Déco	Archimedes de Barros Pimentel	N. 44805/34	Edgard Azevedo Soares/ 34 José de Paula Machado	Roberto Elias Cury	500300119
	1959 HABITE-SE		Moderno		N. 116784/59	Francisco Beck	59 - vários; 63 - Elias Antonio Zogbi	59 - vários; 63 - 00500300739
CONPRES	1908		Eclético				Victoria Patrimonial Ltda.	500300097
CONPRES	1908	recobrimento de fachada saiu	Eclético				Salim Abraao Kalim e outro	500300089
CONPRES	1900's	1953 HABITE-SE, recobrimento de fachada saiu	Eclético			Carlos Galvão Monteiro	Marina Branco de Melo M. Aires de Souza	500300070
CONPRES	1908		Eclético	Augusto Fried			Taquari Agro Comercial Ltda.	500300062
CONPRES	1942 HABITE-SE		Art-Déco		N. 81798/42	José Napi		
Rua José Bonifácio								
esquina com rua José Bonifácio no. 210 - CONPRES	1908	1951 HABITE-SE, expedido p/ o prédio supra / reforma, 1953 HABITE-SE	Eclético	Max Hehl	N. 125093/51	Balaban & Schwvz Ltda.		
	1941e 1978 HABITE-SE	1957 HABITE-SE by Tecidos Monteiro S.A			N. 55725/41 N. 64181/57 N. 173620/78	Jayme Pladeval/41 Monteiro Com. E Const. S/A/78	38 - Salim Abraao Kalim; 44 Chamsi barcat Kalim	38 - 00500401322; 44 vários
	1940 HABITE-SE / 1957 HABITE-SE		Art-Déco		N. 42038/40 N. 115708/57	Francisco de Toledo Lara / Sobrasil Ltda./57	Ruy Lara Nogueira	500400288
	1943 HABITE-SE / 1950 HABITE-SE		Art-Déco		N. 42038/40 e N. 14505/50	H. Spencer James / J. Diez	Roberto Vautier Franco e outros	vários
	1941 HABITE-SE / déc. 70	registro em foto EMURB	Moderno		N. 89157/39 e N. 47113/41	Angelo Carciolelo / Antônio de Toledo Lara Filho		

6.5	PRAÇA DO PATRIARCA - Igreja de Santo Antônio									
	Rua Direita									
1/084 - 6.6	170 SB, 250 rua Direita	146	2 Pça	em 1911 - construção de prédio p o Hotel Rotisserie Sportsman		Ed. Barão de Iguape - Unibanco Rua Direita, 250	Serviço - banco Unibanco	3 subsolos + T + 31 + Heliponto	h ~ = 96 m	28.75 m (Direita), 2.95 m chanfro, 29.00 m (São Bento), 3.30 m chanfro, 23.50 m (Quitanda)
	Rua da Quitanda									
	PRAÇA DO PATRIARCA									
1/080 - 6.7	177 a 185	177	17	23 e/t	23 alt	Edifício Patriarca CPA (letras da porta de ferro do edifício), vizinho da Casa Lutetia	comércio - roupas, perfumaria Contem 1 g; salas comerciais + escritórios	T + 8		14.40 m (Pç), 3.80 m chanfro, 13.60 m
	189/195/197	189	19	29 e/t	27 alt	Residência Elias Chaves	comércio - roupas CONEXÃO e APETREXO Bijouterias (189) acesso superior fechado	T + 2		11.80 m
	201/203/ 207	203	21	31A e/t	0bx	Edifício de Escritórios e Estabelecimentos Comerciais	comércio/serviços - Padrão Comida Caseira por Kilo, loja de bolsas (203) e Palácio dos Biscoitos	T + 2		10.62 m
	215/219/227/ 231/ 235	217	23 sob	33 e/t	33A alt	fundos do Edifício Campos de Piratininga	comércio - lanchonete Mc Donald's (215), roupas Leporello (219), roupas NATOO (227), Turn Over (231)	T + Mezanino p São Bento	recuo nas laterais, frente e fundos	28.82 m
		231	25 sob	35 e/s	35A alt					
	241,243, 245	245	27	37P	37 tin	Antigo CINE São Bento	comércio - FATTY calçados, CD Nany, roupas 775	T		14.20 m
	259	259	29	41 e/s, Loja da China	41 alt		comércio - roupas ESKALA	T + 1 + sótão		12.94 m
	267/275	267	31	43 e/s, Casa Nathan, importadora	0 alt	IMÓVEL FECHADO		subsolo + T + 1		11.39 m
	279/283	279	33 sob	45	45 alt tin	Edifício LAMÍA	lojas comerciais para alugar; comércio - calçados Babush	T + 12 + zel.	recuo a partir do 7o.	11.64 m (São Bento), 8.40 m (Líbbero Badaró)
	293/299	293/299	35sob	47e/s	47		comércio - lojas Americanas express	T + 2		10.93 m
309/315/319	309/311/ 315	37sob/ 37b/37c	49Be/s/ 49ce/t/ 49d, antigo Grande Hotel	49A bx	Galeria Pefeito Firmiano Pinto	serviço - banco CREFISA, FININVEST; comércio - loja artigos indianos, copiadora, salão de beleza, lanchonete	subsolo (Miguel Couto) + T + sobreloja + 2 (só p/ São Bento)		17.00 m (São Bento), 69.80 m (Miguel Couto)	
	Rua Miguel Couto, antiga Travessa do Grande Hotel e antes Beco da Lapa.									
	Rua da Quitanda									
1/081 - 6.8	176	176	16	16	4	Casa Fretin (séc. XX)	salas comerciais e antiga óptica Fretain; banco FININVEST	T + 5 + porão		15.75 m (Q), 3.42 m chanfro, 11.00 m
	188/192/ 196/198/ 204/210/ 214	192	18a	18A	8a alt		serviço - banco BGN, comércio - livreria SARAIVA	T + 3		13.40 m
	200/208	200	20 sob	20 e/s	10p alt	Edifício São Bento	salas comerciais/escritórios	T + 4 + zel.		12.95 m
	216/220	220	22 sob	22 e/s	12 bx	Edifício Ana Maria Nogueira	comércio - Botica Veado D'Ouro, roupas CAMALEON, roupas CAVALERAç salas comerciais	T + 4		10.65 m
	230/234	230/234	24 a/b	26	14c bx	Lojas Marabraz		T + 4		13.00 m

PRAÇA DO PATRIARCA - Igreja de Santo Antônio

Rua Direita

CONPRESP	1956		Moderno	Jaques Pilon, Giancarlo Gasperini e Jerônimo Bonilha Esteves				108400000
----------	------	--	---------	--------------------------------------------------------------	--	--	--	-----------

Rua da Quitanda

PRAÇA DO PATRIARCA

CONPRESP	primeira metade da década de 20, séc. XX.	Faz frente para a Pça do Patriarca nos. 56 a 96	Eclético / Estrutura de concreto e alvenaria de tijolos				Chamsi Barcat Kalim	vários
CONDEPHAAT	1885 frontispício		características neoclássicas/alvenaria de tijolos	arquiteto italiano/ Arq. Claudio Rossi			Antônio Carlos Kalim e outro	108000109
Bens Culturais SEMPLA - EEMPLASA - SNM	1909		eclético / alvenaria de tijolos	Augusto Fried			Davina Nogueira Thompson	108000095
	1977 HABITE-SE	frente do lote para a rua Libero Badaró, 318 subsolo(1) + T + 13 + 2 (casa de máq.) Ed. Administrativo NCNB	Moderno		N. 326595/77	VEPLAN S/A	215 Mcdonald's Comercio de Alimentos Ltda. / vários	108001806 vários
CONPRESP	1927	processo para construção e alvará de funcionamento	Eclético		N.42364/27 N. 200/27	J. Diez & Cia/27 S. A. Moinho Santista/27	Taquari Agro Comercial Ltda	001080, 241 - 1814, 243 - 1822, 245 - 1830
	1948 HABITE-SE		Art-Déco		N. 53690/48	Famá & Cia Ltda.	Pedro Patrik Burmaian	108000052
	1938 HABITE-SE / 1957 HABITE-SE	recobrimento de fachada retirado!	Art-Déco		N. 45961/38 e N. 150100/57	Renato Salfati & Cia/38 - Fernando Cricchio Prota/57	Trides comp imob adminstradora	108000044
	construção 1953, 1954/1955 habite-se	Tem frente para Libero sem recuo, só garagem. Entrada principal no 1o. Rua São Bento.	Moderno	Gregori Warchavchik	N. 149514/55	laudo de vistoria	Demetre Basile Cranas e outro	108000257
CONPRESP	1902		Eclético	Max Hehl	N. 47911/55	Escritório Ramos de Azevedo, 1955 HABITE-SE	Banco do Grande São Paulo	108000028
	1949/ 1957 HABITE-SE (Raul Simões)	1968 HABITE-SE parcial / faz esquina com a rua Miguel Couto)	Moderno		N. 76789/49 N. 10956/57 N. 123276/68	Claudio Monteiro Soares S/A Adm. de Bens	vários	vários

rua Miguel Couto, antiga Travessa do Grande Hotel e antes Beco da Lapa.

Rua da Quitanda

esquina Rua da Quitanda - CONPRESP	1924		Eclético/ Estrutura de concreto e alvenaria de tijolos					108100014
	1941 HABITE-SE / 1952 HABITE-SE / 1953 HABITE-SE	1953 HABITE-SE total	Moderno		N. 66744/41 N. 166835/52 N. 117473/53 N. 156729/53	Francisco Piza Pimentel/41 Constr. E Imob. Albatroz Ltda./52 José Hilário Sammarone Jr./53	188 - Maria V. Ferreira de Souza Leite, 192 e 196 - Cyro de Souza Leite	001081, 188 - 00154, 192 - 00162, 196 - 00170
CONPRESP	1926 na fachada	1953 HABITE-SE by Vicente Gagliano	Eclético		N. 29840/48 N37189/53	1948 HABITE-SE (Raul Simões)	vários	vários
CONPRESP	1913, 1938 HABITE-SE	(zeladoria no 1o. Pav).	Eclético	Ricardo Severo	N. 52423/38	Max H. Fortner/38	José Paula Leite de Barros	108100197
	1944 - 1959 HABITE-SE		Moderno		N. 32753/44 N. 147174/59	Luíz Bianco/44 Sta. Casa do Porto/59	Santa Casa da Misericórdia do Porto	108100200

	238/248	238	26	28	16 alt		serviço - banco FINASA; comércio - lanchonete GIRAFFAS	T + 1		12.06 m
1/081 - 6.8	250	250	28	30	18 bx		comércio - perfumaria Boticário	T + 1		6.05 m
	256	256	30	32	0 bx		serviço - banco Olé	T + 1		5.35 m
	260/264/272/276	272/276	34	36 e/s	0 alt			T + 3		19.60 m
	284/290/ 300	284/298	36a/36d	38/40 e/s	26 alt tin/28	Palacete Crespi/ Edifício York	comércio - roupas Barred's; serviço - banco Losango e banco PanAmericano	porão + T + 2 sobrelojas + 7		25.60 m
	308	306	38 sob	44	0 bx	Edifício INDUSEG Lgo do Café, 11 ou R. Álvares Penteado, 231	educacional - Faculdade UNIESP Renascença; serviço - salas comerciais; comércio - lanchonete	T (+ 1 interno) + 10 + 3 escalonados		18.00m, 6.60 m chanfro, 11.00 m Lgo, 18.05 AA
Largo do Café										
rua Miguel Couto, antiga Travessa do Grande Hotel e antes Beco da Lapa.										
1/072 6.9	323/329/ 333	327	39	51 e/t	0alt	Prédio Álvares Penteado	comércio - telefonia CLARO (333), lanchonete MISTER MATE; salas comerciais	T + 12 + zel.	recoo partir do 11o.	7.10 m (São Bento), 7.10 m chanfro, 29.70 m (Miguel Couto)
	341	341	41	53	0alt		serviço - banco CACIQUE	T + 3		12.80 m (São Bento), 5.05 m (Miguel Couto)
	351/355	355	43a sob	55 e/s	55bx tin		comércio - perfumaria São Bento; salas comerciais - curso Elos Lider (355)	T + 3		7.30 m
	357/359	359	45 sob, em 1928 casa Pratt	57 e/s	57A alt		serviço - banco Losango	T + 3		7.77 m
	365	365	47 sob	59 e/s	59 bx	Edifício Gerbur	comércio - EXTRA Eletro no T p/ São Bento	T + 20		17.44 m
	385/389	389	49 sob	63 A, intalou-se a Cia Mogiana de Estrada de Ferro	63 bx	Condomínio Edifício Sant'Ana	Salas comerciais; comércio - ótica FOTOPTICA (385)	T + 8 + zel.		10.93 m
	397/ 405/413	405	51sob/ 51a/51b	65/67/69/ 71	65A alt/ 67 alt/ 0bx/ 0bx	Prédio Martinelli	institucional - PMSP	30 sendo 27 + 3 no ático		27.30 m (São Bento), 3.75 m chanfro, 64.15 m (São João), 5.65 m chanfro, 18.15 m (Liberio Badaró)
Praça Antônio Prado										
Largo do Café										
1/073 - 6.10	344/348/ 352	344	40	46, 48-A, funcionava a Loja Flora	34 bx tin	Sucursal do Grande Hotel	serviço - banco BV; comércio - lanchonete e restaurantes; escritórios	T + 2 + ático		12.55 m, 5.10 m chanfro, 24.85 m (Lgo Café), 10.40 m (Comércio)
	356	356	42, Casa ODEON	50	38 tin	Fotóptica em 1978	comércio - calçados World Tennis	T + 7 + 1/2 subsolo		4.66 m
	360	360	44	52	40 bx		serviço - Banco Omni	T+ 1		5.71 m
	366/370	366	46 sob	54 e/s, Loja Japão	42 alt	Condomínio Edifício GIESTA	serviços - salas comerciais; comércio - ótica; comércio - diversões eletrônicas	T + 10 + Zel	recoo a partir do 6o.	12.00 m
	380/398	380/398	48, 50sob, 50, 52	56,58e/s,58 Ae/t,60, Casa Michel - Joalheria	44bx,46alt, 46bx tin, 48bx	Antigo Banco de São Paulo	institucional - Secretaria de Estado da Juventude e Lazer	13	recoo a partir do 6o.	23.80 m (São Bento), 26.85 m (XV Novembro)

CONPRESP	1933-1938 HABITE-SE		Eclético		N. 42629/33 N. 90899/38	Soc. Construtora e de Imóveis /33 Freitas, Jank e Cia Ltda./38	Cecília de Almeida Prado Amaral e outro	108100219
	1930 aprov. Planta		Eclético		n. 31821/ 30	D. Schwery	Agencia Siciliano de Liv. Jor Ver Ltda.	108100227
CONPRESP	1922 na fachada		Eclético				Holl administradora de bens Ltda.	108100235
CONPRESP	1907		Eclético	Jorge Krug			vários	vários
CONPRESP (9 + porão)	década de 20, séc. XX	Familia Crespi - funcionou primitivamente a Botica ao Veadão d'Ouro	Eclético		N. 72520/51	1951 HABITE- SE / Raul Crespi	vários	vários
CONPRESP	década de 40, séc. XX		Art-Déco				Ary Giron	vários

Largo do Café

rua Miguel Couto, antiga Travessa do Grande Hotel e antes Beco da Lapa.

	1939 HABITE- SE /1940 inaugurado	administradora Beth 3105 8293 Sr. Valdemar (pai)	Art Déco		Severo & Vilares 1939, habite-se parcial	Silvio de Alvares Penteado	Tamboré S/A	107200953
	1942 HABITE- SE				N. 62962/42	Francisco Matarazzo Neto/42	Pejan Empreendimentos e Participações Ltda.	107203731
CONPRESP	1958 HABITE- SE		Art Déco		N. 175001/58	A Pettri/58	Salim Abraao Kalim	107200937
	1956 HABITE- SE	1959 HABITE-SE by Octavio Godoi	Moderno		N.101987/56 N. 29792/59	Soc. Técnica de Eng. Citel Ltda./56	DMSJ - Administração e Participações Ltda.	107200929
	1968 HABITE- SE	1937 HABITE-SE by Germaine Lucie Burchard/37(33)			N. 13907/33 elev. N.46037/37 N. 194873/68	GERBUR S/A Adm. E Comércio/68	vários	vários
CONPRESP	1930 HABITE- SE		Eclético	Siciliano & Silva	N. 30752/30 N. 12297/33 elev.	Stella Penteado/30 (33)	385 - Holl administradora de bens Ltda., 389 - vários inclusive Stela Penteado	001072, 385 - 01356, 389 - 01194,01216,01331 (S. Penteado)
CONPRESP	1929	1957 HABITE-SE	Eclético / Estrutura de concreto e alvenaria de tijolos	Giuseppe Martinelli, em 1922, desenhou o edifício.	N. 47061/33 N. 09438/33 N. 23545/33 (ambos elev.) N. 132358/57	José Martinelli 33 / Joaquim Procópio de Araújo(1957)	397 - FUNCEF, 405 - EMURB, 413 - Sind dos Bancários	397 - 00107200899, 405 - vários, 413 - 00107201372

Praça Antônio Prado

Largo do Café

Lgo do Café - CONPRESP	1907	antigo anexo do Grande Hotel / ou Hotel São Paulo	Eclético	Oscar Kleinsch midt			344 - Jesus Perez Garcia, 348 e 352 - Ivone Pereira dominguez Lopez	001073, 344 - 00151, 348 - 00141, 352 - 00133
	déc. 70		Contemp- râneo		N. 221915/68 construção de prédio N. 183700/72 substituição de plantas	Fotóptica S/A / 68 e 72	Fotoptica S/A	107300087
CONPRESP	1936 HABITE- SE		Eclético		N. 100001/36	Plínio Arcoverde de Cavalcanti	DMSJ - Administração e Participações Ltda.	107300095
	1954 HABITE- SE		Moderno		N. 112386/54	Sociedade Construtora Celbe Ltda.	Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de	107300109
CONPRESP	1935/36 PROJETO e 1939 HABITE- SE	1934 HABITE-SE	Art- Déco/estrutura de concreto e alvenaria de tijolos	Arq. Álvaro Botelho	N. 49955/34 N. 11489/39	A. de Sá Moreira/34 Soc. Construtora e de Imóveis/39		

	402/406	406/418	54, 56, 56a	62, 62A, 64	50 alt, 52bx, 54bx	H. Lara	comércio - farmácia DROGASIL, doceria; serviço - banco GE Money	T + 23		19.55 m, 2.70 m chanfro, 36.50 m Pça APrado
Praça Antônio Prado										
1/062 6.11	465		53/55/ 57sob/57	73/75/ 77A/77e/t	0 bx/ 75bx/ 77bx tin/ 0alt	Edifício Banco do Brasil	serviço - Banco do Brasil	3 subsolos + T Sbito + 22	reco a partir do 11o.	22.60 m, 3.50 m chanfro, 58.95 m (São João), 3.50 m chanfro, 18.00 m (Liberio Badaró)
	481/483	477/481	59sob/ 59	79 e/t	79 alt	anexo do Banco do Brasil	serviço - Banco do Brasil anexo	T + Mezanino + 3 + 7 escalonado		10.80 m (São Bento), 22.10 m (Liberio Badaró)
	487/493	487/491	61sob/61	81e/s/ 81e/t	81 alt		comércio - calçados Global Shoes/ PEDRINHO HOT-DOG	T + 3		4.87 m
	503	503	63, funcinou a Casa Fuchs	83	83 alt	Rino Levi	imóvel fechado	T + 12	reco a partir do 4o.	12.80 m (São Bento), 13.20 m (Liberio Badaró)
	515	515	65	85Ae/t, em 1903, planta l 143, era Grand Bazar Parisien	0 bx		serviço - banco Itaú	T + 1		10.87 m (São Bento), 11.60 m (Liberio Badaró)
	525	525	67	87, Casa Grumbarch	87		comércio - BAR ao DIX bar / fechado	T + 1		6.30 m
	533	533/541	69/71	91/93e/t	91tin/ 93alt	Condomínio Edifício de Galerias São Bento	comercial - escritórios	5 sobrelojas + 15		23.30 m (São Bento), 23.38 m (Liberio Badaró)
	545	545	71sob	93Ae/t	0bx					
	553/ 557/ 561	553/ 557/561	73/73a/73 b	95e/t/97e/t/ 97Ae/t	95alt/97alt /97bx tin	VAZIO	estacionamento oficial			
Largo São Bento										
Praça Antônio Prado, 48 Edifício BM & F (4 subsolos + T + 9)										
1/063 - 6.12	470	470	58 sob	66a e/s	58 alt	DILAN	salas comerciais, serviço - Banco Tai; escritórios	T + 17 + zel		26.78 m
	476/480			68A, loja Fujisaki & Cia						
		484	62sob	68Be/t, 70e/s/72 Au Palais Royal	60bx/64	Banco Bradesco	Banco Bradesco	T + sobreloja + 4		25.30 m
	500/506	500	66	74/ 70, Casa de Ferragens Fischbacher	66 alt	Edifício Joaquim Gonçalves Moreira - MCML (1950)	comercio \$1.99; serviço - salas comerciais	T + 10 + zel.		12.68 m
	514/518	514/518	70/ s n	78 e/t, casa de bicicletas Peugeot	70bx		serviço - sala comercial; comercio - lanchonete	T + 2		9.90 m
	520	520	70sob	80 e/s, SINGER	72 alt		serviço - Banco FININVSET	T + 6		12.80 m
	534	534	74	84 e/t	76bx	METRO Estação São Bento	comercial: calçados BONGUSTO, lanchonete, restaurante CAFÉ GIRONDINO	T + 1		22.55 m, 3.65 m chanfro, 46.44 m Boa Vista
1/064 - 6.13	10 a 40					imóveis para o Largo São Bento	antigo Hotel D'Oeste	T + 1		
	48 a 54							T + 1		
	58							T + 1		
1/049						Mosteiro de São Bento				

